

# OLIMPO DE VENTO

Wagner Bentes



OLIMPO DE  
**VENTO**



**JOSÉ MELO**

Governador do Amazonas

**ROBÉRIO BRAGA**

Secretário de Estado de Cultura

**ELIZABETH CANTANHEDE**

**MIMOSA PAIVA**

Secretaria-Executiva

**ANTÔNIO AUSIER RAMOS**

Diretor do Departamento de Literatura

**CULTURA**  
Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546

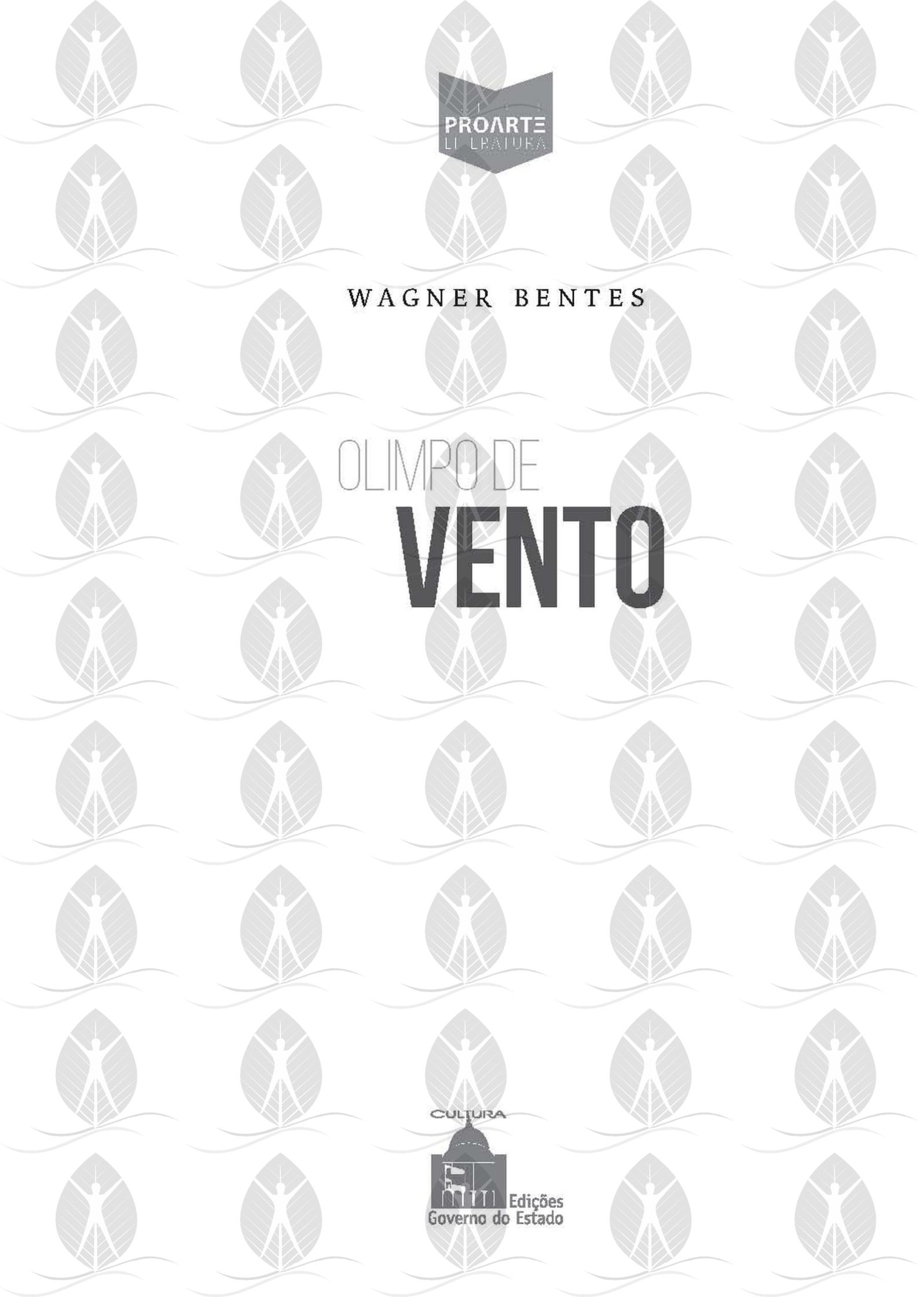
69005-141 – Manaus-AM-Brasil

Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357

Fax.: (92) 3233-9973

E-mail: [cultura@culturaamazonas.am.gov.br](mailto:cultura@culturaamazonas.am.gov.br)

[www.culturaamazonas.am.gov.br](http://www.culturaamazonas.am.gov.br)



PROARTE  
LETRATURA

WAGNER BENTES

OLIMPO DE  
**VENTO**

CULTURA



Edições  
Governo do Estado

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2014

EDITOR **ANTÔNIO AUSIER RAMOS**

COORDENAÇÃO EDITORIAL **JEORDANE OLIVEIRA DE ANDRADE**

CAPA **ÂNGELO LOPES**

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **ANDRÉ MARTINS**

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA **GRÁFICA ZILÓ LTDA**

REVISÃO **SERGIO LUIS PEREIRA**

NORMALIZAÇÃO **EDIANA PALMA**

B475o Bentes, Wagner.

**Olimpo de Vento.** Wagner Bentes; – Manaus:  
Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de  
Estado de Cultura, 2014.

264p.; 15x21cm – (Coleção PROARTE Literatura).

ISBN 978-85-65409-43-8

1. Literatura Brasileira – Romance.  
I. Título. II. Série.

CDD 869,3081

CDU 82-31(81)

2014

**GRÁFICA ZILÓ**

Rua Ilídio Lopes, 82 - Japiim, AM, 69078-530

Tel.: [92] 2126-2300

[WWW.GRAFICAZILO.COM.BR](http://WWW.GRAFICAZILO.COM.BR)



AGRADECIMENTOS

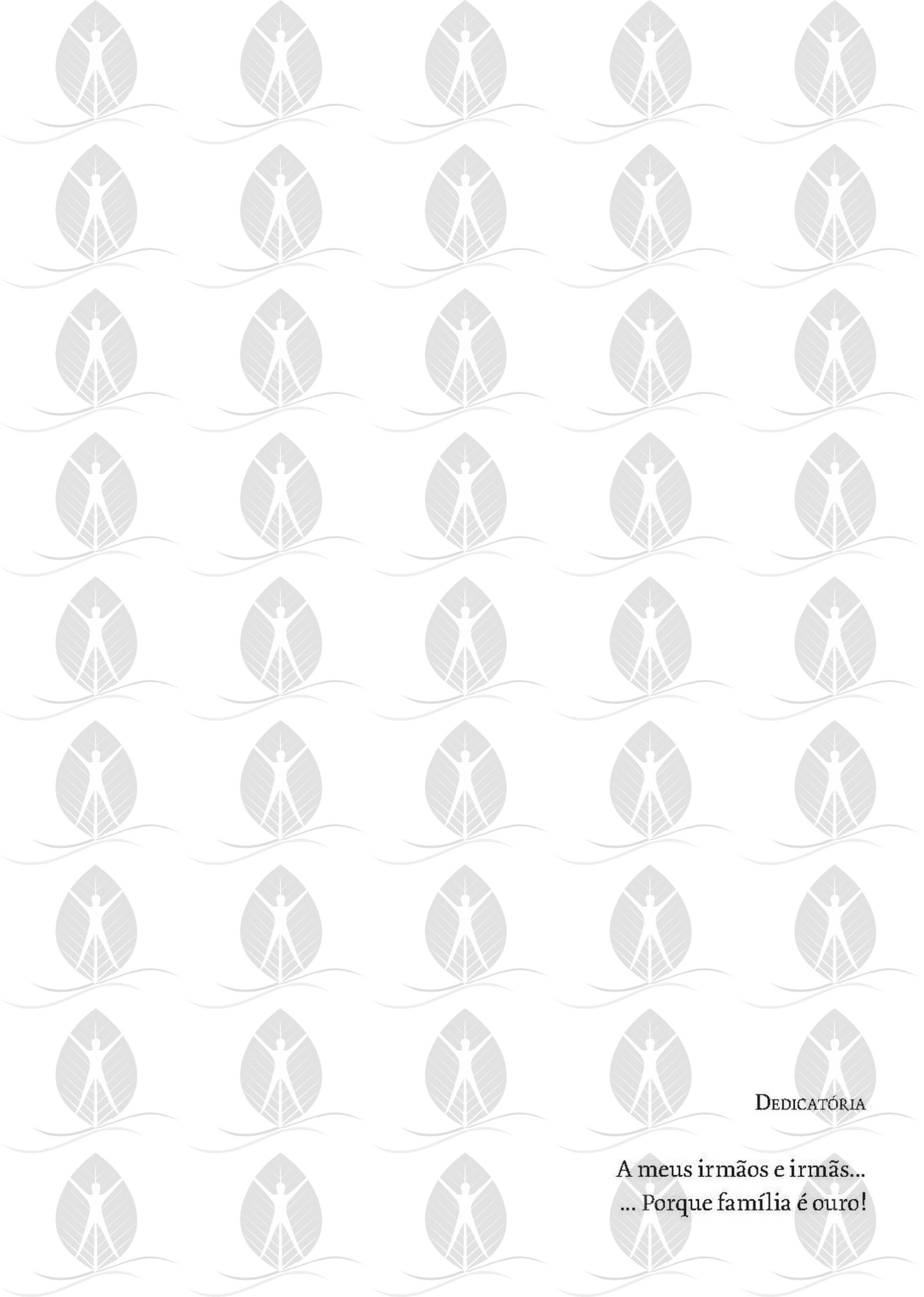
A Deus;

À secretaria de Cultura do Amazonas por esta brilhante iniciativa.

Ao Ilustríssimo Sr. Robério Braga, Presidente desta Secretaria e grande mantenedor e incentivador da cultura no Amazonas.

E a todos os idealizadores e envolvidos no ProArte.





DEDICATÓRIA

A meus irmãos e irmãs...  
... Porque família é ouro!



# SUMÁRIO

Apresentação ..... 11

Introdução ..... 13

**OLIMPO DE VENTO** ..... 15

**PRIMEIRA PARTE** ..... 17

I ..... 17

II ..... 30

III ..... 45

IV ..... 63

V ..... 75

VI ..... 89

VII ..... 99

**SEGUNDA PARTE** ..... 117

I ..... 117

II ..... 130

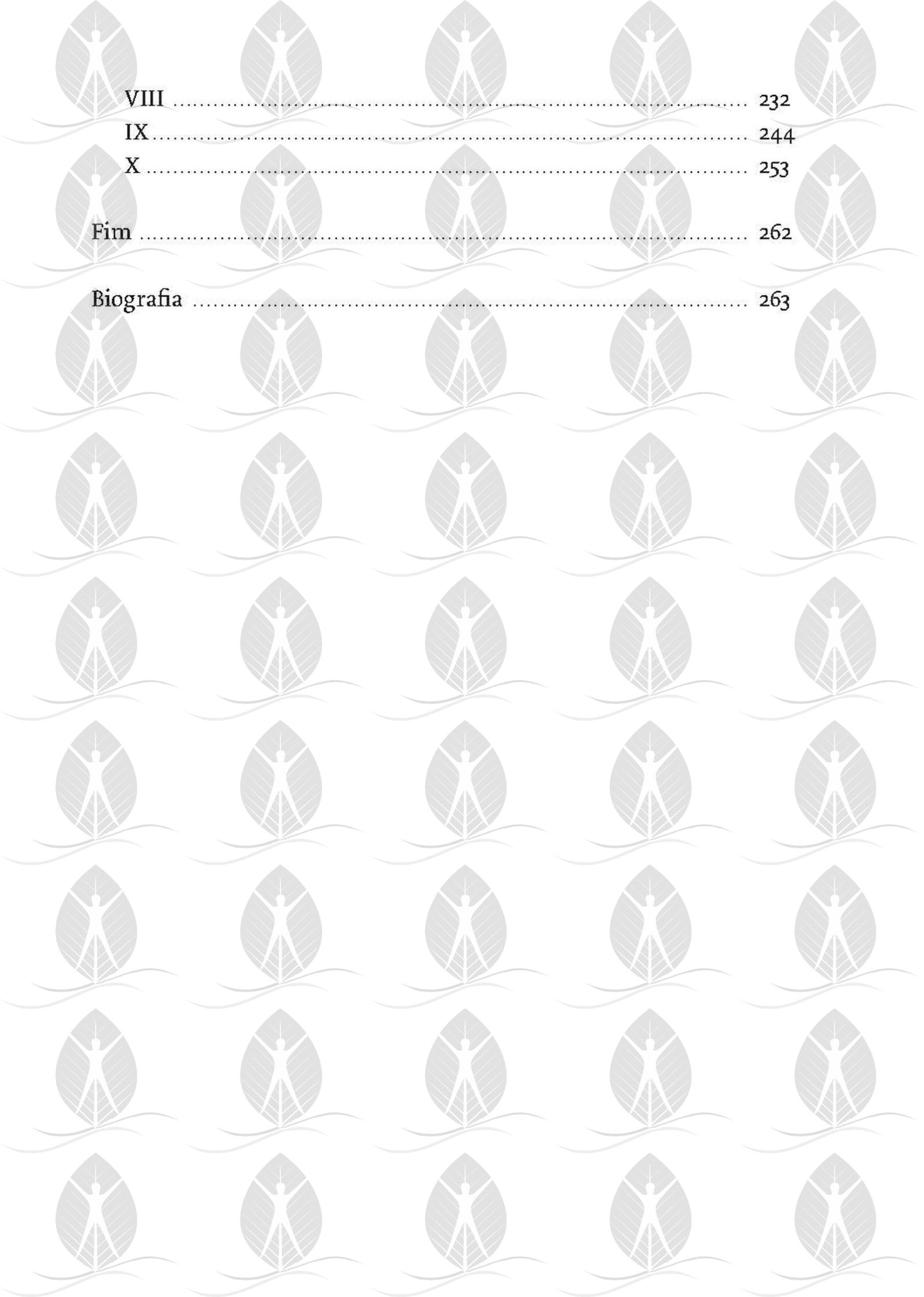
III ..... 144

IV ..... 165

V ..... 180

VI ..... 197

VII ..... 211



VIII ..... 232

IX ..... 244

X ..... 253

Fim ..... 262

Biografia ..... 263

The background of the page is a repeating pattern of stylized, light gray leaves. Each leaf contains a white silhouette of a human figure with arms raised, standing on a small base. The leaves are arranged in a grid-like fashion, with some overlapping.

## APRESENÇÃO

O conhecimento é um caminho de construção coletiva onde cada um contribui com o seu punhado de experiências para juntos seguirmos adiante nesta longa estrada da evolução. Temos o privilégio de crescer em uma região rica culturalmente e fonte pujante de Saber, essencial para a produção cultural, artística e científica. Somente através do conhecimento o amazonense poderá compreender seu ambiente e transformar a sua realidade. Conhecer não é apenas necessário, é vital.

José Melo  
*Governador do Estado do Amazonas*



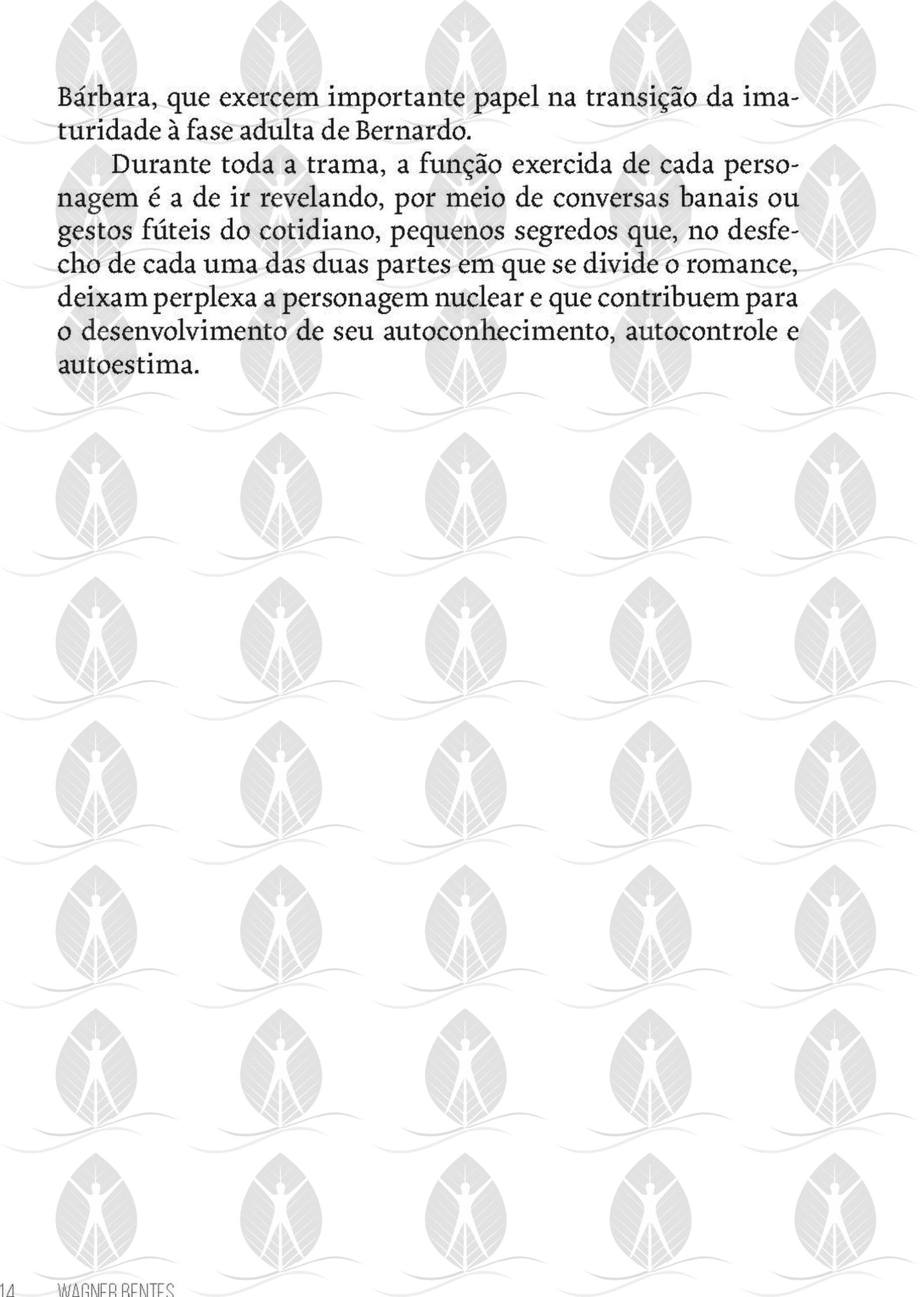
## INTRODUÇÃO

OLIMPO DE VENTO apresenta a experiência dolorosa de Bernardo, menino sensível, rebelde e frustrado pela incompreensão da família e do mundo à sua volta.

A história se passa em um espaço indeterminado, num período que vai da adolescência de Bernardo até sua maturidade vivencial, que ocorre precisamente no ano de suicídio do então presidente Getúlio Vargas, como é evocado.

Por meio de Bernardo, seus conflitos e sua frustrada busca afetiva, encontram-se os rumos dos dramas que vivem cada uma das personagens que são apresentadas: Dulce, que, no decorrer da trama, descobre-se não ser sua mãe verdadeira, passando-se então a entender a razão da maneira ora indiferente, ora severa, ora seca, com a qual é tratado pela mulher; Cesário e Olímpio, os excêntricos irmãos de Bernardo, indiferentes e frustrados cada qual à sua maneira, são seres perturbadores que contribuem ao terror de Bernardo de reagir ao mundo. Júlia é o frustrado sonho de amor de Bernardo, muito mencionada durante todo o romance, aparece somente no último capítulo, contribuindo claramente para a problemática central e à ideia de desencontros e desentendimentos que é a vida do conflituoso Bernardo; Eloíse, filha desesperada da governanta, apaixonada por Cesário e alterna com ele momentos de agressividade e um estranho companheirismo. É Eloíse quem se encarrega de mostrar a Bernardo a verdade tal ela é.

Há ainda Laura, a cunhada adúltera e inconsequente de Bernardo; o misterioso Edgard; a inocente Isabel; a sedutora



Bárbara, que exercem importante papel na transição da imaturidade à fase adulta de Bernardo.

Durante toda a trama, a função exercida de cada personagem é a de ir revelando, por meio de conversas banais ou gestos fúteis do cotidiano, pequenos segredos que, no desfecho de cada uma das duas partes em que se divide o romance, deixam perplexa a personagem nuclear e que contribuem para o desenvolvimento de seu autoconhecimento, autocontrole e autoestima.



OLIMPO DE  
**VENTO**



## PRIMEIRA PARTE

– Eu te amo, mamãe – devia dizer a ela assim que chegasse em casa, pensou Bernardo entrando a pedaladas na aleia principal, estacionou junto ao pórtico e saltou da bicicleta.

– Finalmente, menino! Vamos, entre! – ordenou Dulce do vão da porta, semicerrada.

Bernardo lançou um breve olhar às borboletas azuis do sino de vento dependurado no umbral da porta e foi passando. No vestíbulo, lembrou-se da frase de Olímpio com relação a Dulce: “Ela parece ter saído de um álbum de fotografias do século passado, saiu de um álbum antigo e veio me receber à porta!”, sussurrou para si mesmo com uma ponta de escárnio. E quando topou com a figura empedernida da mãe, metida em seu vestido escuro, voltou a antiga sensação de ver-se devastado por aquele olhar. Confrangeu-se, envergonhado das intenções súbitas.

– Então? Por onde você esteve? – e sem esperar resposta. – A Lola já voltou do hospital.

– Ela voltou? Eu lembrei que era hoje.

– Ia-me esquecendo: o doutor recomendou repouso absoluto. E a Zuca está lá dentro com ela. Não adianta ir agora – e pensativamente: Essa menina toda problemática sempre dando trabalho. Como se já não me bastasse os meus problemas, tenho que carregar os fardos alheios como se fosse pouco o que eu tenho feito por elas esses anos todos.

– Hum??

– Sim! Vocês são a minha cruz.

Bernardo encolheu-se. Ficou evasivo, queria tanto enfrentar Dulce e dizer-lhe que não precisava de seu amor porque tinha o de Júlia. Ficou confuso. Decerto, quem tinha o amor de Júlia era Olímpio. E tinha também a admiração de todo mundo porque possuía aquele cabelo amarelo-queimado tão macio, as pestanas sedosas sobre a pele de mármore e aquele narizinho aristocrático. Tão bonito! Seu rosto de príncipe pagão, como diziam todos. “Ela ama mesmo o Olímpio e a mãe só ama Cesário, e eu sou mal-amado. Detestado!”. Sondou a fisionomia de Dulce que arrumava dentro da caixinha de costuras os tubos de linhas e agulhas. Se ele não pensasse tanto em Júlia. Se não fosse tão malcriado. Por certo Dulce não se sentia amada por ele, tinha ciúmes e, como paga, transferia a Cesário o amor que ele, Bernardo, desdenhava. Mas também havia os conselhos de Lola em meio aos olhares sombrios da Zuca e os avisos de Olímpio: “Um dia ela vai olhar a si mesmo e perguntar: O que estou fazendo?”. E se jamais acontecesse isso? “Eu aposto!”.

– Se a senhora pensa assim, por que não faz que nem aquele homem da Bíblia que lavou as mãos? – perguntou Bernardo erguendo do chão um novelo que escapulira da caixinha. Entregou-o a ela.

– E desde quando a gente pode optar por deixar a cruz no meio do caminho e prosseguir sem ela? – e entrou na sala, seguida por Bernardo.

Ele arrancou da cabeça o boné e atirou-o no sofá.

– E não me olhe desse jeito, só porque estou falando das suas queridinhas! – depositou a caixinha sobre a mesinha ao lado do divã.

– De que jeito?

– Nenhum. E não precisa ficar assim, ela já está boa, novamente – prosseguiu Dulce arregaçando as cortinas. Ficou es-

piando através da vidraça e prosseguiu meio distraidamente.

– O jardim parece tão... esquecido, abandonado...

Bernardo pôs-se a roer as unhas. “Esquecido e abandonado fui eu... quando mesmo?”. Minha família mesmo são a Zuca e a Lola.

– Que cara é essa agora?

– Eu acabo de engolir um pedaço de unha e ficou me incomodando a garganta.

– Então pare de roer as unhas!

Ele enxugou as pontas dos dedos nas calças.

Dulce inspecionou-o.

– Você já fez a lição? A Zuca não vai poder tirar sua lição hoje.

Ele evitou encará-la, sacudindo a cabeça e desceu os olhos para os próprios sapatos gastos e empoeirados. Envergonhou-se. A bermuda de xadrez cinzenta parecia encardida, surrada. Lustroso apenas o relógio que ele apertava, dentro do bolso. O relógio do pai.

– Por que você faz tanta questão de ser tão desobediente, Bernardo?

– Eu não sou igual aos meninos. Nunca fui...

– Não é mesmo! Aposto que eles não ficariam perambulando pelas ruas com esse bando de moleques em vez de ficar estudando! Olha só como você está!

Ele pôs novamente em revista a sua roupa. Acontece que mesmo que se pusesse a ser narcisista como Cesário, Dulce nunca lhe teria aquele olhar de amor e servidão, e mesmo que adotasse o arzinho de príncipe que evolava das golas de Olímpio, ele jamais seria páreo para arrebatá-lo o amor de Júlia.

– Olha, Bernardo, você já é um rapazinho. Quantos anos mesmo?

– Treze. Treze anos.

– Pois sim. Você anda pelos treze anos, já era hora de se comportar como tal. Veja só o estado dessa roupa. E esses cabelos parecem que nunca veem pente.

Bernardo mordiscou os lábios.

– E parece que não adianta muito falar com você. Parece um bicho que empacou e não obedece ninguém. E o que é pior, responde com agressividade. O único prejudicado com essas manias é você mesmo.

Ela afastou-se até o espelho em cima do piano e ficou a olhá-lo de soslaio, por meio do móvel. Seus olhos tinham o mesmo brilho úmido dos olhos de açúcar queimado de Olímpio. E havia também em seus gestos a mesma polidez natural de Olímpio.

– Você precisa de roupas novas e que caibam em você – franziu a testa. – Como você está comprido. Se continuar assim, aonde vai parar?!...

– Eu não preciso de roupa nova! – ele redarguiu afinal. – As minhas ainda me servem, mas se a senhora acha... – encolheu os ombros. – Só não posso dar jeito na minha altura. Eu sou alto igual ao papai.

Ela deu com os ombros.

– Seu pai não tinha esses cabelos assim tão espetados. Nem essa cara de bicho assustado.

“Mas eu pareço com ele! Pareço sim!” – ele quis gritar... Ah, mãezinha, diz que me ama! Diz que me ama! Aí eu corro lá em cima, tomo um banho e ponho a minha melhor roupa para ficar esperando o Cesário chegar da viagem”.

– A senhora está bonita. Parece que vai a um baile.

– Não há baile algum – ela respondeu com naturalidade. Passou a mão no pescoço meio ansiosa e depois examinou a uma certa distância a aliança que trazia no anelar.

Ele sorriu só para lhe ser agradável. Apanhou o boné sobre o sofá e ficou segurando-o com um gesto humilde.

– Ah, mãe, é verdade que a Lola adoeceu de novo porque não quer comer?

Dulce parou a meio caminho com o pote de gerânios que tirou da mesinha de canto:

– Sim.

– A senhora entrou no quarto e ela estava desmaiada? – ele perguntou num tom meio secreto.

Dulce comprimiu os lábios e lançou a Bernardo um olhar repressor. Colocou no lugar do pote de gerânios o vaso de lírios que trouxera da mesinha cantoneira. Ajustou apressada e nervosamente alguns botões. Suspirou num cansaço. Estalou os dedos diante de Bernardo com aquele ar de indiferente superioridade: – Menino, você vai ficar aí parado no meio da casa como uma estátua?

“E o que a senhora quer que eu faça?”. Bernardo esteve a ponto de perguntar, cerrou os punhos e abriu-os num cansaço. Ficou por um instante observando aquele rosto sombrio insondável.

– E o que é que tenho que fazer? – disse ele desabando na poltrona, molemente.

– Por que você não sobe e dá um jeito nessa aparência?! Daqui a pouco eu vou buscar Cesário na estação; a Laurinha virá conosco.

Bernardo olhou-a de baixo com as pontas dos olhos.

– Não. Eu quero antes ver a Lola. Quero falar com ela.

– Falar o quê?

– Um negócio.

– Que negócio?

– Segredo!... A senhora não quer saber?

Ela sacudia a cabeça.

– Que segredo nada, menino! Que espécie de segredo pode haver entre vocês? Mas é verdade, é verdade. Vocês vivem por aí confabulando – e enquanto falava, ia-se afastando em direção ao carrinho de bebidas, e posto que permanecia de olhos bai-

xos, Bernardo só podia ouvir o tilintar do gelo dentro do cálice e o trincar do atrito entre as garrafas. Pôde ouvir também o jorro do líquido sendo despejado no cálice. – Você deveria mesmo prestar mais atenção nos seus irmãos e experimentar aproximar-se mais deles.

Bernardo levantou observando a bebida, de um tom meio róseo. “Mas eles nunca me querem por perto”, pensou em dizer, mas decepou a frase e empurrou-a para as profundezas.

– Mãe, eu tenho tanta saudade do pai – disse no meio de um improviso, mas as palavras saíram inaudíveis e Dulce teve que voltar-se para ele, interrogativa.

– Nada não.

Ela enlaçou-se a si mesma e esfregou os braços.

– Mae, quando eu me formar também vou ganhar uma viagem igual o Cesário? – e tal como Cesário, que se casaria um dia com a filha do amigo do pai, ele imaginou-se sendo presenteado.

– Vamos ver.

Ele sorriu encantado. E prosseguiu:

– Mãe, o que é subversão? É que a Lola faz isso? O Cecéu também disse que a Lola faz isso.

Dulce esvaziou o copo num último trago. Depositou-o na mesinha mais próxima e ajeitou um anel de cabelo que lhe resvalava nos olhos:

– Outra hora explico.

Os olhos de Bernardo seguiam-lhe os dedos que agora se ocupavam de passear naquele enrodilhado de pérolas em volta daquele pescoço cor de marfim.

– Que hora o Cecéu chega, mãe? – ele arriscou, só para lhe ser agradável.

– Daqui a pouco, por quê?

– Só curiosidade... E a senhora vai à estação?

– Sim, irei à estação.

– Ah, mãe, e a Laurinha vai com a senhora na estação e depois vem aqui para casa?

Ela teve um ar de evidência. O que viria agora?

– Por mim, ela viria e ficaria para sempre. Um casal tão lindo! – ela admitiu. – Vocês podiam tomar cada qual um rumo diverso, quando crescerem, mas que Cesário ficasse para sempre ao meu lado. Tão meu querido filho. E a Laurinha minha querida nora. Desde que eles eram crianças eu soube que seria assim. Um filho que nunca me deu desgosto!

Bernardo desceu para o chão o olhar apagado. Lembrou de Olímpio que quase não parava em casa, enfurnado na casa dos pais de Laura, nas infinitas aulas de interpretação, junto a Edgard, sonhando ser um dia um Rudolph Valentino.

– Mãe, sabia que eu vou estudar nas férias? – ele insistiu em ser cortês. Eu já trouxe a autorização pra senhora assinar. O padre Anselmo vai ser o professor. Ele disse que o curso de férias serve pra aprimorar... A senhora quer me dizer o que significa aprimorar?

Dulce olhou-o de soslaio. Teve um sorriso de suspeita, um suspiro.

– Bom para você, mas depois nós vemos isso... – encolheu os ombros. Deu alguns passos a esmo. – Mas agora estou sem tempo de explicar, outra hora talvez.

Bernardo encolheu os ombros. E fitou-a num ar de atrevido desafio. Reviu-se de pé, em frente a Júlia, naquela tépida tarde, falando de si como se aquela fosse a única oportunidade que teria para fazê-lo. Mas parecia tudo tão distante. Não se viam há uma eternidade. E ela estava sempre com os outros.

O chofer entrou na sala avisando que já havia retirado o carro da garagem.

Dulce seguiu até o armário do vestibulo, apanhou de lá o chapéu e a bolsa, e foi calçando as luvas brancas enquanto avisava:

– A Zuca vai preparar um lanche da tarde, suba para seu quarto e se arrume. E vê se da uma olhada nos livros, pois você caiu muito na escola – acariciou-lhe o rosto com a mão enluvada e advertiu antes de sair: – E vê se não vai incomodar a Lola!

Somente quando ouviu o roncar do motor do carro lá fora no momento em que o chofer imprimiu velocidade, foi que Bernardo correu para a saleta e precipitou-se até à janela encostando o rosto na vidraça. Pôs-se a observar a mãe distanciando-se gradativamente; furtando-se. Fora essa a imagem que sempre tivera de Dulce. Sempre ausente, distante, esquiva. Igual desde sua meninice, Dulce sempre apresentou-se fragmentada. Embora difícil de admitir, se tornara uma sombra da mãe que Bernardo sonhara ter. Apenas Cesário conseguia reavivar-lhe o instinto maternal. E de repente, Bernardo olhou lá para dentro e lembrou-se: Lola. Saiu aos saltos, mas sua pressa abrandara-se assim que passou para dentro do quarto da enferma: o quarto branco estava iluminadíssimo, com o clarão do sol derramado sobre a mobília também branca, a única nota colorida topando-se nitidamente com toda aquela palidez era aquela lágrima que rolava do semirrosto de uma mulher, estampado naquela tela, mas olhando bem, não se tratava de uma lágrima, era uma gota de sangue que escorria daquele olho melancólico e tão intensamente azul. “Havia também estendido sobre o divã um vestido de um róseo pálido e ao pé do móvel descansando lado a lado, um par de sapatos no mesmo tom da roupa. O feitiço de Eloísa na cama era quase imperceptível envolvido sob as cobertas. Bernardo desviou o olhar para a mesa-console ao lado da cama. Entre o abajur e a bailarina num giro perfeito, a árvore da vida, toda prateada; da vida de Lola.

Mas as frutas não eram frutos, tratava-se de uma miniatura do céu: dentro do solzinho o retratinho de um menino alourado, o sorriso cínico, os cachos desabando-lhe sobre a testa: o menino Cesário; na luazinha aquele rosto puro de um sujeito que por pouco não se tornou um anjo tamanha doçura que

transparecia naquele olhar: César. Na estrelinha logo abaixo um olhar insondável naquele rosto pálido diante dos cabelos fulvos, aquela boca ostensiva: Olímpio e, finalmente, naquele saturno, vizinho da estrelinha, um menino de expressão compenetrada, quase triste naquele rosto fino, desconfiado. Um olhar sonhador: ele mesmo, Bernardo. Por que que a Lola tinha mania com aquela família?

– Você, Bernardo? – a vozinha quase inaudível parecia um sopro que partia daquela bailarina de porcelana tão delicada, que dava a impressão de que iria desfalecer a qualquer momento.

– Sou eu – respondeu puxando uma cadeira adiante. – Vim ver se você precisa de alguma coisa.

Eloíse amoleceu o pescoço e a cabeça rolou para o lado como se houvesse realmente sido decepada. Suspirou mansamente e acrescentou num esforço: – Eu preciso ficar sozinha.

Bernardo sacudiu a cabeça, divertido, recostou-se no espaldar da cadeira sem saber o que dizer, se é que se podia haver lugar para um diálogo ali dentro.

– Os cretinos me entupiram de medicamentos – prosseguiu ela. Voltou a olhar para a própria mão e acrescentou num fio de voz: – E como se não bastasse terem-me furado toda, esqueceram espetado na minha veia esse antídoto antienui... Será que funciona?

Ele seguiu com o olhar, a partir da mão dela, a trajetória que o fio do soro fazia até o frasco, dependurado naquele trapézio: ali por dentro, naquela espécie de veia artificial, de borracha, corria o antídoto, o tal antídoto antienui. "Mas o que seria enui?". As pessoas usavam sempre palavras estrangeiras para se referirem a uma sensação desagradável.

– Ah, Lola, você parece que é meio tantã – disse ele rindo-se, não dela, mas do próprio devaneio. Animou-se de repente. – Você viu? ela está toda eufórica com a volta do Cecéu... Você também deve estar, não é mesmo?

Ela removeu as vistas mortíferas, parecia meio desalentada.

– Quem?

– A mãe, e já foi buscá-lo na estação.

O rosto da doente formulou um sorriso.

– É bom tê-lo por perto – ela foi falando: – Assim ela para de implicar um pouco com você, ou comigo...

– É mesmo, e agora vai ter de novo a Laurinha, passeando aqui por casa. Ela disse que quer que eles se casem logo e venham morar aqui – prosseguiu num tom meio secreto.

Ela desviou o olhar. E de repente aquele ânimo que o levará até ali para reavivar a amiga arrefeceu-se para ficar no lugar dele apenas uma parte daquela antiga e perseverante mágoa por tudo que se relacionava aos que amava. Deixou escapar penosamente:

– Dói muito às vezes, Lola...

Eloíse procurou fitá-lo com o olhar semiaberto naquela atitude de quem vai adormecer a qualquer instante. Parecia não saber de que se tratava.

– Dói muito o quê, menino?

Ele envergonhou-se então como pilhado em meio a uma de suas mentiras.

– Não adianta... não adianta... nada!

– Como assim?... Ah, entendi, entendi. Desculpe minha estupidez, mas é que eu hoje não estou brilhante. Faz tempo que não sou brilhante, vá desculpando.

– Sei...

– Você sabe sim! E como sabe! Mas deixa ver se agora entendi: é a Dulce, não é? E eu também e todo mundo. Cesário é um adversário difícil...

Com um leve tombar de cabeça para o peito, Bernardo quis demonstrar à moça que esse era um assunto inepto.

– Ah, Lola, eu queria tanto ser diferente, mas tanto!

– Então, o que é que te impede?

– Eu não sei, juro que não sei – ele respondeu sentindo em suas palavras uma carência de convicção. Pois desde que ele amasse a Deus e se tornasse um bom menino, pretendesse algum dia ser um grande homem e continuasse a ter belas ideias, não se tratava de um bom começo – às vezes parece que... A mãe acha que eu sou todo desgrenhado, ela nunca me elogia, nem dá carinho. Tudo fica pro Cecéu...

Ela fez um esgar com a boca e deu um muxoxo enquanto ele prosseguia:

– Se eu quisesse, podia ser melhor que eles em tudo... Eu sei que podia. Mas é que eu sou ainda um menino. Só um menino.

– Claro que podia! Mas não vai ser menino para sempre.

Bernardo deteve-se por um momento. Enquanto falava, fixava o olhar num ponto da parede como lesse ali o que ia falando, mas quando volveu para Lola o olhar ávido de quem encontrara finalmente alguém para ouvi-lo, viu que Lola parecia não ter prestado atenção em nada que ele dizia, parecia mesmo estar num outro planeta. Aquela difícil missão de comunicabilidade.

– Você ouviu o que eu disse?

– Hum? – o rosto pálido parecia imerso numa nuvem densa e sua voz continuava pastosa. Disposto a lutar apenas aquele olhar desarvorado de um bicho que está prestes a se despencar do penhasco e tenta se agarrar num pedaço de chão que parecia firme, mas desabou sob seu peso.

Bernardo estendeu a mão para tocar-lhe no braço, mas a mão voltou num cansaço. Empalmou-as nos joelhos, enfastiado. Fora tão descabida aquela sua tentativa de pedir auxílio. Ficou desapontado demais para se queixar.

– Qualquer hora dessas você morre, sabia?

– Você quer sair daqui e me deixar em paz!

– Não!

– Então me faz o favor de acender um cigarro para mim – ela pediu. E em outro tom, como se falasse ao próprio regaço: – Eu estou tão precisada de um último trago, Bernardo.

Ele riu-se e entendeu como se completasse a frase que a enferma havia deixado em suspenso: – E eu preciso tanto que alguém me ouça!... E você não precisa de cigarro nenhum, você precisa de um doutor, um doutor de loucos. Todos acham que você é louca, sabia?

Eloíse empurrou as cobertas até o regaço, acometida de uma onda de calor e irritação unida a uma impotência. Amarfanhou o tecido na mão.

– Eu não preciso de doutor algum. Você, sim, pois se não estivesse tão a fim de tornar a vida à sua volta tolerável. E eu não ligo a mínima para o que eles falam! – teve um gesto vacilante. Depois de uma pausa, prosseguiu – E então, ele mandou notícias enquanto eu... Bem, correu tudo bem durante essa viagem?

Bernardo franziu a testa, piedoso. Um fulgor breve iluminava o olhar de Lola quando volveu-o até a árvore de retratinhos.

– Que eu saiba, nenhum telefonema para você.

Ela afundou a cabeça no travesseiro.

– Não precisava tanto assim. Não precisava – voltou para ele o olhar interessado. – Bastava que ele me amasse. Não seria pedir muito. Não seria... Ainda na festa, num determinado momento, nossos olhares se encontraram e naquele brilho ele me disse algo... Mas o quê? Nenhuma dança comigo, sequer!

Atentamente, Bernardo fitava o rosto lívido da enferma. O impressionava aquela transparência no olhar quando Laura parecia pensar em Cesário, unido a um breve toque de vida que lhe toldava o espírito. Mas aquela carícia que parecia etérea, ficou de repente efêmera e transcendeu a ela um amargor cujo sabor Bernardo quase chegou a sentir, quando Lola inclinou para o peito o rosto amargurado receosa de que a visse choran-

do. Sim, havia uma lágrima suspensa em seus olhos quando ela acrescentou:

– Eu acho que nunca vou amar outro alguém do jeito que amo Cesário... – e tombou para o lado a cabeça desajuizada.

Exatamente esta frase, Bernardo pensava em dizer há tanto tempo. Exatamente essa expressão desolada e ligeiramente melancólica. E exatamente a atenção assídua de Eloíse ele quisera ter, mas nem isso. Todos estavam envolvidos demais em suas próprias atribulações.

– Eu também – ele soprou, desviando dela o olhar impressionado, que subiu até o teto. – Se você não pensasse tanto em Cesário. Ele não merece. Não merece... Mas o que é que estou fazendo? – lançou lá para fora através da janela um olhar vago. Ficou confuso. Levantou-se e ficou andando a esmo pelo quarto. Olhou para ela e, desde que não lhe pôde ver o rosto, cravou-lhe na nuca o olhar embaçado. Era o cabelo da Zuca, embora a si mesma ela tentasse enganar-se querendo parecer com Dulce. Arregaçou as mangas da camisa e entrelaçou as mãos ao pé da nuca. – Igual a mamãe, que também vive em função de Cesário. Se vocês duas não pensassem tanto nele e em sua satisfação completa – encobriu nas mãos o rosto extenuado. Estaria chorando? – Eu estou tão envergonhado, Lola. Mas há momentos em que me sinto feliz. Tão feliz – dirigiu-se até a janela, pestanejando, enquanto prosseguia o solilóquio: – E se Cesário não pensasse tanto em si mesmo e visse todos à sua volta e se chegasse até mim como irmão, certamente ela me amaria por ver que nós dois éramos amigos – deteve nas mãos os cordões das persianas e foi descendo as cortinas lentamente. – E se Olímpio pensasse um pouco mais noutra coisa além do seu hedonismo e suas aulas de teatro, você sabe o que é hedonismo, o padre Anselmo me disse, e Olímpio é hedonista... – atalhou-se confuso, mas interessado naquele gato malhado que sorrateiramente rastejava sobre o muro do quintal com seus olhos bri-

lhantes, cravados no pardalzinho que saltitava em direção ao galho da figueira.

Quando o felino deu o bote, ele fechou completamente as persianas para não ver o inevitável. O quarto ficou envolvido por uma leve penumbra, que era amortecida pelos raios do sol que varava o interstício da cortina, e mesmo sem muita clareza, Bernardo pôde ver que Lola adormecera. Mordiscou os lábios torturados e, sentindo o gosto de sangue na boca, interessou-se de repente em assistir ao predador estraçalhando sua presa.

Levantou novamente as persianas, mas surpreendeu-se ao ver o gato no chão, meio frustrado com o olhar atento seguindo o trajeto do pássaro saltando de galho em galho. “Não é engraçado?”, falou de si para si. E alucinadamente, meio distraído: – E se eu não pensasse tanto em Júlia...

Desceu as cortinas e atravessou o quarto desalentadamente. Diante da porta, voltou-se e olhou primeiro a bailarina de porcelana sobre a mesa. Deslizou o olhar por Eloíse sob as cobertas. Saiu apressadamente fechando a porta atrás de si.

||

O casarão cinzento empossado no centro de um terreno em aclave tinha o fundo completamente batido pelo sol a essa hora que se prenuncia o crepúsculo, e tomava um aspecto cada vez mais sinistro de um castelo abandonado, a cada instante em que a luz solar ia sendo dominada pela sombra que vinha surgindo daquele lado oposto. As tamarineiras colossais junto ao muro baixo deixavam alguns galhos debruçados sobre ele. Pareciam detentos que tentavam escapar daquela prisão sombria; mas o caramanchão alvíssimo envolvido por redes compactas de trepadeiras e a grama esverdinhada serviam para dar ao lugar um breve toque de vida.

Sentado na janela do seu quarto, Bernardo observava cismativo ao quadro que se formava diante de si: Cesário, convicto de que pertencia à realeza, jogava o jogo dos nobres, aproveitando os últimos momentos de luz, disputando uma partida acirrada de golfe com seu mui amigo e cunhado Edgard. Laura não aparecia, mas era certo que devia estar como uma Cleópatra, aboletada em sua poltrona de vime acolchoada, com suas revistas espalhadas à sua volta. Bernardo arqueou pensativamente as sobrancelhas. “E se fosse ele ali, recém-formado, prestes a assumir a direção dos negócios do pai?”, foi reformulando o quadro: ele jogando contra Edgard, mas não golfe... Xadrez era seu jogo. Fechou o livro que mantinha entre as mãos e ficou com ele esquecido no regaço. “E no lugar da delicada e roliça Laura com a sua lourice dourada, era Júlia que estava, com sua pele clara, seu olhar plácido e travesso.

Recostou a cabeça no umbral da janela. E aqueles pingentes prismáticos que atravessavam em linha reta aquelas nuvens? O céu podia mesmo desabar! Tinha sempre uma sensação estranha de autoinsignificância quando olhava para o firmamento à hora do crepúsculo e topava-se com ele assim, estático, mas tinha ideia de que esse era um momento tão efêmero. Quis de repente movimentar-se. O mundo podia acabar nesse instante e ele ali, sozinho, sem ninguém... Saltou para dentro e esqueceu sobre a mesa a Bíblia. Acometido por um súbito pavor infantil referente às trevas, abriu bruscamente a porta e desceu acendendo as luzes todas da casa.

Parou diante das portas fechadas da saleta. Aquela música em surdina. A “Nona Sinfonia” de Beethoven. Que péssimo gosto pôr o disco para tocar a essa hora. Justo essa balada. Eloíse devia estar se lamentando. “Mas depois eu te salvo, bobinha”. Dirigiu-se ao átrio dos fundos. “Cesário, eu preciso urgentemente lhe falar!”, pensou ter tido a coragem de chamar. Mas os lábios sequer se moveram. Foi aproximando-se de Laura, mas os olhos fixos no irmão.

– Você ainda anda assim sorrateiro como um gato? – ela perguntou sem desviar os olhos da leitura.

Ele estremeceu. Já não conseguia mais fazer o invisível. As pessoas acabavam por notá-lo, ele gostava de ficar quieto e em silêncio.

– A Lola diz que eu sou serpente.

A moça desviou a atenção das páginas da revista e lançou-lhe um breve olhar. Seu sorriso em covinhas era fascinante, diferente dos sorrisos artificiais que costumava olhar naquelas páginas.

– Finalmente chegou-se até nós. Faz um tempão que estamos aqui e você somente agora desceu! Sempre trancado no quarto ou lá nos fundos com a Zuca. Você tem medo de gente?

A breve simpatia que Bernardo teve ao notar que a moça sentira sua ausência foi logo sucumbida diante do comentário: "A Lola e a Zuca são gente!", ele pensou em revidar, mas foi movido pela antiga preguiça e talvez um pouco de receio.

– É que... teve um gesto resignado. – É que sou meio tímido...

Laura apanhou seu copo de refresco e sorveu um trago:

– Você não é tímido! Qualquer coisa, mas tímido, não!

Ele sorriu, timidamente desviando dela o olhar.

– A Lola está meio adoentada... – tentou desviar-lhe a atenção.

– Quanto a Eloíse – concordou Laura amarfanhando a testa. – Eu soube do que aconteceu com ela... o de sempre? Ela é meio anêmica, não?

– Mas já está quase sarada.

Laura pareceu não se importar. Meneou a cabeça indolentemente. Só devia levar a sério a si mesma. Bernardo quis de repente instigá-la para ver se saía algo mais:

– Aqui nesta casa só eu mesmo sou saudável – pigarreou interdito.

– Ela regula comigo na idade... já deve pensar em namorado – deu uma risadinha. – É uma ideia: vou ver se arranjo um namorado para essa pequena, ou melhor: vou persuadir Edgard a escalar sua janela durante a noite.

Bernardo franziu a testa.

– Mamãe também é outra que não é muito certa...

– E por quê?

– Você já ouviu falar de Jocasta? Você sabe quem foi Jocasta? – ele perguntou baixando o tom e a cabeça, como segredando-lhe algo: – Mamãe é apaixonada por Cesário – lançou a Cesário um olhar envenenado. – Você nunca percebeu? A mãe é apaixonada por Cesário!

A moça ficou sem ter o que dizer. “Quanta leviandade”, parecia pensar, e em seu olhar aquele brilho indolente. Seguiu o olhar de Bernardo que ia como uma seta até o irmão.

– A Zuca diz que nós todos somos de uma família nobre – ele repetiu. E arrematou sem nenhuma convicção: – Uma boa família. Grande família mesmo! Aqui todo mundo se ama.

Laura esvaziou o copo. Desceu as vistas. Quando subiu-as novamente parecia esquecida da conversa. Mas demonstrava não encontrar em sua mente nenhum interesse por assunto que pudesse comentar.

– Que bom! – redarguiu meio distraidamente, inclinándose um pouco para descansar na mesinha o copo contendo os dois caquinhos de gelo que persistiam em encompridar sua existência um pouco mais: – Mas você, moço saudável, o que tem feito para manter essa saúde?

Ele encolheu os ombros. A cabeça se retorceu desvairada. Os punhos se curvaram dentro do bolso.

– Eu vivo sem rumo!

– E eu não sei? E no seu lugar viveria exatamente como você tem vivido: sem se preocupar com coisas enfadonhas ao que chamam por aí de sobrevivência. Vida de menino...

Ele riu sem alento. Sentou-se. Acontece que mesmo Laura, desligada e ausente, principalmente ausente, percebia aquela falta de entusiasmo nele. Essa ociosidade. E com essa ou com aquela palavra acabou confessando que sabia o que ele julgava que somente os familiares jamais ignoravam.

– Mas quem foi que disse que eu não me preocupo com isso? – entrelaçou as pernas compridas sob a poltrona. Os pés abanando inconstantes e os braços esticados tensamente apoiados nos punhos, que por sua vez se prendiam às bordas do assento. – Mamãe diz que já é hora de eu começar a pensar no que vou ser quando crescer... Um dia serei um grande advogado igual ao papai e Cesário. Mas agora não, porque eu sou muito jovem. Tenho que esperar as oportunidades.

Ela torceu os lábios, conformada. Empurrou para trás os cabelos e abanou-se com as mãos em leque. Apanhou uma revista.

– É um ponto de vista – e pôs-se a folheá-la ao acaso. Riu penalizada: – Decerto você é bem jovem ainda, menino! Mas ficar esperando as oportunidades?!

Bernardo olhou para o irmão e lembrou-se de repente:

– Você sabia que Olímpio não quer saber de estudos?

Laura pareceu estar a ponto de perguntar o porquê quando voltou para Bernardo o olhar desinteressado. Cético.

– Olímpio? – assentiu. – Realmente, Olímpio é meio parecido comigo! Já Cesário!...

Bernardo ficou interdito. Frustrado mesmo. Mas parecia loucura. Uma vez tendo engajado uma conversa com Laura, parecia bem promissor ingressar naquele jogo de mentiras. Trocas de informações. ”Eu conto uma mentira, você me revela uma verdade”.

– O que tem Cesário?

Ela acendeu um cigarro. Esqueceu a revista. Respondeu, enquanto soprava a fumaça:

– Ele é tenso demais. Cresceu sabendo que um dia teria que assumir a direção da família. Eu, às vezes, consigo que ele relaxe um pouco, mas logo em seguida... Ah, meu namorado, o que foi que fizeram a você? – olhou-o de soslaio. E noutro tom: – Você diz que está sempre esperando as oportunidades, mas e se elas não chegarem?

“Verdade!”. Ele esteve a ponto de concordar. Baixou o olhar turvo... Lembrou-se de Dulce: “Você sente inveja de Cesário...”. Teve vontade de estrangular Laura por ela também não ignorar essa história. Mas é que quando chegasse a oportunidade... Resgatou num fio de voz:

– Meu pai dizia que eu era oportunista, e ele sabia. E em silêncio: “Quando crescer serei um grande homem. Quando vier a oportunidade. A minha mãe também diz a mesma coisa...”.

Ela teve um ar de suspeita. Enviesou os olhos em direção ao poente.

– Que curioso. E você sabe que oportunistas são as pessoas que esperam pela oportunidade? – disse e calou-se. – E se ela nunca chegar, menino?!

Bernardo deu com os ombros. E pôs-se a fitá-la assim de perfil. “Ela me detesta!”. E o melhor a ser feito era ignorar.

– É certo que para quem não espera muito, assim como eu, deve ser bom ficar esperando o tempo, mas ouvi falar que você quer ser igual ao seu pai... Vai ter que batalhar para isso! Laura insistia depois de passado alguns instantes: – Quanto a mim, quando tiver tempo, serei como devo ser – e mudando o tom e o assunto: – Sabe com quem você se parece? – e sem esperar por resposta: – Com a Júlia. Lembra-se dela? Sempre tão doentinha, fragílissima. Sempre esperando terminarem os estudos para ir ao médico... Ela também é meio anêmica e dizem que essa é uma doença terrível. Pode virar aquela outra doença!

– Que outra doença?

– Nem sei... Dizem que faz mal ficar falando – e mais uma vez mudando de tom e de assunto, com tamanha naturalida-

de: – Mas, e você, Bernardo, não pensa em namorar também? É natural que os meninos na sua idade já sonhem com uma pequena!

“Ela teve pena de mim e inventou de repente essa história”, pensou ele, ruborizando. Laura prosseguiu:

– Eu sei de uma pequena que suspira por você, isto é, se você não estiver esperando primeiro se tornar um grande advogado, terminarem os estudos... Seria divertido se você namorasse a Isabel – deu novamente sua risadinha cristalina: – Imagine só, tudo em família! E quanto a Lola, ficaria com Edgard... ela sempre foi assim... mesmo meio da família.

– Ela é louca! – Bernardo atalhou-a tão naturalmente que Laura se viu obrigada a volver a cabeça e fitá-lo com os olhos abertos desmesuradamente divertidos:

– Louca nada! É que ela age como se fizesse parte da família. Quer fazer parte da família real. Meio engraçado!

– É mesmo, ela foi criada no nosso meio e acabou se achando meio da família. Você sabe – e como se falasse a si mesmo diante de um espelho. “É, é isso mesmo! Exatamente isso. Ela se contaminou”.

– Mas que péssimo gosto para música o dela! – reclamou Laura se aboletando mais na poltrona com um ar divertido. – Que música horrenda! – emitiu um muxoxo de desagravo e esqueceu no cinzeiro seu cigarro.

Agora Bernardo voltava-se para os dois rapazes jogando no verde do gramado, que começava a adquirir um tom mais denso.

– A mamãe quer que você e ele se casem logo!

Ela sacudiu a cabeça relutante. Apanhou o cigarro novamente, e para que Cesário a ouvisse, elevou a voz reclamando como uma criança:

– Você ouviu só, Adônis?! Sua mãe quer nos casar urgentemente! Mas acho que ainda não estou preparada para essa história de casamento, porque meu noivo prefere ficar por aí

com meu irmão, exibindo seus dotes desportivos – teve um ar dengoso: – Logo hoje que eu faltei meu balé só para desfrutar da sua companhia e estou arriscando o meu pescoço, pois papai diz estar farto das minhas proezas desde quando descobriu que eu andei dando umas escapulidas das aulas de francês só para estar ao lado de quem? Dia desses, a qualquer instante sou capaz de arranjar um novo amante que valha os sacrifícios que tenho feito.

Numa tacada genial, Cesário encaçapou a bolinha no buraco e festejou a vitória. Coincidentemente essa jogada veio bem a tempo de ele ter ouvido os comentários da moça e ir-se aproximando enquanto redarguia:

– Que amante nada! Você vai confundir a cabeça do pobre Bernardo! Essa moça tem o vezo curioso de ser insaciável. Nunca se contenta com o que tem, quer tudo e todos ao mesmo tempo. – chegou-se e foi se debruçando na balaustrada. A fronte dourada recoberta de gotículas de suor. Os olhos esverdinhados faiscavam em decorrência do mormaço a que fora exposto. Um sorriso gaiato brincava-lhe na boca: – É uma egocêntrica em potencial. Acredite!

Bernardo sorriu para lhe ser agradável.

Cesário descansou o taco e saltou para dentro energicamente. Beijou Laura mimando-a, e ela reforçou os argumentos toda dengosa, pedindo-lhe também que tomasse cuidado, pois podia queimar-se com seu cigarro.

– Mas vejam só! Você agora fuma, é?

– É que consegui roubar uns cigarros da gaveta do papai. Acho tão chique fumar! – ela assumiu. E depois deu sua risadinha divertida, orgulhosa da própria falta. Enfurnou a mão num saco de papel descansado ao lado da cadeira e foi puxando o embrulho com ar misterioso enquanto dizia: – Este “doze anos” também veio da despensa do velho. É ver “euzinha” morta se papai descobre que está faltando uma garrafa de sua coleção!

Bernardo então sorriu, fascinado com a moça. "As mulheres dessa família são todas parecidas. Como se fossem irmãs", comentava a Zuca. E Bernardo então passou em revista os trajes de bailarina da moça: o colante e a saia presos por uma fita negra na cintura, no mesmo tom das sapatilhas, e os cabelos arruivados presos no alto da cabeça por uma fivela lembravam quem mesmo? O quê?... Aquela bailarina de porcelana em cima da mesinha de cabeceira de Lola...

– E que história é essa de amante, agora? – ainda indagou Cesário. E rendendo-se àqueles charmes e dengos, amoleceu enfeitado: – Eu bem pensei que não seria bom você dar sua escapulida do balé logo hoje. Você sabia que eu e Edgard tínhamos essa partida para resolver.

– Mas é que hoje à noite não vai dar para você escalar minha janela, meu querido – ela explicou. – Mamãe está meio cisnada ultimamente. Desconfio mesmo que ela tem feito umas visitas ao meu quarto durante a noite. Era agora à tarde ou sabe-se lá quando...

Cesário concordou. Olhou de soslaio para Bernardo, que sorria maliciosamente, fascinado, e em tom de intimidação, acrescentou: – Não se preocupe, pois a partir de agora eu nomeio Bernardo como seu valete. Será que é apropriado usar esse termo? – Não importa! Ele terá que usar seu poder de persuasão e convencer sua mãezinha a tirar essa desconfiança da cabeça. E demais: vai ser bem melhor para ele tal missão do que ficar por aí com esses papezinhos e suas Bíblias anotando sabe-se lá o que! Relaxa, Bernardo!

Bernardo fitou Cesário e ajeitou a manga do suéter. Retirou do bolso o relógio e ficou observando-o. Os olhos estreitaram-se como fazia Olímpio quando procurava escutar melhor as feições de alguém. "O relógio do meu pai. Eu já lhe falei, Laura, que esse relógio pertenceu ao meu pai?"

– Eu estava tendo uma conversa com nosso pequeno, aqui, e decidimos que já é hora de ele arranjar uma namorada – explicou Laura. – Já temos até a pretendente: Isabel!

– Mas você acha que seria uma boa ideia? – retardou Cesário. Sorriu. Olhou furtivamente para Edgard que se aproximava com a sacola de tacos, que descansou no patamar da escadinha. A ideia pareceu-lhe fascinante. Mas franziu a testa, confuso. – Bernardo aguarda mesmo é pela Júlia, não é mesmo, Bernardo?!

Bernardo ruborizou. Encheu os pulmões de ar, maravilhado diante da ideia. Mas de repente ficou confuso, porque já não conseguia esconder de ninguém a fascinação que a menina inspirava-lhe.

Cesário tomou nas mãos o cálice de uísque que Laura serviu-lhe. Serviu-o ao companheiro. – É brincadeira! Credo! Não precisa ficar com essa cara! E demais: quem vai casar com a Júlia é Olímpio! Aqueles dois se amam há uma eternidade.

Ele murchou. Não conseguia mais encarar nenhum dos três. Viu de relance o sorriso gaiato no rosto de Cesário; ouviu a risadinha cristalina de Laura; viu ainda uma máscara de consternação no rosto cândido de Edgard, cujo sentido não soube captar. Cesário prosseguiu:

– Alguém aqui já ouviu falar de Freud? Ele diz que há uma razão para tudo na vida – girou o copo de uísque. – Deve haver uma para você, Bernardo, e para mim também, e para todos nós. – assumiu um ar autoritário: – Só não deve haver, mesmo, uma razão para esse bando de livros bíblicos que você vive lendo, que te fazem ficar assim meio sem noção! Às vezes eles podem ser uma distração, mas quase sempre são uma perda de tempo, pois quase sempre não nos levam a lugar algum – os cubos de gelo tilintaram dentro do copo. – Você não precisa dessas Bíblias e livros; precisa, sim, de vida!

Bernardo desceu os olhos até a mesinha onde estavam a bebida e cigarros roubados. Olhou para o irmão. Havia mui-

to tempo Cesário passara a usar calças compridas, mas antes disso já não era um homem? Sequer chorara a morte do pai. Lívido, com uma máscara imutável no rosto. Ficaram à parte, onde Cesário puxou uma cadeira para sentar-se e empurrou uma outra indicando a Bernardo.

– Quer dizer então que eu não tenho vivido? – disse, por fim.

– O que foi que você disse? – replicou Cesário. – Meu caro Bernardo, é natural que as coisas continuem assim para você, pois faz pouco tempo que o nosso pai morreu e nós sabemos quanto você e ele eram apegados. Mas também é natural que você comece a reagir como um menino normal. Pais e mães morrem todos os dias.

Bernardo quis chorar. “Se você soubesse mesmo que não é apenas isso!”, e ficou inquieto:

– Mas é a mãe também – explodiu, por fim, sem se importar que os outros o ouvissem: – Você vê como ela ficou comigo depois que o pai morreu? Piorou!

– Ela também tem sofrido, Bernardo – Cesário apressou-se em defendê-la: – E você devia ser paciente e obediente com ela... Foi um golpe muito maior para ela.

“E para mim, não foi?“, ele pensou em redarguir. Achou melhor não se manifestar.

– Ela tem mesmo se queixado de você com todos nós! – admitiu Cesário com ar de evidência: – E você tem que ser um bom menino agora. Ou melhor, você tem que ser um homem! Porque você vai começar a tomar atitudes e vai ter que responder por elas.

Bernardo sacudiu a cabeça. E deitou os olhos no chão. Os lábios torturados. Cesário pôs-lhe a mão sob o mento e ergueu-a novamente.

– E também pare com essa ideia de baixar a cabeça, feito um bicho acuado, achando que as pessoas vão se comover! – Cesário desviou o olhar por um momento: – Igual ao papai!

Agora mesmo você é ele me olhando assim como quem vem me pedir um favor. Amiúde. Inexpressivo. O pai já morreu, se é que você esqueceu disso, e agora resta a você fazer pelos vivos.

Bernardo revirou-se um pouco mais. Apesar de duras as palavras de Cesário, havia algo de sincero nelas. Mas ele não conseguia falar nada.

– Você reclama da mãe, mas foi por causa do nosso pai que ela ficou assim – acusou Cesário sem nenhuma cerimônia. E assentiu com a cabeça: – Por causa dele, sim senhor, por coisas que não têm mais importância serem mencionadas... Mas se ele a tivesse amado mais...

– Quer dizer que o nosso pai não amava nossa mãe? – conseguiu, por fim, formular Bernardo, não querendo aceitar a ideia.

Cesário coçou o queixo.

– Amava sim, mas do jeito louco dele. Um amor que eu nem sei se era amor, mesmo. Sempre tão fechado nos sentimentos dele. Pulha! – revoltou-se e socou o ar, com o punho cerrado. Os olhos inflamaram: – Aquele olhar bovino, de covarde! Caviloso. E toda aquela parlapatice a respeito de uma honra que ele nem possuía. Preso num passado, olhando sempre para trás, nunca para frente. Vivendo do passado! Criatura tão sem fibra e pobre de espírito, sem nunca ter visto o mundo com clareza, porque tais coisas estavam sempre de permeio! – desviou o rosto: – Eu às vezes sinto vergonha de ser filho dele e penso que o que aconteceu foi o melhor.

Perdurou o silêncio por um brevíssimo momento. Bernardo reviveu os poucos anos de convívio com o pai. Ele sempre mais ausente que os outros, por causa do semi-internato. Mas a certeza daquele amor.

– Você fala tão esquisito, Cesário – e encarou-o desafiante: – Você não sente falta dele?

Por um momento Cesário ficou pensativo. Teve uma expressão de interrogação, como se a pergunta houvesse surgido dele próprio. Encolheu os ombros.

– Sei lá. Acho que não – disse sem muita convicção: – E é dele a culpa! Um homem que sempre se apresentou à família de modo fragmentado. Era apenas o que tínhamos dele: fragmentos! Ele se tornou uma sombra do pai que eu sonhava ter... – lamentou, pensativo, e levantando-se: – Você sabe o que é ser relevante, Bernardo?

– Acho que não.

– É o que você tem que ser com nossa mãe, agora. Porque foi o que ela foi a vida toda.

Ele franziu a testa.

– Então, ser relevante é ser homem?

– De certa forma, sim – sentenciou empurrando a cadeira.

Bernardo segurou-o, súplice, pelo braço:

– Mas ele foi um bom pai! O melhor pai! Lembra-se? Tão carinhoso e bom...

– Para você, talvez! – e voltando-se aos outros, enquanto dava por terminada a entrevista emocional: – Vou ver se tomo um banho frio e já volto. Que tal nós irmos até a sorveteria nova que abriu perto do clube? Olímpio e Júlia disseram que iriam estar lá.

Laura esmagou o cigarro no fundo do cinzeiro. Edgard se pôs a provar de sua bebida em pequenos goles, circunspecto como se procurando um assunto a abordar. De vez em quando fitava Bernardo e arqueava as sobrancelhas. “Sou um peixe fora d’água”, era o que pareciam dizer aqueles olhos cinzentos. Embora fosse tão íntimo do círculo e irmão de Laura, havia certo nervosismo em seu comportamento que deixava Bernardo intrigado. Cesário esvaziou o copo. Inclinou-se para depositá-lo à beira da mesinha. Levantou-se num espreguiçamento.

– Então, vamos mesmo! – concordou Edgard numa euforia repentina: – Nós podíamos levar o violão e faríamos uma festinha particular, como da outra vez!

– E arriscar sermos presos como da outra vez?! – protestou Cesário. – Nada de violão! E sem algazarra dessa vez!

– Presos? – repetiu Bernardo abismado. Os olhos esbugalhados enquanto Laura dava sua risadinha cristalina. Sentiu-se invadido por aquele fascínio que sentia diante daqueles a quem Lola chamava de semideuses.

– Você sabe que quando Olímpio e Júlia se empolgam!...

– Isso mesmo! – concordou Cesário.

– Aquela guerra de sorvetes quase nos levou à cadeia. – foi dizendo Edgard com ar divertido.

– Shhh! – protestou Cesário. – Você quer que mamãe ouça e acabe descobrindo que nós somos um bando de desordeiros?

– Então vamos logo! – apressou Edgard. – Apressem-se!

– Não fique histérico, Edgard! – reprimiu-o Laura.

– Então vocês ficam aí à vontade, que eu volto já! – avisou Cesário em retirada.

Laura voltou o rosto com um brilho no olhar. Parecia só estar esperando o momento de Cesário dar as costas para tocar num assunto proibido:

– E quanto a Olímpio, você e Júlia? Quanta euforia toda vez que se fala neles!

– Hum? – respondeu Edgard.

– Vocês estão de algum segredo ultimamente!

– Segredo?

– Sim senhor. Ultimamente eu tenho percebido uma certa ansiedade pairando no ar. Vocês estão nos escondendo alguma coisa? – repetiu ela devolvendo ao cesto a revista que folheava. Apanhou o cigarro e isqueiro, mas ficou com ambos esquecidos entre os dedos. Esticou para baixo dos joelhos o tecido de gaze da saia. – A Júlia também está muito estranha nos últimos tempos. Foi logo depois que voltamos da fazenda. Todos vocês

voltaram muito estranhos de lá. Até Cesário! – sorriu para Bernardo: – Você não quer me ajudar a desvendar esse mistério, ô, Bernardo?

Bernardo franziu a testa. Não sabia o que dizer. Não sabia. Mais uma vez era Laura que puxava-lhe para a roda. Mas Laura era tão inconstante que ninguém jamais podia levar a sério o que a moça dizia. Notou de repente, contudo, um ar de exasperação no rapaz que tentava desculpar-se:

– Que ideia a sua! Não há segredo algum!

– Ora, Edgard, conte-me, por favor. Eu quero tanto saber! – insistia Laura assumindo uma posição de displicência infantil.

– Conta, Edgard! – suplicou Bernardo num impulso, movido pela mesma curiosidade mórbida de Laura.

Edgard manteve um silêncio prudente. Não conseguia encarar Bernardo. Olhou para dentro do copo como se ali fosse um poço em cujo fundo ele queria estar alojado. Foi bebendo aos borbotões e levantou a cabeça, perturbado. Mas ao mesmo tempo parecia provar de certo alívio. “Será que eu conto?”, parecia perguntar a si mesmo.

– Ora! Se você não quer contar, eu também não quero mais saber! – desistiu Laura com uma rendição já desinteressada. Retirou a presilha do cabelo, alisou os cachos e prendeu-os novamente. – Seu segredo estaria seguro comigo, mas agora não queremos mais saber, não é, Bernardo?

Bernardo sorriu tentando compensar a decepção e querendo disfarçar o constrangimento diante da sua ignorância. Desviou o olhar para os tacos, descansados próximos aos balaústres. Certamente Laura já devia desconfiar qual era o segredo, se existia realmente. Ele desconfiava mesmo que a moça já o sabia, por isso não fizera tanta questão de insistir. Mas quanto a ele? Mas de repente não conseguia mais olhar de frente Edgard. Nem Edgard nem Laura porque pareceu-lhe de repente que, embora amigos, os cinco se traíam quando convinha. Que prosaico! Então havia um segredo entre Olímpio e Edgard

e Júlia? Que segredo era esse? E em que consistia? “Outra hora eu descubro!”, concluiu, porque no momento a conversa de há pouco com Cesário o havia perturbado. Foi recuando. “Vou ver se a Lola precisa de alguma coisa! A Lola deve saber, é isso. Ela deve saber! Mas passou às pressas diante das portas da saleta. Subiu a escada aos pulos.

III

– Você pode aguardar aqui à vontade – avisou a governanta, uma mulher ossuda, alta, metida em seu sóbrio costume azul-marinho. – Preciso atender esse telefonema...

Era a nova governanta. A antiga tinha se aposentado havia algumas semanas, depois de uma operação no joelho. Era menos protocolar que a atual.

Ele se pôs a estudar o retrato no vestíbulo. Toda vez que topava com aquele retrato, logo à entrada, os olhos oblíquos da modelo, atentos como se além do pintor houvesse algo de maior importância, chegava a duvidar de quem se tratava ali, rejuvenescida. Um mistério. Uma nebulosa. Misterioso como os murmúrios por detrás daquelas portas fechadas. Indecifrável como as histórias fragmentadas que se ouvia dizer de Bárbara. Atribulada ela era, sempre às voltas com suas pastas e livros. Documentos da editora, que presidia ao lado do marido sempre ausente. Assuntos proibidos murmurados e que se adivinhava pululando nos corredores, em conversas suspensas. Uma mulher, que cheirava a essência de limão e couro de pastas de escritório, devia ter seus segredos.

Bernardo estremeceu ao ouvir aquela voz seca da governanta falar mecanicamente. Afetou tranquilidade e paciência. Despregara as mãos da pasta esquecida no regaço e esfregou-as uma à outra. Uma camada de suor viscoso as empapava como

se ele as estivesse mergulhado num balde de cola. Passou-as no joelho tentando secá-las.

E como a mulher lhe houvesse lançado um olhar investigador para certifica-se se estava sendo espionada, ele desceu as vistas, intimidado, mas ergueu-as em seguida simulando interesse por um abajur em forma de coruja branca sobre o aparador, bem abaixo do quadro. “Estivera ele sempre ali?”, é que o quadro ofuscava tudo mais que se pudesse colocar ali naquela antessala, com o fim de adorná-la. Mas a verdade é que naquele recinto a coruja era tão guardiã com seus olhos negros brilhantes quanto aquele retrato da anfitriã que tudo capturava sem que fosse possível escapar-lhe absolutamente nada. “E quanto a Júlia, por que não aparecia? Nem ela nem a Isabel?”, a voz formal da mulher chegou-lhe impessoal aos ouvidos. Pa-receu elevar-se:

– Sim, doutor, a dona Bárbara foi levar a sobrinha ao doutor, mas avisou que estaria em casa para o almoço...

Bernardo quase sobressaltou. Contraiu as sobrancelhas interdito e ao mesmo tempo interessado. Doutor! Mas que doutor? – apurou os ouvidos em direção ao saguão.

– Só uma ligeira indisposição – prosseguiu a mulher. Era como se fosse lendo um receituário. – A pobrezinha é tão anêmica... Não sei...

“E se ninguém me contou nada!...”, um tremor leve sacudiu-o. Imitando a posição repousada da mulher, ele mordiscava os lábios e descansou ao seu lado a pasta. “E nem era para ele saber, mesmo!”, que relevância teria a sua participação em qualquer caso que fosse? – adivinhou do outro lado da linha o pai de Edgard desatando a perguntar como se por telepatia obedecesse aos seus impulsos – apurou ainda mais os ouvidos porque agora ela abrandara mais a voz.

– Quanto ao seu Edgard, está lá em cima, ele e seus textos, as peças; parece que estão ensaiando uma nova peça... – havia agora em seu tom certa malícia quase imperceptível. Medida.

– O seu Olímpio está junto. Ele pediu que não fossem interrompidos.

Bernardo lembrou-se do tom ambíguo de Laura. Nem malícia nem escárnio. Uma averiguação. Não era do mesmo tom que essa megera usava agora? – teve então uma luz.

– Você pode avisar, Olímpio, que estou aqui? – ele foi perguntando assim que a mulher desligou o aparelho: – Quer dizer, eles estão aí? Olímpio é meu irmão, e Edgard... – ele disse timidamente confuso. Os braços caídos ao longo do corpo. Eriçou as mãos, apertando os dedos como se os fosse quebrar. Houve uma pausa de averiguação. A mulher inspecionou-o rapidamente. As sobrancelhas arqueadas. Olhou reto.

– Que curioso, você não se parece com ele – acrescentou com certa convicção. – Se já conhece o caminho e quiser subir... – atalhou-o diante do balbúcio de Bernardo. Desculpou-se indiferentemente. – Enfim, você deve conhecer o caminho, então suba... Estou supervisionando uma grande encomenda que chegou para o doutor, por isso não posso acompanhar...

Parado diante da entrada, ele podia distinguir as vozes abafadas. A conversa cessou exatamente quando deu algumas batidas leves na porta e empurrou-a.

Edgard estava a primeiro plano, parado diante do carrinho de bebidas, servia-se de uísque. E ainda preparava um segundo cálice. Tinha um ar tenso e ao mesmo tempo conturbado. Refestelado numa cadeira de vime de espaldar alto, estava Olímpio com suas madeixas fulvas banhadas pelo sol que vazava as vidraças. Vestia um suéter branco, calças de flanela também brancas. Na lapela, preso um broche de ouro em forma de violino. Assim, de pernas cruzadas numa estudada displicência, lembrava ligeiramente um retrato do pai, que Bernardo mantinha guardado entre seus pertences antigos. Uma figura polida sem nenhuma altivez, era toda sutileza em sua presença intrigante. Sutilmente tomou o cálice que Edgard lhe servia. Via-se em seu olhar uma certa vivacidade, talvez velada, um

fulgor que ia e vinha sem aviso nem planejamento. E o perfume de limão que pairava no ar evolava de suas roupas.

– Bernardo, pode-se saber o que você faz fora da escola, em horário de aula? – perguntou naquele tom que usava tanto para reprimir quanto para permitir. Sorveu um trago e seus olhos castanhos estreitaram-se como esperasse por resposta. Depositou na mesinha o cálice e passou a ponta dos dedos no punho da camisa branca. – E não se preocupe, que não o estou censurando... de vez em quando é bom fugir das aulas e da rotina. Mas feche logo essa porta. Você quer que todo mundo nos veja bebendo?

Edgard acenou-lhe de forma impessoal, ofereceu-lhe uma bebida, em tom pueril. Bernardo recusou. Trocaram cumprimentos. Foi em frente.

– É que hoje as aulas terminaram um pouco mais cedo, aí vim aqui com vocês. A Lola falou que vocês estão ensaiando uma peça nova e você não apareceu para o almoço!

Uma expressão insondável transpareceu no rosto puro de Olímpio.

– É que quando eu venho aqui, pra casa dos meus tios postiços, eu esqueço que o mundo é mundo. Saí da aula direto para cá. A mamãe já deve estar uma fera, hum? – bebeu um novo trago, erguendo o cálice de uísque com um trejeito nos lábios polpudos: – E se descobre agora que eu ando bebendo e fumando. Culpa do seu Edgard – disse apontando em direção ao rapaz: – Sua culpa, sim senhor, que além de me ensinar belas--artes, tem me colocado no mau caminho – deu uma risadinha. – Mas quanto a Lola, ela saiu do quarto já?... Não se pode esperar nada daquela pequena além dessas maluquices. Que pequena mais subversiva que não vê que a vida é uma maravilha! – Será adequado este termo? O que leva a pequena Lola a esse extremismo? – seu tom era aquele em que não havia nem censura nem sustentação. Talvez um pouco de consternação por verificar um fato.

Repentinamente, invadido por uma onda de calor, Bernardo foi até a janela. Sentiu que pairava no ar algo que não era do seu conhecimento, mas o quê? Queria também pedir notícias de Júlia, mas achou que devia ir com calma. Escrutou o cenho do outro rapaz à procura de vestígios de qualquer emoção. Mas ele desviava o rosto, sem demonstração de que tinha algo a dizer, parecia mesmo encabulado. E voltando para Olímpio. Meu irmão! Meu irmão? Olhos de esfinge. Atitudes de um Nero louco imortalizado numa estátua de argila. Sempre apurado: ele, Cesário, e até Lola que a todo custo queria fazer parte da família.

– Você é um hedonista – disse sem nenhuma emoção, após ter ajeitado a mochila numa poltrona. E voltando-se para o outro rapaz. – E Edgard é um puritano. Eu aprendi essas duas palavras dia desses.

– É! Sou hedonista e pronto! – concordou Olímpio num tom enfático. Deu a nítida impressão de que dissimulava qualquer coisa: – Mas não seja tão britânico, Bernardo. Pode relaxar. A deusa maior não está por perto – e em tom secreto: – Você não quer mesmo provar dessa bebida? Tão boa essa sensação de estar fazendo algo às escondidas.

Ele recusou a bebida, fazendo uma careta. Puxou uma cadeira, onde sentou meio espetado.

– E a vida, Bernardo? – indagou Edgard.

– Ótima!

Ele sacudiu a cabeça desconfiado e foi refestelar-se no braço de uma poltrona.

– Então quer dizer que a deusa-mãe encontrou uma outra distração que não seja atazanar a sua vida? – interveio Olímpio.

Bernardo então olhou de esguelha para Edgard. Procurou emprestar à própria voz um tom mais natural:

– Mas a minha mãe nunca me atazana! – baixou o olhar.

Olímpio encolheu os ombros. Teve um olhar distante:

– Ah, Bernardo, como você mente mal. E se preocupa tanto com tudo! – tocou-lhe no ombro. – Não tenha sempre esse ar de eterno aprendiz, querido! Não tenha as prendas sempre como aprendizagem, mais uma experiência, como se para viver tivéssemos sempre que passar por grandes sacrifícios e abnegações! Pois Ele nos deu o livre-arbítrio... Você sabe o que é livre-arbítrio? É o seu poder de decisão; com ele você escolhe entre ser ou não ser feliz! E eu garanto: ser feliz é essencial para mim, sem essa história de apanhar e dizer sempre: com isso eu me torno mais forte, mais honrado ou coisa parecida! – teve um suspiro. – Não há quem chegue muito longe se espelhando sempre nos exemplos de dor e sofrimento, mas você é apenas um menino e olha eu aqui pregando sobre coisas que eu nem sei bem o que significam: dor... mas se você prefere assim...

Por que ele tinha sempre o hábito de questionar? Por que não aceitava os fatos? As imposições? Estava sempre dando nome aos bois, como dizia Dulce. Notou então que o efeito luminoso dos cabelos não era por causa do sol: eles possuíam um brilho próprio tal como aquele olhar.

– Belas falas! – observou Edgard. Mergulhou a ponta do dedo no cálice e fez as pedrinhas de gelo tilintar. E voltando-se para Bernardo: – Quanto a você, Bernardo, estudando muito?

– Não! Eu vou ter exames daqui a alguns dias, mas já estou quase passado. Sou o gênio da classe – Bernardo respondeu não resistindo ao desejo de mentir, lembrando-se do boletim de notas, todas baixas.

Edgard teve uma expressão de suspeita.

– Deve ser difícil ser o gênio da classe, não?! As pessoas exigem sempre mais das pessoas brilhantes!

Bernardo inclinou a cabeça para o ombro.

– É – concordou evasivamente. – Não! Eu sou brilhante, então. Se quiser, nem preciso mais ir às aulas.

Olímpio teve um gesto vago. Pareceu que iria acrescentar qualquer coisa. Mas essa impressão foi logo arrefecida “Igual

à mamãe!”. Dulce também tinha esse hábito de parecer querer falar algo, depois, talvez por desfastio, desistia. Desistia ou dava uma trégua? – e mais adiante prosseguia. Era como se... o pensamento quase fora concluído, mas insidiosamente o decepou como se corta de um fruto a banda podre. “Minha mãe me ama! E meu irmão também!”. É que fazia parte da personalidade de Olímpio esse tipo de atitude, ninguém jamais conseguiria sondar-lhe a alma. “Quanto a Dulce”... Afundou para as profundezas o raciocínio. “Loucura! Estupidez!”.

– Sabe quem perguntou por você um dia desses, Bernardo? – e a voz de Olímpio adquirira aquele tom fraterno, como se para compensar algo.

O olhar, há pouco mortiço de Bernardo, tingiu-se de um fulgor interessado. Vivo.

– Eu não faço ideia – ele mentiu, desde que em seu peito badalava aquele sino: “Foi a Júlia? Sim, foi a Júlia!”.

– A Isabel! Aquela pequena, hein! Por Deus que eu tenho a vaga ideia de que um dia vocês dois acabam juntos!

Um sorriso amarelo distendeu-se nos lábios de Bernardo. Ficou tamborilando no braço da poltrona com as pontas dos dedos. E como se para compensar a decepção, foi dizendo:

– Que coisa! Eu já ia mesmo pedir notícias dela. Ela está meio sumida...

– É que ela está sempre no internato – retardou Edgard. – Tem estudado muito, pois, ao contrário de você, ela não é uma gênia.

– Mas ela continua sendo semi-interna?

Edgard esvaziou o cálice. Emborcou-o. Olímpio antecipou-se:

– Sim. Mas ela é meio frustrada sabe-se lá por quê! E se volta para os estudos para compensar a frustração.

– Mas ela sempre me pareceu tão estudiosa... – observou Bernardo receoso. Isabel! Que tipo de frustração teria ela? Aquele olhar opaco, plácido. Por um momento lembrou-se de

se ver nela. Ficou sem graça. Passou os dedos por entre a gola do suéter. Não era placidez aquilo. Era tristeza mesmo. Mas tristeza de quê?

Pensativamente, Olímpio enfiou a mão no bolso e tirou a cigareira. Acendeu um cigarro e soprou a fumaça em direção a Bernardo, mas antes que o atingisse de chofre, esta se dispersou no ar e Bernardo suspendeu a mão como se fosse colhê-la. Vento desfeito.

– Mas eu sei bem o que faria aquela pequena feliz!

– Olímpio! – atalhou-o brandamente Edgard: – É da minha irmã que você está falando.

Olímpio contraiu docemente as sobrancelhas e fez um muxoxo; disse com a polidez que lhe era habitual:

– E daí? Por acaso estou sendo leviano? – e voltando-se para Bernardo: – Você não quer também aprender a fumar, Bernardo? É fácil!

Bernardo negou-se repetindo a careta de recusa à bebida.

Edgard torceu os lábios, num esgar. É certo que responderia qualquer outra coisa, mas a meio caminho pareceu sucumbido por algo. Censurou então, sem nenhuma convicção:

– Você e Laurinha estão sempre tentando arranjar as coisas.

– E isso não é bom? Qual o problema? – quis saber Olímpio chegando-se para perto de Bernardo. Da sua lapela evoluiu um perfume com essência de limão, aquela que combinava tão bem com seu ar de Hamlet desvairado, como dizia Cesário.

– Nenhum, meu caro, estou apenas averiguando.

Bernardo então desviou o olhar. Lembrou-se de Laura. Um segredo! Cesário tantas vezes tendo presenciado esse tipo de cena não teria sido perspicaz para notar qualquer coisa de diferente? Mas o quê? “Eu sou onisciente...”, não era assim que ele dizia? Cegueira. Estupidez. Repentinamente uma libélula entrou pela janela num voo atribulado, batida pelo vento e desviou a atenção de Bernardo. Circundou a saleta e foi-se refugiar

num vaso de tulipas. Instintivamente Bernardo soprou em sua direção e fê-la abandonar o esconderijo. O inseto saiu em alvoroço e ficou novamente invisível.

Quem mais teria percebido que havia tal segredo mesmo? Eram tão impassíveis. Inclinou interessado a cabeça para o lado na tentativa de desvendar o autor de um volume descansando sobre a mesinha. Olímpio seguiu-lhe o olhar. Esqueceu o cigarro no cinzeiro e foi servir-se de mais uísque.

– É Dostoievsky. Já ouviu falar nele? – e como se não importasse qual fosse a resposta: – Claro que não, hum? Presente da Júlia – despejou pedrinhas de gelo no cálice e sacudiu-o num movimento circular, lentamente: – É um texto denso. Eu não combino com esse tipo de literatura, mas a mocinha pôs na cabeça que eu tenho que me intelectualizar. Já li e reli várias vezes para entender do que se trata, mas ainda não consegui.

Edgard crispou as sobrancelhas levemente espessas. Inclinou-se para apanhar o cigarro esquecido por Olímpio e bateu-lhe a cinza na borda do cinzeiro: uma peça intrigante em forma de cisne. Seguiu em direção a um espelho que dominava metade de uma parede, diante do qual deteve-se e soprou a fumaça. Pareceu gracejar.

Bernardo sorriu só para lhe ser agradável. Descobriu: Edgard tal como Olímpio estava entre as personagens que o fascinavam. E embora sentisse que em meio dessa fascinação existisse também um estranho sentimento de desprezo. Tão obscuro. E medo!

– Se você quiser, eu posso emprestar quando concluir a leitura, que eu não sei quando será! – continuou Olímpio sorvendo um trago. Parou diante do tabuleiro de xadrez e movimentou uma peça. Foi dizendo como se oferecesse o peão que detinha entre os dedos: – Só não te dou porque fica feio saindo os presentes recebidos. E a Júlia está sempre me dando presentes. Este broche mesmo foi ela quem me deu – disse apontando a abotoadura na lapela.

Edgard teve um ar intrigado. Bernardo estendeu o braço para apanhar o livro. Pestanejou vezes seguidas como se pressentisse que a qualquer instante iria chorar. Pôs-se a folheá-lo simulando interesse, mas pensava mesmo em Júlia, lembrando-se do comentário de Cesário: "Olímpio e Júlia se amam faz uma eternidade!..."

– É um bonito broche – admitiu, e como sentisse que chegara finalmente a oportunidade, agarrou-se a ela:

– E quanto a Júlia, essa então é que não aparece mesmo!

– Você está exagerando! – interpelou Edgard apanhando uma pasta: – Ela esteve na colação de graus de Cesário, está sempre conosco.

– Esteve?

– Sim. Você não falou com ela? – Edgard agora vasculhava o interior da pasta.

Bernardo crispou a testa. Mordeu os lábios e enlaçou os pés sob a poltrona. Júlia! Ele a sufocava tanto quando se encontravam, que mesmo que ela houvesse ido realmente, teria evitado esbarrar nele. Sentiu-se ainda mais ferido em sua estima de menino.

– Acho que me lembro, agora – disse afetando desinteresse. – Nos encontramos mesmo: ela usava um vestido cor-de-rosa, delicado. E trazia na gola este broche, ou era um parecido com este.

– Pois então – concordou Olímpio esquecendo o jogo. Inclinou-se sobre o regaço de Bernardo como se lhe fosse mostrar alguma passagem do livro: – Logo vocês se encontram por aí.

Bernardo arrependeu-se então. Mas essa intenção foi logo esquecida para, em seguida, a vontade de mentir desbragadamente voltar com a força de uma onda do mar.

– Lembro ainda que nós ficamos conversando um longo tempo.

– Ela é tão bonita e inteligente, não? – gracejou Olímpio. – Será uma bela moça quando chegar à maioridade! Milhões de

pretendentes oferecendo-lhe os corações, e a dona Júlia esqui-  
va: “Fico lisonjeada, mas não posso aceitar...”.

Bernardo ergueu o rosto. Encarou o irmão:

– Uma menina encantadora, mesmo! – acrescentou Edgard abanando no ar algumas folhas, que retirara da pasta. – Vocês têm a mesma idade, não é mesmo, Bernardo?

– Mas dizem que as meninas amadurecem mais rápido que os meninos – retardou Olímpio. – Eu, por exemplo, ainda não amadureci, e já estou com quinze anos. Talvez não amadureça mais... Quem era mesmo o menino que não queria crescer?

Por que ela não aparecia? Não chegava de uma vez!? Mas, então, a sua farsa seria descoberta. E os dois já não deviam ter desconfiado? Teve vontade de sair correndo por aquela porta e nunca mais aparecer ali, sumir. Fechou o livro bruscamente.

– Ela está doente? – arriscou Bernardo.

– Quem? – os dois perguntaram ao mesmo tempo.

– A Júlia.

Olímpio acendeu um outro cigarro. Recomeçou o jogo. Edgard prosseguiu sua análise naqueles textos, voltou-se para Olímpio, balançou a cabeça quando este recomeçou a falar:

– Ela sempre teve a saúde delicada, mas trata-se tudo de decorrência do trauma, embora eu a ache tão cheia de vida – e empurrou para trás as mechas de cabelo que resvalavam-lhe no rosto.

– Que trauma? – interrompeu Bernardo.

– A morte trágica de seus pais, Bernardo, você esqueceu? – e prosseguiu mais adiante: – Eu ainda a acho muito forte... Tão bonita sua maneira de olhar. Porque depois do que aconteceu, ela poderia ter se tornado uma menina confusa e suspirativa, igual ao Bernardo, por exemplo, que gosta de sofrer, como as heroínas desses filmes medíocres, mas, ao invés disso, tem sido cada vez mais graciosa e mágica. Uma pequena admirável. Vai dar uma bela jovem, eu insisto em apostar – e indolen-

temente, voltando-se para Bernardo: – E você, Bernardo, ainda dá um bom santo: São Bernardo! Tão adepto da autoflagelação!

Edgard teve um risinho. E Bernardo não sabia se era por causa do comentário de Olímpio ou se por algo que ele lia naquelas páginas.

– Tolices... – redarguiu Edgard. – Bernardo é apenas um menino que pensa muito na vida, e isso é um bom sinal.

– É mesmo, ô, Sócrates? – indagou Olímpio com humor. – Bernardo, Bernardo! Você está crescendo e a vida não espera a gente ter tempo para viver: “Quando eu tiver tempo, serei feliz!”, ela vai passando...

Ele sacudiu a cabeça. Furtivamente lançou o olhar lá para fora: E se eles prosseguissem falando sobre Júlia? – deixou de lado o livro e saiu em direção ao carrinho de bebidas. Serviu-se do uísque.

Olímpio crispou as sobrancelhas:

– Bernardo, você não pode! É um santo e está caindo em tentação. Vai perder o céu por causa disso! – puxou um trago e, lentamente, foi liberando a fumaça, enquanto falava. – Quem disse isso foi a Júlia; ainda ontem me disse a mesma coisa. Estávamos juntos, treinando o meu francês, que, por sinal, é péssimo... e você agora também bebe escondido, Bernardo? – assumiu uma expressão pasmada e divertida. – Você não podia ter-se contaminado!

– A Júlia não confia mais em mim – lamentou Edgard distraidamente. E deslocando os olhos das páginas: – A Laurinha também já desconfia que exista algum segredo.

– E não existe, meu caro? – consentiu Olímpio compenetrado no jogo. Festejou silenciosamente o xeque-mate. Foi falando como se o tempo todo prestasse atenção na conversa: – Ora, Edgard, ela tem mais é que viver a vida dela. E se existe algum segredo, ora, você também não tem os seus? Eu tenho os meus! Nós temos os nossos... – olhou para Bernardo. – Bernardo também tem os dele, agora.

– É! Mas... – balbuciou Edgard.

Bernardo ouvia em silêncio. Agora os deuses se tratavam como se ignorassem a sua presença mortal ali naquela saleta. Bebeu um gole que lhe ressecou a garganta.

– É que ela foi criada num modo de vida despojado, diferente do nosso. Órfã de pai e mãe: fora desse clima de grã-fina-gem ao que nós aderimos – meneou a cabeça, recomeçando a arrumar as peças do xadrez: – Eu não a censuro... Você e esse seu comportamento pequeno-burguês! – voltou-se para Bernardo. – Ah, Bernardo não deve estar entendendo nada. É que a nossa pequena notável, que atende pelo nome de Júlia, tem com ela seus segredos, e esse cabeça de pau imagina que eu possa saber de alguma coisa e esteja omitindo. Mas é melhor você não se envolver. Você não compreenderia. E demais: não é a Isabel que interessa a você?

– Você fala como um teatrólogo descrevendo sua personagem principal – observou Edgard. O ar há pouco tenso começava a abrandar-se: – Daria um ótimo teatrólogo.

– Teatrólogo? – repetiu Olímpio com um fulgor no rosto. – Não foi você que disse que minha vocação era atuar? Às vezes eu até arrisco um desenho mais despojado, uma pintura. E me arrisco também no piano, mas criar textos...

“Então não havia mesmo dúvidas. Havia, sim, algo de errado com Júlia”, pensou num desconsolo. Mas o que podia ser? Se ele não estivesse sempre tão distante, ocupado. E se frequentasse mais aquela casa no intuito de integrar-se ao grupo. Mas estava sempre distante, obrigado a ouvir os risinhos dos jovens na saleta do piano. Os jogos, as conversas descompromissadas em meio a zombarias. Então alguém sugeria um evento fora de casa. E as vozes iam-se afastando até ficarem inaudíveis, e o ronco do motor dos carros anunciava a partida. Descia então um silêncio tão cruel numa expectativa de melancolia de velho que aguarda a morte. Sempre ausente. Excluído. Ou fora jovem demais ou já era velho demais para se integrar ao

grupo. E era tão casmurro que ninguém se dava ao trabalho de convidá-lo. Na tentativa de impressionar fazendo o indiferente, acabou mesmo por não despertar nenhum interesse sobre si. Fechou-se no casulo e agora essa mesma cápsula que, voluntariamente, erguera em seu redor, o impedia de participar. E ainda Olímpio e Edgard a tratarem-se com enigmas sobre um assunto que interessava-lhe tanto. Teve então um ligeiro impulso de pedir a Olímpio: "Eu compreenderia, sim, me conta!". Mas reprimiu-se.

E se ele passasse a frequentar aquela casa, participar do grupo? Uma visita descompromissada e sem aviso. Principalmente sem compromisso, como se dizia. Então participar-lhe-iam os assuntos que interessassem de fato. Sem formalidades abririam-lhe os segredos. O baú dos tesouros tal como tratavam Olímpio e Cesário. Não haveria mais as conversas suspensas. Entrecortadas.

– Ô, Bernardo, você resolveu ficar surdo, agora? – despertou-o Olímpio pondo-lhe no ombro a mão polida. Em seu anelar um grosso anel de ouro. E com vistas para ambos, enquanto sentava-se na banquetta do piano, folheando a partitura. – Estão abrindo novas vagas para o curso de teatro. Por que você não arrisca?...

"Teatro, eu?", Bernardo esteve a ponto de protestar. Lembrou-se do folheto que lera em algum lugar: um Arlequim em atitude de reverência convidava o leitor a tornar-se um artista. "Não perca tempo!".

– Você precisa nos fazer uma visita – acrescentou Olímpio – descansou no consolo a partitura aberta. Parecia um grande pianista preparando-se para um concerto. – E por que você nunca vai nos assistir? Precisava ter ido assistir à última peça que encenamos.

– Mas se eu nem sabia de peça alguma!... que peça era?

– Romeu e Julieta. Eu fiz o Romeu; Edgard, o Mercúcio. Adivinha quem fez a Julieta?! Isso mesmo: a Júlia. Você preci-

sava ver, foi fabuloso. E no final a plateia aplaudiu de pé. Uma ovação.

Edgard concordou empolgado, e Bernardo fitou o irmão com um sorriso fascinado nos olhos.

– A Júlia?... – emocionou-se Bernardo, e calou-se, confuso e invejoso demais para prosseguir.

Olímpio soprou contra o piano escuro a fumaça cinzenta do cigarro.

Bernardo estremeceu. Desviou o rosto empertigando-se diante da janela. Seria possível? Por que Olímpio agora resolveu falar na Júlia nesse tom? Engoliu em seco. Era esse o segredo: Olímpio e Júlia. E justamente a Júlia? E um vago receio envolveu-o. Um tremor, porque eis que a velha sombra de Cesário, que se interpunha sem nenhuma cerimônia entre ele e o mundo, agora dava lugar à de Olímpio. Quis então rebelar-se, mas não teve forças. Era um quadro por demais penoso e ao mesmo tempo tão banal: ele, sonhando com Júlia tanto quanto pudesse se lembrar, e ela amando um outro. Mas já não era tão previsto o quadro? Laura e Cesário. Júlia e Olímpio.

Não importava! Olímpio podia encolher os ombros reagindo, como fazia nesse momento. Edgard podia tomar as dores dela, também. Mas não adiantava. O quadro projetara-se na mente de Bernardo com tamanha nitidez. Onde mesmo? Em que livro teria ele lido algo semelhante?... Tomou de um só gole o restante do uísque que havia no cálice. Teve um olhar desalentado olhando em torno, à procura de um lugar onde descansá-lo. Lembrou-se do copo que deixou cair no chão certa vez, para tentar desviar a atenção de Dulce que se punha a blasonar todo seu amor e admiração por Cesário, o filho que nunca lhe dera desgosto e quis repetir a falta. Desistiu. Mas, ao mesmo tempo, como impedir que aqueles dois prosseguissem aquela conversa que tanto temia? Cansara-se do jogo das descobertas, pois era por demais doloroso, e de repente lembrou-se: Lola!

– Então você vem comigo para casa, quando eu for?

Olímpio exercitava-se distraidamente no teclado do piano, inclinou-se mais sobre o móvel, de modo a poder escutar melhor a letra da música que procurava tocar.

– Hum?... Ah, claro. Claro! – disse entre dois acordes: – Vou ver o que posso fazer – espreguiçou-se. Enfurnou as mãos nos bolsos e saiu dando passos a esmo: – Se Edgard não fosse tão exigente! – ele falava sem nenhuma emoção, sem preocupação. Apenas desculpa para ir adiando a ida. Disse improvisadamente. – Mas a mamãe não sentirá minha falta! Nem a sua! Vou pedir ao César que a distraia. Quanto a você, não quer mesmo ser um artista, hein?!

– Depois a gente vê – respondeu Bernardo, sabendo que depois dessa tarde Olímpio não falaria mais em teatro.

– Você perde muito tempo, Bernardo. Ô cabecinha avoadada! Sempre adiando... Onde já se viu, adiar o momento de tentar ser feliz! – e recomeçou no piano.

– Olha quem fala! – gracejou Edgard.

Bernardo emocionou-se novamente. Olímpio não admitia, mas certamente devia ter ciúmes de Cesário. Era como se dissesse: ela não liga para nós dois! Mas ao mesmo tempo parecia não dar tanta importância a isso. Olímpio ia misturando os assuntos e no final não se importava com absolutamente nada. Dispersivo. Indolente. Alienado. Inconsciente. Bernardo não sabia lidar com ele. Não o compreendia. Teria também Dulce sua parcela de culpa nesse caso. Deteve no irmão um olhar fraterno, vendo-o distraído, e procurava uma maneira de afagá-lo o espírito, quando Olímpio ergueu a cabeça, radiante, e voltou para Bernardo o rosto plácido:

– Você lembra que, quando éramos crianças, eu gostava de vestir as roupas da mamãe – fechou o piano. Distraiu-se em arrancar as pétalas das rosas, no vaso sobre o móvel, debruçou-se sobre ele. Ficou distante – o pai simulava irritação e a mãe sacudia os ombros, mas, no fim, os dois riam complacentemen-

te. Cesário comia sabonete e você, terra. Desde criança você tem essas manias esquisitas, mas é tudo culpa da mãe... teve um ar misterioso: você lembra, Edgard?

– E como eu haveria de esquecer? – concordou Edgard cruzando os braços com o ar sonhador: – Nessa época ainda éramos vizinhos. Brincávamos no gramado de casa. Lembra-se? As brincadeiras, as viagens até a fazenda nas férias. Tudo isso está impregnado em minha mente. Tenho certeza que tais lembranças vão durar a eternidade – girou na baqueta. E mudou de tom: – Nos mudamos logo depois do caso da Júlia, quando ela veio morar conosco. Mudamos para esta casa que é maior e ficamos aqui até hoje – inclinou para o ombro a cabeça. Sorriu com um fulgor saudosista na face. E em seu olhar a vontade que esperava que Olímpio continuasse a falar de onde havia parado, e que Bernardo não mais olhasse para ele como se o investigasse e que partisse, para que então restassem somente os dois, como antes.

Bernardo então lembrou-se do caso: Júlia escondida por detrás do pote de samambaias, a antiga governanta de Bárbara relatando o fato para a Zuca: “Os pais dela morreram no acidente de automóvel. E como a dona Bárbara era a única parenta próxima, tiveram que acolher a menina. Eles estavam completamente desfigurados”, gemia ela. “O carro despedaçado lá no fundo do abismo. A pequenina vai ficar traumatizada o resto da vida”.

– A Lola revirou seus discos todos – lembrou-se Bernardo de falar, só para dizer alguma coisa: – Estava à procura de um qualquer, daquelas músicas em francês. Está toda entusiasmada querendo estudar francês.

Olímpio arqueou as sobrancelhas. Suspirou.

– É bom mesmo ela ocupar a mente – disse passando as mãos pelas roupas.

– A Júlia poderia ajudar. Ela tem um excelente francês... Por que você não aproveita e pega a onda também?

Os olhos negros e grandes de Bernardo ficaram maiores. Viu-se diante de Júlia com a gramática francesa aberta sobre o regaço. A boca adolescente e vermelha como um morango emitindo os verbos: “Allez! Allez!”. Como é que se falava mesmo em francês? Concentrou-se: “Je t’aime, mon amour”. Ficava imponente: “Je t’aime aussie, mon amou”.

– Você está falando sério?

– Naturalmente! Eu não sabia que você queria tanto aprender francês!

– Você está brincando?... – calou-se emocionado demais para prosseguir...

Nesse instante ouviu-se breçar um carro recém-chegado. Edgard foi até a janela e fez qualquer comentário sobre a mãe e prima que acabavam de chegar. E Olímpio agora distraía-se estudando atitudes diante do espelho. Bernardo apanhou a mochila que trouxera e colocou-a em revista, sobre o regaço. Sentia que chegara o momento que tanto desejava e temia ao mesmo tempo, e não sabia como se comportar perante Júlia. Tentou desviar o olhar da porta, fingindo procurar algo dentro da bolsa, mas era nela que eles insistiam em fixar-se.

Sentiu um tremor quando distinguiu alguém subir precipitadamente as escadas. E logo atrás a voz sonora chamando: – Volte aqui, menina! Era Júlia quem subia, e atrás vinha Bárbara.

A porta abriu-se então, mas quem surgiu no vão foi a governanta e seu olhar gélido:

– Acabou de ligar uma moça, de nome Eloíse, ela disse que ligaram da escola do menino Bernardo avisando que ele não foi à aula hoje – ela foi avisando com a mão ainda na maçaneta da porta. E como Bernardo não demonstrasse nenhuma menção de levantar-se, a mulher avisou: – O chofer está aí embaixo, para apanhá-lo.

Como a pedir ajuda, Bernardo olhou para ambos os meninos que, cada qual a seu modo, ficou de repente desligado.

Distraído. Acenou-lhes então numa última tentativa de ficar e depois rendeu-se. Deixou então se levar num desconsolo. Reteve-se por um momento no patamar da escada, interessado. Aquela menina por detrás da roseira, cuja mão branca era a única parte visível do corpo, com quem Bárbara falava, seria Júlia? Por que é que ninguém nunca lhe dizia nada? E por que é que ele não pôde ficar com os outros?... Às vezes acontecia de alguém esclarecer-lhe uma dúvida mesmo sem intenção. Mas quase sempre, como agora, ele ficava à mercê de sua curiosidade. Sentiu-se ainda mais excluído. Desceu.

– E então, meu rapaz, maculando as aulas agora? – saudou-o o chofer abrindo-lhe a porta do carro e dando-lhe passagem.

Ele assentiu, sentando-se na poltrona acolchoada. Volveu ainda um olhar para a porta da casa que era cerrada.

Agora Olímpio e Edgard podiam continuar a discutir como duas esfinges. E Bárbara prosseguir a sua conversa com Júlia. Podia-se continuar a vida deles. E até Dulce podia começar seu sermão quando ele chegasse à casa. Era tudo mentira. Viu-se de repente sob uma vontade louca de estar mesmo em casa. Uma saudade da Lola! Não queria mais se integrar a eles, não queria! E depois de mais alguns instantes foi mais objetivo e se pegou descobrindo o que havia realmente e admitiu. “Eu tenho medo deles. Não gosto de vocês. Quero fugir!”. Mas as palavras não conseguiram transpor o limite dos lábios.

#### IV

A primeira gota de chuva bateu na janela. Bernardo achou o nariz na vidraça e fixou os olhos no céu cinzento. Riu-se com um misto de pesar e gozo. Devia estar assim lá na fazenda, chovendo, e todos enfurnados dentro de casa. Nada de piqueniques sobre toalhas de xadrez vermelho. Nada de joguinhos de golfe no gramado verdinho nem passeios a cavalo no final

da tarde. Nada! Puxou a poltrona e abriu a escrivaninha. Retirou da gaveta uma pasta de couro verde e descansou-a sobre a mesa. Então sentiu aquele cheiro tão familiar e bom, de couro, papel e tinta. "Melhor ter ficado mesmo". O que ele faria na fazenda num dia chuvoso desses, longe dos seus deveres, seus livros e cadernos? E demais: não era ele quem se sentia ausente quando se afastava de casa? Quanto mais longe ia, mais ausente sentia-se na volta?"

"Bobagem!", era a Lola que colocava essas ideias na sua cabeça. Era ela quem o açulava contra sua família e o fazia desejar-lhe o mal. Mas, ao mesmo tempo, não era apenas com ela que ele se sentia à vontade, com quem se via seguro e em quem podia confiar?

Abriu o caderno. Parecia tão impossível acreditar em si mesmo às vezes. Acreditar que um dia... E ocorria-lhe sempre um vago receio: "...Um dia... o quê? Era difícil acreditar em si mesmo sendo recebido pelos outros com ar afável. E recebendo elogios. E respondendo a eles com naturalidade. Ele sempre se via em meio dos outros falando desembaraçadamente enquanto que os espectadores ouviam, deslumbrados, tal como quando Olímpio se punha a tocar piano, acompanhado a compasso por Júlia, no violoncelo".

Ah, por que eles não lembraram-se dele? Por que ninguém interveio ao seu favor? Receberam a sentença sem nenhuma cerimônia. Ninguém lembrou de convidá-lo, de exigir-lhe a presença. "Mas se o Bernardo não for, que graça tem?". "E por que ele foi fazer aquilo? Por que foi reagir daquela forma logo quando deveria ser bonzinho?". "Vamos cortar esses cabelos, mocinho! E tem também roupas novas que pedi que a Zuca comprasse", dissera Dulce. "A Zuca irá levá-lo hoje até o barbeiro! Você pode usar uma das roupas no domingo". Ele deixou-se levar, mas a meio caminho uma revolta fê-lo mudar de ideia quando viu que teria que se ausentar logo no momento em que planejavam o passeio no domingo até a fazenda. "Eu não quero

mais ir! E também não quero mais saber de roupa nenhuma! Não quero roupas novas nem cabelos cortados!”. Dulce olhou-o de soslaio consternada. Sacudiu a cabeça. Resignou-se então. Mas não era para ela ter feito isso! Não era! Mil vezes vê-la reagir como de costume com sua aspereza. Mas justamente nesse dia Dulce resolveu não se importar. E ele, revoltado, foi lá no guarda-roupa, retirou as roupas recém-compradas e foi rasgando-as uma a uma reduzindo-as a trapos”. O que foi que deu nesse menino?”. Dulce assustou-se. Olímpio arqueou as sobancelhas. Lola fingiu espanto, mas via-se em seu rosto um certo sorriso malicioso, complacente. Cesário sacudiu a cabeça, consternado, enquanto a Zuca reunia do chão os retalhos. Um silêncio perdurou por alguns segundos que lhe pareceram eterno. Dulce então terminou de tomar seu chá, desculpou-se com as visitas e disse-lhe calmamente: – Você agora vai subir e só vai descer quando souber se comportar, mocinho! Até então, estará em seu quarto de castigo. Mas, mãe!... ele balbuciou. “Achou melhor obedecê-la porque também estava envergonhado. Passou um, dois, três dias e ele resolveu resignar-se.” Quem está ligando para o que pensam de mim?!”. Viu chegar o domingo e pôde ouvir o alvoroço dos outros lá fora antes da partida. E eis que já era à tarde e ninguém mesmo lembrou-se dele. “Se tivesse ido...”, viu-se rejeitado no canto da saleta, “todos em volta de Olímpio e Edgard, os dois falando ininterruptamente sobre o sucesso da peça que apresentaram, e já fazendo planos para a próxima, que brevemente começariam ensaiar. E chamariam Júlia para partilhar as glórias”.

Ela se deixaria enlaçar por Edgard. E ele a ofereceria numa bandeja para Olímpio. “Ainda podíamos ser uma só família!”. E os risos. As bebidas. As conversas fúteis. A garrafa de uísque e os cigarros roubados passando de mão em mão. Um festim. Tão previsível tudo. E todos. Os mesmos erros de sempre. As mesmas conversas. E ainda assim, acumulando tão ostensivamente tantos defeitos e vícios, e ele não querendo se contami-

nar, não tivera, contudo, a convicção e a força necessárias para resistir-lhes.

Debruçou-se sobre a secretária. Apanhou o lápis e ficou fazendo alguns rabiscos na folha em branco. O olhar vazio como aquela folha de papel. "Para que tantos livros se eles não ensinam você a ser um menino melhor?", dissera Dulce quando ele lhe pedira que montasse no quarto aquela minibiblioteca. "Sabe, mãe, eu queria tanto uma biblioteca daquelas grandes, com estantes que vão do chão até o teto cheias de livros. Tem uma assim na casa da Laurinha". Vagou o olhar pelas prateleiras e lembrou que exatamente a expressão resignada do episódio das roupas rasgadas Dulce tivera, no dia que lhe pedira a biblioteca. "É bom saber que você quer saber dos estudos! Olímpio parece não fazer muito o estudioso!... Pode, então, ver com a Zuca o que é necessário. Ela saberá que serviços contratar". Sim. Era sempre aquele antigo sentimento de troca que ele sentia existir entre si e Dulce. "Você dá tal coisa e eu agradeço, em seguida, sou eu quem lhe oferto, mas você não precisa agradecer". Era tudo quanto deveria existir. Mas quando um dos dois faltasse com o compromisso, não deveria mais haver o elo. O pacto seria rompido. Mas Dulce não percebia, talvez jamais houvesse percebido que ele, Bernardo, não precisava de uma parte da casa para se abrigar do frio. Também não precisava de um lugar mais amplo só para perceber toda e solidão à sua volta. Ele precisava de amor, de um amor que fecundasse com a naturalidade de um pôr do sol. De um amor que não admitisse aquele sentimento de paga. "Está certo, você fica com o antigo quarto de brinquedo e faz dele o que bem entender, mas por favor me deixa em paz". Não fora esse o sentido de tudo? O que ela queria dizer, afinal: quando entrava em seu quarto sem pedir licença e fitava-o com aquele olhar insondável para somente então começar a ditar regras, como se lhe viesse reclamar que sumira uma página de seu diário! "E justamente aquela onde eu colocara o maior dos meus segredos...".

Volveu o olhar para a porta e teve a esperança de que a maçaneta iria girar e a figura de Dulce surgiria afável, os braços abertos. "Você está livre do castigo, meu querido, me dê um abraço!". Suspirou, tamborilando sobre a mesa com a ponta do lápis. Ficou rolando o objeto sobre o móvel e de repente deixou-o escapar-se de sob os dedos. O lápis foi rolando até a borda da mesa e tombou para o chão fazendo aquele som de vareta sendo despedaçada.

Desistiu então de escrever afastando o caderno. Levantou-se num espreguiçamento. Quando Dulce não estava por perto, ele ficava mais à vontade. Sem aquela expectativa de ouvi-la chamar por seu nome através dos corredores e vê-la vir em sua direção, apontando-lhe o dedo com uma acusação. Uma crítica: "Você está muito alegre hoje, o que houve?", perguntava-lhe quando o via sorrir. Ou quando lhe via acabrunhado, dizia com aquela voz mansa, indolente: "Você parece um bicho acuado. Sorria um pouco, pode fazer-lhe bem...". As exigências eram tantas, que ele nunca sabia como se portar em presença da mãe. Contudo, bom mesmo era esperar que ela viesse ao seu encontro e esperar que o mal-entendido se desenrolasse por si mesmo, ou que as implicâncias se desfizessem por desfastio. Saiu então furtivamente.

Diante da porta do quarto de Dulce parou, olhou furtivamente a porta do quarto de Olímpio. "Talvez ela estivesse dormindo", torceu o trinco e verificou. Entrou sem ruído. O perfume dela permanecia no ar, como se ela acabasse de sair há pouco tempo. Vigilante. "Você faz o guardião em minha ausência". E acometido por um súbito pavor sublimando aquele ser inanimado, ele chegou a pensar em recuar. Imagine, invadir o santuário da centaura... é suicídio, na certa! Mas ainda assim não resistiu. Avançou. Onde? Em que gaveta procurar? Os criminosos cometiam um erro tão primário ao aproximarem-se da janela. Havia sempre um abelhudo que percebia algo incomum. Um movimento suspeito. E depois, tendo eles vis-

to tão pouco, deduziam os crimes. Desvendavam as histórias fragmentadas, que, no final, como num jogo de “puzzle”, encaixavam todos os pedaços perfeitamente. Sorriu, e em seguida assustou-se ao topar-se com os retratos sobre a mesinha, ao lado do livro de cabeceira. As molduras dos porta-retratos iluminadas como o próprio brilho dos olhos dos modelos: Dulce sorria entre divina e maravilhosa, remoçada com a cabeleira mais comprida presa atrás e suéter. De pé, diante de um urso de pelúcia, tinha nas mãos uma criança que exibia como um troféu. Era Cesário em seu antigo quarto de criança, mas nessa época, ele, Bernardo, ainda não era nascido.

Percebeu, de relance, ao inclinar-se para recolocá-la na mesa, sua imagem dolorida refletida no espelho. Em sua testa um sulco de desapontamento, igual ao da véspera, quando encontrara Dulce derreada sobre a cama, o velho diário sobre seu regaço. “Eu já posso sair do castigo?”, foi perguntando ao entrar no quarto, entusiasmado porque Olímpio lhe dissera que Júlia pedira notícias suas, mas que não viera com os outros porque também estava sem poder sair. “Você deve aprender a engolir o seu orgulho”. Ele baixou as vistas. O terrível mesmo estava nos olhos de Dulce, naquele olhar que permanecia sombrio, impiedoso. Tentando controlar-se, ele foi inventando exigências por parte de Júlia: “Mas a Júlia está doente, quer que eu vá visitá-la”. E Dulce usara daquele olhar que fê-lo murchar. Aquele olhar que fazia murchar tudo que se relacionava a ele. Sentou-se na cama deslizando as mãos na colcha num afago dissimulado. Insidioso. Deitou-se escondendo o rosto entre as almofadas.

A porta abriu-se de improviso e Eloíse surgiu toda arrumada. Bernardo ergueu-se num sobressalto. Em sua confusão, pensava ser Dulce que chegava.

– Você está aí? – pensei que tinha ido com os meninos para a fazenda! – ela averiguou prendendo o brinco de pérolas à orelha. As unhas esmaltadas de um cintilante que reluzia, e em

seu pescoço as pérolas enrodilhadas. Escorou-se no umbral da porta: – Não vai descer para comer qualquer coisa? Mas vou logo avisando: não posso ficar... Estou indo à missa. E depois vou ao parque.

– Com essa chuva?! – perguntou Bernardo, sentando-se. As mãos espalmadas no joelho.

Eloíse tinha a expressão impassível de quem vai a um passeio de rotina. Examinou as unhas. Ajeitou o anel.

– E por acaso eu sou feita de açúcar? – passou as mãos nos cabelos. – Você não quer vir comigo?

– E arriscar ficar mais uma semana de castigo?

Ela teve seu risinho irônico. Indiferente.

– Ela não está, também. Saiu antes da chuva. E eu vou fazer o mesmo!

– Você nem devia sair do quarto...

Eloíse franziu a testa:

– E por que não sairia? Eu sou livre! Você também é livre!

– E o que você acha que eu devo fazer?

– Sei lá! – respondeu, e após um suspiro. – Só sei que eu vou viver minha vida – ela prosseguiu. E Bernardo não lhe podia sondar bem a fisionomia, pois o céu arroxeadado começava a escurecer também o quarto.

– E quanto a Cesário? Você o esqueceu?

A moça teve um sorriso meio amargurado, meio debochado.

– Não adianta tentar me tirar o bom humor. Não vai conseguir – E ficou imóvel. Assumiu uma atitude despreocupada. Voltou a si novamente: – Você sempre querendo se fazer de cobra. Quando você vai deixar de ser cobra?

– E você é uma índia sem coração! – ele acusou. Arrependeu-se em seguida, e desculpou-se com distração: – Vocês é que já têm essa mania de pensar que eu estou sempre tentando irritar.

Ela suspirou resignada.

– Fica difícil a gente se entender se você não colabora!

– E quem disse que eu quero me entender com você? – ele rebateu. E novamente arrependeu-se... – Você não pensa em ir embora daqui, Lola? Ser livre?

Ela desceu as vistas. Teve um ar sonhador.

– Por quê? Você quer ir embora? – ela também pareceu cansada das ironias. Olhou para o teto desarvorada. Cedeu, enfim. – Já pensei nisso muitas vezes; levantar voo. Tentar fazer minha vida em outro lugar. Esquecer raízes que por sinal eu não tenho.

Bernardo foi-se acomodando como das vezes que chegava à hora de dormir e Lola vinha dar o boa-noite e acabava por contar aquelas estórias de fantasmas.

– Mas você tem a Zuca – disse num sussurro.

– A mamãe está ficando velha. Conformada – teve um sorriso pesaroso: – Não há mais muito que ela possa esperar da vida a não ser uma morte tranquila.

Bernardo engoliu em seco, amargurado ante a ideia da morte mencionada.

– Mas ela não vai morrer agora! – exclamou como se estivesse sendo contrariado.

– Mas para a gente morrer basta estar vivo – ela retirou de dentro da bolsinha uma pluminha e foi batendo no rosto com ela tentando conter a transpiração: – A minha mãe parece já ter perdido as esperanças de ser feliz. Tem vivido em função desta casa e eu tenho medo de que o mesmo aconteça comigo – recolocou a pluminha na bolsa num gesto exasperado.

– Mas ela não é feliz aqui com a gente, Lola?

– Feliz? – ela repetiu com cinismo. Depois, como se não tivesse ouvido a pergunta, prosseguiu sem nenhuma ironia: – O tempo vai passando, a gente envelhecendo. E eu tenho medo de chegar a um ponto e me ver perdida e sozinha sem ter para onde nem com quem ir.

– Eu sei, mas... – atalhou-a ele com sofreguidão.

– Tenho medo de certas coisas – prosseguiu como se não houvesse tido a interrupção. Pareceu meio delirante, febril: – É impressionante como a gente se apega às coisas de tal forma e fica difícil depois tentar se desapegar. É terrível esse tipo de dependência – reassumiu sua ironia agressiva: – Mas o que você entende de tudo isso que estou falando? De solidão? Talvez às vezes você se sinta solitário, mas você é um menino bobo. Você chora de barriga cheia, menino!

Bernardo quis segui-la. Mas recuou. E mesmo não lhe podendo ver o rosto em razão da penumbra em que se encontravam, pressentiu aquela antiga expressão duvidosa.

– Você está certa: eu sou feliz – ele mentiu.

– Você, feliz? – ela rebateu, meio irônica, meio receosa de que fosse verdade: – E o que é que faz aqui dentro? Se ela encontra você aqui escarafunchando as coisas dela!

Não importava. Eloíse podia escarnecer. E Bernardo aproximou-se cauteloso! Como era difícil duelar com uma pessoa tão sem defesas. Sentiu pena dela. “Eu não posso me zangar com ela. Agora não!”.

– Você não estava apressada? Vai se atrasar para a missa! A chuva já está passando.

– Ainda há tempo – ela argumentou e apanhou o retrato de Dulce sobre a mesa: – Esse retrato foi tirado uma noite quando ela e o doutor iam à ópera. Gosto tanto de ópera. Tão bonito – ela admitiu atirando o porta-retrato sobre a cama. E logo sua voz se elevou, contundente como o próprio significado das suas insinuações. – Você procurava o diário dela. Era atrás disso que você estava?

Eloíse teve um movimento brusco e Bernardo se viu obrigado a mover-se para ela certo de que a moça havia encontrado o diário e oferecia-o a ele. Uma andorinha rasgou a escuridão com seu grito e em seguida voltou ao anonimato. Bernardo estremeceu, inclinando a cabeça para o ombro. Foi furtando-se trêmulo.

– Você não queria o diário dela? Então não quer mais?  
Hum?

– De onde foi que você tirou essa ideia?

– Ah, Bernardo, eu conheço tão bem você. Bem mais do que você imagina.

– Se você me conhece realmente, então...

Ela aproximou-se lentamente, e com a ponta dos dedos sob seu queixo, ergueu-lhe o rosto.

– Então, o quê?

Ele fitou-a e embora achasse sombrio conversar com alguém sem conseguir ver-lhe o rosto nitidamente, pensou de repente que havia algo de formidável em olhar para aquela sombra densa que fundia as feições da moça de um lado para que no outro se adivinhassem melhor os traços, emoldurados por aquele capacete luzidio. Furtou-se, então, receoso de que, mesmo sob aquela luz frouxa, a moça adivinhasse-lhe a face em brasa.

Eloíse soltou então uma gargalhada tão galhofeira, que ele se sentiu ainda mais obrigado que antes a voltar-se para ela. Aturdido. Humilhado.

– Ora, Bernardo, você é capaz de tudo para tentar entender. Por exemplo: desde menor você quer respostas; resposta para tudo, mas não faz as perguntas. Do que é que você tem medo? – ela debruçou os braços como esperasse por resposta. Afastou do rosto uma mecha de cabelo e segurou entre dois dedos a pérola maior do colar. Pôs-se a girá-la: – Não se cobra amor, entendeu?! Não se cobra! – acrescentou calmamente.

A dureza daquela advertência fê-lo estremecer. Arregaçou também as mangas do suéter. Em seguida arregaçou as cortinas, mas como não fosse suficiente o clarão da lua embaçada pela chuva, entrando pela vidraça, ele correu até o abajur e acendeu, porque era por demais mórbido ficar ali naquele jogo sem saber ao certo quem lhe ia falando.

– Você então pode me dizer por que a mãe me trata assim?

Ao sentir as palavras represadas há anos afluírem-lhe aos lábios, Bernardo ficou surpreso primeiro, para depois tornar-se inerte. Preferia agora qualquer dúvida.

– Se eu fosse você perguntaria isso a ela, embora eu saiba que ela não tem a obrigação de amar ninguém. Nem a vida nem ela têm a obrigação de nos dar o que a gente pede. Se a gente quer alguma coisa, vai lá e pega – e como se para servir de consolo: – Mas ela não te trata tão mal. Isso é impressão sua.

Ele porém não quis ouvir. Viu-se dominando por uma determinação já gasta. Mas determinação.

– E todo esse amor que ela tem por Cesário. Cesário não é filho do papai, não é verdade? Ele é filho só da mamãe com outro homem, não é isso?

– O que foi que você disse?

– Um amante... a mamãe teve um amante que ela amou mais do que o meu pai. É esse segredo que ela guarda num diário que ela tem, não é verdade? – observou Eloíse, que se atirou na borda da cama e procurava algo na gaveta do criado-mudo. Suspirou aliviado quando ela retirou um cigarro e acendeu-o. Cesário é filho bastardo, não é verdade?... – e sentou-se na borda da mesa, sentindo as pernas bambas.

Eloíse sacudiu a cabeça. Em seguida se pôs a fitá-lo bem fundo nos olhos, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, como a cabeça de um pássaro. Em seu semblante um esgar de impaciência.

– Que ideia é essa agora, menino? Não houve amante nenhum. Que bobagem! Sua mãe amava o seu pai. Sempre amou! De onde você tirou isso?

Com uma das pernas compridas, apoiada no chão e a outra balançando, Bernardo desceu a vista. Via a própria imagem e ouvia a própria voz inumanas, distantes, mas concretas como se não fosse ele participando daquelas conversa.

– Eu inventei essa história. Está num conto que li – ele es-  
corregou da mesa e segurou-a súplice pelo braço – diz a verda-  
de...

– E você acha que isso justificaria o amor por Cesário e o  
modo como ela te trata? É isso?

Ele recuou. Tateou até a borda da mesa onde sentou-se no-  
vamente.

– Não, não justificaria. Mas então?... – parou confuso. Os  
braços enlaçados. A cabeça tombada para o peito numa atitude  
de abandono. Olhou para as mãos que se abriam num cansaço  
de quem queria tanto tocar num objeto reluzente, e que quan-  
do o alcançou, viu que não era de valor: – Mas então ainda exis-  
te um segredo, não é verdade?

Com um gesto impaciente, Eloíse ergueu-se. Esqueceu o  
cigarro no cinzeiro e foi se aproximando.

– Não! Não é segredo! É apenas uma história que não pre-  
cisa ser revirada agora. Uma história antiga e fútil.

– Por que é que você não me conta. Eu queria tanto saber.

– Realmente. Já está em tempo de você ficar sabendo cer-  
tas coisas. Mas não, não sou eu que vou contar.

Bernardo furtou-se então, porque pareceu que existia  
realmente um segredo e embora Lola dissesse que não, sua in-  
tenção era, sim, contar. Ela, porém, recuou, percebendo-lhe a  
aflição:

– Pergunte a ela! Ou melhor, leia no diário – deteve-se por  
um instante. Ficou sóbria, quase grave. E repetiu: – Se eu fosse  
você, perguntaria a ela.

– Mas a mãe jamais me contaria nada. Caso contrário, já  
teria dito...

– Pergunte a ela... – insistia Eloíse como Olímpio treinan-  
do um diálogo que não podia ser esquecido.

Ele crispou os punhos, observando Eloíse através das fres-  
tas das pálpebras dos olhos ligeiramente contraídos, enquanto  
voltava ao leito e apanhava o cigarro. Teve ímpetos de apunha-

lar a moça pelas costas. Ela bateu a cinza do cigarro no cinzeiro. Puxou um trago. Esqueceu novamente o cigarro e foi até a penteadeira, em frente da qual se inclinou para se recompor. Teve um sorriso ao voltar-se para ele:

– Esqueça essa história. Esqueça essa conversa que tivemos e, principalmente, esqueça essa sua ideia de estar sempre querendo descobrir tesouros em baús onde só existem quinquilharias. Coisas antigas que devem ser esquecidas. Você se martiriza muito em busca de uma história que não lhe traria muito benefício – teve uma pausa para suspirar: – Por exemplo: se você descobrisse um dia uma história assustadora, dessas que você cria na sua mente, exatamente igual, tem certeza de que seria menos doloroso para você? Hum?

Ele chegou a pensar em retribuir aquele sorriso enigmático porque Eloíse passou-lhe novamente a impressão de ser um anjo dando conselhos. Mas pensou também que podia ser um demônio disfarçado insulando-o a desistir. Sentiu de repente inveja dela que lembrava a imagem de uma linda jovem com um sorriso amável no rosto cândido, indo encontrar-se com seu namorado. Mas não havia encontro algum. Talvez saísse mesmo e ficaria serpenteando pela noite. Mas e depois? Voltaria a sonhar no dia em que chegaria com todos e diria: “Não sou mais a filha da governanta, sou a esposa do imperador César agora. Pobre Lola!”. Perturbado, desviou o olhar de Eloíse. Inclinou-se para apanhar o retrato sobre o leito, recolocou-o no lugar e saiu.

V

“Porque és pó e ao pó voltarás”, pensou Bernardo repousando o ramalhete de cravos na cabeceira do túmulo. O olhar fixo na fotografia do medalhão de porcelana junto à pedra de mármore fria e inflexível. Era o busto do pai, registrado ali,

numa atitude indolente onde havia também algo de mortiço, inerte, além da placidez daquele olhar.

Em outro tempo a fotografia não passara de uma estampa apenas do rosto de um homem: seu pai, mas com o passar dos tempos assumira aquela expressão sem brilho, amarelado a intensidade da cor e fazendo sumir os vestígios de ânimo como se também estivesse morta. Os olhos já não apresentavam mais sinais de vida naquela tranquilidade. Denotavam ter paz. Uma paz estagnada de espírito, inalcançável. A paz de quem conquistou com o abandono da vida mortal a eternidade dos justos. “Pois esse é o semblante dos justos”, dissera Olímpio numa das raras vezes em que o acompanhara até ali. E gemeu logo em seguida. “Contudo, se o alcance da vida eterna é obter essa expressão, melhor mesmo é que não haja uma vida após a morte, que tudo se constitua apenas nesta vida e no que ela nos proporciona, seja bom ou ruim, justo ou injusto”. Bernardo concordara, como sempre, sem saber o que haveria por detrás daquele discurso.

Mas depois de certo tempo, vendo-se completamente sozinho, Bernardo foi atentar sobre o que o irmão dissera. Porque de repente tudo lhe soou tão monótono e descabido. Então, nessa mesma tarde, ele correu para casa e indagou Lola a esse respeito, porque ele mesmo não sabia qual era sua opinião. “Que graça teria se fôssemos tudo isso que somos e penas isto?”. Protestara Lola. Nesse dia ela lhe parecia mais afável, sem o habitual azedume. Devia ter sido no dia em que conhecera Deus? Que graça teria em não se ter esperanças de reencontrar os entes queridos, e amigos, e irmãos? Que monótono! Que ideia a sua, menino!

Sim! Era realmente monótono imaginar que tudo se resumisse a este plano somente. Pior que isso, assustador. E ele se reteve, sentindo um arrepio ante a ideia de nunca mais rever o pai. Lembrou também das estórias que a Lola contava a respeito de pessoas que voltavam do mundo dos mortos e que o pai

afastava de sua mente, vendo-o apavorado de medo nas noites sombrias de tempestade e de insônia. Lembrou-se ainda das palavras do próprio pai lhe dissera pouco tempo antes de morrer, e que depois ele viera e anotar em algum lugar. “É como que um facho de luz acesa dentro de nós, insulando-nos a ter esperanças e agirmos conforme acharmos justo, para que dessa conduta, e sob nossa consciência, decorra a redenção espiritual. E que deem a isso o nome que desejar: Deus ou o acaso, que tudo estará bem, no final”.

– Seria mesmo? Tudo ficaria bem mesmo? – percorreu o olhar tranquilo pela grandiosidade estática à sua volta. “O que estou fazendo aqui?”, contraiu os maxilares e umedeceu os lábios. Lembrou-se então da noite anterior e reviu-se diante de Dulce o cálice turvo de conhaque. Lola sorrindo complacente. E Olímpio ao piano. “Um concerto particular” e Laura e Cesário voltando. “Th, você perdeu. A Júlia esteve aqui, nós acabamos de deixá-la em casa. Ela e Edgard”.

Desviou o olhar para um ramo de rosas, descansando na cabeceira do túmulo vizinho. Uma mosca revoava circularmente pela corola de uma das rosas. Seria mosca? Ou talvez um desses insetos que se agradam dos cheiros de flores; mosca, não! Elas preferem o odor desagradável de matérias perecidas. Mas por que ele não perguntara nada? Aquela fora sua oportunidade e ele deixara que escapasse assim tão sem esforço. E por que ele tivera que ficar no quarto estudando com a Zuca logo aquela tarde? E se não fosse Olímpio para aliviar-lhe o espírito: “Eles não estiveram aqui, passaram por aqui enquanto vinham do médico”. Ele consertara assim naquele tom que usara para confirmar a Bernardo aquilo que já era sabido. “Ah, ia-me esquecendo, o pai morreu”. E sentira realmente algo semelhante na quietude apavorante da casa aquela noite silenciosa quando César estivera estendido na sala de visitas. Mas a diferença é que nessa noite da véspera havia o som monótono do piano, num exercício descompassado, embriagado. E a voz pastosa de

Dulce, suas mãos repousadas sobre as mãos de Cesário e Laura. “Mas quando é que vocês hão de planejar o casamento? E Lola emendando com aquela frase cínica, que em seus lábios ficava mais cínica ainda. “A espécie há de se perpetuar”. ”Se não for você, quem há de ser?”, indagara Olímpio entre dois acordes. Animara-se então: “Ele disse: A árvore que não der frutos, será arrancada e jogada na fogueira”. Era como se dissesse afetadamente: “Não esperem nada de mim”, justamente naquele momento olhou para Bernardo como se somente então tivesse lhe percebido a presença refestelada na poltrona. “Bernardo também parece não ter nascido para isso. Ainda dá um bom santo!”.

**Por que até Olímpio tinha que** estar diferente aquela noite? Ele, que fazia gracejos em torno de Isabel, mas que sabia que Bernardo sonhava mesmo com o dia em que passaria a usar calças compridas e roubaria Júlia do irmão. Sabia ou suspeitava? Quem sabe? Olímpio era uma espécie de pessoa que se adaptava tão bem a tudo. E mesmo sabendo, nada de concreto abordaria. Era um jogo de “faz de conta” o joguete que todos jogavam desde que ele se entendera por membro daquele círculo. E se Dulce não tivesse se mostrado tão amável. Amável ou afável? É certo que no início ela se manteve difícil, mas era seu jeito de agir: Laura deitou-se no sofá, puxou uma revista e se pôs a folheá-la. Cesário afrouxou a gravata, retirou os sapatos e se pôs a tomar em goles pequenos a bebida que Lola lhe preparara. No ar aquele perfume de fumo e conhaque, e aquela conversa fútil sem compromisso. Alguém sugeriu um jogo de pôquer, uma voz retrucou sem entusiasmo. “Há tanta coisa pra se fazer numa noite como essa e você sugere um jogo de cartas?”. Iniciou-se então uma conversa cheia de estipulação. Distante. Sons e pessoas se tornaram ainda mais turvos. Febris. Nessa hora, Bernardo sentira uma vertigem. O olho fixo em Dulce. A conversa enveredou por outro assunto e outro e mais outro. E ele só voltou a si quando aquela voz fê-lo estremecer:

“Mas vocês já estão indo?”. Era a voz de Dulce, reclamando os que saíam em despedida”. “Tenho que levar a Laurinha em casa, mãezinha”, redarguiu Cesário. “Você não vem conosco, Olímpio?”. Laura e Lola se entreolharam, em seguida envolveram Bernardo num olhar consternado. Voltou-se para Olímpio que já subia os degraus arrastadamente. “Vou ficar por aqui, hoje”. Talvez lhe tivessem dispensando um outro olhar de despedida, mas a essa altura Bernardo já se levantava e tirava das mãos de Dulce o cálice de conhaque vazio, porque esse poderia ser o primeiro passo para uma relação de cordialidade. Ele nunca a tinha vista embriagada. Maravilhoso vê-la assim, afável, com aquele olhar sinistro, porém afável. Aberta a revelar segredos. Mas o curioso é que ela sempre se dispunha a falar de César e de todo seu amor por ele, mas então em certo ponto a conversa embaralhava. Era chegada a hora da insensibilidade, e as palavras eram não muito senão o balbucio. Palavras desconexas num remoto tom saudosista-melancólico. Nada além. E quando Lola se chegou até ele querendo saber, ele encolheu os ombros como quem não soubesse do que se tratava. “Do que você está falando?”, perguntara. Ela porém inclinou a cabeça para o ombro. “Eu estava pensando alto, é isso...” e afetou resignação, mas em seu olhar havia mesmo uma grande revolta. Pela primeira vez ele não queria saber. Nada! Nenhuma resposta. Resposta para quê? Se tudo existia apenas na sua cabeça. Na sua cabeça? Não! Não era faz de conta aquela segura com que Dulce o tratava. Mas se havia uma razão para isso, pela primeira vez na vida ele não queria saber. Não queria! Era como que uma rendição. Uma trégua. Mas de repente lhe pareceu insidioso pensar em trégua e rendição, porque esse tipo de situação só acontece onde havia antes uma guerra. Um conflito. E conquanto lhe fosse absurdo, ele se pegou admitindo mais tarde que se não era uma guerra ou um conflito, o que existia entre si e Dulce, tratava-se de uma relação desarmônica tão descabida quanto antiga, ou pelo menos sem sentido. E

o curioso é que por um dilatado minuto ele desejou de volta toda aquela sensação habitual. Mil vezes ter a Dulce de sempre, de volta, a vê-la assim naquele estado delirante-patético e ele continuaria a ficar sem saber de nada, pois qualquer que fosse aquele segredo, deveria permanecer no esquecimento. Melhor ter Dulce sóbria mesmo, áspera porém. Mas ciente. E voltou para o quarto.

Bernardo retirou as mãos escondidas nos bolsos e atirou longe o embrulho onde trouxera o ramalhete de cravos. Apoiou as mãos na borda do túmulo, tão tensa como se estivesse prestes a dar um salto e, nesse exato momento, uma voz infantil e em tom galhofeiro, vinda por detrás, fê-lo estremecer:

– Você está procurando junto dos mortos o que você poderia ter em vida?

Voltou-se e surpreendeu-se entre perplexo e perturbado. Era Isabel em seu jeito manso de caçador: parecia uma menininha sem aptidão para a arte, metida num vestido esvoaçante de renda, representando, ou tentando representar, uma ninfa, dessas ilustradas nos livros de mitologia. O chapéu enfiado até as sobrancelhas.

Ele franziu a cara numa careta como se fosse um gato, teve uma pausa e fitou-a:

– Mas até aqui você vem tirar meu sossego? – e prosseguiu com a autoridade que cabia à sua idade: – Agora você costuma plagiar a Bíblia?... Você sabe o que é plagiar?

Isabel teve um sorriso amarelo. Aproximou-se na atitude da menina que não sabe se será aceita, mas que ainda assim pretende atormentar. Retirou distraidamente o chapéu.

– Não! Só sei que dizem que é pecado ler a Bíblia. Você vai pro inferno se fizer isso – e noutro tom como se somente então tivesse ouvido a pergunta: – Foi a Lola que disse essa frase, mas também acho que li essa mesma frase em algum folheto. Acho que foi mesmo num daqueles folhetos que eles passam entregando durante a missa. Eu estive na missa domingo passado.

– E pediu perdão pelos seus pecados?

– Não! Pedi outra coisa... você não quer saber o que foi?

– Pra deixar de ser chata? – ele perguntou, e soltou um risinho que logo se foi reprimindo ante a cara de repressão que a menina fizera.

– Passei em sua casa e me disseram que você tinha vindo para cá – desviou rapidamente o olhar sonhador: – Achei então que deveria ser curioso um passeio num cemitério – e dessa vez teve um olhar mais interessado para os dizeres em letra dourada na lápide, abaixo da fotografia, para dar tempo de Bernardo perceber-lhe o interesse: – Como você se parece com seu pai!

Ele então se emocionou, mas aí se instalou em seu espírito aquele aviso de mau agouro. “São artimanhas dela para seduzi-lo”. Desviou os olhos para uma cruz inflexível, estacada no túmulo vizinho, em forma de capela. Fixou-os no Cristo Redentor em seu calvário. Aquela expressão de dor, lembrava quem mesmo? Era um rosto devastado pelo desamor e desencanto. Mas de quem era? Ele vasculhava sempre suas recordações, mas não cabia nelas nenhuma lembrança de alguém passando por tamanha dor, exatamente assim, desarvorado. Mas de quem era então aquele rosto masculino choroso e desalentado? Quem sabe?

– Eu não gosto desta imagem – ele disse apontando a figura, mas referindo-se mesmo àquele rosto que surgia em sua mente através daquela névoa. Como se o estivesse vendo nesse mesmíssimo instante. E como se aquele rosto se risse dele, agora. – E também não gosto de suas brincadeiras, bobona!

Ela encolheu os ombros, enlaçou-se com os próprios braços.

– E eu não ligo pro seu mau humor! – afundou a cabeça. Deu uma risadinha divertida, simulando acanhamento galhofeiro

– Mas do que é que você está rindo, agora?

– Eles têm razão. Todos têm razão.

– Razão de quê? – ele quis saber, intrigado: – Fala logo, buona!

– Que curioso, eu ouvi alguém falando outro dia que você é como um bicho acuado...

– Um bicho?...

– Sim, que quanto mais ameaçado você se sente, mais agressivo fica. Você tem medo de mim, então?

– Medo de você? Eu?

– Você, sim senhor! Mas deixa para lá! Eu não ligo!

– E eu não sei do que você está falando – ele apressou-se em defender-se embora se sentisse mesmo um tanto ameaçado com a presença dela e tivesse o desejo de falar-lhe das suas inconveniências. Mas ela seria mesmo tão inconveniente?

Ela sorriu evasivamente e Bernardo teve receio de que ela gritasse: “Seu tonto, eu quero dizer que a Júlia vai casar com Olímpio quando crescer mais e você vai acabar sozinho se não me quiser! Entendeu agora?”. Mas como ele, ela deu a impressão de haver se concentrado tanto nessa história até que nada mais havia a fazer, então se resignou desesperada. Porém resignada.

– Será que não sabe mesmo?! – ela emendou como se somente então houvesse tido coragem e um caminho menos complicado a seguir. Um caminho vencido por uma resignação. – Uma coisa que você me prometeu. E eu queria tanto que você ainda lembrasse.

– Se, lembro? – perguntou sem nenhuma alteração na voz ou no espírito. Apenas os olhos se moveram e neles não havia sinal algum de emoção. Talvez uma remota ponta de curiosidade quase que imperceptível: – Mas será que não havia uma outra hora para você vir me cobrar uma promessa? – teve um gesto de despedida em direção ao túmulo: – Um dia estarei aqui ao lado dele, e você e todos aqueles que foram ruim para mim, irão se arrepender. Mas já vai ser tarde demais – ele lamentou assim num tom de quem já estava mesmo enterrado

ali e lastimasse a própria morte. Comoveu-se e, em meio a um suspiro, arrancou um ramo de capim crescido ilicitamente ao lado da tampa do túmulo. Pôs-se a enrolá-lo no dedo e depois o levou à boca, mordiscando-lhe a extremidade. Um líquido viscoso amorteceu-lhe a ponta da língua. Passou-a pelos dentes. “Seria assim também a conversa?”. – Mas vamos andando agora. No caminho a gente fala.

Bernardo recuou deixando-a passar. O sol batia-lhes de chofre a essa hora da manhã. Ofereceram-se ao mormaço, mas não se escondia certo alívio quando se achavam à sombra de alguma árvore. Em certo ponto, sentindo que não havia saída, ele foi retardando os passos.

– Então, o que é agora? – perguntou à queima-roupa.

– É que você me prometeu que quando chegasse outubro me levaria para assistir a uma peça de teatro. Eu queria tanto ver, disse a você, mas você ficou só na promessa. Então consegui convencê-lo a me levar no mês do meu aniversário.

Ele afastou-se um pouco. Agora se lembrava: “Antígona”. Mas fazia tanto tempo. Quase um ano! Era uma peça que estavam montando na escola. Edgard então disse que um dia faria a mesma peça. Júlia faria o papel principal. Então os planos teriam dado certo?

– Mas já é mês do seu aniversário?

– Amanhã já é outubro – ela respondeu transpondo um pavimento. Galhos e folhas secas estalando sob seus pés. – Meu aniversário é dia 5. Já tenho os ingressos.

Ele concordou com evasão. Tanta insistência. Tanta! Lembrou-se então de Lola. E da música tocando em surdina. Era sempre a mesma música. O amado também. Sempre o mesmo amante e a música, com aquela história de exclusividade: “Esta é a nossa música”. A música não podia ser inédita. Era como uma marcha onde o significado das palavras, de tão calejadas, já havia se adaptado a ela própria, e onde as notas carregavam já aquele estigma, uma história repetida, monóto-

na...". Toda vez que ouço essa canção, acontece o sofrimento". O disco repetindo e repetindo. Pertencia a Olímpio, da sua coleção. Mas aquela música em especial pertencia a Lola. E era uma música tão triste em letra, com melodia tão angustiante que transmitiam a dor de Lola tal qual ela própria sentia. E ficava tão difícil não ter compaixão por ela nesse momento.

– É tão doloroso! – ele disse afinal, não sabendo se se referia aos próprios pensamentos ou à peça em questão.

Ela pôs-se a observá-lo como se procurasse algo nele.

– “Antígona”! Se é que você não lembra o nome. A peça era “Antígona”.

– Mas não é uma tragédia? Você agora passou a gostar de tragédias gregas? Não é uma estória boa para crianças.

Isabel precipitou-se diante dele, e retardou o balanceio da saia com as mãozinhas brancas. Recolocou o chapéu e, num gesto lerdo de menina, foi-se amparar à sombra de uma tamarineira que estendia seus galhos a longa distância. Voltou o rostinho inocente para Bernardo e encolheu os ombros, perguntando rigorosamente:

– E quem disse que ainda sou criança? Eu tenho apenas um ano a menos que você! Logo vou estar fumando e bebendo, como todos os outros!

Ele sacudiu a cabeça desaprovando. Ela prosseguiu:

– E também, você gostava de estudar História Grega! Hum?

– Eu? De onde foi que você tirou isso?

– Sim senhor, gostava sim!... Então você não lembra quando me emprestou aquele livro sobre a civilização grega? Tinha mais dois volumes, mas você até hoje não emprestou os outros.

– Ora, eu não lembro!

– E também não lembra mais do que gosta! Xi! Você está ficando maluco, mesmo! Ou não tem mais o mesmo gosto de antes? Hum?

– Não! Eu agora gosto de comédias! Sempre gostei!

Ela riu sem nenhuma convicção. Vergou a cabeça brandamente para trás. Abriu os braços num movimento desvairado. E assumiu um tom irônico. Ambíguo.

– Não interessa. Só sei que você prometeu, e promessa é dívida! – e noutro tom: – Logo agora que você já não tem os mesmos gostos de antes... Ficou de me emprestar os livros e eu espero até hoje.

– É verdade, eu não sou mais o mesmo. Sofri a metamorfose. Aposto que você não sabe o que é metamorfose!

– Metamorfose – repetiu Isabel como tentasse decorar uma lição. – E a Júlia, hum? Será que você também deixou de gostar dela? Todo mundo sabe que você é louco por ela, mas ela vai se casar com Olímpio quando crescer! Vai casar com seu irmão!

Ele então atalhou-a numa avidez surpreendente:

– E o internato? Eu soube que você vai deixar o internato porque não vai passar de ano.

Antes de dizer palavra, ela teve aquele sorriso de Gioconda: os cantos dos lábios ligeiramente erguidos, afundando um sulco nas bochechas.

– Mentiroso! Você é um mentiroso! E eu sei o que é metamorfose, porque na minha casa todos nós somos cultos. E você é um flagelado.

Ele espantou-se curioso. Viu o rosto irônico de Lola a chamá-lo de “Cavaleiro Medieval”. “Cavaleiro ou cavalheiro?”. Olhou para Isabel. Ah, Isabel, Isabel! Você quer casar comigo, então? Mas eu vou casar com a Júlia!”, pensou em retribuir-lhe a ironia, mas teve receio de que ela visse através de seus olhos que esse era realmente seu sonho. E também provava de uma grande complacência em saber que em retribuição às provocações dela, sua negação a perturbava. Uma densa nuvem retardou a ação do sol no firmamento.

– Isso é cisma, você sabia? E não fique aí me olhando assim. Que mania de ficar falando que nem adulto!

Ela aproximou-se cautelosa. Afastou, de junto dos lábios, os anéis de cabelo que insistiam em ficar roçando. Respirou de boca aberta.

– E você sempre querendo imitar o Olímpio. É ele que usa essas frases difíceis para falar e de entender.

– E você é uma chata! Você é uma louca que vive me atazando.

– Você fala isso porque ama a Júlia, e acha que ela vai querer casar com você, mas ela não vai! – deteve o olhar no chapéu retido ainda entre as mãos.

Bernardo também fixou o olhar no chapéu que ela ainda segurava. Não, ela não viera ali para atormentá-lo. E no entanto, continuava com aquela expressão. E com as mesmas provocações.

– Você quer me deixar em paz, por favor – ele pediu num fio de voz, como se a língua fosse-lhe travar.

Permaneceram em silêncio e tudo mais que se podia ouvir era o lufar dos ventos em sua dança louca. E os galhos das árvores e o farfalhar das folhas secas no chão.

– É que ela também me fez uma promessa – assumiu ele completamente deslumbrado: – Mas foi há tanto tempo.

Os galhos débeis quase tocaram no chão, batidos pela ventania. Depois de algum instante tudo se aquietou e os raios débeis do sol foram escapando das trevas: a princípio tímidos, fracos, para depois irem-se tornando retos, incontidos.

– Ela quem? A Júlia? – ela quis saber começando a se compadecer dele. E sem esperar por resposta, sentenciou: – E por que você não vai lá e cobra dela, assim como eu estou cobrando você? Você vê como eu já sou adulta e posso dar conselhos?! E você vai ser sempre esse bebê chorão, pedindo para a mamãe um brinquedo! – e em tom de desafio: – Mas a sua mãe não vai estar sempre por perto, talvez ela não veja a hora de você crescer e ir embora!

Bernardo imobilizou-se pensativo. A expressão ficou quase grave. Lembrou-se da frase de Cesário: “Pais e mães morrem todos os dias...”.

– Você, agora, ficou completamente louca. – juntou um pedaço de galho seco do chão. Partiu-o em dois: – A minha mãe não vai morrer e ela me ama. Costuma dizer que não conseguia viver sem mim.

– Se você diz!... – e encolheu os ombros. – Sabe, Bernardo, a gente podia ao menos ser amigos.

– Mas eu não quero sua amizade! Não quero mais nada!

Isabel desceu então as vistas, ao mesmo tempo em que recolocava o chapéu. Sim, havia entre suas pestanas uma gota de lágrimas, pestanejou vezes seguidas.

Bernardo atirou lá longe um dos pedaços do galho. Tentou quebrar o que retinha. Sentiu pena da moça.

– Sabe, Isabel, se você me ajudasse, quem sabe a Júlia acabava gostando de mim. E você também deixasse essa cisma e no final todos nós seríamos felizes! Uma só família.

– Evidente que seríamos.

Ele triturou entre os dedos o restante do graveto seco. Sentiu os olhos embaçados. Passou-os na manga da camisa. E não sabia se tinha mais pena de Isabel ou de si mesmo. Era verdade. Ele tinha inveja de Cesário, ciúmes de Olímpio, indiferença por Isabel, desencanto por Lola e medo de Dulce. Mas esses não eram, nenhum, sentimentos nobres. E ele se julgava um menino com nobreza. Envolveu-a num olhar.

Isabel retirou do bolso os ingressos. Entregou-os a Bernardo.

– A Júlia me pediu que eu te entregasse isso.

– A Júlia? Você quer dizer que foi ela que me mandou convidar? – tomou os ingressos e leu-os vezes seguidas, emocionado demais. Em seguida atirou-se sobre a catacumba mais próxima onde ficou sentado. – Você sabe quem foi Antígona?

Filha de Édipo e de Jocasta? Eu sei tudo sobre eles porque estudei essa lição dia desses.

– Aqueles que eram mãe e filho?...

– Mas onde é que você está indo? – perguntou desviando os olhos dos papéis retidos entre os dedos. Em seguida ergueu-se desconsertado: – Por que não me disse logo que a Júlia tinha me mandado os convites?

– Mas não era isso que você queria?! Você gosta de comédias!...

– Era tudo brincadeira, bobinha! – disse seguindo-a logo atrás, desde que ela não parava: – Vamos nos encontrar no dia da peça, então?!

Bernardo foi diminuindo os passos, mas continuou a segui-la. Abriu os braços numa atitude de convite. Tinha vontade de gritar, mas gritar por quê? Ofereceu o rosto ao mormaço.

“Pobre Isabel”, pensou enquanto observava a figura magra e pálida da moça ir desaparecendo por entre as catacumbas. Ele jamais a rejeitara, mas também não nutrira nenhuma esperança, porque nada havia a fazer. E se não fosse esse fascínio por Júlia. Então Isabel chegaria um dia. Insinuante exatamente como nessa tarde, e ele seria incapaz de se negar. Receberia com candura. Passivo. Não por prazer, mas por comodismo. Preguiça. Pobre Isabel. Ela teria que compreender. Mais que compreender: aceitar.

Por um dilatado instante ele ficou parado diante daquele anjo que guardava tão ferozmente aquela tumba. Deslumbrado e assustado. Que anjo mais severo! Mas também havia a confiança na estima de Júlia. Confiança ou esperança? “Loucura! Loucura!”, pensou, e atirou a cabeça para trás e abriu um sorriso que sacudiu-lhe os ombros. Vontade de rir às gargalhadas. “Ainda há esperança!”, gritou. E continuou a rir como se houvesse ouvido a mais hilariante das histórias.

Foi indo sem pressa pelo caminho calçado, mas numa corrida desenfreada, foi puxando súplice o anjo pelos punhos,

como se o convidasse a uma dança. Mas ele se negava. Furtava-se do rodopio, ocupado que estava em guardar aquele túmulo. “Vá agora mesmo atrás da Isabel, e diga-lhe que eu lhe quero bem! Em seguida procure Júlia e diga-lhe que me espere. Isabel passou num sobressalto. Pobre Isabel”. Ela teria que compreender. Mais que tudo. Mais que compreender: aceitar.

## VI

Aquele vulto súbito que espiava pela janela do carro, camuflado nas cortinas... Quem seria: Isabel? Pobre Isabel! Se ele não se esquivasse tanto. Pensou então que Júlia também se esquivava dele, ou pelo menos sempre dera essa impressão. E Isabel, quem a perseguia, querendo-lhe a amizade? Lembrou-se do menino louro e nu mirando sua flecha. Eros. Mas também podia ser Cupido... Em que livro mesmo? Menino levado praticando loucuras... Que lugar mesmo? Onde moravam os deuses?! A ruiva e nua moça penteando os cabelos; o fauno rapaz também nu soprando sua flauta... Onde mesmo?...

Afastou da mente tais pensamentos. E lembrou-se da forma áspera com que Edgard o cumprimentara. Aquela expressão de espanto e desconcerto em seu rosto enquanto perguntava: “Onde estão todos?”. “Lá em cima só está o Olímpio!”, respondera simplesmente. E Edgard subiu aos saltos e trancou-se no quarto com o amigo e ficaram a tramar, os dois. Dessa vez não apresentara o mesmo entusiasmo de outras ao chegar ali, estava, sim, tenso, e nem dera a impressão de ter-lhe ouvido o balbucio: “Espera, eu queria saber por que a Júlia não foi ao teatro. Por que vocês não foram? Ninguém foi?!”.

Envolveu com um olhar consternando um passarinho que aterrissou no parapeito da janela. Saltou até a cerca do caramanchão. “Você quer ser um anjo e me dizer o que se passa lá em cima, passarinho?”, perguntou e, embora o pássaro tenha-

-lhe percebido o desalento, em vez de aproximar-se numa carícia, voejou subitamente em linha sinuosa até o pé de figo, camuflando-se por entre sua folhagem. Seria uma mensagem de que, também, fugisse dali imediatamente?

Reprimiu-se. Sondou o olhar no teto. Se pudesse enxergar através das paredes. Inclinou-se sobre a xícara e foi bebendo o café com leite como um gato, fazendo ruído com a língua. Olímpio ainda não havia levantado e Dulce já havia saído. Cesário também já devia estar em suas aulas preparando-se para assumir os negócios da família, em breve. Ninguém para acompanhar-lhe. Por que Edgard não lhe trouxera alguém para acompanhar-lhe no café da manhã? Isabel mesmo com suas ironias. "... Seria você feliz?"

Desviou a cara, não quis mais descobrir quem estava no carro, nem saber o que os dois conversavam lá em cima. Nem lembrar, mas já era tarde. A lembrança da tarde anterior atingiu-lhe como um choque: a chuva, os carros, o bilheteiro e o cartaz dentro do quadro de vidro. Tudo estava lá. E ele escorado na entrada. E os pingos da chuva que batiam no telhado resvalando pela calha e desabando no chão. E aquele ruído que depois de certo tempo foi-se tornando infernal. Atroz. Por que ele se deixara enganar daquele jeito por Isabel? De novo Isabel com suas peças corriqueiras. "Pobre de mim". Crispou a mão tão forte que parecia ir esmurrar alguém ou alguma coisa. Foi afrouxando os punhos lentamente.

"Você me parece muito feliz hoje, Bernardo!", arriscara Zuca. Cesário ocupado enredado nos números com seu livro de matemática. E Olímpio enredado nos fios num telefonema. Dulce ausente. Mas quando Bernardo se dispôs a palestrar seus motivos, Olímpio recolocou o aparelho no gancho. Cesário fechou o livro. Iam sair. Já estavam atrasados. "A Júlia vai representar hoje, vocês esqueceram? A Isabel me contou, e até me deu os convites. Os dois entreolharam-se. "Não há peça alguma a ser representada. Tampouco com a Júlia!", esclarece-

ra Olímpio. "Mas a Isabel falou... ele insistiu. Cesário sacudiu a cabeça num ar irônico e sentenciou. "Deve ser mais uma de suas peças rotineiras!" – riram-se então divertidos. "Só você, Bernardo, para acreditar naquela pequena!". E se esqueceram dele, da peça, de tudo. Todos saíram. A casa vazia, vazia. O vento soprando e aquele sininho dependurado na aldabra sacudindo, indicando que alguém saía. Ou chegava? Era tudo a mesma coisa. Pessoas e vento. Arredios. Impossíveis de serem retidos. Contidos. Pior que água, que embora fugidia, era mais palpável. Dera então com os ombros. "E quem se importa com a presença ou ausência deles, hoje?". Sentiu de repente um perfume. E era de certa forma instigante aquele perfume que veio com o vento assim que ele abriu a porta. Que perfume era aquele? Cheiro de madeira antiga e mel.

Abarcando a casa com um olhar, não soube por que se lembrou do quadro que vira certa vez dentro de uma caixa de pertences antigos no quarto de Olímpio: na tela havia um casal recém-chagado no saguão de uma dessas pensões de campo destinadas a casaizinhos em núpcias, representando com todas as minúcias uma licença matrimonial: a moça, pequenina e bela, parecia uma criança, na ponta dos pés diante do balcão, ao lado do cônjuge, um homenzarrão de nariz reto e queixo adunco; do lado de dentro uma moça loura, os lábios destacavam-se como um talho de sangue, brilhando numa boca sensual, experiente. Mas o pior estava nos olhos. Porque embora seu ar fosse de uma moça inocente, seus olhos davam a impressão de já haver visto tanta coisa. Maliciosos. Eram os olhos de uma Jezebel, inspecionando o mundo. Ele lembrou então que quando menor, sempre desejava estar dentro dos quadros que via com ilustrações bucólicas dependurados nas paredes das casas. Esses quadros que sempre são dependurados nas paredes das copas. Havia um desses na parede do quarto da Zuca. Era uma casa na beira do lago, no quintal da qual dois meninos brincavam de rodar pião: Olímpio e Cesário. Mas

onde estava ele naquela ilustração? Bernardo passava horas observando o quadro imaginando um local onde pudesse estar escondido: por trás dos arbustos, naquela barcaça petrificada no meio do lago, ou na janela da casa observando... Olímpio então lhe perguntara se ele estava interessado no quadro. "Podia apanhar se quisesse, pois então iria para o lixo", mas ele recusara, percebendo que a ilustração em si se concentrava apenas naquela menina-mulher, já maliciosa, ambígua: uma mistura obscura de ingenuidade e astúcia que, no final, retirava dele toda a beleza e encanto para ficar somente uma repugnância também obscura. Ele não queria ficar dentro daquele quadro...

"Eles não querem que eu vá! É isso!", suspeitou ele. E correu até Eloísa. "Você me leva ao teatro!? Por favor, eu preciso ir ao teatro hoje, Lola!". E como Eloísa se recusasse: "Que história é essa agora, menino? Não tem teatro algum hoje! Que ideia!". Ele então chegou a pensar em desistir. "Você tem razão". Mas num estalo suspeitou que todos deviam estar tentando desencorajá-lo. "Mas por quê?". Não importava. Ninguém queria vê-lo feliz. Ninguém se importava com ele. Fugiu então sem dar ouvidos sequer a Zuca, que surgiu na janela do pavimento superior. "Onde é que você está indo, menino? Não está vendo a chuva que está se formando? Entra já, que sua mãe não quer mais ver você dando trabalho com resfriado porque tomou banho de chuva. Entra já!". E correu como se estivesse sendo perseguido, sem olhar para trás. Quando julgou que estava fora de perigo, foi parando aos poucos. Começara a chuva. O céu claro evaporou como um balde de tinta onde para se amortecer sua palidez, pingam-se algumas gotas de um tom mais escuro. E nem havia prenúncio algum de chuva. "Como pode?". Tanta expectativa, então veio a surpresa: nem Júlia, nem Edgard, nem Olímpio. Sequer Laura e Cesário. Ninguém. Ninguém apareceu. E logo quando decidira integrar-se por fim ao grupo. É que eles não sabem que eu lhes quero bem. Mas se soubessem então... Então o quê? Ocorria-lhe certo receio. Que

nada! Eles o aceitariam, sim. São meus irmãos. São meus irmãos!” “Você demorou tanto a se juntar a nós”, diriam, abrindo-lhe a roda. “Vamos, entre!”. Loucura. Loucura! Que prosaico! Ingenuidade. Falta de tato. Imagina uma cena dessas! É que no fundo era mais fácil, sem dúvida, aquela incerteza latente de menino. Para que saber? Melhor mesmo cultivar aquela fascinação escondida. Fascinação e medo. Como um vulto súbito, igual aquele que surgia por detrás da cortininha do carro, de vez em quando.

Tanto atordoamento. E ainda aquela moça, ensopada, parada diante dele, com o cesto de rosas. “Rosas, menino? Rosas para a sua mãezinha! Ou para a namoradinha!”, até isso. Tanta ironia, então ele quis comprar as rosas, mas não tinha um níquel quando enfurnou as mãos nos bolsos.

“Onde está a sua mãezinha?”. E ele inclinava a cabeça para o lado e se riu. Riu tão atropeladamente que a moça das rosas se constrangeu. Os olhos abertos assustados. A mão no peito como a se proteger. “Que menino mais mal-educado!”. Afastou-se dele com a fisionomia modificada. Bernardo foi andando sem se importar com a chuva nem com o resfriado. “E a chuva ensopando-lhe a roupa. Era para ele adquirir mesmo uma doença e nunca mais sarar. Nunca! Tanto desapontamento num dia em que só devia haver alegria”.

“Um exagero! Tanto barulho! A Lola diz que eu exagero!”. Como pode? Já não sentia mais ódio. Nem amor. Queria apenas... parecia tão simples e no entanto ele próprio não sabia o que queria. Na entrada evitou despertar o sino de vento da porta porque a chuva e o vento já haviam cessado. Não havia ninguém em casa, porém.

“O que ele veio fazer aqui, afinal?”, perguntou, comprimindo a cabeça entre as mãos e aguçando as vistas para o vestíbulo. Mergulhou a torrada no café e lembrou-se de quanto Dulce o repreendia por esse gesto. Riu-se satisfeito. “Ela não está aqui agora!”. Mas havia aquele vento suave que batia na

vidraça. "Cuidado, menino!". Podia ser um espião. Retesou-se. Ia recomeçar a comer, mas de repente não sentiu mais vontade. Nesse mesmo instante Zuca entrou na saleta de almoço amarrando os cordões do avental:

– Quando você terminar, vá brincar lá fora. Sua mãe está com dor de cabeça, não quer perturbação hoje.

Ele baixou as vistas.

– Cadê a Lola?

– Termine seu café que ela já volta – respondeu simplesmente Zuca. – Foi até a farmácia comprar os remédios da sua mãe.

– Mas eu já terminei.

– Então vá brincar lá fora – ela disse, retirando as louças já usadas da mesa.

Ele levantou-se num espreguiçamento. Olhou na janela em busca daquele passarinho. Foi andando. Saiu deslizando a mão pelas paredes. Sentou-se no chão, num dos degraus ao pé de uma das colunas que sustentavam o alpendre, fingindo desinteresse pelo carro estacionado. Apanhou com a mão em concha uma folha seca que o vento derrubou do telhado. Esfarinhou-a entre os dedos. Levantou de novo e foi até o sino de vento que balançava-se na porta. "Vem cá, borboletinha!", disse estendendo o dedo para colhê-la. E como ela não fizesse outro movimento senão o circular, presa às outras pelo cordão, ele deu-lhe um tapinha que fê-la desprender-se das demais. Riu então. "Quando a mamãe vir isso!".

Seus olhos seguiram pelo caminho que desembocava na aleia da entrada. Sentou-se novamente. "Eu vou visitar a Júlia!", decidiu-se de improviso. "Eu peço para Lola me levar quando voltar. Ou então vou com o Edgard. É isso!". Empolgou-se de repente como se aquela aragem que soprava o estivesse animando também. Por quê? Estranhou agora como teria começado tudo aquilo. Talvez desde a infância quando vira Júlia surgir na sua vida de modo irreal, perturbando a vida naquela casa

onde viera morar com os tios depois da tragédia. E a verdade é que sempre a vira ir e vir como uma alucinação. As visitas rápidas à sua casa quando, em férias do internato, vinha visitar os tios. Seu jeito misterioso e ao mesmo tempo tão amparador. A maneira doce e amorosa e seu jeito de falar-lhe parcimoniosa. Era ela que dentre todos o tratava de igual para igual. Mesmo com sua aura de sonho. Fantasia, era a única que o fazia sentir-se real. Palpável. “Faz de conta que você existe, faz de conta que você é Deus e sai criando”. ”Toma esse caderno: é nele que você vai começar os seus primeiros textos”. E enquanto esperava vê-la desabrochar de sua meninice e acentuar-se nela as características peculiares (ela foi criada fora do clima de grã-finagem...), ia percebendo acentuar-se também em si tudo o que era já previsto e inevitável. Era o queimar daquela febre. Uma extensão daquela admiração antiga, daquela impensada vontade com que precisava dela, do ar, da água e do pão para sobrevivência. Ele a amava. Era a pura e simples verdade. Uma amizade de criança ainda, mas amizade.

“Ela me ama”, sussurrava para si. A Júlia tem que saber, porque no fundo sentia toldar-lhe o espírito, sentia-se mesmo tocado pela mesma doce esperança com que advertia a si mesmo: “que a mãe tem que me amar. É minha mãe”. Alisou o cabelo, empolgado. Arrepanhou a roupa ao corpo, com as mãos, como fazia Cesário. Foi quando sentiu passos leves de Edgard descendo a escada lá dentro. Levantou-se assim que a porta abriu-se:

– Eu acho que vou com você, Edgard – ele foi dizendo ao ver o rapaz sair: – Eu já avisei a mamãe. É, eu vou com você!

– Comigo? – retrucou Edgard. Mas de seu rosto havia sido banida aquela expressão vivaz que se refletia quando Olímpio estava por perto. E em seus olhos um brilho estranho cujo sentido Bernardo não pôde captar: – Eu não acho uma boa ideia, Bernardo.

Bernardo sacudiu a cabeça. Ficou por algum tempo a observar aquela expressão que lhe era desconhecida. Depois foi procurando as palavras:

- Não... é que eu...
- Você o quê?
- É que eu quero ver a Júlia!

Edgard desviou-se então. As mãos deslizavam impacientes pela coluna.

- Com quem é que você quer falar, mesmo? Eu não tenho tempo para brincadeiras, agora! - disse, e em seu tom Bernardo sentiu uma fisgada de repreensão. Continuou no meio de um improviso: - Com quem quer que você queira falar, é melhor deixar para depois. Hoje não dá!

- Eu quero ir falar com a Júlia - redarguiu Bernardo num sussurro receoso, quase inaudível e também envergonhado, como se não houvesse tido a observação: - É isso, é com a Júlia que eu quero falar.

- Com a Júlia? - espantou-se Edgard. - Infelizmente não vai dar para você falar com ela. Nem hoje nem amanhã. Deixa para depois, menino.

- Por que para depois?
- Porque hoje não dá!
- Por que hoje não dá?

"Meu Deus, se ele tentar me impedir?!...", parou Bernardo confuso. Manteve a expressão interrogativa na figura de Edgard. Mas ele agora vergava a cabeça para trás e vagava o olhar por aquela cúpula sobre suas cabeças.

Bernardo então se desesperou e já se emocionava com a história que formou-se em sua cabeça: ele desdenhou o amor de Isabel. E ela, triste e desiludida, acabou-se matando. Júlia e todos em volta dela com os panos pretos. As velas. As rosas. "Havia também uma ninfa que definhara no bosque porque Narciso só pretendia amar a si mesmo". Que ninfa era essa?

- Vamos, responda!

– Hum?

– A Isabel! – ele repetiu notando somente agora que devia ruminar mesmo algo que não era tão agradável.

– A Isabel está ótima – ele respondeu distraidamente. – Por que havia de estar ruim?! – e sondando Bernardo com aquela mesma expressão de gigante que fala com a formiga, que Dulce usava. – Mas não tente me confundir agora! Não é atrás da Júlia que você vai?

Aquela pergunta fê-lo vacilar. Embora vergonhosa sensação de constatar que “os outros” sabiam o que imaginava que deviam ignorar, ficou um tanto aliviado. Mas foi só por um dilatado segundo, porque em seguida aquela sombra catastrófica ameaçava roçar-lhe o corpo, novamente.

– Então... – titubeava Bernardo interdito. – Ela... o que houve? Por que eu não posso ir com você, hoje?

E agarrou-se ao braço do rapaz, embora, agora, preferisse não querer saber de mais nada.

– Ora, menino, porque não! – foi-se desprendendo das mãos de Bernardo. – Ora! Sabe o que mais? Não me amole! Tenho que ir agora!

– Por quê? Ela não está em casa? – Bernardo insistia, perseguindo-lhe ao longo do jardim.

– Não – respondera simplesmente, furtando-se.

– Então me diga onde está. Eu preciso falar com ela!

– Falar com ela? Mas, falar o quê? – e Edgard parou no meio do gramado. – Ora, menino, vê se se enxerga!

Bernardo puxou-lhe o punho da camisa antes de parar. Estacou. Franziu as sobrancelhas numa revolta infantil. Afastou para trás os cabelos. Teve vontade de gritar porque, pela primeira vez na vida, ficou cansado de ser tratado como se fosse invisível. A boca contraiu-se num esgar. Furtivamente olhou para o carro.

– A Júlia morreu, é isso? – disse num ímpeto de desespero e impotência.

Edgard amarfanhou os cabelos em meio a um suspiro. Começou uma massagem no pescoço com as pontas dos dedos. Abriu então os olhos. E teve um sorriso:

– Ah, Bernardo, você é tão esquisito – entrelaçou as mãos e estalou todos os dedos de uma só voz. Aquele tipo de pessoa que diz: “Fui à igreja”, mas passou apenas em frente; escreve cartas, mas não as envia; vê o quadro e pensa que conhece o pintor. Edgard aproximou o seu do rosto de Bernardo. – Você não sabe de nada!

Bernardo amarfanhou mais a cara. Teve ímpetos de avançar-lhe e o fez. Edgard pôs-se a retê-lo segurando-lhe com tanta força os braços, que ficou a marca avermelhada em seus punhos. Empurrou-o no chão.

– Você quer parar com isso? O que deu em você?

– Eu só quero saber onde está a Júlia – ele respondeu tapando os ouvidos.

– Você devia ter tomado qualquer atitude antes. Bem antes – e num tom introspectivo: – Do que adianta alguma coisa agora?

– Eu quero saber onde ela está! – ele repetia. Os cabelos desgrenhados. As roupas amarrotadas. As mãos encravadas nos pedregulhos.

Edgard volveu para ele o rosto desarvorado e disse num cansaço:

– Numa clínica no centro da cidade. Está perdida.

Bernardo concentrou-se. “Quando mesmo? Quem?”. “A Júlia esteve aqui, de passagem do médico”, mas o que seria então? Estava perdida. Um sulco de interrogação franziu-lhe a testa quando ele, ainda interdito, voltou para Edgard o rosto inocente, ignorante.

– Você não compreende, a Júlia sofreu um aborto, não era para você saber, não era para ninguém saber... um aborto espontâneo, segundo eu soube. Está muito mau.

O rosto de Bernardo não se alterou instantaneamente. Apenas os olhos desceram devagar enquanto os lábios se tornavam lívidos e um pulsar incontrollável contraía-lhe o coração. E descontraía depois.

– A coitada não sabia o que fazer. Tanta pressão, da mãe, do pai. E também não quer dizer quem... Bem, você deve imaginar. Sabe o que significa um aborto? Só não se sabe o que vai ser dela daqui por diante, porque... – estendeu-lhe a mão, que Bernardo pegou para se reerguer. Apenas um silêncio. Claro que ele sabia o significado de um aborto. Ele perguntara certa vez a Lola e como ela se negasse a responder, recorreu ao dicionário de Olímpio. Mas, como? E por quê?... – Está satisfeito agora? – sacudia-o Edgard, apertando-lhe o punho. – Responda! Está satisfeito?... Então não quer mais vê-la?

Bernardo desviou o olhar. Não queria encará-lo. Não queria. E pôs-se a observar o pardal, talvez aquele mesmo pardal que saltitava no topo da copa da figueira. Se pôs a fungar, puxou o braço. Sacudiu a cabeça se negando. Edgard prosseguia seu relato em torno da reputação da pobre prima, mas Bernardo não queria mais saber. Nada! A esfinge o devoraria se ele se aproximasse. Ele não queria aproximação. Nenhuma. Agora Edgard e Olímpio podiam partilhar as glórias, sozinhos. E falar em Júlia como se falassem de sua personagem principal, favorita. A luz apagou e só os dois para aplaudir na escuridão. Ninguém mais. Ninguém.

## VII

Ele queria ficar assim desmantelado como aquele bonequinho colorido que foi arrancado da vareta do polichinelo, mas continuava olhando com aquela mesma carinha intacta de quem se prepara para dar a pirueta, alheio a contestações; ou então igual ao trenzinho que foi arrancado do trilho elétri-

co e jazia no canto da parede sem se importar se ainda ia seguir o caminho; ou ainda como aquela bola murcha, esquecida debaixo da mesinha ou o piloto sem aeronave, lançado fora da cadeira de comandante, mas que continuava com a mesma expressão de quem nada compreende e ainda assim está tudo bem, na mesma posição de quem vai conduzir o voo. Para onde?... ”Perdida!”, sussurrou estirando as pernas. Júlia estava perdida para sempre. Sua Júlia já não lhe pertencia mais. Nunca mais as aulas de francês nem os ensaios para o teatro. Nunca mais Julieta. Estava perdida. Perdida? Que sentido teria essa palavra?

– Você quebrou todos os seus brinquedos, Bernardo? – perguntou Olímpio entrando na sala e juntando do chão as varetinhas coloridas do joguinho de varetas. Trazia debaixo do braço a gramática de francês. – Depois você reclama quando a mamãe não comprar mais!

Ele rolou no chão e deitou de costas. Voltou a ficar de bruços. Fez uma careta e um muxoxo.

– E você acha que eu ainda brinco de carrinhos e bonecos?

– Pois eu ainda brinco de vez em quando – foi colocando os objetos na caixinha. – E o que faz aí debaixo da mesa? Perdeu alguma coisa?

– O juízo – disse. Juntou o bonequinho do polichinelo e foi tentando reencaixá-lo nos bastões do brinquedo. – “Você pode dar suas piruetas de novo, bobinho?”.

Olímpio sentou-se na poltrona, abriu o livro e apanhou o lápis. Esqueceu-se do tempo, de Bernardo, dos brinquedos, de tudo. Bernardo lançou-lhe um olhar curioso. Como pode? Como ele conseguia manter essa calma e voltar a estudar seu francês assim como se nada tivesse acontecido? Parecia mesmo que nada estava acontecendo. Apenas um susto. Uma peça que Edgard pregara, inspirado na irmã desde que ninguém falava mais a respeito de Júlia. Ou então?... Como ele conseguia? “É que o tempo incumbe-se de ir suavizando as sensações de

sofrimento, sendo que o mesmo sentimento doloroso de ontem parece menos atroz que o de hoje, e assim por diante”. Não era assim que Olímpio falava? E agora se punha a movimentar os lábios ensaiando e memorizando os verbos.

– Eu vou morrer, Olímpio! – ele disse com naturalidade.

Olímpio desviou os olhos das páginas:

– Se isso acontecer, me avisa como é o paraíso.

– Mas eu não vou para o paraíso...

– Ótimo! – redarguiu Olímpio sem desviar a atenção da gramática, mordiscando o lápis. – Agora me deixa estudar que eu tenho que terminar minha lição. A mamãe disse que me tira das aulas de teatro se eu não me esforçar mais na escola e nessas aulas de francês.

Veio então a luz. Bernardo sentou-se e deixou de lado o brinquedo.

– Por que não pede a Júlia para ajudar você? Vocês sempre estão juntos.

– Como? Se a Júlia não tem podido fazer nada! – gemeu ele. – Seria bom mesmo se a dona Júlia pudesse me ajudar, mas ela está mal. Proibida de receber visitas. Dizem que ninguém sabe o que vai acontecer com ela. Está trancada na masmorra sem poder falar com ninguém.

Bernardo enlaçou as pernas. Pareceu interessado. Um interesse mórbido.

– Mas o que aconteceu? – quis saber. – Nem você pode visitá-la?

– Nem eu! – lamentou Olímpio sem dar a devida importância ao caso. – Mas por que o espanto? E também, se você quer saber, faça uma visita! E não enche mais! Esta conversa já foi longe demais!... – e noutro tom meio secreto, reflexivo:

– Eu tenho que aprender uma porção de verbos senão: “Adeus, teatro!”.

– Quem era mesmo que tinha sonhos coloridos, Olímpio?  
– lembrou-se de perguntar num improvisado.

– Sonhos coloridos? – murmurou Olímpio. – Todo mundo, ora! Você não sonha colorido?

– Não!

– É porque você é chato e ruim e vive perturbando as pessoas. No dia em que for gentil e educado, você vai sonhar colorido – fez uma pausa. Arqueou as sobrancelhas: – Mas não precisa levar a sério o que eu disse. Brincadeirinha, bobinho! Ninguém sonha colorido. Ou sonha?

Bernardo comprimiu os lábios trêmulos. Lembrou-se de repente e teve o pressentimento agourento: o sonho que sempre tinha, onde assistia ao próprio enterro. Eloíse devia conhecer bem essa mórbida sensação, afinal já estivera antes nesse mesmo limiar. Por que será que ela não morreu? Ah, é verdade, é verdade! Ele ouvira uma vez alguém falar que cada um tem sua missão. Era aquela mesma voz intensa, filosófica que ora se apresentava masculina, ora feminina. E talvez essa voz estivesse certa, talvez Eloíse não tivesse concluído a sua meta.

Desviou o olhar para o céu através da vidraça. Como estava cinzento! E como a noite estava fria. Igual às pessoas. E como ele estava solitário ali naquele chão da casa porque Olímpio insistia em não manter contato. Igual ao polichinelo. Igual à lua que tentava um rasgão no céu, encoberta por aquela profusão de fumaça densa. Só ele e o vento, que sacudia agora o sino de vento da porta com aquele “blém-blém-blém” irritante. Teve ímpetos de arrancar do umbral o sino e atirá-lo longe. Era preciso que também estivesse em silêncio, pensou voltando ao chão na antiga posição. “Eu e a lua, que foi abandonada pelas estrelas”, comprimiu os olhos com sofreguidão. “Que estupidez!”, pensou ao ter a vaga impressão de estar sendo observado por seres extraterrenos que se camuflavam por detrás das cortinas, das portas, das árvores lá fora. Eram aquelas sombras humanoides que se espalhavam pela aleia ao redor da casa, e que se resumiam ao reflexo das copas das árvores no chão.

– A Júlia vai morrer, Olímpio? – perguntou em meio a uma distração. E pareceu assustado com a própria coragem.

– Você anda escutando conversa por detrás das portas agora? Que feio, Bernardo! Onde foi que você ouviu isso? – fez uma pausa para anotar alguma coisa no livro: – Já sei, já sei! Foi a dona Lola que andou fazendo mexericos. Se a mamãe descobrir... Mas não se preocupa! Pode dizer a Lola que fique tranquila. Eu não vou dizer a ninguém que ela anda espionando.

– Ela vai morrer ou não?

– E quem é que sabe quando vai morrer?! – exclamou Olímpio. – Chega de falar em morte!

“E se fosse uma peça que Edgard pregara?” Ora, ninguém falava a respeito. Mas o que lucraria ele com isso?”. “A esfinge!”, lembrou-se repentinamente. Tão enigmática a Júlia. E distante embora atenciosa. Ninguém conseguiria jamais ver através de seus olhares o que ela não quisesse que vissem. Olímpio também era assim. Pareciam irmãos os dois... Quem saberia? Talvez Olímpio fosse o único que soubesse... de tudo. Mas esperar que viesse a revelar qualquer coisa era um caso perdido. Não importava. Nada justificaria. Mas Júlia jamais lhe havia dito que o amava. Além de suas gentilezas, seu amparo e de seu jeito doce e manso de tratá-lo, não havia mais nada e contudo... contudo – não era certo que ela lhe tivesse um carinho especial? Com toda sua parcimônia não era de se esperar que dispensasse tal como ele daquela forma meio platônica de amá-lo?! Será verdade? Mas quando fora mesmo que ele lera nos olhos dela aquele convite, de que penetrasse em seu mundo interior? Ou se oferecia para ser convidada a penetrar no dele. Ele deu com os punhos fechados no assoalho, quando instalou-se-lhe no espírito aquela suspeita: “É que todas as vezes que Júlia se prostrava diante do labirinto, que é minha mente, jamais encontrava sequer uma frincha. Eu estive sempre fechado todas às vezes que ela tentou uma aproximação”. Como chuva, exatamente como chuva que bate na vidraça. Agora ela não me quer

mais por amigo. E no meio de uma distração, com certo receio e revolta:

– Mas eu sonhei que a Júlia morria...

Olímpio fechou o livro calmamente. Não parecia ter ouvido Bernardo. Nenhuma palavra. Passou a mão pela gola do suéter indolentemente e redarguiu:

– Sonhou nada! E se você mencionar morte só mais uma vez eu vou contar para a mamãe... Que conversa mais chata! Você está ficando cada vez mais desinteressante. Parece um velho casmurro. Vou batizá-lo dom Casmurro, agora!

– A Júlia morreu para mim – disse. Ou pensou em dizer, pois só os lábios se moveram formulando a frase. Bernardo ouviu os passos familiares de Dulce ressoarem no vestíbulo. A última pessoa do mundo que ele queria ver nesse momento. Era curioso, mas ele se habituava a distinguir as pessoas pelos seus passos. Especialmente os de Dulce de quem ele sempre tentava fugir, embora essa sensação causasse-lhe certa vergonha.

De um salto, pôr-se de pé, queria fugir, mas não tinha como. E foi juntando do chão os brinquedos destruídos. Apanhou o livro esquecido no sofá, onde se sentou, vendo que não haveria jeito de não enfrentá-la, e foi simulando naturalidade.

A porta descerrou-se e Dulce surgiu acompanhada de Eloíse.

– Então o sumido resolveu aparecer?! – acusou ao entrar.

– A Zuca disse que você passou a tarde desaparecido e chegou agora há pouco. Onde é que você esteve? E quebrou todos os seus brinquedos. O que foi que deu em você?

Bernardo baixou as vistas, envergonhado. Esticou os lábios num sorriso pálido.

– Cesário esteve à sua procura a tarde inteira – foi entrando na sala e falando branda, mas friamente: – Você perdeu o juízo?

– Mãe, eu queria conversar com a senhora – ele pediu ainda uma vez, tocado por aquela coragem já gasta, sem querer se sentir intimidado. – É importante...

E Dulce esquivou-se no sentido da janela, acenando-lhe e Bernardo comparou-o mentalmente àquelas figuras que entram no palco sem falar absolutamente nada. Apenas acenando. Depois se aproximou de Olímpio e passou-lhe a mão pelos cabelos numa breve carícia. Voltou-se para Bernardo:

– Você está querendo encontrar uma justificativa para seu comportamento, não é isso? – perguntou encontrando o estojo dos óculos dentro da gaveta da cômoda. E sem esperar por resposta: – Não tenho podido falar ultimamente por causa das minhas enxaquecas, mas vamos, sim, ter uma conversa. Não agora... já faz tempo que venho adiando, mas já basta. Você não apresenta sinais de melhora alguma, e eu estou farta de falar, de repetir sempre os mesmos conselhos e pedidos de melhora. Você parece não ter conserto...

Ele fechou o livro e encravou-lhe na capa as unhas. Baixou as vistas envergonhado, mas ainda pôde ver o sorriso cínico no rosto de Lola e uma expressão desligada no rosto de Olímpio. “Tiveram pena de mim, foi isso?”. Você não parece se relacionar bem com sua mãe”, dissera Laura. Isabel também lhe havia feito um comentário no mesmo tom. Enfim, não havia quem não soubesse. Todos com suas filosofias. Até Laura que era louca e loucas também as suas mensagens e ideias.

– Vamos agora, Olímpio, pois temos que tirar a sua lição! – prosseguiu Dulce já seguida por um Olímpio indolente que lhe oferecia a gramática. Enfiou pelo pescoço os cordões dos óculos. Foi folheando o livro à procura da página marcada. Quando chegou no limiar da porta, voltou-se para Bernardo: – E depois, mocinho, somos nós dois!

Mas Bernardo nem viu, cabisbaixo que estava.

– Você está aí tão quietinho, que talvez eu não devesse incomodar e deixar você ficar à espera do que está por vir –

surpreendeu-o aquela voz familiar que pareceu vir de dentro do livro.

Bernardo olhou. Soltou um “hum?” e recolheu-se ainda mais. A cabeça tombando para o peito, apenas averiguou desalentadamente. – Você ainda está aí?

– Estou, sim – ela respondeu com veemência. – Estou sempre por aí – e enlaçou os braços.

Ele encarou-a como se não a visse há muito tempo: mas é que ultimamente vira-a sempre com aquela expressão febril. Delirante. E que máscara era aquela que ela usava agora? Tanta ironia! Sim, ali estava Eloíse convalescida, os mesmos cabelos, a mesma disposição. E a mesma juventude. Vendo-a assim escorada no umbral da porta era quase como se tratasse de uma jovem normal, sem nenhum conflito, em seu vertido de lâ azul. Normal não, porque de repente lhe passou pela cabeça que aquela não seria o semblante de uma moça descontraída. Normal.

– E por que não foi com ela para encher mais a cabeça dela com mexericos? – ele provocou à meia-voz.

Ela teve um suspiro desdenhoso.

– Parece que vai ser sempre assim, não é verdade? – teve um gesto ao aproximar-se e falou solenemente: – As coisas nunca mudam por aqui. É bem convincente às vezes viver numa casa onde vivos e mortos fazem parte do mesmo mundo, mas não chega uma hora que você se farta de tudo?

– Não. Eu não estou farto de nada – ele apressou-se em mentir: – Eu gosto de viver desse jeito. Depois passa.

Ela olhou à volta. Fez menção de que ia sentar, mas desistiu. Acendeu um cigarro e ofereceu-lhe um segundo, mas ele escondeu-o nas profundezas do bolso. Eloíse voltou a sondar-lhe as feições:

– Ah, Bernardo, você quer me convencer agora de que vive bem aqui, que não se importa com a maneira com que ela o trata? Juro que não acredito!

Ele franziu a testa.

– Você não tem amor-próprio? Porque esse não é o comportamento de quem tem amor-próprio.

O rosto de Bernardo se confrangeu mais. Ele não sabia como responder porque parecia que Lola estava certa. Ela sempre estava certa com suas ironias, mas sincera, embora um pouco injusta.

Lola formulou um sorriso que foi transcendido por uma máscara de amargura. Passou a mão pela gola do vestido. O olhou para o próprio pulso.

– Eu acho que até eu ela tem conseguido endoidar – e prosseguiu desde que não obtinha resposta: – Eu não sei o que aconteceu a você, mas achei engraçada a sua revolta e faço ideia. Tenho cá minhas desconfianças. Mas diga-me o que foi, agora?

Ela puxou um trago, sacudia a cabeça. E não obtendo resposta, prosseguiu:

– Eu estava ali pensando enquanto ela falava com você... Bem, pensei que podia ser diferente se houvesse sido de outra maneira.

– E o que podia ser diferente?

– Sabe, menino, desde criança você sempre esquisito, e eu sem saber se tinha o direito.

– Que direito? – ele perguntou desinteressado, só para falar alguma coisa. E lembrou-se em seguida, sem saber o porquê, daquela reciprocidade estranha da qual partilhava com a moça. Aquela onde se magoa alguém num determinado tempo e depois se recebe o troco. A composição da vida?

– De mostrar a verdade.

– A verdade? – repetiu calmamente. Ele mais do que ninguém tinha noção do significado de não se saber da verdade. Ele que vivera sempre no mundo do faz de conta, mas que procurava sempre a pessoa exata a quem falar, e sempre se pilhava em desencontro: queria dizer a Dulce que lhe prestasse atenção, dizer a Cesário que não fazia caso do poder que ele exercia

sobre os outros, especialmente sobre Dulce, falar a ela, Eloíse, que procurasse outras pessoas para falar de seus desafetos e a Júlia que o aceitasse, mas nada dera certo e nem parecia importar mais.

– Sabe, Bernardo, eu fico aqui me perguntando o que aconteceu a você e o que teria acontecido.

– Você está com febre de novo, Lola? – ele quis saber, com um sorriso agourento.

Desviou amedrontado porque aquele brilho metálico no olhar de Eloíse despertou-lhe a desconfiança de que ela não estava com suas ironias dessa vez. E ele já estava cansado do jogo das descobertas. Do jogo do faz-de-conta-que-você-é-adulto.

Eloíse cerrou atrás de si a porta de correr e Bernardo voltou para trás, a cabeça num riso irônico, assustado, pois quando ele percebeu, a moça olhava para dentro dos olhos dele, de uma maneira que jamais o fizera.

– Não, Bernardo, não estou com febre – ela respondeu aproximando-se. Tentou desviar dele o olhar. Um pesar em seus olhos cujo sentido Bernardo não pôde captar. Tocou-lhe no ombro mansamente; e depois de certo vacilo, decidiu-se: – Escuta aqui, você sabe qual a conversa que ela quer ter com você?

Negando com a cabeça, Bernardo ajeitou a posição em que estava sentado. Deixou de lado o livro e, embora hesitante, ficou a observar-lhe aquela expressão, que lhe era inteiramente desconhecida. Em seu olhar nenhum ar zombeteiro ou irônico. Sentiu-se assustado por um instante.

– Se ela gosta de maltratar as pessoas, eu não gosto, entendeu? Ela vai mandar você para um colégio interno. Vai se livrar de você.

– O quê? – perguntou Bernardo sentindo dificuldade em falar. Chegou-se à beira do sofá: – Ela vai fazer o que, Lola?

– Vai se livrar de você, ouviu bem? Já faz algum tempo que tem pensado nisso. Logo depois da morte do doutor. Es-

tava esperando passar mais uns dias, a morte dele ainda está muito recente. Mas faz algum tempo que tem tramado essa sujeira por trás. Tem reclamado de você com a mamãe; diz que castigos não surtem mais efeitos porque você está crescendo e tem-se mostrado cada vez mais revoltado e mentiroso e mal-educado e mais isso e mais aquilo... Estava só esperando você aprontar mais alguma. Já tomou até as providências. Visitou o colégio aonde você vai, pediu que mamãe procurasse um bem rigoroso, enfim... Eu acho isso uma grande sujeira: Que mal tem em um menino peralta que gosta de aprontar traquinagens?... Mamãe disse que você é um menino bonzinho; que é da idade, mas ela bateu os pés, disse que você tem que ir. É melhor que você fique sabendo desde já para não haver espanto depois.

Bernardo perturbou-se. Sentiu os olhos inflamarem e um nó engasgá-lo. Manteve o olhar inexpressivo fixo em algum ponto. Foi falando com certa dificuldade:

– Mas eu não quero ir, Lola. Não quero...

Enfurnado as mãos nos bolsos do vestido, ela encolheu os ombros num gesto de impotência.

– Eu gosto daqui. Gosto dela – ele prosseguiu segurando-lhe o pulso como se já estivesse diante de Dulce: – Se eu disser que gosto dela, ela me deixa ficar. Eu prometo ser bonzinho. Nunca mais vou fazer nada que ela não goste...

– Do que adianta? – ela explodiu despreendendo-se dele. – Que mulher sem coração! E você ainda gosta dela! Pensando em se humilhar ainda mais para chamar a sua atenção.

Ele deixou cair os braços. Desviou o olhar para que ela não o visse chorar. “Meninos não choram”.

– Não fala assim, Lola, ela me ama. Ela é minha mãe.

Lola lançou-lhe um olhar de esguelha. Parecia petrificada, de pé ao lado do sofá.

– Aí é que está. Você não tem curiosidade em saber porque ela quer se livrar de você? – e impensadamente: – Ela não é sua mãe. Você não vê que é a cara do seu pai – ela dizia como se

já houvesse esquecido da fisionomia do César e perguntasse. “Mas ele era assim, mesmo?” – nunca parou para pensar porque você não tem nada, absolutamente nada da Dulce?... Esse seu andar tímido, o ar desconfiado, esse olhar distante e pálido, tudo é dele. Você nunca desconfiou por quê?

Bernardo balançou a cabeça e foi-se levantando distraidamente. Lembrou-se de Olímpio: “É muito conveniente carregar sempre a mesma bandeira, mas chega uma época na nossa vida em que pesa o estigma da mesma pessoa”. E agora pensava sobre Eloíse as atitudes irônicas de sempre. Mas embora ele sentisse que chegara o momento de ela parar de rir-se dele, sacudiu-o de repente um tremor.

– Sabe o que eu acho? – ele murmurou enfurnando nos bolsos, a mão trêmula: – Que você está frustrada, como todos dizem. Você sabe o que é frustrada? Eu sei uma porção de palavras novas porque Olímpio me deu seu dicionário. E você tem inveja da Laurinha, veja só como você até fuma agora! Mas, mesmo assim, o Cesário não ama você. Mesmo com os cigarros e você querendo aprender francês e balé – baixou o olhar envergonhado, mas quando voltou a fitá-la, tomou um ar displacente, vago, e com uma voz que nem ele mesmo, reconheceu, disse: – Então, por que você não se mata?

Eloíse arqueou as sobrancelhas. Afundou o toco do cigarro no cinzeiro.

– É curioso, mas hoje resolvi matar uma outra coisa. Sua curiosidade, e não me arrependo disso.

Bernardo quis então tapar os ouvidos. Era estranho que a vida inteira ele tivesse desejado saber e agora, que se via esclarecendo, não queria ouvir. Nada. Enfurnou a mão nos cabelos, interdito.

Mas Eloíse disposta. “Não importa! Você me atazanou a vida toda e agora terá o que queria”, era o que os seus olhos diziam, quando ela conseguiu finalmente dar alguns passos

aleatoriamente. Acariciou-lhe o rosto e disse calmamente: – A Dulce não é sua mãe. Você é filho só do seu César, entendeu?

Bernardo não disse palavra, cético, viu nos olhos de Eloíse aquela mesma expressão que tivera quando Edgard lhe falara de Júlia. Assimilado o que acabara de ouvir, foi retirando calmamente a mão que Lola mantinha-lhe no pulso. Um ricto doloroso contraía-lhe a boca como se tivesse provado de um cálice de fel.

– Você me jogou contra minha mãe a vida inteira. Lançou na minha cabeça e no meu coração a vontade de atormentá-la e aquelas desconfianças e agora vem com esse absurdo. Eu odeio você, sua índia!

Ela desviou o rosto. Pareceu confusa quando enfiou a mão no bolso e procurou algo. Bernardo, estúpido, pensou que ela fosse-lhe mostrar uma prova. Pensamento estúpido. Louco. Era só o isqueiro, que ela retirava para acender o cigarro que havia apagado.

– Não era isso que você queria saber? Hum? Agora não tem mais jeito. Está contado – teve uma expressão interrogativa para ele. Depois teve pena. Um ligeiro sentimento de culpa que já não era pessoal parecia apoderar-se dela: – Você me atormentou tanto por isso: “Por que será que a mãe me odeia. Ela me odeia...”. Passou anos me pedindo explicações: “Você sabe porquê?”. E eu fazendo a corte. Não era para você saber...

– Sua índia! Índia mentirosa!? – ele sussurrou tentando encontrar argumentos. Não conseguia encará-la. Não conseguia.

– E que ganharia eu com uma mentira? – teve uma pausa. Seu olhar ficou distante. Cismático. Quando pareceu soltar a si, voltou também àquela expressão de piedade tentando uma carícia que ele recusou: – Mas ela não odeia você. Apenas é difícil para ela aceitar... Não era para você saber... Nunca. Que diferença ia fazer? Você já está crescendo. Quantos anos você tem mesmo? Treze? Que diferença isso faz agora?...

– Eu não acredito em você. Nenhuma palavra...

– Você vivia me perguntando o que havia de tão importante naquele diário que ela carrega para todos os lados – e Eloíse segurou o maciço de cabelos, presos ao pé da nuca por uma fita enlaçada e deslizou nele a mão. Recomeçou como quando lhe contava aquelas histórias de fantasmas à hora do boa-noite. – Foi um pedido do seu pai. Era desejo dele que você não viesse a saber. Sua única exigência. Um dia talvez quando você estivesse crescido... mas ele morreu antes. Alguém tinha que falar... ela não tinha a coragem, porque revelar esse segredo era admitir uma traição que ela jamais aceitou.

– Tudo mentira... sua índia mentirosa! – repetia Bernardo, os olhos fixos no chão. Pesados. A expressão de um condenado que caminha em direção à sentença máxima.

– Se você não acredita, pode ler no diário dela. Mas não vai ser preciso, um dia ela irá lhe contar tudo. Ou talvez nunca. Você descobriria sozinho, se é que já não desconfiava – tentou erguer-lhe o rosto com a mão sob o seu queixo, mas ele se furtou. Por isso ela quer se livrar de você, e eu achei que era minha obrigação contar para depois você não ficar cismado e endoiçar ainda mais: “Por que ela está fazendo isso?”.

– Por que então você esperou para me dizer isso agora? – perguntou Bernardo fixando-se no cigarro entre os dedos dela, como se falasse para a brasa que ia devorando o fumo e deixando para trás aquele rastro de cinza: – Por que você esperou para me dizer isso, agora? Justo agora que eu não tenho nada – tomou para o lado a cabeça.

– Você nunca quis saber de fato a verdade – ela redarguiu com impaciência e procurando empossar a voz: – Todas as vezes que me importunou, sim, porque esta é a palavra: “importunou”, eu lia em seus olhos. “Ele prefere ficar por aí divagando, estipulando, sem nunca querer saber realmente a verdade. Então tudo se acalmava e eu pensava: ”Graças a Deus, ele esqueceu, mas da próxima vez...”.

– Tolices, tolices suas – ele procurou emprestar à própria voz aquela mesmo tom cálido que ela emprestava à sua: – Eu devia ter sabido há muito tempo. Você podia ter-me dito. Ela podia dizer... há anos. Pior que a morte dele para mim não poderia ter sido, porque eu teria crescido, entendeu?

– E agora que você sabe da verdade, isso justifica alguma coisa?

– Não... – ele respondeu desapontado. – Acredito que não... Mas se ela não me odeia... por isso então?...

– Ela vive atormentada. – Eloíse apressou-se em explicar. De algum lugar da sua mente surgia a maturidade para tentar compreender Dulce. E ao seu entender ela foi explicando: – Dá para calcular o desespero dela? Tendo que conviver com você, dia após dia, a lembrança da traição. Ela amou demais ao seu pai e se não tivesse sido a promessa que fizera a ele... Mas não se atormente. Os conflitos que a atormentam são de consciência. Nenhuma culpa você tem deles.

– Ela devia então ser ao menos cortês comigo, já que não havia lugar para o amor.

– Você não compreenderia. Nem ela deve compreender – encolheu os ombros como se já lhe faltassem argumentos. Esmagou no cinzeiro o toco do cigarro, mas atirou-o no chão.

Bernardo seguiu-lhe o gesto. Uma ideia nova instalou-se-lhe no espírito quando ele ergue o rosto para a moça e perguntou inocentemente:

– Onde está minha verdadeira mãe, então? Por que ela não me entregou à minha mãe verdadeira?

Eloíse torceu os lábios, penalizada. Enlaçou os braços, sacudindo a cabeça relutante:

– Aí é que está o outro problema.

– Por que problema? Ela também não me quis?

E sondando-lhe bem as feições, ele já sabia da resposta antes mesmo de ela contar.

– É que ela morreu de parto. Morreu quando você nasceu.

Bernardo fechou os olhos. Mas mesmo de olhos fechados pôde pressentir o desgosto e arrependimento de Eloíse em ir-lhe contando as sucessivas desgraças que rodeavam suas origens. Sua história.

Sentou-se no braço do sofá. E ficou batendo na perna, lentamente, com o punho fechado. Sentiu-se escurecido, sombrio e sinistro tal aquela nuvem negra que ameaçava desabar. Quando?

– Quem foi ela então? Eu tenho o direito de saber... já não fazia a menor diferença. Ela estava morta. Morta! – ele repetia no seu íntimo.

– Foi uma prima distante do seu pai. Uma prima distante – olhou toda circunspeta: – Eles haviam sido qualquer coisa quando jovens, mas foram impedidos de prosseguir o romance. Aí seu pai conheceu a Dulce, os dois vieram para a cidade e ele esqueceu da antiga namorada, ou pelo menos fingiu ter esquecido, porque o doutor era um homem esquisito demais, fechado, casmurro! Esse tipo de gente que tem um olhar de gente maluca, que vive mais a vida dos outros que a própria. Que se inspira na dor dos outros pra viver e não aceitava a felicidade! No fundo ele era um pobre coitado!... Um homem sem bom-senso, como se diz por aí. Mas por uma dessas trapaças que a vida nos prega, acabaram se reencontrando anos depois. O casamento dos dois não ia bem, sua mãe sabia bem da história. Então aconteceu – fez uma pausa impelida a não prosseguir, mas voltou atrás quando Bernardo ergueu para ela o rosto súplice: – Foi nessa época que a Dulce tentou o suicídio. E eu sei bem o que é se sentir dessa maneira – falava agora num tom velado. Sombrio. – Ameaçou fazer escândalo. Ela o amava demais... o resto você já sabe.

Calou-se e Bernardo teve noção de que todo o desalento que havia nele foi transferido para Eloíse.

– Sim, eu sei – ele murmurou com aquele antigo desapontamento. E disse para si mesmo: Se eu não tivesse agido tão mal. Se tivesse sido um pouco melhor.

Respirou de boca aberta e ficou a imaginar a desatenção de Dulce. Tanto o que perguntar. E a luta dentro do espírito de Dulce para se manter serena. Digna. As tormentas. E a certeza de que jamais teria sossego o seu espírito enquanto tivesse ao seu lado aquele filho ilegítimo.

– Então eu devo ir embora daqui, mesmo – disse num fio de voz. – Não devo mais incomodar, Lola. Ah, Lola, eu vou para o internato mesmo quando ela vier falar comigo.

– Faça o que você achar melhor – ela rendeu-se enfastiada. – Só não me atormente mais com suas perguntas. Boa noite – e foi-se arrastando cabisbaixa em direção à porta.

Bernardo comprimiu os olhos. Estava só. E com aquele misto de sensações a penetrar-lhe o espírito. Eram muitas informações: o caso da Júlia, a constatação de que era um peso. Um bólido perdido no mundo. "Você é a cruz que eu carrego. A pior de todas".

Por alguns instantes mais ele ficou se contorcendo. Um grande ermo. Igual aquela via láctea que ele tentava vislumbrar através da janela e as nuvens o impediam. E em sua mente surgiu de repente em meio a revérberos as lembranças daquela noite fatídica. Havia pouco tempo. Quanto tempo! E as cenas ainda relampejavam sua memória, prometendo nunca mais serem toldadas. Os panos pretos, o ataúde, o odor forte de cera queimando. E aquele perfume misterioso e mórbido de flores. A hora lúgubre. As frases entrecortadas de Dulce revivendo os minutos de agonia. Em meio do seu espanto, pôde distinguir apenas um rosto através das grossas lágrimas que lhe congestionavam a visão: a fisionomia de César, amarga e dura como se estivesse congelada.

A partir de então, mortos e vivos significavam uma coisa só para ele em meio das incertezas e medos que lhe vinham à

tona. E nunca mais foi o mesmo, ou melhor, acentuou-se sim a esquisitice, a simpatia pela solidão que o isolava cada vez mais. A falta de empolgação e aquele senso observador quem nem o alegrava nem o entristecia. “É preciso que mude. É preciso que mude!”, repetia para si mesmo. “Mas mudar o quê?”. Esse lado cósmico que transcendia qualquer um outro que lhe coubesse. Quantos lados ele tinha mesmo? Um? Dois? Não seria má ideia fugir de ambos e tornar-se um terceiro. Sair de si e quando voltasse não encontrar mais nenhum. Principalmente aquele menino antipático que ele tinha tanto prazer em encarnar.

Pé ante pé, atravessou silencioso a saleta e voltou a sentar-se no mesmo sofá. As paredes então pareciam ir-se afastando. Fora do tempo e do espaço. Não era aquela a sua casa. Agora entendia aquela sensação de intrusão que sentiria anos a fio. E uma estranha sensação de perda instalou-se em seu espírito. Agora compreendia a frieza de Dulce. Os olhares. Os gestos. A intolerância. “Mas, menino”. “Não, menino! “Sim, menino!”. Mas o que foi agora, menino?”. Era sempre “menino” e nunca “filho”... “Esse menino está cada dia pior!”. Nunca fora sua mãe. “...Você é filho só do seu César...”. O casarão de colunas, os irmãos, tudo parecia ir-se afastando. Repeliam-no. O Monte Olimpo não mais seria a sua casa. Por algum tempo ele ficou ali na semipenumbra da saleta esperando por Dulce, e sem saber por quê não teve mais medo de esperá-la. Nem se irritou com o “blém-blem--blém” do sino que soava na janela. Ele não era filho da deusa-mor. Ele não era um semideus”.

## SEGUNDA PARTE

O carro deslizava implacável pelo asfalto. Bernardo firmou as mãos no volante, seguro, confiante, satisfeito. Satisfeito? Confiante? Pois sim! Mas era de fato uma satisfação aparente. Satisfação aparente... O que vinha a ser isso?... Quem mesmo?... Ah sim: Saulo. O observador e perspicaz Saulo. E suas frases contundentes, precisas. "Suas ideias são tão brilhantes quanto seus cabelos louros!", dizia Bárbara, afagando-lhe a cabeça, mas de olhos mesmo em Bernardo, açulando-o a segurar com punhos de aço as rédeas da sua vida; chegando com a mesma confiança e açoite com que Eloísa lhe dizia: "Você é livre, menino!".

Bem à frente a rua se bifurcava e ele lembrou que havia tanto tempo estivera assim. Exatamente assim: dividido. "Então eu tenho que ir embora mesmo, Lola!". E sempre tivera a curiosidade em saber se estava afirmando, perguntando ou ainda pedindo uma opinião: "Então eu tenho que ir embora mesmo, Lola?! Quantos anos? Quantos anos mesmo? Muitos anos e apesar de tudo... Bem, apesar de tudo, o quê?... A violência com que ele pensou em agarrar-se às saias de Dulce: "Não, mãe! Eu não quero ir!". Mas já não era mais "mãe" e sim Dulce. Apenas Dulce. E não fora sempre assim? Estivera a ponto de pensar mesmo em suplicar. Seguiu o caminho reto. A opção do covarde? E o certo é que até hoje não sabia se teria mesmo sido melhor se houvesse sido diferente, como dissera Lola. Sempre

importunado ou importunando, com os discursos sobre autoconhecimento. Tanta filosofia ao longo daquela estrada. Que estrada era aquela tão tortuosa. Tortuosa? "Já foi pior!", devia dizer, e um risinho sacudiu-lhe os ombros. "É que não havia mesmo nada a ser feito, a não ser aceitar. "Ou render-se, ao ser impelido àquele labirinto. Completamente atônito. Perdido, diante daqueles caminhos serpenteantes. E traumatizado com as pessoas, retraiu-se ainda mais. Mais do que antes. "Ir para onde?", ele perguntara, e Eloíse sacudiu os ombros. Um eremita. Passou a imagem de um monge tibetano, sem aspirar mais nada da vida. Desesperançado, podia então se refestelar naquele lugar aonde foi mandado e ali terminar seus dias, sem que ninguém desconfiasse de que ele sabia. Tão pouco! E ele jamais precisara mais do que isso. Mas algo lhe soou tão diverso à sua doutrina, que, aliás, ele nem sabia se era sua. Mas suas ideias? As belas ideias. Tão belas, seriam traídas com aquela filosofia? As filosofias do isolamento num lugar onde não houvesse nem bicho nem gente. Tão pouco o menor contato com o mundo antigo. Porque no fundo, bem no fundo, aquelas pessoas que o cercavam então eram programadas apenas para lhe dizer o certo e o errado. Eles não viam jamais sua frustração: o mundo continuaria a girar, prosseguindo seu curso e isso cabia também aos seus. Principalmente eles que sempre souberam e nada haviam feito em seu auxílio. Em verdade, não queria mais nenhum contato com aquela gente, e considerando que talvez fosse um tanto difícil, senão impossível, lembrou-se do desejo de ir-se desfazendo dos antigos gêneros, que vieram amargando-lhe a existência.

Sempre pensara em mudar, mas mudar o quê? Era uma questão inepta. Mas a felicidade que ele sentiu quando chegou à conclusão de que o termo correto era aperfeiçoar a si mesmo. Aperfeiçoar tudo que houvesse de bom e não simplesmente mudar. Talvez nunca houvesse desejado tanto assumir a si mesmo quanto naqueles dias. Tudo o que antes era latente.

Empolgou-se com a ideia de viver a própria vida, alheio aos antigos estigmas. Evaporaram-se então vários Bernardo dos quais aprendera a não ter saudades. E se tinham algo a ver com o atual era simplesmente por coincidência. Permitiu complacente que se evaporasse o esquisito, o medroso, o depressivo, o menino invejoso. Todas as marcas que outrora o envergonhavam, e no lugar das antigas faces surgiu um Bernardo arrojado, avesso ao comodismo. Foi lá pela primeira vez na vida que ele se viu inteiramente pronto para viver. Justamente quando, onde e com quem menos esperava, sentiu-se fervoroso. Tanta agressividade que às vezes tinha uma sensação de revolta. O que ele queria afinal com todo aquele fervor? E em meio dessas mutações o tempo foi passando. Meses sucederam. E se perguntava às vezes como tudo acontecera.

Como saiu daquela casa foi coisa que jamais conseguiu entender ou explicar. Mas não saiu? Era uma questão constante porque nem os outros nem ele próprio acreditava. E acreditavam menos ainda que ele não retornaria. Não voltou. E às vezes perguntava-se se ele tivesse apenas arquitetado os planos, teria certeza de que jamais conseguiria. Mas conseguiu? Não sabia. O certo é que reuniu a sua confiança de menino, arrumou as malas e foi saindo. “De certa forma me sinto culpada pelo que está acontecendo...”, dissera Eloíse. “Mas vá à procura do seu lugar. Quem sabe assim você não se encontra. Eu não tenho direito...”. Ele então foi, mesmo a contragosto. E embora não estivesse certo de que se encontrara, desconfiava que assim tenha sido bem melhor. Dulce não o queria por perto, os outros pouco se lhe davam. E que lugar escolheram para ele. Que lugar! Aquele esconderijo em forma de albergue, fora do mundo e do tempo. Padres e panos pretos. Rezas e disciplinas. Deveres e penitências... Ah! Os anos enfurnado naquele quartinho junto a um desconhecido de olhar tão sombrio e assustado quanto o seu. As noites maldormidas numa cama que não era a sua. A comida, a água, tudo diferente. Estranho. E ele com o an-

dar bovino, o olhar bovino, a atitude de um autômato que sem querer foi obrigado a entrar num mundo que não era o seu. Derivando assim numa saudade tão grande. Àquela hora do crepúsculo. Tanta saudade. Tanta! E sacudia-lhe um leve tremor com o desejo de regressar e propor a Dulce que tudo continuasse como antes. Tal e qual. "Que menino covarde eu sou!", sentenciava, e logo arrefecia-se o antigo desejo, embora soubesse que ele ficaria apenas adormecido. Até quando, meu Deus? Até quando? E acometido por uma revolta, voltava-se aos estudos. Tanta agressão. E nessa mesmíssima época, ele veio vindo em sua direção, um menino independente, confiante, sozinho no mundo e sem saber porque foi aceitando-o. Aprendeu então a viver sem eles, pois entre ele e os outros havia apenas um ermo obscuro. Não quis mais suas visitas nem suas cartas. Nenhum elo. Evaporou-se tudo, repetia para si mesmo, embora de vez em quando se pilhasse naquela antiga sensação de saudade.

"Até quando?", perguntou-se, desviando de um cachorro, que fugia acuado do guarda que queria prendê-lo. Sentiu-se tocado pelo antigo desejo. O desejo de ficar amuado como um bicho pelos cantos. Mas com Dulce e com toda a sua gente. "Eu amo tanto minha mãe, padre...", dizia nos momentos de palestra com um dos muitos conselheiros no internato. E em seguida calava-se. O olhar cristalino, distante. "De quem eu mais tenho saudades é da minha mãe...". Lembrou-se então de Eloíse quando decidira que assim que terminasse os estudos não queria voltar para aquela casa. "Se ela não me ama, então devo permanecer longe!", sentenciava. "Ele já não é mais o mesmo. É como a água e o vinho, o antes e depois". "Seria mesmo?". Ele lembrou-se de ter perguntado a si mesmo enquanto Cesário com um laivo de ciúmes parecia advertir lhe: "Só não pense em ir gastando toda a herança da família com essa excentricidade, maninho. "Nenhuma comoção como ele imaginara". Sentiu mesmo um grande alívio quando lhes participou de sua decisão. Uma averiguação, embora ele soubesse que não teria

sido necessário. “Foi mesmo como se já soubessem da decisão e esperassem apenas o momento de ser executada. Mas no semblante insondável de Dulce, que ele pôde ler pela primeira vez se via apenas um ceticismo de que aquela decisão não o levaria a lugar algum senão ao caminho de volta para casa. E mesmo ele pensou dessa forma no princípio: “Digo que pretendo tirar umas férias”. “Encontrei esse lugar tão aconchegante para passar uma temporada”. Nada mais apropriado para um jovem escritor em férias, mas com jovens artistas como ele. Poetas, pintores, atores e compositores.” A dona Bárbara foi quem encontrou esse lugar para mim”.

“Mas não era para ser só uma temporada?”, perguntava Olímpio desconfiado, mas resignado. “Devia, mas é que tudo foi ficando tão cômodo”, ele mentia. Mas os irmãos eram insistentes. “Quando é que você volta?”. E ele encolhia os ombros. “Tudo aqui soa tão bem”. Novo, mas conhecido e aspirado, como se estivesse ao meu alcance, sempre e eu, contemplativo que era não podia apanhar. “Você está transfigurado, é isso!”, filosofava Olímpio deixando-o a par dos últimos acontecimentos. Eloíse não falava quase nada. “Apenas ela sabia”. Apática, serena, acompanhava-o com o olhar bovino. Às vezes, um lampejo de arrependimento parecia turvar-lhe a visão, mas logo se arrefecia. “Você parece ter-se encontrado aqui, no meio dessa gente. Mas às vezes eu percebo em você um certo nervosismo. Arrependeu-se então? Ou isso significa apenas uma revolta? A quem você quer provar e o quê?”. E ele furtava-se confuso. Perturbado. Desviava a conversa para um caminho menos complicado. Ou então não dizia nada. E ia seguindo. Só que já não era o vento que o repelia. O que seria então?

Ficou por um momento distraído, observando aquela caçada que parecia emocionante, mas injusta. Que mau podia haver num cão vadio como aquele ficar vadiando?... “Que mal há num menino peralta fazendo traquinagens?”. Lembrou-se da frase: Eloíse. As pessoas estão sempre tentando nos acuar.

Amordaçar. Seria justo que o cão avançasse no guarda e lhe gritasse que lhe deixasse em paz. Havia tanta coisa mais importante com que se preocupar. “Teve ímpetos de sair do carro e tomar o partido do animal. Mas já era tarde, ele já gemia, humilhado e aturdido, preso àquela focinheira. Compadeceu-se.

Atordoado, foi retrocedendo no tempo. Aos primeiros tempos, primeiro no internato, depois ali naquele abrigo. Aquela sensação de ir comparando as novas companhias à sua gente. Todos que vinham e iam. Os que restavam. Então notou que inconscientemente aquela era uma forma de ir resgatando toda a vida da qual fora obrigado a esquivar-se, e ir trazendo-a para junto de si.

Como então desnudar-se dessa velha mania de comparar tudo e todos? Se não era melhor que essas semelhanças lhe passassem despercebidas, ou melhor, que não existissem. E acreditando nessa ideia, foi quando finalmente, sem perceber, conseguiu ir-se esquivando. Principalmente da família. E com que presteza! Chegou a época em que se esquecia de manter contato. Dar um telefonema. Foi fazendo apenas o que lhe dava ganas. Rompendo impensadamente os laços com a antiga casa a ponto de sentir-se um estrangeiro. “Aquela não é minha casa”. E sentia a insistência dos outros em manter a unidade. Que unidade? E vinham-lhe ao encontro, davam-lhe as notícias, as queriam também, indolentes viam Bernardo ir-se integrando noutro grupo, conhecendo gente igual a ele. “O contemplativo Bernardo, hein, quem diria, vejam no que deu!”. Brincava Olímpio sem manifestar sua verdadeira opinião.

Então, disposto e decidido, investiu. Procurou produzir mais do que havia criado durante toda sua vida. Com o diploma em mãos, pensava apenas em escrever e escrever a ponto de não sentir vontade de parar. Tanta veemência. Melhorando a situação, todos à sua volta consideravam-no perfeito. Antes os padres, depois seus companheiros do pensionato, que admi-

tiam seu potencial, embora pairasse na atmosfera um mórbido sentimento de rivalidade.

Bernardo lembrava os dias de ciúme e despeito de Saulo. Os comentários desprendidos de Lúvia, a esse respeito, comentários que envaideciam-lhe o ego por alguns instantes e faziam-no desviar o olho lá para fora, naquele praça, e deitá-los naquela grama verde. Tão abstrato. Distante. Um desfastio que o fazia pensar que devia ter feito como Pilatos: ter mandado simplesmente vir água. “Eu sou inocente... Lavo minhas mãos”. Também deveria agir assim desde o princípio, desde as primeiras tentativas de Eloíse, de perturbá-lo com suas insinuações sem nexos até então. Desde as primeiras falhas de Dulce. Desde o princípio da vida misteriosa de Olímpio e dos negócios de falcatruas de Cesário. Ora, desde que acompanhara a vida de luxo e desdenhosa da família, tinha algo concreto e seu. Especialmente seu: a arte. Revia de repente o olhar circunspeto e suspeito de Dulce. E aquele tom: “Você tem certeza de que é esta a decisão mais coerente?”, e ele fora confiante. “Mas eu adoro escrever. E também trabalhar com traduções, enfim... A dona Bárbara tem me ajudado... Pode ser que não dê certo, mas poder viver disso para mim é absolutamente formidável.

Absolutamente formidável. Que significaria essa expressão: “Absolutamente formidável? A certeza de que nesse tempo nem ele era ainda um escritor, tão pouco o homem independente? A certeza de que ele era apenas o modelo de jovem independente, descobrindo suas vocações? A certeza de que ele próprio teria que se identificar e não se deixar transcender por uma glória ilusória? Ou o descrédito que dava àquela mulher, sua amante casada, e a todos os incentivos dela em vê-lo bem-sucedido? Sim, ele era um amontoado de todas essas questões pelas quais passara e chegava-se à face atual”.

“Você parece ter tanto talento!”, repetia Bárbara, quando ele decidira participar-lhe que não pretendia mais trabalhar com traduções e sim escrever os próprios textos. “Vou criar

meus próprios textos”. E encontrou o apoio justamente naquela mulher de carne e osso, que outrora jamais lhe havia dispensado mais que um meio olhar. ”Estou assumindo os negócios da editora...”. E contava-lhe o que se passava em sua vida. Jamais tocava no nome de Júlia. Nem falava na família. “Ah, Bernardo, eu ando tão desencantada”, gemia ela empurrando as pastas, enfastiada. Procurava por novas motivações, novos talentos. Achou-os naquele rapaz excêntrico, recém-chegado e confiante como um menino que acabava de descobrir de uma só vez a própria vida e o significado que se enredava nela, e que quando criança sonhava ficar chapinhando pelos seus jardins e dar gargalhadas gostosas junto dos outros no meio da sua saleta, mas que se contentara em ouvir as histórias sem nunca ter participado delas... Chegaram ao extremo. E aconselhado por aquela mulher maviosa, vinte anos mais velha que ele e de temperamento instável, Bernardo aprendeu a aguçar seu senso prático e ampliar seu antigo poder de restrição. Estimou-se então que chegara ao apogeu da maturidade, embora ele mesmo se julgasse tão inseguro. Inacessível.

Já fazia tempos que procurava alguma coisa. Tempos que se mudara e se desligara do passado. Tempos que conhecera Bárbara e se envolvera com ela numa relação nebulosa. Tempos que procurava agir com naturalidade, mas seus gestos lhe soavam sempre tão artificiais. A verdade é que colocara agressividade em tudo que fazia, ao invés de produzir por vontade própria, por um desejo exclusivamente virtuoso. E no fundo, bem no fundo, esperava mais. Algo além daquela indolência com que os seus recebiam suas atitudes. Seus feitos.

“Meu bem, por que isso, agora?”, surpreendia-o Bárbara às vezes quando o apanhava assim contemplativo. “Eu não sei o que se passa, mas imagino! Não adianta ficar aí ruminando os desgostos do passado. Apesar de possuímos o dom sublime de intercambiarmos presente e passado, o certo mesmo é abandonarmos o passado lá atrás. Esquecer! É o melhor a fazer! Você é

jovem ainda e não aprendeu que trazer à tona os espectros antigos, que só existiam na sua cabeça, te deixa assim... Lembre, sim! Mas lembre somente depois que tiver certeza de que não será mais afetado.

E não era esse o passo mais coerente a ser dado? No entanto parecia tão difícil. E reviu a boca vermelha, zombeteira de Bárbara falando de Isabel, quando a moça manifestou a ideia de entrar para um convento”. Que filha esquisita a minha, agora pôs na ideia de que vai ser freira. “E essa não teria sido a ideia mais coerente?...”. E que fim se deu a Júlia? – ele perguntou certa vez, omitindo o seu verdadeiro interesse. Bárbara franziu a testa e ele tivera receio de que ela perguntasse. “Qual seu interesse na minha sobrinha? “Mas ela apenas encolheu os ombros, acendeu um cigarro, e quando menos esperava, foi relatando o que vinha acontecendo:

“Aquela ali está cada dia mais misteriosa”. Foi soprando e, em seu espírito, Bernardo sentiu um misto de medo e gozo. Porque aquele ainda era um assunto que o fascinava. Mas também o assombrava.

“Ela parece uma personagem de Kafka”, prosseguia Bárbara distraidamente. “Nunca vi igual! Vive criando um mundo à parte e só se afasta dele o contragosto. A sorte é que ela se diz uma artista, e artista tem dessas coisas mesmo. Desde que aconteceu de... e atalhava-se sôfrega julgando que Bernardo ignorava o caso. “Bem, desde que andou tendo uns problemas de saúde, faz algum tempo e fez aquela viagem, ela voltou mais... indolente. Tão solitária e contemplativa, parece você...”. Bernardo então fechava os olhos. Revivia ainda hoje aquele dia de apatia, quando soubera que Júlia tinha viajado. “Logo depois do aborto” e a repugnância que o caso lhe causava. Especialmente aquela palavra. “...você imagina o que significa um aborto?”. “Traição!”, ele pensou em gritar. Ou gritou?

Traição! – ele sussurrou consigo mesmo, quando o sinal à sua frente fechou. “Logo na minha vez!”. Mas traição maior

não teria sido a de Dulce em vê-lo todo o tempo contorcido em angústias por causa dela e jamais se ter chegado nele: “Olha, menino, eu não amo você, porque não tenho obrigação nenhuma... você não é meu filho!”, e o amor por Cesário se redobrava a cada dia. A cada minuto. E a sua ignorância também. Tanta perplexidade. O rancor. A angústia existencial. “Angústia existencial”, a expressão preferida de Eloíse. E quem não era frustrado dentro daquele convívio? Todos. Cada qual a seu modo, mas frustrados.

Bernardo seguiu a pista à direita assim que o sinal abriu. E enveredou numa rua dominada por edifícios antigos e parda-centos. Já quase no final, havia um prédio, também cinzento, parecia de fato um castelo medieval, mas com o requinte de um abrigo no deserto, com seus jardins resguardados por grades negras em arcadas góticas. Em frente, a praçinha, perto da qual ele foi diminuindo a marcha do carro e breiou junto do chafariz.

“Mas é que ela havia prometido ao pai. E por que ficar remoendo essas ideias agora?”, pensou, e foi-se esquivando da porta do carro. “Agora ou sempre?”, enfiou as mãos nos bolsos. “Continuo sendo o mesmo”. De nada adiantou ter mudado de lugar, cultivado novos hábitos. Aquela velha face continua impregnada em mim, e parece impossível extraí-la...

– Bernardo!

A voz vinha da praça, onde em meio do rumor de conversas e entre os transeuntes, ele avistou Saulo, agachado sob uma árvore, refestelado numa toalha de xadrez estendida no chão, dando suas aulas de violão a uma jovem. “Parece Olímpio com seu ar de Hamlet desvairado”. Era a comparação que sempre lhe vinha à cabeça. Rapidamente ele distendeu os lábios num sorriso afável vendo o amigo aproximar-se.

– Correspondência para você! – exclamou retirando do bolso da camisa de flanela um envelope que entregou a Bernar-

do. – Achei melhor eu receber porque estavam desinfetando o prédio... Parece que o forro está infectado...

Ele agradeceu, lendo a sobrecarta. Franziu a testa num esboço frustrado: “Ah, é do Olímpio!”. Abriu-o. Dentro, os convites que Olímpio insistia em enviar-lhe toda vez que ia encenar uma nova peça. Ele sequer sentia a ausência do irmão e continuava displicente, enviando os convites. “É o velho Shakespeare, você vai gostar!”, insistia ele. Insistia? Ou então: “É um novo escritor britânico. Essa peça já foi encenada nos melhores palcos do mundo...”.

Foram caminhando no sentido da casa. A meio caminho, uma jovem negra (a Lúvia) acenava-lhes encarapitada num dos janelões do pavimento superior. Retribuíram o aceno assim que a avistaram. Lúvia devia estar debruçada sobre seus projetos e programando nova forma de expressar sua arte. Era atriz de teatro.

– Más notícias? – quis saber Saulo já no vestíbulo, onde uma negra escadaria de carvalho dava para o pavimento superior. Subiram.

– São convites do meu irmão que é ator, eu já lhe falei nele?

– Você nunca fala da sua gente...

Entraram. O apartamentinho era aconchegante, composto basicamente por móveis escuros, num tom monástico, com estantes que iam forrando as paredes até o teto, abarrotado de livros, as cortinas cor de vinho escorriam até o assoalho lustroso, acentuando o ambiente sombrio mas comodista do lugar.

Foram para a saleta do almoço, no centro da qual uma mesa escura e redonda acomodava uma máquina datilógrafa, algumas pastas de couro e mais livros empilhados.

– A Bárbara esteve aqui, já esta tarde – disse Saulo apanhando um livro, que folheou ao acaso. Em seguida lançou um olhar para fora através da janela que Bernardo foi abrindo e acenou para a pupila das aulas de violão que se exercitava: –

Reclamou sua ausência e disse que você telefonasse assim que chegasse.

Bernardo suspirou resignado diante dos recados. A princípio fora difícil aceitar a intrusão daquele jovem de olhos bistrados de coelho, sem pestanas. Aceitar a amizade que lhe ofereciam. Ele e Lúvia. E os laços humanos. Não fora fácil aceitar que aquelas mãos estranhas deslizassem por seus manuscritos, seus livros e objetos. Esboços jamais concluídos, que eles insistiam que Bernardo fosse até o final. Às vezes sufocava até mesmo um ímpeto de ordenar-lhes que não mexessem em seus projetos, que não tentassem conhecer sua história. Afinal, foi-se arrefecendo esse pensamento e substituindo aquela ideia antiga de isolamento afetivo por um sentimento de companheirismo, já que nada havia a perder. Agora eram cúmplices.

– Gente louca. Louca! Louca!

– Antigamente os amantes tinham mais fervor. Eram mais pudorosos. Ou pudicos?

Bernardo riu e voltou a olhar os convites. “São convites da Júlia...”. Ela estaria lá também? “Com um beijo, eu morro!”, mas essa era a fala do Romeu. A última fala. “Chegou a considerar a ideia de ir ver”. “Pelo menos dessa vez” não seria preciso que ele se mostrasse. Mas havia sempre um abelhudo: “Você não é irmão do ator principal?”, diria, e chamaria os testemunhos. Logo ele seria delatado. “Você, hein, Bernardo! Aí tão em surdina na última fila?”, reclamaria Olímpio. Haveria entre ele e Júlia ainda a possibilidade de uma última fala? Ofereceu os convites ao companheiro.

– São seus. Eu não gosto dessa peça que vão encenar...

Saulo ensaiou um acanhamento que estava longe de sentir. Ele sabia que seriam seus os convites. Já estava habituado recebê-los. E foi falando:

– Eu às vezes acho que o problema não está nas peças, mas nos atores.

Bernardo apanhou no cesto uma maçã e atirou uma segunda ao companheiro. Limpou-a na camisa, mas ficou com o fruto suspenso no ar.

– Boa mesmo vai ser a peça que eu hei de concluir algum dia – foi falando, e em seu olhar um fulgor malicioso: – Tem uma bêbada espalhafatosa e louca (Laura), seu marido, uma figura, um pobre coitado delirante que resolveu fazer o político, não se deitará tantos dias e vai estar metido em falcatruas, escândalos, conchavos (Cesário) – teve um sorriso lento para o amigo. – Há também a suicida, frustrada pelo desamor e uma megera que comanda toda a tribo... Ah, ia-me esquecendo: o pederasta! Sabia que é moda a pederastia nos palcos?! Uma coisa meio velada. Sugestiva. Nada ostensivo demais. Esse papel será o seu, que também pretende ser um grande ator e adora desafios – disse, sacudindo pelo mesmo risinho, apontando o dedo na direção de Saulo, que pareceu entalado com o pedaço de maçã que tentava engolir. – Mas o ponto máximo serão dois jovens e a incomunicabilidade entre eles. Tantos desencontros e desentendimentos que os dois acabam enlouquecendo, com a tragédia humana existente no “eu” de cada um: conflitos existenciais, todos perdidos e alucinados, enganados por suas próprias consciências numa coroa vertiginosa. Afogados como em areia movediça e ninguém para lhes estender a mão.

Bernardo mordiscou um pedaço da maçã e percebeu a expressão pasmada do companheiro. Tomou-lhe da mão o livro que ele retinha. Estendeu-o no ar:

– Isso aqui é quase nada perante minha obra-prima.

– Parece uma tragédia grega – opinou Saulo. – É uma tragédia?

Recolocando o livro no lugar, Bernardo sacudiu a cabeça:

– É comédia. Você não percebeu?... – distraía-se agora em arrumar as flores do vaso. Passou para o cavalo talhado em madeira em posição de repouso, que amparava alguns livros na prateleira da estante menor.

– Então você vai ser um gênio se conseguir fazer alguém rir, com toda essa trama.

Ele encolheu os ombros.

– Sabe o que eu acho?... – prosseguiu timidamente Saulo. – Se você permitir, se disser que não vai se importar...

– Eu juro que não! Dê sua opinião.

Bernardo sorriu desconfiado. E fitou-o interrogativamente como se lhe perguntasse: “Mas você não vai falar mesmo?”. E diante do seu olhar de suspeita, Saulo acrescentou com estuda-  
dada distração:

– Deve ser a história de uma experiência pessoal. A sua experiência pessoal e de sua família... Acertei?! – sussurrou ele. Desviou o olhar de Bernardo e abocanhou o resto do fruto, desconfiado.

||

Um estampido seco de champanhe aberto perspassou na sala levando ao espírito de Bernardo o prenúncio de algo agradável e bom. Bom e agradável como aquela mulher arruivada de incomum afloração carnal e olhos cor de gotas de anil. Tão bonita a Bárbara. E o que teria visto nele? Bernardo perguntava-se às vezes. Ah, sim! Um romance sem futuro. Sem fundamentos. Um misto de pureza e liberdade. Um caso acima de qualquer suspeita. Não! Não era bem assim. Alguns sabiam, outros não. E ainda terceiros que fingiam não saber.

Mas isso nada significava. Um relacionamento irresponsável. Ocioso. Ocioso, sim, porque não devia haver por nenhuma das partes exigências de compromisso. E nem se podia, que era exatamente essa diferença que tornava tudo leve. Sem atordoamento.

– Esqueça essa ideia de que você só conseguiu porque é um frustrado – admitiu Bárbara servindo o cálice com champanhe.

– Quando há de perder essa mania? – observou-o através do cristal. Entregou a ele um segundo cálice também nutrido: – Não dá para você, simplesmente, aceitar a ideia de que merece e pronto?! Seu livro está prestes a ser publicado e isso é esplêndido!

Ele saboreou a bebida. Ficou a contemplá-la. Irresponsável e sensual. Bárbara às vezes lembrava alguém. Quem seria? Dulce, mas toda enfeitada e ornamentada de joias. Ele então lhe escondia no regaço o rosto, receoso de que descobrisse que não eram seus beijos que o conduziam até ela. Era o acalento. Dulce nunca o acalentara.

– Esse tipo de coisa faz bem ao ego, mas não alimenta o resto, compreende? Isso não significa, porém, que eu não tenha me entusiasmado com todas as palavras doces que você já me tem dito – refestelou-se nos braços da poltrona. Sorveu novo gole.

Ela acendeu um cigarro. Tragou e vergou a cabeça para trás. Suas atitudes de uma Jezebel insandescida, e nessas horas fazia com que Bernardo se sentisse mal. Só que essa sensação logo arrefecia. Voltava à irresponsabilidade e ambos tornavam-se simplesmente amantes. Sem queixas nem arrependimentos.

– Ah, meu querido... – ela começou e reteve-se após um suspiro. Sempre tinha esse tipo de atitude que intrigava Bernardo. Os olhos ficavam cristalinos e ausentes, mas ele podia ver passar neles a juventude já perdida da mulher. Era nisso que ela pensava nessas horas. E calava-se com um suspiro. Ele então sentia-se inapto a abrir a boca. Falar o quê? Não havia mesmo o que dizer. Apenas pensar nas palavras que viriam em seguida (...Se eu fosse alguns anos mais jovem, amadureceríamos juntos...), mas ela jamais admitiria. Em vez disso, prosseguiu após passado o momento de reflexão: – Aproveite! – e apanhou um morango na travessa.

– Sim, irei – repetiu com convicção. E após um vacilo: – Não que eu esteja com receios de alguma coisa, mas às vezes tenho a sensação de que podemos não durar... – depositou na mesa o cálice vazio.

– Mas quem foi que disse que tudo dura para sempre? O para sempre, sempre tem um final. Talvez mesmo isso de para sempre não exista. Ninguém é eterno! Nada é eterno ou invulnerável ou absoluto... Veja eu, por exemplo, sou tão resistente para tantas coisas enquanto que para outras... Eu também tenho minhas fraquezas. Mas por ofício procuro ser agressiva, dissimulando o mais. Parece tão simples.

– Como assim? – quis saber Bernardo nutrindo o cálice, novamente.

– Ser mulher num mundo dominado por homens já é uma grande desvantagem, mas eu vou levando. É preciso ceder quando necessário, mas superar essas mesmas rendições tão logo seja oportuno. Senão você é esmagado.

Bernardo bebeu devagar. Eis então a mulher em quem resolveu se amparar, partilhar seus planos, as ideias. Mas não conseguia compreendê-la, lidar com ela às vezes.

– Pois eu acho interessante imaginar um ser que tem o poder de gerar a vida. Criar gerações inteiras que brotam das suas entranhas...” (ela não é sua mãe...), lembrou-se repentinamente.

– Veja que fabuloso! Vou ver se uso isso numa próxima obra.

Bárbara afastara para trás uma madeixa que caíra-lhe na testa.

– Narcisista, você está se tornando. Isso é sinal de que você começou a mudar... Mas voltando ao assunto, me referia à emancipação feminina, eis o termo correto, algo que só existe nos meios avançados e sob uma nuvem densa de preconceitos e receios. Todo mundo anda falando de direito, mas na prática isso não funciona como nos papéis, nas filosofias. Ninguém pratica. Nem eu que sempre me considerei uma mulher emancipada. No fundo até eu prefiro uma vida dentro de uma redoma. Um amor embutido numa amizade branca.

– Interessante – atalhou-a Bernardo fitando-a com ar de desafio e arreganhando um sorriso tímido: – Você ma dá tal impressão de tamanha autossuficiência.

– Sim... – ela concordou. E parou confusa. Mas sua voz soou clara: – E se eu causei tal impressão, por que não se espelhar nela? E parar de imitar a dor alheia?!

Ele concordou sem saber ao que ela referia-se de fato. "Você é o seu maior algoz". Quem mesmo teria lhe dito isto? E prosseguiu: – E quando que eu podia imaginar há algum tempo, que me veria assim exatamente: comemorando com minha amante esses planos que não sei porque deram certo! – ele parou confuso com a naturalidade das próprias palavras: – Por motivos diferentes a cena sempre se projetara de outra maneira na minha mente – e em silêncio. (Dulce indiferente ou desdenhosa, as duas emoções que se podiam esperar dela. Os outros zombeteiros. Incrédulos e aquele olhar de quem não acredita, ou não quer acreditar. Mas meu Pai...)

Agora Bárbara observava-o novamente com uma expressão branda, enquanto girava lentamente, no anelar, a sua aliança. Puxou um trago. Esqueceu o cigarro no cinzeiro. Quanto a Bernardo, tentava em vão erguer confiante a cabeça. E num tom febril. Saudosista:

– Havia alguém a quem eu queria tanto, agora... (Você é filho só do Dr. César!)

Ele quis dizer outra coisa, mas receoso de perturbar ainda mais Bárbara, apenas emendou, à medida que a voz foi baixando e o ombro encurvando: – Alguém a quem tive, mas perdi sem nenhuma cerimônia. Tão injustamente!... " Agora mesmo você é ele, cabisbaixo, receoso... "

Bárbara fez um muxoxo e foi-se afastando no sentido da janela. Cruzou os braços. Prendeu entre os dedos algumas pérolas do colar que escorria do pescoço ao longo do vestido de gaze.

– E quem foi? Pode-se saber?

– Meu pai... – respondeu e calou-se, tamanho saudosismo.

– O que foi que você fez a si mesmo, Bernardo? Do que você foge tanto? Ou a que você se prende tanto?

– Era meu pai... – repetiu-lhe sem alterar a voz. E num tom pálido, mas apático: – Sabe, eu já devo ter-lhe mencionado que costumava ir com frequência ao cemitério depois da morte dele. Sentia-me bem ali, não me importava, eu podia passar uma tarde falando sozinho em meio àquela sensação que me era estranhamente desconhecida mas reconfortante.

– E agora não é mais do cemitério que você tem falta, é da casa... – ela sentenciou com certo pesar. – Você quer voltar para sua gente...

Ele assentiu um tanto confuso. Apesar de tudo, teria sido feliz ali? Ou fingira ter sido feliz esse tempo todo? Nenhum dos dois. Ele nunca precisara nem ser nem fingir ser. Aprendera a observar as pessoas sendo ou fingindo ser.

– E quem te impede? – prosseguiu Bárbara. A voz abrandara-se ainda mais. Depois reassumiu um tom ligeiramente autoritário. – Ora, há quanto tempo nos conhecemos, mesmo? Digo, há quantos anda essa nossa relação? E esse foi o tempo que testemunhei uma metamorfose de um rapazinho sem alento. E às vezes desconfio que nada evolui, ou que pelo menos tudo anda a passos de lesma. Ela agora se punha a caminhar meio a esmo pela sala e, contudo, usava de tamanha convicção em suas palavras: – Por que não sair fazendo tudo que der ganas? Se é isso realmente que você quer.

Bernardo sondou-lhe as feições. Exatamente esse sentido tiveram as palavras de Cesário naquela tarde remota. Então não havia dúvidas. Ele continuava o mesmo.

– Você agora passou a me tratar igual a outra gente me tratava – lembrou-se de admitir. – E eu quase me senti reduzido ao mesmo Bernardo de antes. Encolheu humilde a cabeça para o peito. E depois de algum tempo: – Então veio alguém e me pôs um espelho na cara. Mas eu não gostei do que vi; talvez deva ter sido eu mesmo que num dado momento descobri essa coisa de vida, ih! É bom viver. Foi o que fiz e o que estou fazendo agora. E quando olho para trás percebo que os desafetos nada mais

eram que patamares sendo transpostos por alguém, e esse alguém: eu.

– Tocante! – murmurou Bárbara atraindo-o para si. Afagou-lhe a cabeleira recém-tosada e acariciou-lhe a orelha com a ponta dos dedos. Então beijou-lhe os lábios. – O que é que você quer dizer com todo esse desabafo, querido?

Ele volveu o olhar para cima:

– Eu não conheci minha mãe, digo, minha mãe verdadeira, você deve saber...

– Talvez deva ter ouvido algo a respeito, mas prossiga!

– Talvez o fato de você desejar e sonhar com algo, sem jamais tê-lo conseguido, seja menos doloroso que o fato de você ter tido e perdido.

– Como assim?

– Quando se sonha com algo, a sua fantasia determina a magnitude daquele sonho e é apenas isso o que importa: sonhar!

– E aonde você pretende chegar com essa história?

– Ao meu passado.

– Mas já lhe ocorreu a ideia de que seu passado me é indiferente? E já era hora de deixar de ser relevante também para você.

Não! Ele sempre tivera o pensamento de que passado, presente e futuro eram partes a serem comungadas entre amantes.

– Realmente, o passado não devia significar tanto agora. Você vive me dizendo que o passado é passado e que o que se deve ponderar é somente o hoje. A maioria das pessoas age dessa forma. Olímpio é uma delas. Estou falando nisso porque às vezes chego a imaginar que essas mudanças estejam me deixando alienado. Tenho medo de perder a noção.

– Ou aceitar o novo? – ela instigou-o um pouco mais.

Ele estirou-se na cadeira e estendeu as pernas até à mesinha de canto, molemente. Ofereceu o rosto à corrente de ar que entrava pela janela aberta. Bárbara examinava instintivamen-

te as unhas dum róseo pálido, que a princípio não combinavam com seu tipo de mulher, mas lhe emprestava certa graça. Ergueu o cálice, de novo.

– Bebamos agora. Bebamos a você – mergulhou a ponta do dedo no champanhe e levou-a boca. – Não deve ter sido à toa que nossos caminhos se cruzaram assim, depois de você ir e vir da minha casa... Talvez seja minha a missão de afastar você para sempre de tudo que o aflige.

– Eu sei, eu sei – disse descansando o cálice. E por mais que procurasse não filosofar sobre nada, quando deu acordo de si, se viu falando: – E quando penso em tudo isso vem o temor de que o futuro chegue e que eu não esteja aqui. Mas às vezes sinto uma saudade de tudo que ainda está por vir. Saudade de tudo o que me aguarda. Olímpio disse certa vez ter medo do que o espera, eu sinto falta... Ah! Vou ver se arranjo um tempo de ir ao cemitério – e em silêncio: "Ou coragem de ir visitar aquela casa?..."

– Faça isso, querido. Faça isso! – concordou Bárbara massageando-lhe os ombros. – Você agora tem um bom pretexto para voltar. Vai ser ótimo para você voltar assim, em alta.

Durante algum tempo a sala permaneceu em surdina.

– Essa sua leveza às vezes me assusta, sabia? – admitiu ele movido por uma ponta de receios quanto à alusão da cena, que lhe passou na mente, referente ao seu retorno à casa de Dulce. – Mas foi sempre disso que eu precisei: alguém que me encorajasse em todos os sentidos.

Ela acendeu outro cigarro. Apanhou alguns papéis sobre o escrivaninha. Sorriu maliciosamente.

– Você está tenso demais. Vamos trabalhar, agora – pôs-se a ler uns papéis que retirara de dentro de uma pasta de couro. E de repente aquela atitude plácida transcendeu a outra que lhe cabia. Era apenas uma amiga conselheira.

Bernardo percorreu os olhos pelos móveis de uma sobriedade, e achou que não combinava com a personalidade da

mulher. Inclinou para trás a cabeça e apoiou-a sobre as mãos espalmadas. Aquiesceu-se. Ficou quase melíflu. Aquela disposição de Bárbara em tomar-lhe conta, auxiliá-lo e aquela maturidade surpreendente para desprender-se dele com a mesma naturalidade que abstinha-se da família. Voltou-se para a mulher e reteve-se a fitá-la.

Perdurou o silêncio. Um momento introspectivo. Bernardo lembrou-se da véspera quando Bárbara viera lhe contar. “O pessoal da editora está pensando em publicar um de seus livros...”. Agora tudo parecia tão simples, acessível. Mas ao mesmo tempo vagava sua mente um receio. Insegurança. Surpreendeu-o a voz de Bárbara, impessoal:

– De repente você ficou tão calado, ficou o contemplativo – disse compondo um canudo das folhas em suas mãos. – Uma moeda pelos seus pensamentos...

Ele encolheu os ombros ao se levantar. Foi até um livro esquecido. Sobre a cantoneira, encapado, com papel crepom vermelho, estampado de folhas no qual encontrou marcando a página, uma fita de seda cor-de-rosa, com letras garrafais e os seguintes dizeres: “Até aqui nos ajudou o Senhor, I SAM”, 7:12-24-NOV.52.

– Pensava no quanto seria diferente se houvesse escolhido um outro – murmurou ao erguer a cabeça, mas continuou com o livro aberto. Era um livro de Isabel, ele não tinha dúvidas. E aquele marcador de páginas teria sido ele o motivo de ela ter-se encontrado com a religião?... – Mas também avaliava essa chance que a vida está me dando. Analisando prós e contras. Sabe que agora me veio aquele sentimento de desprezo, como se tudo que eu produzi no passado fosse então monótono, imaturo, desinteressante. De mau gosto!... Confesso que tive até mesmo vergonha. Literatura de mau gosto – repetiu e desceu o olhar astuto para o marcador de páginas. Em seguida leu em voz alta: – Mas enfim até aqui nos ajudou o senhor... Será verdade?

– Que profundo! Que poético – admitiu Bárbara sem nenhuma convicção acariciando-lhe o rosto. – Você está muito inspirado hoje. Mas não fique aí se martirizando, pensando e repensando. Acredite, é dono de um grande potencial, mas não tem vocação para essas cenas nojentas de um monólogo.

– Você acha, mesmo?

– Você tem potencial, e não deixe nunca que digam ou penssem o contrário. Nem espere mais nada de especial. Isso é tudo. – ficou tamborilando na mão com o canudo de papel. – E agora basta de variação de assunto sobre o mesmo tema. Estou farta.

Teve um gesto resignado. Suspirou ainda com os papéis em mãos. Foi até a janela e arregaçou mais as cortinas. Alguns pombos que ciscavam ali próximo revoaram precipitadamente em diversas direções. Fez algum comentário sobre o carro que brecava à entrada e entregou-lhe o cigarro. Esqueceu os papéis sobre a mesa. Era Hortêncio que chegava.

– Mas você disse que não havia possibilidade de nos encontrarmos!

Protestou Bernardo, a quem a ideia mórbida de partilhar o ambiente com o homem, a quem enganava, era intragável.

– Vou recebê-lo à porta e avisar que você almoça conosco, hoje – avisou em retirada sem dar importância aos comentários de Bernardo. Teve uma pausa analisando-o: – Você está todo desalinhado. Recomponha-se.

Bernardo chegou a formular qualquer desculpa para furtar-se do compromisso, mas Bárbara já saía. Resignou-se. E obedecendo-a, foi passando as mãos por cima da roupa. Enfiou as mãos nos bolsos. Ficou dançando sobre os pés estacados no chão, num movimento de balanço. Enquanto aguardava, estranhou impressionado porque aquela casa não mais o fascinava. Perdera todo o esplendor quando Júlia saíra dali, segundo soube por Bárbara, para voltar para o pensionato para moças, adotando-o como seu lar permanente. “Esqueceu-se da casa que os pais lhe deixaram. Esqueceu-se dos tios, que a

criaram. Esquecera de tudo! Só não daquele teatro onde vive enfurnada”..., gemia Bárbara sem nenhuma emoção. ”A Isabel tem qualquer coisa de santa, mas deve ser um diabrete entre os muros do convento onde reside agora. Quanto ao Edgard... tinha sempre uma pausa de desconfiança. Incerteza. E sentenciava desapontada, talvez: “É meu filho, mas bem pouco eu sei dele, ou quase nada...”.

As vozes vindas do vestíbulo fizeram-no estremecer. E não querendo demonstrar a apreensão, foi colocar-se próximo à escrivaninha de onde apanhou as folhas de papel esquecidas por Bárbara, como se já estivesse em presença do anfitrião, sob sua inspeção. As vozes foram-se aproximando e ele suspirou, simulando naturalidade, contudo o coração acelerava.

A porta abriu em seguida e as pessoas ficaram nítidas como se o contato do tacão dos sapatos no chão fosse sobre sua cabeça. Voltou-se. Esboçou um sorriso lerdo.

– Como vai, meu rapaz? Eu nem pude acreditar quando me disseram que você cearia conosco – acrescentou entrando e descansou no sofá a pasta de couro. – Quem diria? Tomo meu desjejum matinal com um ator, meu almoço é com um escritor, com quem terei de ter meu jantar? Fabuloso!... – e estendeu-lhe a mão exageradamente cortês.

Tinha uma calvície que deixava à mostra apenas vestígios de uma penugem escura, usava óculos de armação grossos sobre o nariz reto. Indicou-lhe o sofá “Que se sentasse”, mas Bernardo recusou-se, admirado que estava a perguntar-se se havia sido sempre assim? Nenhum dos filhos tinha nenhuma semelhança com aquela figura. Talvez em personalidade, mas Edgard se mantivera sempre tão distante, quanto a Laura... Pois sim! Laura. Reviu-a retirando da bolsa o pacote de papel onde estavam os cigarros e a bebida, roubados do pai. Restava Isabel, mas essa apenas sufocava-o com a oferta daquele amor. Negara a filha, mas aceitara a mãe. Permaneceu tentando não encará-

-lo agradecendo-lhe a gentileza: o que a teria levado a casar-se com aquele homem de expressão cavilosa.

– Não sou tão apurado quanto à literatura, mas minha esposinha há de me extrair essa ignorância – ele continuou num tom ambíguo. Com certa displicência: – Especialmente agora quando ela é tão... dedicada a você... aos seus trabalhos.

Bernardo desviou o olhar. Pasmou-se diante da descoberta. Ele sabia. Sabia, sim. Não importava a esperteza de Bárbara, a cautela dele. Hortêncio sabia e se valia da sua ciência para criar um brinquete sórdido. Sinistro. E quanto a Bárbara, qual a posição dela nessa história? E que voz era aquela que ele distinguia no vestibulo? Que não era a dela. Por que não apareciam logo desde que sabia que não cabia entre os dois nenhuma conversa? Olhou furtivamente para a porta. Aboliu então de seu espírito qualquer tentativa de solidariedade para com aquele homem. E no lugar acentuou-se aquela repugnância.

– Sinto desapontá-lo, mas acontece que não me entusiasmo muito com essa ideia... – murmurou Bernardo.

– Mas assim, se sair algum dia o seu livro, ou quando sair, quero um exemplar com dedicatória! – em tom reflexivo: – Quem diria que aquele menino excluído de alguns anos atrás se tornaria tão notório?!...

Bernardo chegou a abrir a boca, mas antes que completasse qualquer raciocínio, a voz de Bárbara ressoou no escritório:

– Veja só quem se deixou persuadir a vir almoçar com os pais...

Trazia na mão um cálice de uísque que entregou ao marido. Acendeu-lhe o charuto que ele retirava do bolso do paletó.

– Que cara você tem, Bernardo! Eu não sou uma alucinação...

Isabel tinha o aspecto de uma asilada. Talvez mais pálida em seu costume acinzentado. E a cabeleira sob o toucado, já estaria tosada? Tinha a aparência inocente e pura, torcendo a maçaneta da porta. Mas remanescia qualquer coisa da anti-

ga face irônica e perturbadora naquele olhar meio iluminado quando sondava Bernardo, deixando afrouxar a nova expressão contida. Em seu pescoço o crucifixo resvalhando. Não podia haver melhor estigma para identificar as religiosas.

– E vocês não se viam há uma eternidade?! – exclamou Bárbara.

Hortêncio soprou a fumaça. Fumou novamente antes de esquecer o charuto no cinzeiro e emborcou o copo.

– Minha pobre filhinha! – exclamou enfiando as mãos nos suspensórios. – Eu aposto que foi um amor mal resolvido. Mas então, por quem minha menina se apaixonou? Por Cristo! Eis aí um concorrente que eu não ousaria enfrentar – teve um gesto displicente: – Com licença, não sei quanto a vocês, mas estou com um apetite...

Saíram os dois. Bernardo não conseguia enfrentar Isabel. Não conseguia. E, no entanto, sentia-se inapto a convidá-la a seguir os dois que foram na frente. Intrigado, perguntava-se agora que tipo de conversa poderia caber entre ele e essa nova jovem diante de si. Se a antiga era uma assombração a persegui-lo, a atual era um vislumbre de mistério ainda maior. Simulou interesse em ler daquela papelada.

– Isabel! – disse num improviso, receoso de que ela fosse-lhe ao encontro. – Você está tão diferente. Parece uma Madona. – gracejou, e embora se tenha arrependido no mesmo instante, não resistia ao desejo de questionar: – Precisava tanto?

Ela aproximou-se lentamente. Seus gestos em nada lembravam o diabrete de outrora. Repousou tranquilamente as duas mãozinhas brancas no espaldar da cadeira defronte à escrivaninha onde Bernardo fora-se escudar.

– Mas não tem nada com você. Iludimos-nos às vezes achando que somos os motivos de determinadas reações, mas não. Somos nós mesmos nosso maior algoz. Nosso maior redentor também – parecia querer revelar um segredo: – Nos descobrimos por nós mesmos.

“E eu, quando me hei de descobrir?”, quis perguntar atendo que estava. Mas o instinto alertara-o que, embora se tratasse de uma religiosa, Isabel ainda era humana. Substituiu por outra aquela pergunta:

– Então você se descobriu na religião. E antes?... – e se viu obrigado a calar-se porque ia perguntar-lhe pelo amor que lhe inspirava, mas não cabia mais entre eles esse tipo de conversa. Ela agora era casada. Casada com Cristo... “Um rival a quem não enfrentaria”.

Isabel manteve os olhos cerrados por um dilatado instante. Aquele sorriso ainda era o antigo sorriso.

– Antes eu era uma menina endiabrada. Cheia de fantasias de menina. Sussurrando segredos, trocando confidências e vergando a cabeça para trás com gostosas risadinhas – enlaçou as mãos à altura do regaço. Tão perturbada e ao mesmo tempo tranquila. Mas os olhos delatavam uma possível mágoa. Ressentimento, saudade. – Antes eu corria, hoje eu caminho.

“Por que hei de imaginar que estou melhor que ela?”. Aquele gesto que ele se negara, a mão que ele se negou a estender-lhe, veio outro e o fez. “Mas agora, na religião, ela teria encontrado as respostas, o conforto que teria em mim?”. “Ou que imaginava que teria”. Consertou-se:

– Você deixou de correr para andar? – disse ele com um sorriso penalizado. – Pois comigo sucedeu exatamente o contrário. Eu não ignoro que para quem já teve isso antes, as mesmas coisas já não têm o mesmo valor. Mas, para mim, esse mundo novo que se estendeu à minha volta, se não era o que eu esperava... – fez uma pausa, perturbado. Concluiu: – Sim, tem-me sido satisfatório.

Ela aproximou-se e tocou-lhe no braço. Arrumou-lhe os cabelos. E procurou perscrutar-lhe o rosto.

– Eu faço votos de que você esteja certo e que esse novo mundo, a que você alude, lhe proponha tudo o que você sempre esperou.

Ele furtou-se, envergonhado de que ela notasse suas lágrimas. Isabel sabia. Todos também não deviam ignorar que ele, embora satisfeito, não era feliz. Compadeceu-se então. Fungou e voltou a encará-la novamente:

– Eu quero que me perdoe por ter-te negado – já passava aquela nuvem fumarenta, tão nebulosa. – Se eu dissesse que tentei estaria mentindo, mas se não dei a você, mais do que ofereci, é porque não pude – e em tom enfático: – Trata-se ainda daquela antiga mania. Uma mania que começou sabe-se lá quando.

– Você a ama realmente, não é verdade?

Embora trouxesse o mesmo sentido de antes, essa frase já não carregava mais aquela carga corrosiva de ironia. Nem as palavras eram mais as mesmas. Mais claras, agora. E com uma ponta de ternurinha:

– Você tem razão – ela prosseguiu sensibilizada, mas com firmeza. – Você tinha razão: comigo se tratava de uma cisma. Uma mania louca. E já que o momento é de inexcedível brancura, sou eu quem deve pedir perdão. Ora, eu era tão imatura, ilusória... Se não tivesse infernizado tanto você! Se não tivesse sido tão inconveniente... Sinto muito por todo o dano que lhe causei...

Ele não disse palavra, porque não havia mais nada a dizer, sem que se ultrapassasse a barreira da ironia, das prescindíveis mágoas. Tudo que se falasse em torno desse assunto tão inepto quanto desgastante só serviria para fazer reviver os dias de tortura para ela. E seria demais pesaroso magoar uma carinha tão intacta e pura.

– E agora, Bernardo, não lhe falta mais nada? – ela pediu como dissesse: “A minha parte eu já fiz. Não há mais nada que eu possa dar a você. Vá ao seguinte e reclame a parte que lhe cabe!”.

– Eu continuo a minha busca, se é o que você quer saber! – exclamou por fim enfastiado demais para enveredar noutros

argumentos. E notando-lhe enrodilhado no punho um outro crucifixo, estendeu a mão, colhendo o Agnus Dei num gesto de desamparo.

– E quando é que há de ter fim essa busca? – suspirou Isabel recuando o braço. Foi desenrolado do punho o Agnus Dei, lentamente, mas sem tirar do rosto de Bernardo o olhar inexpressivo. – Fique com ele – murmurou afastando-se brandamente. – É para ajudá-lo em sua busca... – e foi saindo.

Bernardo tentou sorrir observando-a afastar-se. Teve então a impressão de estar vendo Eloíse a querer sugerir-lhe sobre as verdades. Insinuando apenas, nunca objetiva. Reta. "A você cabe ir atrás da verdade". "Ela lhe dissera no quarto de Dulce aquela noite e exatamente esse sentido tinham as palavras de Isabel... para ajudá-lo nessa busca...".

Encostou-se à janela e desviou o olhar para o Agnus Dei fechando-o em sua mão, que abriu lentamente, num gesto de quem acabava de aprender a fazer esse mesmo simples gesto. E o gesto de Isabel? Tentou arreganhar o sorriso aquiescido com a mórbida e reconfortante certeza de que a moça ainda o amava, não importava o que dissesse "Eu ainda tenho isso", repetia para si mesmo. Mas aquela mesma atitude de Isabel deixara-o ainda mais perturbado.

III

Corria precipitadamente pela estrada deserta por entre aquela névoa. Tinha a nítida impressão de que perseguia alguma coisa. – Mas também podia estar fugindo. De modo obscuro encontrou Isabel, que trazia um embrulho nos braços. Ofereceu-lhe estendendo o embrulho. Mas ele não quis aceitar. Repelia-o desconfiado de que não se tratava de um embrulho qualquer. Era uma criança envolvida em uma coberta de lã azul. A criança chorava. Isabel também se pôs a chorar. "Pode

ficar com ele. É o filho de Júlia!” e, em seu rosto, qualquer coisa de irônico embutido naquele choro. Olímpio surgia com um pote de orquídeas. “Ela está muito triste, mas eu nada posso fazer”, dizia. Mas referia-se a quem? Subitamente surgiu por detrás de Isabel um estranho. Embora sem conseguir enxergá-lo, Bernardo adivinhou-o através da névoa densa. O sorriso felino. Os olhos muito verdes flamejavam como os de um gato na escuridão, diabólica era aquela expressão. O homem olhou de repente por sobre o ombro de Isabel. Bernardo pôde adivinhar que a criança tinha as mesmas feições do estranho. Como pode? Eloíse chegou a tempo de evitar um atrito entre os dois, Bernardo e o estranho, que continuava a rir-se dele: “Fuja, querido, fuja!”. Ao lado, com a pintura do rosto toda enxovalhada, Dulce parecia suplicar-lhe que parasse. Adiante estava Cesário sobre o que parecia ser um altar. Assumia aquela atitude de um homem determinado a convencer as pessoas a dispensar-lhe um voto de confiança, com naturalidade dos pastores missionários que tentam atrair para o seu rebanho o maior número de fiéis. Desatou a correr, mas já não estava no cemitério e, sim, nos jardins da casa azul. A nuvem então dissipara-se, mas a visão ainda era turva. Todos sumiram subitamente para ficar somente ele e o estranho de olhos malignos, que agora era um guardião de cara dura, com tridente em punhos.

“Você não pode entrar aqui!”, vociferava ele. Bernardo então queria, sim, atacá-lo e desfraldar daquele rosto aquela expressão de trunfo. Distraiu-se em adivinhar quem se escondia por detrás das cortinas. Súbito surgiu um corpo de mulher lá longe, na porta, os braços abertos em atitude de convite. Podia ser Júlia, mas havia também uma obscura esperança de que fosse a mãe que não conheceu. Aquele corpo diáfano e ainda aquele esplendor de luz no lugar do rosto. Foi quando o dente maior daquele tridente pareceu perfurar-lhe a barriga, mas no lugar do sangue o que resvalhou de dentro de si foi um líquido amargo: fel, que ele, tapando o golpe com ambas as mãos, ten-

tava em vão pôr-lhe um dique. A terra abriu-se de repente sob seus pés e automaticamente um arrepio percorreu-lhe todo o corpo, instalando-se à altura do ventre um frio repugnante.

À medida que caía o frio, ia-se tornando mais agudo e transformando-se em dor. Nesse instante tudo se dissipou e aquela dor quase insuportável rompeu a barreira do sono e invadiu-lhe todo o corpo como fossem golpes de sangue sendo expulso do seu âmago. Tudo nítido e real que parecia resultado do talho aberto pelo tridente daquele demônio.

Bernardo abriu desmesuradamente os olhos e com as unhas encravadas nas palmas das mãos comprimiu a barriga com os braços contorcendo-se sob as cobertas. Gemia de dor. Uma dor que parecia corroer-lhe todo o estômago. Empurrou as cobertas e, agora, espremia os olhos. Transpirava extraordinariamente e, à medida que a respiração ia-se acelerando, maior era o palpitar do coração sob o peito. “Dor insuportável!”. E insuportável também era a sensação de impotência. Saltou da cama e, retorcendo-se, foi cambaleando até à caixinha de remédios que guardava no armário do banheiro. Procurou estabranadamente na gaveta de toalete, meticulosamente arrumada estava a caixinha de madeira envernizada de pau-rosa. Puxou-a. Na ejeção, derrubou no chão a loção, o creme de barbear. Alguns outros comprimidos e vidros de remédios também resvalaram pelo ladrilho em meio à luta pela vida. Apanhou um dos vidros, abriu-o e despejou na goela num afluxo, solução frequente receitada por Bárbara. Lançou-se na cadeira de vernil e lá ficou encaracolado como um feto, contorcido, à espera de que a dor cessasse.

– Então? Qual o problema? – inquiriu Lúvia ficando de pé, ao vê-lo sair do consultório. Aproximou-se: a cabeleira farta presa num coque ao pé da nuca. Tinha os olhos oblíquos acentuando o rosto aristocrático de uma deusa africana, e os lábios polpudos umedecidos de um batom no mesmo tom da pele.

Enlaçou-o, arregaçando as mangas do pulôver à espera da resposta.

– Não é tão grave assim, eu espero. O doutor suspeita de úlcera estomacal. Passou uns exames – disse reticente. Teve um gesto vago ao empurrar a porta. Tinha pressa em sair dali, embora não se importasse nenhum pouco com o resultado dos exames. – Por enquanto é só suspeita. Passou uma lista do que eu posso e não posso comer e beber... A bebida está fora. Imagine só, a única coisa à qual consegui me acostumar... fora...

– Eu não acho que seja tão ruim. Pense no lado bom: você não vai mais precisar se preocupar em manter a lucidez. Vai estar sempre sóbrio.

No corredor, Bernardo dobrou as receitas e enfiou-as no bolso. Desceram as escadas. Lúvia, toda delicada e polida.

– E é disso que tenho medo! Bem melhor é enfrentar a vida, embriagado!

Fora, uma corrente de ar frio apanhou-os agradavelmente. Estremeceram. O sol estava invisível embora fosse quase meio-dia: vestígio da chuva que caíra logo cedo. E ele não vira o princípio da tempestade no fim da madrugada, início do dia? Que manhã fatídica! Que segunda-feira mais extenuante! Mas pelo menos aquela noite em claro serviu-lhe para refletir. Ah! Não havia necessidade de ser tão nobre. Aceitar as prendas como aprendizagem. Lembrou-se ainda uma vez das horas de agonia naquela cadeira. A dor. Uma pena então que ela retornasse a noite seguinte. Mas o doutor aplicara-lhe uma injeção, passou também mais comprimidos e assegurara que se seguisse à risca as instruções, seria improvável padecer tanto de novo. E os doutores sabiam. Concordou. Seria possível? Furtou-se imediatamente.

“Mas o meu caso não é tão complexo”, concluiu esboçando um sorriso. Sim, com ele era menos complexo. Respirou agradado desse ar frígido, preguiçoso. Mas o cheiro de lama que

pairava em redor nesses dias nublados sugeria uma vida de charco.

– Agora que as coisas se arrumaram, quero congratular você – disse Lúvia em meio de um sorriso grave. E sob um olhar de surpresa de Bernardo, acrescentou solenemente: – E também falar das minhas novidades nessa temporada. Você sabia que eu fui convidada dar aulas de teatro numa companhia? Fiquei de pensar, mas não vou poder aceitar porque tenho meus projetos. Não é parte dos meus planos abandonar assim o que foi conquistando com tanto sacrifício – deu uma pausa em seu ataque de estrelismo. Puxou-o pela mão inesperadamente: – Ah, seu bruxo, por que você não me falou que tinha um irmão artista? Olímpio é seu irmão...

Ele sacudiu a cabeça embaraçado. Lúvia por um instante pareceu Saulo falando em seu tom ressentido: “De que adianta uma glória passageira e em seguida você e sua obra serem esquecido como lixo cultural! É mais prudente esperar por coisa melhor e mais sólida!

– Mas por que não parou para pensar melhor antes? – quis saber desviando de uma poça de lama na calçada. Via o cerco ir-se fechando. Primeiro Olímpio, depois viria Edgard agarado à sua perna, Cesário, Laura e, finalmente, Júlia. Quando menos esperasse, surgiria Dulce. “Mas, menino, você não nos convidou para conhecer seus novos amigos!”. Ela e suas crises. Seus medos e cismas. Voltou a insistir: – Pode ser uma grande proposta.

A moça fez um muxoxo. Retirou do bolso o lenço e abafou o espirro súbito.

– Já decidi! – respondeu sem dúvida. E num outro tom: – Ah, essa mudança de clima, súbita! Acho que apanhei um resfriado. Vou aproveitar meus dias de folga e descansar.

– E o pior é que estamos dependendo de táxi e táxi em dia de chuva, hein?

– Prefiro comer alguma coisa antes...

– E eu estou completamente sem fome. Mas posso acompanhá-la – olhou-a de soslaio. Ela meneou a cabeça.

– A propósito, você ainda continua aquela história com Bárbara? – e sem esperar por resposta: – Se eu fosse você não me exporia tanto. Qualquer dia desses a coisa desanda e o mais prejudicado será você... Tente não me interpretar mal, mas aquela mulher, Bernardo, causa-me arrepios.

Ele desviou o olhar espantado. Indignou-se. No entanto, julgava que Lúvia podia ter razão. O mais prudente seria afastar-se de Bárbara antes que sua vida se tornasse um caos maior. "Caos maior?". Ele riu-se divertido.

– Foi bom você ter mencionado – ele concordou reticente. Tornou-se mais audaz. – Eu já estava mesmo pensando em resolver essa situação. Não é aconselhável ficar agindo como um adolescente desvairado. E demais, Bárbara é muito imprevisível. Eu confesso que também às vezes ela me causa alguma arrepio.

– Ótimo! Você precisa demonstrar um pouco de sanidade. Bernardo então teve um sentimento de culpa. E traição. Viu-se apunhalando por trás, a amante que antes era um morno convite ao prazer de viver. Frustrou-se ao constatar, no entanto, que aquela mulher, agora, havia deixado diminuir a intensidade do calor, para só ficar a culpa. Olhou em redor. Desde que saíram do consultório havia algo mais acrescentado ao habitual tumulto da multidão que trançava nas ruas. Como um dia de guerra. Gente amontoada pelas esquinas comentando algo difícil de ser compreendido. Surgiu, então, sob amontoado de gente à sua frente uma mulher trazendo nos braços, envolto numa coberta de lã azul, um bebê. Mas seu rosto estava tão reclinado para baixo que era impossível adivinhar-lhe as feições. Lembrou-se, então, enquanto aquele mesmo arrepio percorria-lhe pelo corpo: o sonho. Tal o sonho era aquela sensação de pavor que o envolveu. E aquela seria? Que diabólico!, pensou ainda uma vez tendo ímpetos de avançar na mulher.

Desistiu e atraiu Júlia para perto de si na intenção de atravessarem a rua e ao mesmo tempo desviar-se daquele grupinho. Principalmente da mulher que vinha implacável. Nesse mesmo instante um carro escuro brecou bem próximo deles. E mesmo antes de descer o vidro adivinhou-se uma sombra de um rosto tão familiar. Era Cesário.

– Bernardo! – ele chamou, a princípio surpreso por encontrá-lo no centro da cidade, tão inesperadamente. Olhou furtivamente para Lúvia. – Vocês precisam de carona? Entrem no carro! Eu preciso mesmo falar com você.

O que seria? – perguntou-se Bernardo sem conseguir raciocinar tão pouco recusar a oferta. Aproximaram-se e saltaram o corrego de lama que dividia a rua e a palafita em tijolo. Estendeu a Lúvia a mão, e foi abrindo a porta do carro: “Vamos?”, esgueirando-se para dentro, pôde perceber que aquela que antes vinha em seu sentido tratava-se de uma velha extraordinariamente estranha, envolvida em seu xale azul de lã. E mais estranho ainda é que o embrulho que trazia à mão não se tratava de uma criança, mas sim de um pão que ela tentava proteger do chuvisco, para manter-lhe fresco. Torceu os lábios admirado com a própria loucura. Só então pareceu dar-se conta de que o irmão pedia-lhe notícias.

– Estou ótimo agora, protegido dessa ventania lá fora – respondeu ao levantar o vidro da janela. Voltou-se para o irmão: – Mas o que está acontecendo hoje? – e antes de obter resposta, olhou de soslaio para Lúvia, sentada no banco traseiro: – Você lembra da Lúvia, não lembra? A minha vizinha lá do solar.

Constatou-se que já deviam ter-se cruzado uma ou duas vezes. Cesário demonstrou um interesse diferente, mas indisposto a passar flertes assim tão subitamente, desviou para Bernardo o olhar furtivo.

– Vocês ainda não sabem? Pelo visto não têm lido jornais, nem ouviram no rádio, hein?! – deu partida ao automóvel. E após a afirmativa, bateu-lhe no ombro apontando para o aglo-

merado de pessoas nas esquinas e nas portas dos edifícios. – Grave bem esse dia. Ele faz parte um fato histórico. Um dia qualquer, num minuto memorável, vocês lembrarão desta manhã com a certeza de que fizeram parte da geração que viveu este 24 de agosto – usava de um tom meio irônico, meio solene, e com um pouco de lógica enquanto descia o vidro da janela um pouquinho. Lançou para fora do carro a fumaça do cigarro que acendera: – O dia em que Getúlio Dornelles Vargas, nosso ilustre presidente, suicidou-se com um tiro na boca. Pelo menos é o que dizem as notícias...

Bernardo relaxou na poltrona. Cerrou o cenho entre perplexo e cético. Soltou um “Hum?” e ficou de queixo caído. Com tal confusão em que se tornara sua vida, ficara meio sem noção do que se passava à sua volta.

Lúvia pareceu mais chocada com a notícia. Levou a mão ao ombro de Cesário e com voz quase inaudível procurou por informação: – Verdade? – perguntou como uma criança lerda de raciocínio, passando pela difícil tarefa de armazenar informações importantes.

– Ora, Cesário, você só pode estar brincando! – quis argumentar Bernardo.

– Não se fala noutra coisa desde cedo. Ih! Por onde vocês estiverem andando esse tempo todo?... O país inteiro já deve estar a par da situação – lançou-lhe um olhar. Franziu a testa. – Estava indo a uma reunião de política, mas foi cancelada. Aí eu pensei que podia falar com você. Foi uma sorte encontrá-lo na cidade.

Embora falando com Bernardo, os olhos de Cesário estavam atentos em Lúvia, através do espelho retangular. Não parecia mais lembrar do acontecido. Devia haver qualquer sentimento de respeito, mas esse sentimento era transcendido imediatamente pelo mesmo orgulho próprio de antes. Bernardo desviou o olhar do irmão. Lembrava de uma gravata que Dulce lhe presenteara: “Foi a mãe quem me deu...”, e do modo

mesquinho com que deu fim na peça. De algum ponto da sua consciência surgiu o pensamento insidioso de sua infantilidade movida por aquele antigo ciúme. Mas Cesário continuava sendo aquele animal irracional e tolo...

– Você tem recebido meus telefonemas? Difícil falar com você, hein? – veio a voz de Cesário entrando por seus ouvidos e topando nos seus miolos.

– Eu tenho andando muito ocupado.

– Eu tenho andado muito ocupado também. Sabe como é, reuniões de negócios, e agora que estou me dedicando à política é difícil encontrar tempo disponível para recreações – teve um gesto estabanado. – Aquela casa tem-se tornado tão... enfim... um pardieiro. Um verdadeiro entra e sai de desconhecidos. Todos amigos de Olímpio. Eu tenho nojo de estar lá e a mãe não faz nada... Estive pensando em sair de lá, só não saio por causa da Laurinha. Depois que nos casamos ela disse que preferia que fôssemos lá pra casa, que continuássemos todos juntos. Mas Olímpio mudou muito de uns anos para cá. Completamente outro. Não o reconheço mais! Desde o início não quis ir para lá, mas é tudo culpa da mãe. Ela me sufoca demais...

“Trocar a mãe pela esposa”, pensou Bernardo e lembrou da vez que Laura reclamou a solidão: “Sou capaz de arranjar um amante”, teria já arranjado? E os cigarros e bebidas roubados. “É uma boa menina, mas às vezes cansa um pouco!”, gemia Bárbara. E Bernardo teve que se conter para não revelar a fascinação que sentia quando tinha aquela moça alourada e cínica por perto, em sua infância, revelando, sem nenhuma cerimônia, os crimes do círculo. E pôde ouvir Cesário nitidamente a censurá-la: “Psiu! Você quer que mamãe nos ouça e acabe descobrindo nosso vandalismo?”.

– Você devia sair de lá mesmo – opinou Bernardo. Sem saber porque, sentiu de repente um mórbido desejo de que Cesário desapontasse Dulce. E noutro tom: – E a Lola, dizem que está mudada. Suas sessões com o terapeuta. Melhorou!? – quis

confundi-lo, usando ainda daquele tom em que não sabia se havia uma afirmação ou uma pergunta.

– Melhorou? – repetiu-lhe Cesário em suspeita. Lançou a Lúvia um olhar. Ela parecia entretida nos transeuntes do lado de fora. Tentou esboçar um sorriso que não se completou. Cesário prosseguiu em seu tom autoritário: – A Lola, quem diria, melhorou? De onde você tirou essa ideia? – e acentuando mais o tom de desgosto e uma ponta de desdém ao baixar a voz: – Quanto a Olímpio, ouvi dizer que vai viajar. Ele viaja muito, às vezes sozinho, às vezes Edgard o acompanha. Outra de suas viagens misteriosas... Olímpio mudou tanto!... E nós éramos tão amigos!

Bernardo fitou-o desapontado, mas provando de um certo sabor. "Nem tudo continuava da mesma forma que antes!". Reviu os dois saindo, às gargalhadas: "Não vai haver peça nenhuma, menino. Isabel está aprontando mais uma das suas!".

– E por que você acha que ele mudou? – perguntou com leviandade, lembrando o dia em que, passeando o indicador pelo dicionário de Olímpio, descobrira o significado da palavra que Lola lhe negara dizer: "Onde foi que você ouviu isso? Nunca mais repita esta palavra, está entendendo?". "PEDESTRIA". E lembrou-se também do misto de alegria e incerteza com relação a Júlia e Olímpio, pois ainda havia o fato de ela ter abortado uma criança. Não era então Júlia que prendia Olímpio naquela casa: "...que o fazia esquecer-se do mundo, do tempo e de tudo...". "Quem então?"

– Influência de Edgard, eu presumo! Aquele Edgard! Aulas de teatro! – acrescentou com certo desprezo. – Todos rindo nas minhas costas. Até a Laurinha. – teve um muxoxo. – Mas a perdoei, porque, enfim, ela não tem culpa.

Bernardo engoliu em seco, procurando disfarçar o constrangimento. Encolheu as sobrancelhas, baixou as vistas. Desviou para o lado a face, não querendo que Cesário visse seu rosto ligeiramente divertido com a situação. "Culpa do seu

Edgard, sim, que além de me ensinar belas-artes, me ensina a fumar e beber!”. Quis rir, mas não encontrando por perto nenhum pretexto, voltou a fitar o irmão. “Era isso então, os dois se amavam”.

Cesário já não parecia tão imparcial. Embora tivesse no rosto aquela expressão inatingível como lhe dissesse: “Olha, Bernardo, eu não tenho culpa se sou o único sensato nessa família”... Seu ar era perturbado. Desceu as vistas, agora procurando não ter o rosto sondado por Lúvia, que continuava empertigada solenemente no banco, com as mãos cruzadas sobre o regaço. Resolveu prosseguir ciente de que tinha em seu poder um grande argumento.

– Ah, Bernardo, você sabe que eu não sou hipócrita – disse mansamente embora houvesse em seus olhos o desejo de exaltar-se. – Não tente me convencer a aceitar coisas que são absolutamente inaceitáveis. Existem certas coisas que não se encaixam em minha cabeça, que eu preferia ignorar... Foi justamente por causa disso que me afastei de Edgard... Tão amigos éramos todos, lembra-se? – parecia procurar uma ofensa que traduzisse sua indignação, mas nenhuma parecia ser digna. Suspirou resignado.

Como teria sido a descoberta? Laura desconfiara desde a infância, mas quem devia saber mesmo era Júlia, sempre tão próxima dos dois. “A Júlia e esses dois estão de segredos!”. Mas ela era tão dispersiva, que mesmo que soubesse continuaria fazendo a ignorante. Aquiesceu-se perante a ideia de que o círculo já não se mostrava tão homogêneo. Eles se traíam quando convinha. Procurou disfarçar o prazer, mas quando ergueu as vistas, teve a surpresa.

– Mas este não é o caminho da minha casa...

– Estamos indo para casa. Lá poderemos conversar melhor. E demais, faz quantos anos que você não nos faz uma visita? – respondeu Cesário entrando na rua. – Há objeção?

Bernardo ficou interdito. Sentiu que devia ter-se negado, mas não conseguiu. “Seu sujo!”, pensou em acusar Cesário. Mas já era possível enxergar lá quase no final da rua o teto vermelho do solar de Dulce. “O Monte Olimpo”. Empertigou-se no banco. O trem desgovernado seguia para o precipício e ele sem nada poder fazer. Aderiu passivo à decisão, dominado por aquela falta de confiança, de convicção.

– Que cara é essa, Bernardo? – observou Cesário estacionando o carro. Abriu a porta e foi saindo: – Parece que você está entrando na cova dos leões – abriu a porta para Lúvia e segurando-a pelo punho, foi avisando: – Estamos fazendo umas reformas no caramanchão. Entre você antes que vou mostrar a propriedade para a nossa amiga.

“Mas quem é que está aí? – ele perguntou. Mas Cesário nem ouviu. Já ia puxando Lúvia para a lateral da casa. Foi andando sem pressa pela alameda. Era tão esquisita aquela sensação de imaginar como seria lá dentro. Como se nunca houvesse estado ali: porém, mais esquisito ainda era que a casa já não o repelia. Atraía-o, sim, como um magneto. “Vamos, entre!”

Pensava agora em Júlia. Quantas vezes? Quantas? Imaginara-se trazendo-a nos braços por aqueles mesmos degraus. E conduzi-la até o leito nupcial. Diáfana em seus trajes de núpcias. Enquanto estivera afastado dali, esse desejo mantivera-se adormecido. Mas agora voltava tudo. E com que força!

O mesmo solar com as quatro colunas sustentando-lhe o cenho orgulhoso. E ainda o mesmo vento envolvendo-o numa carícia serena. Tão pardacento. De repente os ouvidos alertaram-no para aquele som de sino tão remoto. Blim, blim, blim. E lembrou-se do dia em que os estraçalhara e atirou-os lá longe. Notou que agora, dependurado no umbral da porta, havia um outro sino de vento. Deteve o olhar na Vênus, saindo de sua concha. Logo em cima, Minerva com sua coruja e Artemis com o servo descansado aos seus pés. Apolo harpejando – que canção? – a canção dos ventos, concluiu sacudindo, divertido,

a cabeça. E já se descontraía com o brinquedo. Mas quando deu com a figura de Poseidon emergindo com seu tridente, a lembrança foi inevitável: o sonho. Perturbado, desviou o olho sem querer fitar aquela Hera ciumentíssima, nem se deparar com Zeus, imponente em seu trono, encabeçando o sino. Foi andando, e quando deu por si, já estava no vestíbulo. As portas da saleta de almoço e da sala do piano trancadas. No pavimento superior também um marasmo. Mas de repente uma porta abriu-se lá em cima. Então Laura apareceu no topo da escada, ainda em roupão e um coque ao pé da nuca. Pareceu mais ajuizada quando avisou:

– Mas é o Bernardo! O velho Bernardo! Entre! Estamos todos aqui em cima. Descemos já!

E veio surgindo um a um: Edgard, Olímpio. O peito de Bernardo apertou porque teve a nítida impressão de que em seguida viria Júlia. Foi perguntando à queima-roupa:

– Quem mais está aí?

Edgard apertou-lhe a mão examinando-o. Olímpio antecipou-se:

– Só falta a Júlia! – abraçou-o indolentemente e foi puxando-o para a sala do piano, escancarando as portas.

– Você está menos magro. Você engordou, Bernardo? – foi perguntando Edgard numa exaltação diferente. – E parece agora que está mais alto. Bem mais alto!

Arrumando as almofadas do sofá, Olímpio arqueou as sobrancelhas num esgar de estranheza. Teve seu sorriso misterioso. Fez o irmão sentar e seguiu até o carrinho de bebidas.

– Edgard está em busca de novos talentos, Bernardo. Se você não se cuidar, há de querer transformá-lo num senhor dos palcos tal quis fazer comigo. Mas acontece que ainda não sei o que quero da vida.

Edgard foi até a janela. Afastou as cortinas e fez um comentário sobre a pequena que acompanhava Cesário. Quando

voltou, voltou também a velha expressão de isolamento. Teve um sorriso e aboletou-se no sofá defronte a Bernardo.

– E quem é que sabe? Só mesmo Bernardo, o velho Bernardo acabou passando a perna em todos – arregaçou as mangas do suéter amarelo e se chegou à beira do sofá como se lhe quisesse confiar um segredo.

– Aquele menino calado, esquisito, que chorava ainda a morte do pai... – teve consciência da sua indiscrição. – O que terá acontecido mesmo para ter-se dado tamanha mudança? Você daria uma ótima personagem daqueles autores eslavos...

Bernardo ouvia ainda paciente. Ou fingia ouvir, admirado que estava da conclusão que apanhara-o distraidamente: sempre fora difícil imaginar Júlia sem aqueles dois escudeiros. Naquela estranha pirâmide, impossível pensar num sem que surgisse imediatamente a fisionomia do outro, ora irônica, ora plácida, e embutida nessas expressões um certo ar enigmático.

– Do que fala mesmo seu livro, Bernardo? – quis saber ainda Edgard tocando-lhe no braço.

– Um mistério. Um enigma – respondeu tacitamente referindo-se de fato àquela pirâmide que insistia em boiar na sua mente. Às vezes acontecia de ela permitir sobrepor em si mesma uma outra pirâmide de ponta-cabeça formando então uma estrela de seis pontas. Estrela de Davi? E em cada ponta a cabeça de um deles: Laura, Cesário e Isabel. Todos enigmáticos e fascinantes em seu ar de esfinge. Riu-se então divertido com o quadro que se formava. “Loucura! Loucura!”

– Quanto a Lola? Ela não está aí? – perguntou só para afastar de si a atenção de Edgard.

– Ela está acompanhando mamãe no consultório – respondeu Olímpio que acabava de preparar as bebidas. – Uma espécie de tratamento. Mas ela volta já – ofereceu-lhe o copo e como Bernardo recusasse. “Não estou podendo beber, estive no médico também”, esqueceu-o ao lado, na mesinha. Entre-

gou um terceiro a Edgard. Acendeu um cigarro e sentou-se em frente ao velho piano.

Tudo agora exatamente como antes. O circulozinho não sofrera arranhões. Edgard atormentado com o roteiro da peça. E incitando Olímpio a ser mais dedicado. E este por sua vez tão superficial. “Não sei se é isso o que quero, de verdade...”, com o mesmo desprendimento que passava em seus discursos a indolência pela servidão de Dulce a Cesário. “Só faltava a Júlia”, ele dissera, mas de certo modo ela não estaria presente? Desde sua meninice ela já não era presente-ausente?”. “Faz de conta que a Júlia está aqui”, ele repetia para si mesmo. E ia falando, inventando histórias. “O padre disse que sou o melhor da turma”. Fui convidado a fazer o papel de Cristo na peça que estão montando lá no internato. “Ele se perdia sob as máscaras e, fascinado, topava com a realidade. “A Júlia não está aqui, mas esta conversa vai chagar até ela”. E exagerava nas narrativas, imaginando como a história chagara aos ouvidos de Júlia. Alguém teria que contar. Mas isso fora coisa que jamais pudera saber. Edgard sempre sério, latente. Insondável. E como Olímpio sempre fora indolente...

– Escute aqui, Bernardo – começou Olímpio abrindo o piano. – Ô, Bernardo, eu estou falando com você – se pôs a tocar uma música completamente inédita. Animou-se: – Estou para concluir esta música. Você gosta? Só tenho dificuldades para batizá-la? Edgard, Laura, Júlia e até a Lola já sugeriram vários nomes, mas nenhum me serviu. Você não quer opinar? É uma oferenda aos deuses... Fica melhor no piano novo que encomendei, a nova sala do piano será lá em cima.

Bernardo teve uma expressão de lerdeza. Iluminou-se com a imagem que captou diante de si: Olímpio de costas, sentado diante do piano escuro. O suéter vermelho realçado pela camisa branca. A cabeleira um pouco mais longa e mais vivo o seu fulgor. “Pois este é Beethoven, querido”, dissera-lhe Bárbara apontando-lhe o quadro dependurado na saleta de Saulo. Era

um quadro estranho, romântico e melancólico. O coração de Bernardo confrangeu-se de repente e teve que se conter para não correr e agarrar o irmão. “Pois este é Olímpio...”.

– E quanto ao teatro? Você está pensando em abandonar o teatro?

Edgard deitou um olhar desolado no cálice que sacudia brandamente entre os dedos: – Ele já abandonou.

– Eu queria tanto ser mais dedicado – suspirou Olímpio abandonando os teclados. – Ter certeza do que me apraz, de fato. Mas minha mente é um labirinto, cheio de voltas, centenas delas com mil entradas onde me enfurno e não consigo encontrar a saída. Pareço o Teseu louco, mas não tenho por mim nenhuma Ariadne – soprou a fumaça no rosto de Edgard tentando despertá-lo. – Ariadne eu Fedra? Foi ajudado por uma, mas casou-se com a outra – perdeu-se entre as personagens sem nenhuma cerimônia. Sorveu um gole do uísque. – Será que você me permite um pouco de filosofia a essa hora do dia? – e soltou uma gargalhada risonante sacudindo a cabeça como zombasse de si mesmo, dos outros ou daquela situação.

– Não dê muita conversa a esse sujeito, Bernardo – retrucou Edgard tomando do cálice e apanhando o cigarro da mão de Olímpio ao erguer-se. Ofereceu-o a Bernardo, mas como ele recusasse, bateu-lhe de leve nos ombros com a mão espalmada. – Seu irmão é ainda um menino rebelde tentando descobrir sua função no mundo. Um livro indecifrável. Quanto a você, eu sempre soube no que chegaria – voltou-se para Olímpio: – Nunca subestime esses tipos calados, observadores. É deles que se deve esperar uma mudança brusca. E quando ela chega!

– E é esse vigor que falta em mim – voltou-se para o irmão. Aquela mesma pasta fulva terminando em forma de coração, a brincar-lhe sobre a testa. E ainda a antiga forma enérgica de segurar o cálice. – Eu tenho às vezes curiosidade em saber o que seria de mim se não fossem os outros – descansou na mesinha o cálice e enfurnou as mãos nos bolsos, dando alguns passos

lerdos. – É que no fundo, bem no fundo, me falta essa empolgação que excede em vocês, a certeza de saber que vocês são essenciais... A mim, nem a vida nem a morte impressionam.

– Modéstia! – retrucou Edgard enfiando o braço no de Olímpio. Mas com os olhos fixos em Bernardo. Envervou o cálice. Esmagou entre os dentes as lâminas de gelo que vazavam para a boca.

Bernardo desceu o olhar porque teve a nítida impressão de que dali sairia um beijo entre os dois. Quando voltou a fitá-los de novo já se dispersavam. Faltava a Júlia agarrada àqueles braços. Os artistas se tratam assim mesmo com afetação.

– Vocês vão ficar embriagados! – exclamou ele, resistindo à vontade de perguntar por Júlia. De querer saber dela. E antes de qualquer resposta: – Mas quanto a Dulce – ele disse com dificuldade. – Onde foi que a mãe se enfiou, mesmo? – consentiu entre pigarros. Mas aquela palavra lhe parecia tão insidiosa quanto aquela relação que ambos levavam, há quanto tempo, meu Deus... E Júlia sabia. E talvez fizesse a alcoviteira. Mas tudo era tão explícito que ficava impossível se julgar que alguém ignorasse. Laura alertara-o lançando no ar e fazendo-o sentir algo além daquele antigo perfume de limão e chá que evolava das golas e punhos de Olímpio desde a infância. Repetiu a pergunta num tom neutro:

– A mãe foi raptada esta noite por um homenzarrão todo encapuzado – zombou Olímpio em tom de sigilo. – Um mistério. Estamos todos averiguando.

– Quem foi raptada? – perguntou Laura entrando na sala. Um coque prendendo os cabelos ao pé da nuca. Toda fresca em seu vestido de gaze, deixando o colo mal encoberto. – Olímpio não leva nada a sério. Tudo para ele é motivo de troça – inclinou-se para beijar Bernardo. E em outro tom: – Quem é a moça com quem meu marido está namorando nos jardins? Sua amiga?

– Uma artista. Lúvia é atriz – respondeu Bernardo.

– Pois avise a ela que neste palco a “Femme Fatale” é Laura – retorquiu Edgard servindo a irmã com um cálice. E como se acabasse de lembrar algo importantíssimo: – Mas a Júlia está sempre atrasada...

E sob aquela voz encantadora do rapaz, Bernardo assombrou-se porque era por demais penoso constatar que tudo permanecia igual, com ou sem ele. Nada mudou. Era como se reabrisse um livro de histórias antigas – sua história – e prosseguisse a leitura exatamente de onde havia parado. E ele então percebia que a aventura de ter-se atrevido a pausar a leitura do primeiro livro para se dedicar a um outro, que a princípio pareceu interessantíssimo, não lhe rendera nenhum benefício ou conhecimento. Era uma história tão enjoativa. Vazia. E de mau gosto.

– A Júlia também resolveu abandonar o teatro? – ele perguntou assim que a voz lhe pareceu ser menos saudosa. Tão invocativa a lembrança de vê-la em trajes de Julieta e dizendo as falas. E a cena do beijo. Os aplausos. Sua obsessão. Nada saiu como ele esperava, apesar de tudo. E essa constatação era pior que tudo. Ele repetiu a pergunta naquele antigo interesse. E sentiu sobre si o peso do olhar suspeito de Edgard e de Laura. Mas foi Olímpio que respondeu:

– Não, querido. A Júlia é diferente de mim, a quem compete não saber revezar – apanhou de volta o cálice. Sorveu vagarosamente. – Pelo que me lembro, jamais consegui executar várias tarefas ao mesmo tempo – ficou com o cigarro e o cálice suspensos no ar. Prosseguiu: – Certa vez me disseram que arranjasse algo sério a fazer: tente escrever um livro, plantar uma árvore ou ter um filho, mas, no final, nada saiu.

– Você está tão modesto ultimamente, Olímpio – observou Laura refestelando-se nos braços de uma poltrona. – Será que foi sempre assim e eu não percebia?

– Sei lá! E garanto que ao meu respeito eu sei tanto quanto qualquer um aqui e é melhor assim... Antigamente eu costu-

mava louvar cada dia em que percebia-me mais maduro. Mas eu ignorava que, no fundo, o que tinha significado era não a maturidade e sim a ingenuidade. Porque ao amadurecermos, ficamos essa coisa assim, ciente demais. Que frase, mesmo? – arqueou as sobrancelhas docemente. – E o homem notou sua nudez – sorveu novo gole de uísque. E enquanto recitava, em tom assim de quem quer e ao mesmo tempo não quer revelar um segredo, foi falando: – A Lola diz que eu preciso procurar um doutor – vacilou por um momento, decidiu-se e falou em seu tom indolente: – Será realmente loucura? – baixou mais a voz, mas usou de um tom que todos ouvissem, meio irônico, meio complacente: – Só porque houve uma época em que caí de amores por uma pequena – e sob a expressão pasmada, sempre e confusa de Bernardo, olhando significativamente para o irmão: – E se não fosse pedir muito, ô pensador, por que você me olha com tamanha interpelação? Por acaso meu rosto tingiu-se de verde? – e correu para o espelho para mirar-se.

Por alguns instantes ainda Bernardo ficou a observá-lo. Teve um olhar para Laura e Edgard, mas eles conversavam baixinho assuntos amenos. Sem importância. – Ou eram as falas importantes que eles guardavam para si? – Olímpio amando uma pequena? Seria possível? E diante da suspeita ele fraquejou. Seria Júlia?“. Eles sempre foram tão próximos, e a realização de um amor como esse...”. Uma versão feminina de mim seria como Júlia!”. Não fora essa a frase de Olímpio? E Júlia, tão prestativa. Tão solidária para com Olímpio. Não importava o mais, tudo independia da sua dispersão!”, ele sentenciou ainda uma vez, sentindo-se mais confuso.

– É sério, você já sabe o que tem passado sua mãe? – perguntou Laura ao aproximar-se e tocando de leve no braço de Bernardo.

– Ela foi raptada, mesmo? – Bernardo perguntou distraidamente. Um sorriso autômato nos lábios torturados.

Laura sacudiu a cabeça.

– Cabecinha avoadada! Você está pensando de verdade é na Júlia, não é mesmo?

Ele parou confuso, mas distante.

– Parece que sua mãe foi ao médico. Acho que foi ao médico. Nada importante, bobinho. Exames de rotina.

Ele voltou para ela o olhar de interesse formal. Ele não estava ali, naquele meio-dia. Nem em lugar algum. Mas onde então?

– Exame de rotina – repetiu sem nenhuma emoção.

– É o que parece! – sentenciou Laura em meio de um gesto de averiguação. Sorveu o restante do uísque e esqueceu o cálice sobre o móvel mais próximo, com aquela expressão que emprestou de Olímpio.

– Mas mamãe ainda não voltou do médico? – foi atalhando Cesário, ao entrar. Conduziu Lúvia para dentro também. – Eu estava fazendo as honras da casa para essa linda morena. A mais nova integrante da família real.

– Ora, Bernardo, você nem tocou na bebida que eu preparei para você com tanto gosto. Pode provar, não tem veneno – observou Olímpio.

– Mas a própria bebida é o meu veneno – ele respondeu e desviou o rosto para Laura que se aproximava da janela, onde Cesário levou Lúvia para fazer as apresentações.

– Eu também queria poder encontrar onde está o veneno que me entorpece – reclamou Edgard sem nenhuma convicção.

– Você não conhece um doutor que possa diagnosticar, Olímpio?

Mas Olímpio nem ouviu, ou talvez não quis prestar atenção, ocupado que estava em recomeçar no piano.

Fez-se ouvir um risinho de Laura. Viu-se também o sorriso aberto de Cesário exagerando em sua cortesia para com a visita. Olímpio, diáfano e distante em seu piano. E o desconcerto de Lúvia diante daquela situação: tendo que suportar o flerte selvagem de um homem tendo a esposa dele bem ao lado. Foi

quando Edgard aproximou-se novamente. E Bernardo suspeitou que intenções haviam por detrás de toda aquela nobreza e já ia se furtar quando sentiu a mão de Edgard detê-lo pelo punho e ouviu sua voz sussurrando, novamente, como querendo confessar-lhe um segredo:

– A Júlia acabou de chegar. Você vai fugir novamente?!

O primeiro impulso de Bernardo foi voltar-se para a porta em busca da presença poderosa de Júlia. Depois desviou, rindo sem graça. Tentou em vão conter seu nervosismo. E o pior é que seus pensamentos eram agora um fluxo que passava do seu braço para a mão de Edgard. Ele ainda era tão tolo, imaturo e inseguro. Ainda não era o momento de reencontrá-la. E Edgard sabia disso. Tinha tanta ciência, que correu até à mesinha, apanhou o cálice e ordenou-o a beber de uma só vez. Foi conduzindo-o para fora da saleta e avisando: “Vou lá dentro mostrar um negócio a Bernardo. Fiquem à vontade”. Bernardo deixou-se levar, inerte. Respondeu qualquer coisa ao pedido de Cesário, que reclamara que não sumisse, pois tinha algo sério a falar. “Não vá antes de conversarmos! Ouviu bem?!”.

Na saleta de almoço, ele fechou as portas atrás de si e foi conseguindo acalmar-se. Esqueceu o cálice na mesa. Recobrou também e consciência. Mas agora via a fisionomia de Edgard num convite insidioso, ambíguo:

– Vamos fugir então! Eu ajudo você a adiar mais uma vez esse encontro indesejável. Queria muito conversar com alguém diferente.

Em meio à vertigem que insistia em ir e vir como maré traiçoeira, o rosto de Edgard era a única imagem palpável. Mas Edgard também sabia da sua história. Todos sabiam. E mesmo que não soubesse, essa era uma lenda que devia permanecer adormecida. Até quando? Meu Deus, até quando? Teve então um estalo.

– Outra hora a gente conversa, Edgard. Eu prometo! – sussurrou Bernardo esquivando-se, mas consciente de que, se de-

pendesse de si, essa conversa jamais existiria. Uma mentira desbragada. Sonsa! Sonsa! Pois ele não queria envolvimento. Com ninguém. Cesário sujo! Sujo! Por que ele foi permitir ser trazido ali? Por que não reagiu à vontade de Cesário?...

– Mas quando é que você vai aparecer? Você fica uma eternidade sem dar sinal de vida...

– Eu voltarei. acredite, eu voltarei para visitar mamãe – e foi-se esquivando pela porta dos fundos – avise a Lúvia que esperarei lá fora. Peça a ela que não demore, por favor.

É que, no fundo, ele precisava ainda uma vez ver. Ver e sentir, mas ainda não era o momento.

#### IV

– Verdade, você agora está irreconhecível. Eu juro que tinha que viver para ver ainda uma vez. E não foi você que sempre condenou todas as nossas atitudes? Agora, contudo, se esforça tanto para igualar-se e cometer as mesmas imprudências...

Bernardo tinha as mãos enlaçadas sobre a cabeça e estava estirado tenuemente no divã. Aquela atitude despreocupada de quem realmente não se importa. Seria sua? E os pés fremetes como abanos, também enlaçados. Os olhos abertos desmesuradamente acompanhando atentos o circuito percorrido por uma libélula que vojava em volta do lustre. Sentou-se:

– Talvez eu queira fazer parte do círculo para compreender melhor a minha gente – teve uma pausa: – Minha gente? – repetiu em meio a um gesto lerdo. Não fora difícil reencontrar o caminho de volta até aquela casa. Bastara mesmo uma frincha aberta da porta e ele recuara todo o caminho percorrido de volta até o solar dos deuses. – Ah, Cesário, você também não! Eu venho aqui dar uma tremenda notícia dessas e você me recebe, com um discurso.

– Eu pensei que você tivesse voltado aqui para saber notícias dela. E por causa do meu pedido – sacudiu a cabeça sem alento. E passou as mãos pelo cinto do chambre. Afastou para trás os cabelos. Arrefeceu-se de seu rosto aquela expressão luminosa que durante anos pusera Bernardo à espreita com invejas dele, para no lugar se instalar aquela máscara de perturbação. Parecia tão cansado e decrépito. Mas era tão jovem ainda.

– Eu precisava falar com você, mas você parece-me tão diferente. E agora com essa história de publicar livros. Você ficou uma coisa assim... irreconhecível. Gostaria de poder contar com você, mas queria antes saber quem é você, agora?

– Quem sou eu? – repetiu-lhe Bernardo como se falasse para si mesmo. O olhar distante: lá naquele passarinho que saltava no galho da velha figueira, estendida no meio do gramado. – Quando descobrir, aviso! – respondeu distraidamente. – Não, não é ironia. É embaraço, mesmo... – comprimiu os olhos com os nós dos dedos: – Se me fizessem esta pergunta há alguns anos, me atreveria a responder todo filosófico. Mas agora é diferente, por perceber que é difícil definir a mim mesmo. Se houvesse uma palavra que me coubesse definir, a que chegaria mais próximo seria conflituoso. Sim, sou muito complexo, de difícil entendimento até para mim mesmo – fez uma pausa talvez para analisar a ladainha. Acrescentou com muita convicção: – Nem eu me reconheço mais. E é melhor que continue assim!

– Talvez você esteja atravessando uma crise existencial e tudo é culpa daquela mulher – sentenciou Cesário com o antigo dispor em ir e vir onde quer que desejasse. – Toda gente está a par da sua relação com a Bárbara. Todos a par dessa situação. E isso não é bom! Você sabe que eu conheço bem aquela família... A dona Bárbara é minha sogra. Querendo ou não ela é mãe da Laurinha.

“Então não se podia manter um segredo em total sigilo”. Havia sempre alguém, algum lugar, uma ocasião que servisse

de delatora. Nada estava seguro. Nada estava a salvo. Tudo era frágil, acessível, explícito. Voltou-lhe ao espírito aquela mesma sensação de invasão. Nenhum segredo era segredo. E com que direito Cesário se dava ares de conselheiro?...

– Você tinha dito que queria falar comigo. Então, o que é?  
– perguntou à queima-roupa tamanha indignação.

– Ah, sim! É que na verdade eu queria fazer-lhe um convite  
– começou intimidado, Cesário. – Uma proposta.

– Uma proposta? Que proposta?

– Eu queria saber se você não deseja trabalhar comigo?  
– surpreendeu-o Cesário num olhar que a princípio pareceu tímido, mas depois ficou interessado. Vivo. – É que eu analisei alguns textos seus e achei seus artigos formidáveis... E estive considerando a possibilidade de você me escrever meus discursos.

“Discursos!?” , essa palavra ressoou dentro de Bernardo. Escrever discursos para Cesário. A princípio a ideia pareceu-lhe absurda. Mas tinha algo de irônico nessa situação: Cesário perder-lhe que escrevesse algo que pudesse passar em público. O Cesário, velho Cesário que sempre o criticara. E se dispunha o desencorajá-lo, sarcástico: “...seus papeizinhos... Suas anotações”. “Às vezes é uma distração, mas quase sempre uma perda de tempo”. Agora pedia-lhe que lhe escrevesse algumas míseras palavras. Elogiava-lhe os textos, embora procurasse amargar essa constatação.

– Eis aí uma proposta tentadora, hein, Cesário!? Fazer política – gracejou Bernardo sufocando o desejo de rir às gargalhadas por não encontrar motivo para tal explosão. Sacudiu a cabeça, acendeu um cigarro. Pensou em falar mais qualquer coisa, mas não conseguiu, aquiescido que estava a analisar o semblante de Cesário. E somente depois de alguns instantes encolheu responder sério como se somente então houvesse recebido o convite: – Ah, Cesário, perdoe-me. Sua proposta é muitíssimo tentadora, mas no momento não é possível encon-

trar tempo disponível para qualquer outra tarefa. Talvez mais na frente... Agora não!...

A ansiedade, há pouco transparente naqueles olhos grandes e claros, dava agora lugar a um desapontamento no rosto intacto de Cesário. Teve um ricto onde misturavam-se frustração e uma ponta remota de desdém. E reuniu qualquer dignidade que lhe coubesse para não parecer tão perturbado:

– Em todo caso, o convite continua valendo. Quando você se decidir...

Bernardo assentiu. Era curioso que, como em outros tempos, ele não se sentisse desapontado por desapontar o irmão. Mas é que ele não precisava mais ser agradável. Aquela aflição em parecer amoroso aos olhos de Dulce já não existia mais. E essa descoberta fazia-o enxergar a verdade tal ela era, fazia-o ver Cesário tal ele era. Desinteressante, autoritário, injusto, presunçoso. E lembrou-se de que Olímpio também havia desapontado o irmão, e sentiu com isso certa satisfação. Só que, de repente, perturbou-se porque agora não era inveja o que sentia por Cesário. O que, então? Sim. Sim. Era pena ao vê-lo recuar subitamente numa tristeza desalentada. Uma rendição mau encoberta por uma empolgação em ver a esposa que chamava-o nos aposentos.

No corredor, Cesário repetiu-lhe as últimas palavras sobre o convite, para mascarar o abatimento, e sorriu, fingindo resignação. “Que Bernardo não fosse sem despedir-se dele. Foi-se esquivando e amparando a cabeça com a mão a fim de passar a ideia de que era o histerismo de Laura que o perturbava. Bernardo desceu, acenando em gesto de despedida.

Do átrio vinha o harpejo abafado e tropegante de um violão em exercício. As aulas prometidas por Saulo a Eloíse depois de certa insistência por parte dela estavam surtindo efeito? Bernardo escorou-se no umbral da passagem. Eram dois anjos tocando nos jardins do paraíso? Bem que se pareciam e podiam dar certo. Profetizara Laura. ”Que ideia essa de querer arranjar

a vida alheia? Desde a adolescência era assim!”. Zuca parecia apreciar os acordes, sentada adiante, mas estava, de fato, ocupada com sua caixinha de costuras remendando umas peças. Tão mais velha, os cabelos prateados e mais recurvada para a frente, como se carregasse nas costas um fardo. “Vocês todos são o fardo que eu carrego!”. Fardo ou cruz?”... No final, não era a mesma coisa?! Tinha aos seus pés, deitados molemente, o casal de cães fofos, como bichinhos acolchoados.

– Bernardo! – chamou Eloíse assim que percebeu-lhe a presença. – Venha até aqui ouvir melhor. Hoje é minha primeira aula e veja que progresso o meu – inclinou a cabeça para Saulo, toda manhosa. – Foi uma grande gentileza sua ter trazido esse moço e o ajudado a convencer-se a me dar as aulas.

Ele sacudiu a cabeça. Quis contagiar-se ao ver que Eloíse estava satisfeita, mas não soube por que não conseguiu. Ela era tão instável. “Tudo está sempre em mutação”, dissera Bárbara, dona da razão. Só que não era bem assim, desde que nem sempre essas mesmas mutações trazem sucesso: uma hora tudo firme sob nossos pés e, de repente, ih! A gente andando como um malabarista de circo, na corda bamba. A vida nos enreda em cada elo. Cabe a nós mesmos descobrirmos como desatar o nó. Sair do emaranhado. Esse era o ponto mais difícil. Envolveu a moça num olhar consternado. “Que graça teria isso, se de um momento para outro não seria mais do que memórias?”. Percebeu então que Lola parecia estar mais afável, embora persistisse na fisionomia, aquela expressão angulosa, dura, de sua adolescência.

– Tenho certeza de que você é que é esforçada o bastante – traiu-se-lhe a ideia sem coragem para desencorajá-la. – Isso, porém, não significa que Saulo não seja um bom professor – fez uma pausa. Olhou furtivamente para Zuca como receoso de que ela ouvisse, e prosseguiu: – Mas elogios à parte, o que há com ela? – perguntou indicando com a cabeça no sentido do interior da casa. – Com (disse o nome em sussurro) a Dulce?...

Mas de repente arrependeu-se de novo. Pois embora se sentisse interessado, não desejava mais querer saber, porque parecia estar voltando ao mesmo ponto.

– Foi bom você ter mencionado, querido – disse Eloíse terminando de afinar o violão. Entregou-o a Saulo. – Até eu tenho andado tão preocupada com ela. Mamãe diz que Dulce já não come mais e dorme pouquíssimo também. Sem contar os comprimidos que vive tomando. As crises de enxaqueca pioraram muito – o doutor diz que é melhor assim. – A vida dela tem-se tornado um esmo – sacudiu a cabeça como se lhe confirmasse “É sim!”. Ficou flexionando os dedos. Olhou para Saulo, que julgando-se inconveniente, interrompeu os acordes e sob o pretexto de ir lá com a dona Zuca, afastou-se. – E agora com Cesário querendo mudar-se daqui... Olímpio também já pensou em sair, mas eu bati o pé e ele parece ter largado essa ideia; enfim, você sabe como é Olímpio, nunca sabe o que quer. Mas se ao menos você ainda estivesse aqui. Eu confesso que qualquer hora dessas, eu e mamãe pulamos fora também, daí não sei mais nada...

“O egoísmo, sempre o egoísmo”, pensou Bernardo sem querer envolver-se. Mas a cada instante se via mais afundando em toda aquela história. E sentia um remoto sentimento de indiferença aliado a um gozo indesejável por ter conhecimento do desalento de Dulce. Ele não queria. No fundo não queria...

Saulo agora, depois um mero esforço de memória, acompanhava Zuca numa de suas melodias da mocidade. A canção era meio melancólica e estava de acordo com o clima nublado que pairava na atmosfera. Sem saber o porquê, Bernardo sentiu-se subitamente mais disposto:

– É melhor não se fazer nada por enquanto, porque não há o que se fazer – disse energicamente, tocado por uma revolta. Abrandou a voz. – Você disse que ela tem ido ao doutor. E ele não diz do que se trata?

Eloíse inclinou a cabeça para o ombro. E encolheu-os com um esgar nos lábios. Teve o gesto rotineiro de alisar os cabelos presos ao pé da nuca com seus laços de fita no mesmo tom do vestido.

– Eu nem sei mais o que dizer. Nem ele. Que doutor mais indeciso: primeiro, decidiu que seria melhor interná-la, mas como ela não respondeu ao tratamento, nós a trouxemos de volta. Então fui falar com Cesário – você sabe como ela o queria bem, – mas ele me recebeu com quatro pedras na mão – as mãos de Eloíse percorriam instáveis pelo regaço. Ouviu-se o estalar dos dedos entrelaçados. – É impressionante como Cesário mudou tanto, da noite para o dia, consumido na política. E a Laura que não ajuda em nada...

O lobo na pele de cordeiro, resumiu Bernardo espalmando as mãos sobre os joelhos.

– O lobo na pele de cordeiro – disse em voz alta, porque a expressão pareceu-lhe interessante. Mas quem seria esse cordeiro? E o lobo? – Por que você não reuniu todos e tentou uma resolução? Se é como você diz alguém tem que tomar uma atitude.

– Mas quem?

– Cesário, por exemplo!

– O difícil vai ser convencê-lo a se envolver. Você sabe como Cesário só da importância a si mesmo. Está lunático com essa história de política! Já Olímpio veio com as ideias estapafúrdias dele, que ela fosse passar uma temporada no campo, o ar da fazenda iria lhe fazer bem. Mas é difícil... ela só pode contar com você, mesmo.

Comigo? Bernardo esteve a ponto de se opor. Via-se agora solidário com Dulce, porém inapto a ajudar; sabia do problema, mas nada podia fazer. Ou talvez não quisesse. Achou melhor seguir por um outro caminho.

– Eu não quero desapontá-la, mas parece que ela não está preocupada, realmente. Eu diria até que está do modo como sempre quis.

Eloíse discordou energicamente:

– Transtornada como está, o que você quer que ela faça? – passou lentamente as mãozinhas sobre os joelhos, lado a lado.  
– O melhor é fazer alguma coisa enquanto há tempo.

Havia em seu tom uma ponta de receio. E também uma grande censura. O aviso de quem já conhecia os caminhos daquela direção e não o desejava para outros. “O melhor é fazer alguma coisa...”. Pois, sim! Bernardo não quis admitir essa hipótese e continuou a fazer o inflexível.

– E o que você quer eu faça? – perguntou, contudo vacilante. – Eu não quero me intrometer. Aliás, a melhor coisa que eu fiz em benefício dela foi não ter voltado para cá depois que saí do internato – ele refletiu por um instante. – Eu não podia mais atormentá-la com a minha presença indesejável, que só trazia lembranças ruins – e passados alguns instantes de cisma: – Mas parece que depois que eu saí ela piorou.

– Portanto, é momento de agir – concordou Eloíse insistentemente. – Eu passei a minha vida toda vendo essa família, que eu adotei como minha, se desentender, mas agora que procuro reverter esse quadro, encontro tanta dificuldade...

Bernardo sondou-lhe a fisionomia. Emocionou-se, embora reconhecesse que nenhuma emoção mais lhe transmitia a figura de Dulce.

– É por isso que insisto que você pense na possibilidade de voltar para cá. Com você aqui seria um estímulo.

Bernardo volveu a cabeça. Como reagir? Era difícil admitir a ideia de voltar as costas tanto quanto se pensar em sacrificar a si mesmo em benefício de Dulce. Reviu-se em Eloíse insistindo tanto numa coisa, falando para ouvidos moucos, como a balada das sereias batendo na cera dos ouvidos dos tripulantes da nau. Que personagem era esse mesmo?

– Não posso – murmurou batendo os braços da cadeira com o punho cerrado. Levantou-se. Agora a canção tocada e cantada por aqueles dois tão diferentes quanto distantes irritava-o.

– Já não sou aquele de antes. Tenho outros propósitos. Muito do que eu quis antes já não significa tanto agora. Ou quase nada. E voltar para esta casa não está nos meus planos.

Havia qualquer coisa de artificial e abstrato no comportamento de Bernardo. Mas, o quê? Tinha ciência de que se agia dessa forma era por revolta, por querer livrar-se das mesmas marcas que trouxera tempos atrás. Ele próprio chegava a se sentir mau, só que maior que esse mal-estar era a preguiça, o desfastio e a desolação em pensar no caminho de volta àquela antiga face. E demais, talvez houvesse uma ponta de prazer em agir maldosamente. Indolente. Eloíse não podia compreender. Ninguém podia compreendê-lo.

– Talvez a única coisa que esteja em seus planos seja pavonear por aí com sua amante casada, não é mesmo? – atacou Eloíse elevando o tom audaz da voz. Atenuou-o ao perceber que chamava a atenção de Saulo. E diante do silêncio de Bernardo. – Não é mesmo, Bernardo? Responda! Ou talvez esteja ainda transfigurado. Com o prenúncio da autorrealização e isso tenha transcendido à sua cabeça. Eu não sabia que você guardava dentro de si um Narciso prestes a explodir – ela falava agora num tom baixinho, súplice, incompreendida. – Sua vida era tão vazia assim aqui nesta casa a ponto de você ter medo só de pensar em voltar?...

– Não era bem assim – murmurou Bernardo. E após um momento: – Foi você quem me abriu os olhos para isso, lembra?

Mas Eloíse parecia disposta a prosseguir naquele discurso carregado em tom de censura, e o curioso é que todos aqueles receios e avisos traziam uma ponta de arrependimento, como se tentasse desfazer um engano que ela própria causara.

– Você me disse certa vez que era feliz aqui. Escute, eu não estou pedindo para você abdivar seus planos. Nem quero atrapalhar seus propósitos – procurou suavizar, meio irônica. – Se você admitir, só estou querendo uma oportunidade de fazer com que vocês se entendam. Você nunca teve uma conversa

franca, que resolvesse tudo. Que esclarecesse... Uma vez você falou que eu estava à beira do precipício e me estendeu a mão para que eu não desabasse. Eu espero, agora, que aquele mesmo espírito de nobreza venha à tona, novamente – apoiou-lhe no ombro a mão trêmula. – Não passa por sua cabeça o pensamento de que também é sua obrigação ajudá-la? Esquecer os desentendimentos do passado... Mas, enfim, faça o que considerar coerente. Nem sei porque estou me empenhando tanto.

Aquela advertência fê-lo estremecer. Mas ainda aquele modo de resignar-se usado por Eloíse perturbou-o mais. E Bernardo viu que era em vão que desejava permanecer impassível. Teve um suspiro. Sempre assim. Sempre que pensava em desatar os laços, mas se via preso. Era também desagradável saber que a moça considerava-o oco. Alienado e, contudo, embora a constatação o perturbasse, já não fazia tanta diferença. Um vislumbre fez-lhe a cabeça girar confusa. Seu espírito estava em desordem. Levou as mãos à cabeça e começou a fazer uma espécie de massagem nas têmporas com as pontas dos dedos. Sinceramente arrependido ele pensava agora que não devia ter permitido que Eloíse lhe fizesse reviver um passado que já devia estar no esquecimento. Que sujo! “Não podia...”.

– Espera um pouco! – conseguiu formular depois de algum tempo, como se estivesse sendo impelido a um quarto escuro sem janelas, completamente fechado. – Eu ando tão confuso ultimamente... E com essa enxurrada de novidades que tem-me acontecido... não tenho tido tempo de me acostumar a nada...

Eloíse tinha as mãos unidas em concha sobre o regaço e uma expressão plácida em seu rosto, quando Bernardo voltou-se para ela. Quis fitá-la para sustentar a imagem, mas quando percebeu, ela já levantava, implacável:

– Não podia deixar de acontecer isso, Bernardo. Você não era acostumado a nada por que tem passado. Essas mutações, a liberdade. Nada! Está tendo um momento de transições e en-

frentando dificuldades para se habituar a elas – olhou-o com ternura e também um pouco consternado. – Você nunca havia tido uma vida só sua, antes. Nem visto o mundo como ele é, de fato, e quando isso aconteceu você começou a agir como criança no parque de diversões, querendo se divertir por todos os lados, ao mesmo tempo. Mas se perdeu na metade do caminho, lá atrás.

Bernardo desviou o rosto não querendo aceitar aquelas palavras, mas sabia que eram verdadeiras. De um modo ou de outro Eloíse estava sempre certa, e isso lhe doía. Por que não podia ao meus uma vez agir por conta própria? Fazer tudo ao seu modo! Arrependeu-se de súbito por ter voltado ali, e não tinha a menor intenção em dissimular o desapontamento.

– Vá com calma, meu querido. Faça a sua vida e não permita que ela faça você. Não se deixe levar pela precipitação. Para que pressa em alcançar algo que já é tão seu?! – teve um gesto vago. – Então? Vai pensar sobre o que conversamos, não vai? E quando estiver preparado, me avisa... – voltou-se para os demais, entretidos numa conversa monótona.

– E quanto a vocês, hein? Não é que estão se dando bem! Eu vou ver se preparo um lanche para todos.

Bernardo deixou cair os braços ao longo do corpo. Andou inerte até a varanda. Respirou fundo. “Reaja”, dizia para si mesmo. “Situa-se! Situa-se!”. Lembrou-se de repente de Isabel, a ingênua Isabel. Sentia-se estupidamente ingênuo, fazendo o inocente que julga saber de tudo, conhecer todos as nuances da vida. E ele nada sabia.

Saulo pediu-lhe explicações, assim que percebeu-o a sós. Bernardo encolheu os ombros. – Nada relevante, disse com ar de quem estava ótimo. Entusiasmou-se de repente, sem saber o porquê. Esboçou um sorriso. Seu olhar girou em redor, observando.

Olímpio surgiu no átrio no exato momento em que Eloíse trazia o carrinho de chá fumegante de iguarias. Estava com

óculos de grau e usava um macacão azul com as calças dobradas na barra. Trazia nas mãos as luvas de plásticos e um quite de jardinagem. Atrás dele vinha um auxiliar, carregando nos braços sacos prestos de terra para adubar. Olímpio dispensou-o assim que descansaram os serviços nos degraus. Chegou-se aos outros.

– Finalmente, hein, moço! O bom filho à casa torna. E bastou apenas uma visita para que se desencadeassem outras – fez troça. – Por que não me avisaram que ele estava aqui? Faz muito tempo que chegou? Ih, você está com um aspecto... Pousou-lhe a mão no ombro e desatou a falar das reformas que estava fazendo no andar superior para agregar o antigo quarto de Bernardo ao seu, onde colocaria o piano novo que comprara, pois o antigo estava muito desafiando. Os cães insinuaram-se-lhe por entre as pernas fazendo festinhas.

Saulo foi o primeiro a inclinar-se para a bandeja do lanche. Serviu a Zuca e a si mesmo com laranjada, mas seus olhos fitavam Olímpio como se procurassem nele o que existia de diferente. Fingiu um constrangimento que estava longe de existir diante da descoberta. Eloíse serviu a Bernardo, nutriu outro copo. Apanhou na bandeja um bule de porcelana com florinhas arroxeadas, despejou o líquido amendoado na xícara igualmente delicada.

– Eu tomo chá! – avisou no meio de um sorriso cândido. E voltando para Olímpio o tom de censura, estendendo-lhe o copo de suco: – Toma, moço, seu fresco e senta aqui... e vê se não se exalta, nós temos visitas.

Olímpio refestelou-se na cadeira, sempre repelindo os dois cães que insistiam por afagos, e sob o olhar furtivo e interessado de Saulo que tentava disfarçar elogiando o bolo de milho.

– Saulo, você ainda não conhecia esse meu irmão, não é verdade? – procurou enfatizar Bernardo provando das broinhas. Quis parece natural: – Olímpio é o artista da tribo. Uma figura, você precisa ver!!

Apertaram-se as mãos formalmente. Ao primeiro instante aquela expressão meio maliciosa de Saulo, contrastando com a divertida de Olímpio. Bernardo levou o olhar para Eloíse que se empertigava na cadeira provando do chá em pequenos goles. Pôde concluir: ela estava interessada em Saulo e conquanto procurasse manter a dignidade, o terrível estava nos olhos circunspetos onde já se pronunciava uma história que não seria das mais esperadas. Os cantos da boca se elevaram brandamente e ela anunciou:

– Vou já avisar a Cesário que foi servido o lanche. Ele gosta tanto de bolo de milho.

Exatamente nesse instante, seu olhar cruzou com o de Bernardo, e ele teve um tremor. Revivendo aquela antiga relação de amor-ódio que mantinha com a moça em sua infância. E lembrou-se da frase de Bárbara, certa vez: “Justamente quando se julga ter chegado ao apogeu da maturidade e conhecido todas as trapaças que a vida insiste em pilhar-nos, é quando chega-se a hora de partir”. Que maldade! Que injusto! Que sujeira! E em seguida pensou em Dulce: então aquele modo com que ela procurava tratá-lo, não seria também sujeira? Mesmo precisando da ajuda dele, ela se mantinha orgulhosa. Repeli-o embora precisasse de sua absolvição. Onde estaria ela neste momento?

– Mas por que você resolveu voltar agora? Você sumiu da outra vez e agora aparece sem avisar! – quis saber Olímpio voltando-se-lhe o rosto. Os olhos estavam mais ausentes ainda, cumprindo uma formalidade, apenas. – Eu tenho ouvido tanta coisa a seu respeito.

– Procure não acreditar. Quase sempre se trata de calúnias.

– É verdade – concordou reticente Saulo. – Eu tenho medo muitíssimo bem com Bernardo. Nada tenho a declarar quanto ao caráter deste jovem.

Pousando o copo na mesa, Olímpio pareceu procurar algo a acrescentar, por detrás daquele meio sorriso. Limpou o canto

da boca com o guardanapo e afundou a mão no bolso do macacão. Retirou o isqueiro e acendeu um cigarro.

– Bernardo é ótimo, mesmo! – concordou sem convicção, soprando a fumaça. – Mas você ainda não me disse o que é verdade e o que é ficção. Já pensou em passar suas aventuras para o papel?... Dizem que daria uma história e tanto e que faria os devaneios do tal marquês parecer contos infantis.

Assombrado, Bernardo quis desatar a falar sobre suas expectativas, sobre sua literatura. Quis revelar também que se tratava de histórias de desencontros. Conteve-se. E antes que pudesse resgatar uma outra forma de informar ao irmão, Eloíse atalhou-o:

– Por enquanto é tudo um mistério só. Esse moço não quer revelar a ninguém o teor de suas histórias. Nem a mim quis adiantar, pelo menos um detalhe. E nós éramos amicíssimos na infância. Confidentes – provou do chá. – É tudo especulação e eu estou numa tremenda expectativa.

Todos concordaram evasivamente. Olímpio encolheu os ombros. “Se é assim!”, disse e foi-se levantando. Eloíse perguntou-lhe se não ia provar um pedaço do bolo, ele recusou, mas Bernardo serviu-se de uma fatia. Nutriu novamente o copo.

– Sinto ter que me retirar agora – desculpou-se Olímpio afetando compromisso. – Mas é que estou com um problema na minha estufa. Você viu que mandei construir também uma estufa?! Logo hoje que tinha tirado o dia para concluir aquele soneto, lembra, Bernardo? Agora Pedro veio para me ajudar e eu não posso abrir mão desse anjo...

Seu ar era de um doutor que vai visitar um paciente em estágio terminal. Com um gesto enérgico atirou longe o toco do cigarro. Apanhou seus apetrechos. Retardou os passos, subitamente. Sutilmente pousou a mão no ombro de Bernardo que voltou-se imaginando que o irmão iria oferecer-lhe alguma coisa.

– Ah, ia-me esquecendo de uma coisa – exclamou indolentemente: – Você está sabendo que a Júlia vai embora. Vai viajar?! E quando soube que você estava de volta, perguntou por você dia desses. Vê se fala com ela e tenta convencê-la a desistir dessa bobagem... Eu detesto separações e despedidas e não posso acompanhá-la dessa vez.

A face de Bernardo empalideceu de imediato. Olhou furtivamente em volta. Era como se todos soubessem. E Eloíse ainda desviava-se-lhe o rosto por piedade dele. E pareceu entalar com o bolo na garganta, mas aquele nó que cortava-lhe a respiração era veneno. Foi veneno que ele tomou daquele copo.

– Estou indo, meus queridos. Minhas plantas precisam de mim – afastou-se em direção ao gramado, ajeitando os acessórios sob o braço. – Bom ter-lhe conhecido, Saulo, volte sempre. Ih, Bernardo, dá um pulo lá comigo antes de partir...

Bernardo assentiu com a cabeça. Uma máscara rígida nos músculos do rosto. Afastou o prato e furtou-se do copo de suco também. Sentiu-se miseravelmente injustiçado. Quis fugir. Ir para o seu apartamento, esconder-se em seu quarto até encontrar uma fórmula de impedir essa viagem. Impedir? Como, se ele, vonluntariamente, se negara a estender-lhe as mãos? Machismo? Imprudência? Agora o cerco se fechava. E o encontro tantas vezes adiado. A conversa adiada. Aconteceriam mesmo? Tolice sua permanecer afastado por tanto tempo.

– O que aconteceu com seu apetite voraz, Bernardo? – indagou-lhe Saulo só por gentileza. Ignorava seus maiores desgostos.

Ele voltou-se com a indisfarçável fisionomia amargurada. Impassiva: – Eu acho que não estava tão faminto quanto pensei – disse simplesmente disfarçando o abatimento.

Reclinou-se para a janela e ficou a observar o bando de crianças espalhadas por todos os lados da praça. Todos introduzidos naquele mundinho colorido, num só mundo. Homogêneo. Envolvidos em seus brinquedos tão inocentes quanto divertidos. Nessas horas a vida parecia tão simples. Feita de pequenas coisas. “Pequenas coisas grandes”, consertou-se. E pôs os olhos numa anjinha alourada, de cabeça encaracolada vestida toda de vermelho em meio dos outros. Anjo ou criança? Ah, a infância. Sua meninice. Toda aquela fase de preguiça e leveza. Os dias felizes ao lado do pai ainda antes de tudo. Absolutamente tudo. Teriam mesmo existido? Tudo o que tivera e perdera assim tão despercebidamente. Suspirou. Afrouxou o cordão do roupão e debruçou-se na janela com os braços enlaçados sob o mento. Dois rapazes animavam-se numa partida de tênis de mesa, com o tabuleiro verde estendido sob um pé de acácia. Pareciam Cesário e Edgard, antes do afastamento. Antes de se tornarem desconhecidos; duas moças vestidas em seus trajes de passeio se insinuavam aboletadas no espaldar do banco de aço, enquanto que bem próximo dali três meninos rodavam peões coloridos e outra dupla jogava bulmerangue. Havia ainda uma profusão de crianças, jovens e adultos entre-tidos com alguma diversão simples e agradável, como a vida. E Bernardo achou injusto que ninguém se compadece dele e se prostrasse diante da sua janela: “Eh, quer ajuda?”.

“Você anda pelos vinte anos, mas às vezes ainda me parece um velho!”, observou Olímpio. ”Amedrontado como um camundongo pilhado na escuridão da noite por um facho de luz reto e implacável. Eu, se fosse um bicho, certamente não seria um camundongo, querido. Um gato, talvez um pássaro. Enfim... Mas camundongo, não!”. “Uma criança num parque de diversão”, ele lembrou-se de retrucar. ”Lola diz que eu sou uma criança num parque de diversão. Uma criança boba que

nunca estivera ali antes”. “Uma criança?”. Assustou-se Olímpio. E prosseguiu: “E todos nós ainda não somos uma criança?... O que ela deixou de acrescentar é que você viu seu tempo esgotar-se e acabou por não se divertir em nada, desde que ficara parado, deslumbrado com tudo”.

Deslumbrado. Pois sim! A verdade é que o deslumbre que sentia por Bárbara parecia não existir mais. E em seu lugar ficara apenas um sentimento de gratidão. Uma amizade. Coisa que seria difícil chegar nela e dizer-lhe: “Acabou, o mais coerente seria que nos afastássemos”. Era essa a frase. Tão simples. Curta. Mas agora entendia as resistências de Eloíse ao longo da vida em que a atormentara em busca de respostas. Motivos. É que chega a ser mais conveniente camuflar as decisões que imediatamente vão desestabilizar a quem as busca. Tanto adiamento. Mas a resposta veio um dia. Quis imitar essa atitude. Afastou-a de seus planos, pois se era ruim permanecer imparcial, pior seria manter uma relação já desgrenhada. Odiava sua inexperiência, seu vacilo. Queria ser objetivo e dispersivo como Olímpio que, com uma naturalidade incomum, introduzia-se e desprendia-se de tudo e todos com tamanha facilidade. Decepção? Sim, mas não pelo irmão, por si mesmo. Ele jamais conseguia imitar quem quer que fosse e sair ileso da prova, e contudo sempre o fazia. Tão artificialmente e feio. Exclusivamente feio. Feio por tentar imitar os outros, agir como se não fosse ele mesmo. Adequado seria assumir a si próprio, para depois averiguar como seria se tomasse uma decisão exclusivamente sua. Sem influência externa. Mas é que ele se via perdido entre tantas faces. Fictício. Não era Olímpio, o ator indeciso. Era ele que representava tantas personagens ao longo da vida e agora suas atuações todas pareciam monótonas. Tanta imprevisão. Sim, ele quis se firmar e foi tudo só decepção. Tanta dor. E em meio a tudo isso, só o amor tumultuado por Júlia continuava intacto. Vivo. Era irônico, pois das coisas que ele desejou só esse amor não foi tocado ou mencionando.

Apanhou o copo de leite. Sorveu-o. “E então?”. “Então, nada!”. Eloíse devia estar certa quando perguntou pelo vazio da sua vida. Havia tantas lacunas em branco. Tantos espaços a serem preenchidos. E a falta de experiência. Estranho, mas ele sentia-se puro, a contragosto. Desprovido de nenhuma mácula de corrupção. E a verdade é que todo esse tempo de experimentações não lhe havia rendido nada. Como se não houvesse sido vivido. Eis então a desvantagem de se viver irresponsavelmente, sem atinar para as consequências, nem ter capacidade de apreender.

Concentrou-se: “Meu Deus!”, que difícil era para si pensar num modo de afastar-se de Bárbara e fazê-la compreender seus motivos, sem contudo feri-la. Mas é que quanto mais se conjeturava a respeito, mais se chegava à conclusão de que não magoá-la seria impossível. E isso era o pior. E demais, ele não possuía uma razão extremamente explícita, transparente e que bastasse. Nenhuma explicação seria assim como as razões dadas pelas disciplinas, baseadas nos fatos acontecidos na natureza. Sempre muito convincentes. Obedecendo e ocorrendo conforme uma pré-predeterminação maior. Na vida humana tudo acontecia com maior complexidade. Nem sempre o mais simples era visto como o mais importante. E nem sempre o caminho mais correto a se seguir era menos doloroso. Era da natureza humana tornar as coisas mais difíceis e não adiantaria muito tentar obedecer a outra regra. Natureza humana ou da sua natureza? Que consciência era essa sua, que o levava a viver de tal forma? Sim, porque quase sempre sua consciência o impelia a coisas tão diversas. “É que minha consciência nem sempre me assula a agir do modo correto, justo”. Concluiu com os pensamentos ainda emaranhados. Refestelou-se na poltrona. Estendeu as pernas até à janela e uniu as mãos sob a nuca. Entendia agora que Cesário talvez se afastara da mãe, não por egoísmo, foi por fraqueza em ver Dulce debatendo-se naque-

la ilusão. E permanecia sendo uma testemunha passiva. Não conseguia estender-lhe as mãos.

Desviou-se para uma pilha de jornais amontoados na mesinha ao lado. Apanhou um ao acaso. Abriu-o. Seus olhos pousaram magneticamente numa manchete apavoradora: “O QUE SERÁ DE NÓS, AGORA? Releu-a: ”O que será de mim agora? Certificou-se da nota no jornal. Semanas atrás. Repentinamente pôs-se a conjecturar: “Semanas haviam transcorrido daquele fato. Dias transcorridos e ainda se falava. Ora, pois! E não era para se falar? Começou a ler, mas não passou do primeiro parágrafo, enfasiado demais para procurar entender os motivos alheios, quando não sabia nem dos seus”.

Dobrou e recolocou o jornal no local de antes. Provou novamente do leite. Um riscar de fósforos vindo por detrás desconcentrou-o repentinamente:

– Acho que perdi meu isqueiro. Depois você pode dar uma procurada aqui no apartamento?!

Despertou-se. Bárbara usava um vestido preto muito decotado na gola. Lembrava a imagem de uma atriz que vira anos antes numa fita. Ou vira numa revista? Também não estava certo quanto ao realismo da figura. Fictício ou real?

– Assustei você? – desculpou-se descansando a bolsa na mesa. Liberou a fumaça. Deu-lhe um beijo. – Mas por que você não tem respondido aos meus telefonemas? – inclinou-se na janela. Lançou um olhar para fora e teve um ar de desprezo. – Ih! Nem precisa responder: saudade daquela vidinha monótona que levava antes. Está em seus olhos. Voltou o contemplativo.

Ele girou na cadeira. Chegara o momento e, por mais que tentasse adiar, via que seria impossível ter tanto tempo. A expectativa e a ansiedade maltratavam-no mais. Procurou conter-se tomando espaço até chegar o momento oportuno. E demais seria de pleno mau gosto e maldade atingir de chofre com uma notícia desagradável uma mulher tão linda e ansiosa por viver suas aventuras amorosas.

– Por que será que as pessoas procuram sempre me tratar como se eu fosse uma criança? – preferiu fazer o ofendido.

– Você, uma criança?! E quem é que lhe trata assim? – rebateu Bárbara intrigada. – Definitivamente, você está confundindo as coisas. Embora não esteja admitindo, só lhe trataria desse modo se você merecesse. Longe de mim pensar de outra forma...

– teve uma pausa: – Será que você está merecendo agora?

– Está bem – redarguiu Bernardo, meneando a cabeça. – Perdão ter interpretado você mal. Falemos noutro assunto, então.

Ela concordou evasivamente: “É melhor!”. E num tom quase natural: – Mas por que você está com essa cara de quem deve algo a alguém? Está com problemas, é isso? – fez outra pausa. E teve um gesto de quem tinha algo seríssimo a ser revelado:

– Eu soube que você anda meio adoentado. É tão grave assim?

Pôs-se a enrolar nos dedos uma mecha de cabelo, dele. Bernardo pôde sentir mais ativamente o morno cheiro daquele perfume, unido em desarmonia com o odor do fumo. Bárbara era uma mulher perspicaz. Astuta. E ele sempre procurando manter a imparcialidade. Desse jeito seria mais fácil, bem mais fácil.

– Eu já estive me consultando. Está tudo sob controle – fitou-a corajosamente. Ela imitou-lhe o gesto como perguntasse: “O que há?”. Intimidado, retrocedeu. Deus, como era difícil para si. Difícil ter que duelar com uma mulher como Bárbara. Autoritária, deixava-o sentir-se impotente. Adiou. A verdade é que quando queria enfrentá-la tinha que ser cauteloso. Fazer o inocente. Voltou-se sem poder encará-la, igualzinha a Dulce, receoso de irritá-la. – Eu estive pensando em voltar para a casa da mamãe. Faz algum tempo que estou pensando nisso...

Desceu as vistas. Em seguida foi a cabeça que tombou para o peito como a de um degolado, acanhado como uma criança que respondeu mal a um adulto e agora ia receber o castigo. Bárbara pôs-lhe a mão sob o mento e ergueu-lhe o rosto.

– O que foi que você disse?

– Não me olhe assim – avisou habilmente Bernardo. – Eu só estou querendo deixá-la a par das minhas intenções – e mentiu: – Eu não conseguiria virar as contas para minha família no momento. Cesário pensa em pular fora. Olímpio também, a qualquer hora, apesar de Eloíse não querer. Não se deitarão tantos dias para ela também se ir – agora podia fitá-la sem receios, mesmo sabendo que por detrás dos absurdos que dizia, escondia-se alguma verdade. – Mas não se preocupe, é tudo apenas especulação, por enquanto. Isso não significa, no entanto, que não esteja considerando todas as possibilidades. Analisando os prós e contras.

Bárbara adquiriu uma expressão insondável que perturbou ainda mais a Bernardo. Permaneceu calada ainda algum tempo. Afinal sua voz saiu sonora, arrebatadora:

– Por que será que isso me soa como se você estivesse fugindo? Você está com medo! Ou finalmente tomou coragem?!

Ele negou. “Medo que quê?... Coragem?”. Não poderia estar com medo. Só não queria mais manter aquela relação, desde que amava Júlia. Era impossível negar. E julgando que voltando para casa, aos seus, seria uma boa oportunidade de ir-se afastando aos poucos, até que não restasse mais nenhuma unidade. E não tinha mesmo coragem de enfrentá-la, dizendo que tudo estava liquidado. Não durou quanto se pensava que iria durar. Deu uma volta pela sala, reteve-se diante da mesa, em cima da qual ficou batendo de punhos cerrados. Um chumaço de cabelo resvalou-lhe pela testa. Empurrou-o para trás num gesto lerdo, acentuando a obra decadente. Encarou-a novamente e antes que ela adivinhasse-lhe os pensamentos, furtou-se e ficou tamborilando no espaldar da cadeira.

– Eu andei pensando... – começou, e sorriu divertido diante da afirmativa, uma vez que as pessoas sempre lhe diziam que ele pensava demais. – Talvez as coisas estejam começando a ficar claras para mim – explicou. Achou um argumen-

to tão desconexo. Tolo. Quis ser mais claro. – Eu quis mudar, mas não posso ser um outro, porque continuo sendo o mesmo. Nada tem a ver com você. É tudo coisa minha, coisa da minha cabeça. Mas afinal, não tem porque ficar assim criando tanta polêmica em cima de um fato tão banal. Se não for muito sacrifício, só estou admitindo a hipótese de voltar a morar na casa da minha mãe. Nada demais há nisso?... Há?

Ela esmagou o cigarro no fundo do cinzeiro. Pareceu menos inflexível, analisando o que ouvira. Mas foi somente por um instante que deu essa impressão. Logo adquiriu uma fisionomia de suspeita, receio. Coincidentemente, uma ideia nova foi lançada no espírito de Bernardo: não estaria ele agindo dessa forma, única e exclusivamente, por sentir-se influenciado e pressionado pelos outros? E usava o amor imprevisível e louco por Júlia como pretexto. Cesário o criticara. Eloíse avisou que se acautelasse e Olímpio, embora dispersivo, havia assegurado que era um caso sem futuro. Louco. Louco! Havia também Lúvia com seu moralismo inútil, mas moralismo. E Saulo com seus ciúmes. Tanta pressão à sua volta, que chegava a ser difícil identificar aquela decisão como sua, ou apenas a extensão do que queriam os outros. Fitou a amante que analisava-o como se fosse um estranho suspeito e procurasse nele algo que o condenasse.

– Você está querendo me dizer alguma outra novidade – disse em meio a um gesto contundente. – Ou pretende esconder! Você tem voltado a frequentar aquela casa, não tem? Mas seja qual for sua decisão, eu apoiarei.

A suspeita teve o efeito de uma afirmação, de quem já sabia do que se tratava. Ela parecia ter dito: "Você ainda ama a Júlia, não ama? Então é o momento de decidir-se por fim". E antes que acontecesse de ser desmascarado, ele adiantou-se:

– É que meus planos falharam – começou cautelosamente. Segurou-a nas mãos. "Ah, que difícil, Deus! Se ela perguntar o porquê de tanto rodeio, que hei de argumentar?". Seu amor por Júlia parecia não bastar. Quis fazê-la compreender suas in-

tenções por meio daquele toque de mão. Mas ao invés disso, a atitude e voz de Bárbara foram irônicas ao se desprender dele.

– Como assim? Seus planos falharam? – explicou indo em direção ao carrinho de bebidas. Estranhou fazendo um comentário sobre a escassez de bebida. E após o coerente argumento de Bernardo quanta à própria saúde, serviu-se de conhaque sem nenhuma importância ao fato. – Se não estou enganada, quando nos aproximamos, sua meta era seu livro. A conquista de seu espaço – tomou da bebida. – Será que somente agora é que você se deu conta se era esse mesmo seu verdadeiro propósito?

Rejeitou aquelas palavras. Como supor algo tão inepto? Descabido mesmo. Ele tinha plena certeza de suas vocações. Chegou a vacilar, no entanto, com a dúvida. Ajeitou paciente-mente o cinto do roupão, como se buscasse ali o que ia dizer.

– E essa ainda é a minha meta – arrumava agora os punhos. – Só que, com a confirmação dela, vieram juntas tantas outras coisas desnecessárias. Situações que eu jamais imaginara viver. A verdade é que os acontecimentos têm fugido da minha alçada e têm adquirido um modo bem diverso ao que eu queria.

Bárbara esboçou um sorriso amargo, como se tomasse fel, em combinação com um ricto doloroso igual ao de Cesário quando se negou a trabalhar com o irmão. Foi-se arrefecendo do rosto dela aquela expressão confiante e digna. “Tão claro! Tão simples”, parecia imaginar consigo mesma, engolindo o conhaque, que nunca antes devia ter sido tão entorpecente. “Eu já imaginava...”, transmitia em seu olhar o encontro com o inevitável.

– Então eu presumo que entre essas coisas desnecessárias eu estou incluída, não é verdade? – atirou-lhe sem nenhuma cerimônia. E enlaçou-se a si mesma à espera de uma confirmação. – Não é mesmo, Bernardo? Responda!

Bernardo pensava agora em Olímpio falando de moral, respeito, questionando a existência do pecado. Vendo tudo de

um ponto de vista muito particular, original: "Não acredito em pecado. Em todos os tipos de pecado: os impostos pela sociedade, os de origem religiosa, aqueles nascidos dentro de cada um nós e transformados em conceitos, preceitos e preconceitos. Trata-se tudo, exclusivamente de argumentos para se reprimir e policiar nossas vontades, impor limites que absolutamente não deveriam existir. Pecado para mim é você ofender a si mesmo e ao seu próximo, com o mal, intencionalmente. Sabendo que uma determinada atitude vai ser prejudicial. É tudo uma questão de bom-senso. Veja bem: se você faz algo com boa intenção e aquilo é correto, evidentemente, no final, tudo vai seguir um curso generoso e justo. Mas existe algo a ser relevado, pois nem sempre o que julgamos ser o melhor, é o melhor. E é preciso nessas horas uma dose extra de argúcia para se ter certeza e não sair praticando incoerências só porque se acha que aquilo é o melhor".

Tão paradoxo! Mas ao mesmo tempo tinha tanto sentido o discurso de Olímpio. Quis imitar-lhe a intenção, procurando absorver algo de toda essa oratória.

– Eu não planejei isso, Bárbara – recomeçou, a princípio fitando-a. Depois concentrou-se, desviando o olhar para o teto a fim de não perturbar-se ainda mais. – Quando resolvi não voltar para casa depois que saí do internato, foi porque estava ressentido, ainda me sentia humilhado e havia em minha mente, em meio a tanta imprecisão, apenas um propósito, o qual você já sabe. Tinha passado por tantos infortúnios. E minha vida de antes era tediosa, deprimida. Então resolvi que era o momento de arriscar, movido por motivos que já não fazem sentido, resolvi não voltar mais para ali. Devia investir em meus projetos. Nessa fuga. Era isso o que eu queria? O que sabia fazer? De qualquer forma, num determinado momento minhas vocações haviam se firmado e os últimos acontecimentos – que eu não vou citar – só serviram como impulso – teve uma expressão desatenta. – Ah, havia também o fato de sentir inveja

dos meus irmãos. Inveja de tudo que eles haviam tido coragem e eu não. Porque, no fundo, eu via que eles eram bons no que faziam e que meus desafetos não eram culpa deles. Mas revoltado, lançava sobre eles a culpa de todas as desventuras, meus conflitos. Foi quando resolvi fugir... alçar voo. Tinha que ir a um lugar onde não pudesse lembrar em momento algum que eu tinha um passado, uma história desentendida. E, para isso, não devia haver por perto nada que me fizesse lembrar...

Os dedos de Bárbara tamborilavam impacientemente nos próprios braços. Parecia perguntar-se onde toda aquela ladainha ia chegar. Sondava-o com a determinação de quem deseja entender algo incompreensível, inaceitável. O rosto erguido. Desafiante. Atento.

– Foi assim que vim parar aqui – prosseguiu Bernardo, calmamente. Era preciso ir despreocupadamente para que os fatos não se embaralhassem na cabeça. Sentou-se diante de um caleidoscópio sobre a mesinha e pôs-se a girá-lo distraidamente. – Conheci você, adaptei-me a uma outra vida. Fui-me envolvendo até o ponto de as coisas saírem do meu controle. Tornei-me esta coisa ainda mais complexa, imprecisa, só por revolta. Então quando dei acordo de mim, percebi que em vez de ter aperfeiçoado em mim tudo o que havia de bom e positivo, como queria, havia mudado. Evaporado minhas virtudes, contradito todo o meu modo de pensar. Fiquei confuso...

Bárbara impacientara-se. Recostou-se à mesa, suspirando, e acendeu outro cigarro numa atitude de presunção, escárnio. Mordiscou os lábios e parecia indisposta a prosseguir ouvindo. Mas algo a impedia de não prestar atenção. Bernardo permanecia imparcial, quase alheio, determinado a seguir. Até onde?

– A princípio, você me pareceu agradável, oportuna. Afinal, eu era um jovem inexperiente, carente, solto no mundo e precisando de companhia. Todo mundo precisa encontrar alguém em quem se apoiar. Mas aconteceu que eu confundi os sentimentos. E queria realmente confundir os sentimentos. E

queria também confundir a mim mesmo. Entrei nessa história, me envolvi – fez uma pausa. Analisou Bárbara. Era preciso não exaltar-se, nem desperdiçar aquele momento de transparência com algo que toldasse de escuro tudo que vivera ao lado dela. Pela primeira vez ele falava o que provinha do seu espírito sem ser interrompido. Prosseguiu, receoso de que o momento se perdesse. – Fui perdendo a cabeça, fazendo coisas e cometendo crimes que antes não me imaginei cometendo. Nós dois agimos como dois desvairados, adolescentes loucos. Nos expomos tanto e de tal modo inconsequente. Não era essa a forma que pretendia viver, embora, acredite, não me arrependendo e... gosto de você. Posso não estar apaixonando, mas você teve muito significado para mim. E ainda, se não consegui retribuir-lhe o sentimento que você me tem é por uma história antiga minha, na qual me apeguei e parece impossível ignorar – comprimiu os lábios torturados, como se lhe perguntasse: “Então, compreende?”. Mas como Bárbara desse a impressão de permanecer desentendida, concluiu: – É preciso pararmos nesse ponto e avaliarmos o que aconteceu, enquanto há tempo. Vai ser bem mais fácil se fizermos isso agora.

Ela deslocou-se da mesa calmamente. Vergou a cabeça para trás fazendo troça de si mesma e das circunstâncias. Repentinamente ficou grave:

– Ah, meu querido, você é tão infantil – ironizou. – Mas eu admiro seu espírito de coragem. Seu gesto também tão original. Essa forma de romper um caso com tamanho senso poético. É formidável!

Ele concordou em surdina e quis argumentar mais. Então era assim? E o que viria depois? Calou-se ao vê-la prosseguir.

– O que eu acho é que essa onda de acontecimentos que você aludiu, com riqueza de minúcias, tem afetado sua mente e lhe deixado confuso demais. Aliás, você nunca foi um exemplo de equilíbrio – puxou um trago e demorou a soprar a fumaça. Evidente que estava esfrangalhada por dentro, embora pro-

curasse manter a dignidade, exagerando na ironia. Balançou o dedo em direção a ele. – Você ainda é apaixonado por Júlia, não é verdade? Ou melhor, você está cada vez mais apaixonado por ela. Eu nunca ignorei essa história. Mas é fato: também nunca consegui entender o que o impedia de ir em busca dessa felicidade. Qual o motivo de ter procurado se enganar esses anos todos. Isso é o que eu não entendo.

– Por favor, não seja injusta! – ele pediu.

Fechando os olhos e furtando-se, Bárbara apenas meneou a mão e desviou o rosto. Que ele não a interrompesse. Paciência.

– Por favor, eu não o estou censurando – ela explicou-se. – Mas confesso que estou intrigada. Quantos anos mesmo?

Ele franziu as sobrancelhas sem entender. Depois baixou os olhos.

– Por que você nunca se decidiu, afinal? – e sem esperar por resposta: – Entendo! Entendo! Você nunca quis ter certeza, essa é a verdade. Mas não se preocupe, não serei eu a pressioná-lo. Só tenho uma curiosidade, uma curiosidade normal: Quando isso começou? E quando há de ter fim?... Mas não precisa responder agora. Nem agora nem nunca. Eis aí um assunto do qual eu não quero fazer parte.

– Você quer parar, por favor!

– Mas é isso que hei de fazer, meu caro. Mesmo porque, há também o fato de você não estar em boa saúde e eu não quero ser a culpada se algo acontecer a você. Isso tudo tem-lhe afetado e o mais prudente seria eu aceitar os fatos – apanhou a bolsa. Voltou-se para ele ainda meio sarcástica e terrível. – Você achou que eu ignorava essa história? Ou que eu tinha a ilusão de haver entre nós um “para sempre”? Não. E confesso, é complicado estar com alguém que você sabe que ama um outro alguém, mas que ao mesmo tempo permanece na indecisão.

Interdito, Bernardo viu-a vindo em sua direção. Via-se em seus olhos uma nuvem de transtorno, revolta. Só não queria que ele testemunhasse sua fraqueza. Era demais orgulhosa

para admitir que sentissem pena dela, compaixão. Mas havia também o fato de Bárbara usar sempre a expressão: “Estou com você” e não: “Amo você”.

Nesse mesmo instante, Eloísa entrou na sala, avisando que a porta estava destrancada. Estava extraordinariamente indignada, Bernardo pôde notar, sem contudo compreender se era pela presença de Bárbara. E também usava preto. Não era luto, isso é certo. Um de seus vestidinhos em conjunto com um chapéu de feltro.

– Eu não sabia que você tinha visitas – foi-se desculpando. Fez menção de que retrocederia, mas Bárbara a impediu, toda natural.

– Não, meu bem, eu já estava de saída – ainda uma vez beijou Bernardo sem nenhum fervor. – Você procure não se enfiar, pois precisa descansar. Talvez nos vejamos em breve.

Bernardo sussurrou por entre os dentes um “adeus!” e refestelou-se na poltrona ao vê-la partir. Não cabia em seus conhecimentos conceber uma mulher tão fria. Imparcial. Abandonou esse pensamento e dirigiu-se a Eloíse, procurando manter certa naturalidade.

– Nenhum comentário, por favor – ordenou à moça. – Agora entra e senta aí.

Eloíse deu com os ombros, resignada. E como Bernardo a fitasse com uma expressão interrogativa, foi explicando:

– Eu vim para ver nosso amigo Saulo, mas parece que ele não se encontra. Fazer o quê? – retirou o chapéu e guardou-o no armário junto da bolsa e das luvas. Ajeitou o maciço de franja recém-tosada que emprestava-lhe um ar de adolescente. Examinou a roupa, lançando ao espelho do vestíbulo um olhar de soslaio. – E quanto a você, está melhor? Cuidado, essa doença é coisa séria. Dulce perguntou por você. Você desapareceu de novo. Um telefonema de vez em quando seria muito útil.

Acendeu um cigarro, desculpando-se pela compulsão. Serviu-se do mesmo conhaque degustado por Bárbara. Bernar-

do murmurou qualquer coisa, alegando boa saúde, mas estava aterrado mesmo com aquela frase: “Dulce perguntou por você...”. E quanto a ela? Quis perguntar, ia perguntar mesmo por mais notícias quando Lola impediu-o, reclamando depois do primeiro trago da bebida:

– Que bebida mais forte. Você tem um vinho suave? – lembrou-se: – Ah! É melhor mesmo você ir-se desfazendo do hábito de armazenar bebidas aqui no seu apartamento. Eu sei bem da força da compulsão que um vício exerce sobre nós.

Sentou-se e apanhou uma revista no cesto. É claro que, agindo assim toda estabanada, queria disfarçar a decepção que foi o simples fato de não ter encontrado Saulo em casa dele. Mas era de se admirar que ainda não houvesse explodido, pois o próprio Bernardo já havia presenciado suas explosões por bem menos que isso. Mas ela estava diferente agora. “Ainda imitando Laura?”, quis perguntar também, mas não se atreveu, com receios de magoá-la. “Você sempre se fazendo de cobra!...”. Viu então que ainda lhe restava um fio de espírito de nobreza e compaixão. Quis ser servil:

– É melhor ir com calma, Lola. Não fique aí imaginando coisas que só existem na sua cabeça. Fantasiando toda entusiasmada.

Ela ergueu as vistas. Quis fazer a desentendida:

– Do que você está falando?

Ele levantou-se. Tocou-lhe no ombro como quem dissesse: “Não precisa tentar me enganar!”, e voltou em direção à janela.

– Você sabe: Saulo – espreguiçou-se e uniu as mãos à altura da nuca. – É meio impossível que ele queira alguma coisa séria com você, porque senão já se teria decidido. Portanto, é melhor não ir-se envolvendo tão rapidamente... – e de improviso: – Então, já esqueceu Cesário?

Ao ter noção da sua expressão pasmada, Eloíse abandonou a revista. Ficou de pé e crispou a testa. Aos poucos a fisionomia foi-se suavizando. No entanto a voz foi saiu trêmula:

– Não precisa vir com seus avisos. Guarde-os para si. Quanto a Cesário, ele ficou para trás.

– Bom para você. Mas eu preciso lhe falar sim, porque a gente às vezes se ilude com alguma coisa, mas depois descobre que a expectativa estava só em nós – atalhou-a distraidamente.

Ela fez um muxoxo.

– Talvez eu ainda saiba me cuidar – replicou com sua antiga máscara irônica. Debochada. – Você é que me parece estar passando por uma crise sentimental – apoiou-se ao parapeito da janela com os dedos, como se fosse saltar. – Eu não gosto e não sou de sair por aí dando sermões, mesmo porque, no final, acabo falando mais do que devia, mas acredite, essa mulher tem deixado você perturbadíssimo. Sem contar que todos estão a par dessa situação. Será que você não percebe? Mas, enfim...

Que cinismo. Eloíse não era de passar sermão, mas era sempre ela a pilhá-lo em advertências. A vir dar-lhe as notícias. Pedi-las também. Que irônico!

– Você não acha que já era hora de não se preocupar mais com isso?! – sugeriu afastando-se em direção à cozinha. Antes de chegar ao limiar da porta, voltou-se e afirmou: – Aliás, já rompemos, se foi para saber disso que você veio aqui. Tínhamos acabado de fazer isso quando você chegou.

– Ela não me pareceu tão consciente disso – argumentou Eloíse, só que Bernardo já havia sumido copa adentro. Não ouviu.

Foi até o fogão, examinou a louça sobre o móvel. Seguiu até a geladeira procurando algo que pudesse beliscar antes da refeição. Apanhou o prato de queijo, mas devolveu-o ao compartimento, sem tocá-lo. Pensou em convidar Lola para o almoço. Seria agradável ter uma companhia na refeição desse dia. Serviu-se de outro copo de leite. Era o que mais havia ingerido ultimamente. Já estava se tornando um viciado. Logo não viveria sem seu copo de leite. Saiu.

– Almoçamos juntos, hum? – disse depositando na mesa o copo.

– Não sei, não quero me demorar – analisou-o. – E então, vai haver mesmo essa tal publicação?

Enfim um assunto agradável. Agradável? Bernardo suspirou. Sentou-se na janela ao lado dela. Só então, ao respirar um ar mais puro que vinha de fora, é que percebeu quanto a atmosfera dentro do apartamento estava impregnada do perfume de Bárbara. Já estava acostumado, é isso. Seria preciso desacostumar-se para não sofrer depois. Sofrer? Sim, apesar de tudo ainda não sabia, estava em dúvidas, se tomara a decisão correta. Respirou profundamente. Lembrou de responder afinal:

– Ainda estamos vendo. Tudo especulação – disse calmamente.

Eloíse inspecionou-o novamente. Manteve um silêncio de suspeita. Percebeu que Bernardo não parecia muito eufórico. E observando-se as circunstâncias em que se encontrava era realmente estranho que não estivesse estourando champanhe.

– Você não me parece tão entusiasmado – observou. – Eu imagino que, nessas vésperas, você teria melhor aspecto.

– E como é que você queria que eu estivesse? Estou bem – apressou-se em responder. Diria qualquer coisa que afastasse de si, mais uma dúvida sobre si mesmo e suas vocações. Queria paz. Estagnação já seria o bastante.

– Devia estar estourando champanhe – ela quis provocá-lo.

Mas ele ficou indisposto, repentinamente. Escorou-se no umbral. Respirou de boca aberta. Sondou a face sombria da moça, meio tombada para a frente. "Pobre Eloísa! Pobrezinha, sofrendo por desamor. Ele também sofrera toda a vida. E quem não havia passado por desgostos? Mas não seria insensatez sua ficar enfatizando esse tipo de acontecimento? Ainda que soubesse da dor de Eloísa, o que podia fazer? Ele nunca pudera fa-

zer nada. Nem por si, nem pelos outros, senão seguir sem saber onde tudo iria atracar.

Eloísa pareceu entretida em vasculhar o própria mente, também sem ter no que falar, à procura de um assunto que não revivesse tanto horror, mas não tinha disposição para improvisar. Logo ela que possuía o poder de oração. Com sua inco- mum inclinação por enraizar assuntos. E como se visse diante do inevitável, finalmente encontrou coragem. Subiu as pálpebras embora a fisionomista se mantivesse mortíça:

– Júlia está partindo, você já soube, não?! Está deixando a casa que era dos pais para que Olímpio tome conta. Veja então no que os aventureiros resolveram se amparar. Não sei, mas é como se ela fosse da família. Ela, Edgard, Laurinha. Aque- la casa jamais será a mesma sem aquelas reuniões que eles fa- ziam – usava de um tom saudosista referente a quem já tinha morrido, e também como houvesse sempre participado dos encontros. Mas de certa forma ela participara como coadju- vante, escorada no umbral da porta esperando que a convidas- sem. Ou que lhe pedissem que preparasse um lanche. – Artis- tas passeando nos jardins, circulando na sala. Sem eles a casa fica sem graça, sem elegância, sem espírito. Eu falo isso porque aqueles ali não vivem um sem o outro. Não vai demorar muito e Olímpio vai zarpar atrás dela. E Edgard.

– Oh, Eloíse, por favor, eu não posso suportar ouvir você falando assim – Bernardo tentou sorrir. Um sorriso infeliz. Uma revolta misturada a um aperto saudosista. O rosto se em- palideceu. Ele já estava tão em cacos e perturbado por causa do rompimento com Bárbara. E eis que vinha agora esse fantasma agourento que ele tentava afastar, fingir que não existia: Júlia iria embora. E por mais que se houvesse comentado, ele acredi- tou que fosse uma possibilidade tão remota. Mas já não estava tudo confirmado? Afagou a cabecinha da moça comunicando- -lhe força. Ou pedindo? Mas ao invés disso, a melancolia dela toldou-lhe o espírito de vez, através daquele toque.

E sentiu um desgosto tão grande por não poder consolá-la. Lola estava triste e viera a ele pedir-lhe ajuda. Mas Bernardo não podia mostrar a ela que não era capaz de alentá-la porque também estava desalentado. Ela sempre fora tão forte e paciente. Encolheu os ombros. Teve vontade de chorar. Tanta vontade de chorar. Desenfreadamente, como uma criança desesperada que se perdera dos pais e só via à sua volta rostos estranhos. "Meninos não choram!".

– Se você a ama realmente, é hora de fazer alguma coisa por ela e por si mesmo, antes que não haja mais tempo – foi o que Eloíse conseguiu dizer como se falasse de si mesma.

Bernardo pensou em murmurar qualquer frase. Ia mesmo partilhar seus desejos. Seus planos e ideias. Mas apenas atraiu-a para si, com um sentimento de amparo. E desviou o olhar para fora em busca daquele esplendor de vida, há pouco contemplado. Mas nenhuma beleza lhe transmitia mais aquele quadro. Tudo lhe pareceu tão esfumaçado e sem sentido.

## VI

– Eu não sei onde ela se enfurnou, maninho querido, verdade. Você já esteve na fazenda? Ou na pensão? A Júlia está se despedindo de todos os amigos, avisando todos que está de partida. Não tem tido paradeiro ultimamente! – Olímpio tinha os olhos e mãos fixos no teclado do piano. Terminou o acorde, anotou-o na partitura e girou na banquetta: – Até para mim ela não tem mais tempo por causa dessa bendita viagem! Já tentou procurar no teatro? Em algum lugar ela tem que estar. Ou então a casa de Edgard. Já tentou telefonar?...

– Mas eu não quero ir até lá. Não posso...

– Então eu telefono – avisou Olímpio coçando a cabeça e observando mesmo a partitura que mantinha suspensa no ar. Os óculos amparados na ponta do nariz empinado, os cabelos

e o pulôver desalinhados. Tentou dispensar a Bernardo certa atenção: – Mas antes é preciso que você me aguarde lá fora, eu perco completamente a inspiração se houver alguém me observando... Talvez por isso eu tenha desistido do teatro...

Bernardo foi recuando completamente abstrato, “mas eu fico quietinho aqui no canto”..., quis argumentar. E Olímpio murmurou um pedido de que ninguém lhe viesse mais incomodar. Por favor, mas Bernardo já havia saído e não lhe ouviu. Chegou na sacada e encontrou Laura diante da manicure que terminava os retoques e acertos de suas unhas. Cumprimentaram-se e foi até o parapeito, onde inspirou de boca aberta o cheiro de mato que lhe chegava às narinas. Tanta ânsia. Tanta pressa que, ficar parado ali, causava-lhe certa aflição. Parecia que a luta travada dentro de si era contra a própria morte. Uma morte que se aproximava, não sorradeira, mas audaz. Decidida como uma flecha. Olhou o relógio, repetidas vezes. Tão injusto o tempo prosseguir. Havia uma história na Bíblia que mencionava que o tempo parara? “Sol, fique parado”, ele diria e o sol obedeceria. Mas não havia sol ultimamente. Tanta nuvem. Tantas nebulosas acinzentando o horizonte. Uniu as mãos em atitude de prece como se pedisse a Deus. O quê? Que o tempo estagnasse? Que Júlia não partisse? E que o amasse tal ele a amava? Tanto a pedir e tão pouco a merecer. Principalmente ele, que se esquecera de Deus há tanto tempo. Quanto? Lembrou-se do Agnus Dei de Isabel e enfurnou a mão no bolso à sua procura. Apertou-o contra o peito. “Inútil, agora. Inútil”.

Quando voltou-se, Laura já dispensava a profissional. Observou-lhe o aspecto e notou-lhe uma ânsia, sob aquela camada de pó que caiava-lhe o rosto. Bernardo percebeu que ruminava qualquer coisa que não seria de bom grado, banal talvez, mas desagradável. Quis estender-lhe a mão, talvez não endoidasse, se se dispusesse a distrair-se com as alienações de Laura. E esperou que ela viesse-lhe ao encontro.

– Você veio sozinho? – perguntou examinando as unhas em incolor. E sem esperar por resposta: – Ou esteve com Cesário? – teve um risinho divertido. – Está tão cismado. Eu nem sei como lhe contar, mas tenho que me abrir com alguém, senão eu endoio.

O olhar de Bernardo permaneceu estagnado. Não era nela que ele se fixava, embora estivesse em sua direção. Vazio. Vazio.

– Imagine que ele anda enciumado por causa do seu amigo Saulo. E ainda mais intrigado por eu não o estar procurando para efeito marital, ele pôs na ideia de que estou sendo leviana – ela desatou sem nenhuma cerimônia. – Imagine, eu, leviana! Eu não quero ter filhos! Pelo menos não agora! Mas é que ele acha que vai causar boa impressão ser pai de família.

Bernardo forçou a memória porque não compreendia nada que Laura lhe dizia. A boca semicerrada, a testa encarquilhada porque Laura não usava do idioma ao qual ele se habituara. Ou seria possível que ela estivesse usando de enigmas na tentativa de endoia-lo. “Pronto! Mais infortúnios!”.

– Bernardo! Você compreende o que eu disse? – fez uma pausa imitando-lhe a expressão desalentada. E vendo que Bernardo continuava catatônico, prosseguiu num tom mais explícito: – Bernardo, o que é que você acha?

Ele sacudiu a cabeça como despertando de um sono. – Ah, quanto a Cesário... e Saulo. Saulo? – teve consciência da sua dificuldade de raciocinar. Tão desconcentrado. Não sabia o que dizer, nem como agir. Os pensamentos entrelaçados, em meio dos quais ele fisgava uma palavra aqui, outra lá adiante. Cesário. Desconfiança. Traição. Quis se encontrar e sentiu-se constrangido. Viu também saindo lá longe, como um bote à deriva, uma ponta daquele antigo e secreto prazer por constatar o desmoronamento de perfeição de Cesário. Viu-o escoando como areia do mar batida pela onda. E era aquela criatura inconsciente e um tanto infantil a responsável por isso. Não se tratava mais do homem perfeito. Tratava-se agora do marido atormen-

tado pelo fantasma do ciúme, que feria-lhe mais a vaidade, que manchava-lhe a honra. De certa forma, repentinamente, ele sentiu-se solidário com Cesário. – E o que o levou a pensar assim? Você deu algum motivo? E qual o seu interesse em Saulo?

– Nenhum, apenas certa curiosidade.

– Cesário está com ciúmes de Saulo? – estranhou Bernardo. – Pois avise a ele para não se preocupar.

– Eu já desconfiava também – Laura encolheu os ombros, divertida como uma menina que está prestes a cometer uma falta, consciente dessa falta. Mas Bernardo não lhe pôde escru- tar o rosto por que já se esquivava, vendo descer ao seu redor aquela nuvem que o cegava e o deixava inerte. Ela enlaçou-o cordialmente pelo braço, a caminho da escada.

– Então conte a ele que essa ideia não tem fundamento.

– Não, não! – retardou-lhe Laura. – Será divertido, admita!

– Você quer atormentá-lo, é isso? – respondeu automatica- mente como se a resposta ensaiada estivesse ali a todo o tem- po, apenas esperando o momento de ser dita.

– Quero apenas fazer um joguete.

Ele sacudiu a cabeça.

– A Lola é que está toda empolgada, mas já avisei a ela que não vai dar em nada. Tenho cá outras desconfianças...

– Desconfianças? – ela surpreendeu-se. Desceu os olhos para o degrau seguinte. – Ia avisar Cesário que não devia se preocupar, mas depois pensei: ele que descubra sozinho – teve um risinho. – Mas que desconfianças são essas?

Bernardo concentrou-se. Quando mesmo? E como? Sim! Exatamente esse timbre Laura tivera naquela tarde: "Vocês es- tão escondendo algum segredo... Nós queríamos tanto saber...". Ele agora era quem tinha algo que sabia sozinho. Riu malicio- so. E embora nada perspicaz, Laura pareceu ler-lhe a mente. "Seria possível?", parecia perguntar-se. E em voz alta, meio di- vertida, meio intrigada, após a descoberta:

– Avise ao seu amigo que Edgard mata ele.

– Se você acha isso – ele assimilou ainda anestesiado, aterrado que estava à espera de que Olímpio concluísse logo seu noturno. E descesse a escada. E o ajudasse a encontrar Júlia. Lançou um olhar consternado para o pavimento superior como se somente houvesse se dado conta de que não queria descer.

– Aqueles dois parecem ter feito um voto de fidelização desde a infância.

Bernardo concordou evasivamente. Concordaria com qualquer devaneio se isso servisse para ficar em paz. Sozinho com sua ansiedade. Apartaram-se assim que chegaram ao vestíbulo. Então a porta da saleta se descerrou. E mesmo antes de voltar-se, ele adivinhou Dulce parada, encostada no umbral. Olhou para Laura em busca de ajuda, mas ela já fechava a porta atrás de si como terminada sua missão. Ele teria que enfrentá-la sozinho. Sem testemunhas. Sem guardiões.

– Eu vim para falar com Olímpio. Precisava muito falar com ele, mas parece que está meio ocupado – foi falando aos borbotões sem poder encará-la. – Vou ver se espero lá fora... – e já ia saindo quando a voz de Dulce impediu-o, ainda naquele antigo tom autoritário, investigativo:

– Aconteceu alguma coisa?

Aquela voz era ainda mais aterradora que o olhar que ele adivinhava inspecionando-o.

– Estou tentando solucionar alguns desentendimentos.

– Parece que você está sempre se desentendendo com alguém – era agora de um tom neutro que ela usava. – E fugindo... Mas venha agora me fazer companhia – contudo abrindo-lhe passagem, que ele receoso foi aderindo. Seguiu-a à saleta. – Ou será possível que era eu sempre, que o repelia? – adiante, como as camadas do tecido que se corta até chegar-se mais fundo, pôde-se perceber em seu tom uma certa condescendência, princípio de uma relação mais cortês até que se chegasse, se não a uma afabilidade, mas a um trato interessado, mas formal.

– Ah, agora não, por favor – ele pediu, apertando num cansaço na palma da mão, o Agnus Dei de Isabel. Escudou-se detrás do piano que Olímpio trocara por um mais novo, mais afinado. – Não revolvamos agora coisas que já se tornaram prescindíveis.

Ela olhava através da janela. Os braços enlaçados e as mãos alisando nervosamente o ombro. Uma massagem instável. Inconstante.

– A Eloíse contou? Sim, ela contou a você. – E Dulce falava como se estivesse sozinha, admitindo um segredo que antes teria que ser levado para o túmulo. Uma atriz que, sozinha, treina as falas que à noite serão ditas no palco. – Uma coisa que eu passei a vida inteira treinando como contar. Ou admitir – e parecia que por detrás das cortinas, que ela prendia entre os dedos, iria tirar algo que lhe oferecesse. – E o pior é que jamais eu fiz absolutamente nada para que fosse diferente.

Bernardo quis tapar os ouvidos, mas sabia que era um gesto infantil. Como da vez que Edgard lhe falara de Júlia. O aborto. Lembrou-se de repente: Júlia! E ele jamais esquecerá. Tão tarde essa conversa. E tão insidiosa porque nesse momento ele só tinha um pensamento: encontrar Júlia. E já presumia que, se ele permitisse, essa seria uma conversa longa. Descabida. Monótona. Dulce teria a eternidade para lhe falar que não pudera amá-lo. E ele teria essa mesma eternidade para perdoá-la e dizer-se grato por ela tê-lo aceito sob seus cuidados enquanto ele não crescia. Agora não. Ele não queria envolvimento. Tentou aproximar-se.

– Outra hora, mãe... – engoliu em seco, envergonhado. – Outra hora, Dulce.

Mas ela encolhia os ombros. Indolente. Como se estivesse diante de um espelho.

– Ora, eu via seu pai em você e via você nele. Por que então era tão difícil?! – um monólogo. – Você é tão parecido com ele. E o que mais me impressionou a vida toda é que a semelhança

não se restringia à aparência física. Tão parecidos... – ela repetia e Bernardo não sabia mais do que se tratava, mas foi por um brevíssimo instante. Ela prosseguiu: – Mais do que tudo era seu jeito fascinado, na infância, que resplandecia quando tinha ele por perto, e que se assemelhava ao modo que ele me conquistou a alma. Adiante, seu jeito obscuro de olhar, igual ao dele, depois de anos de convivência – fez uma pausa como se a memória lhe começasse a falhar e lhe afligisse a ideia de não chegar ao termo da história. – E finalmente seu ar desalentado que permaneceu. Tão desvairado. Conflituoso. Como nele, exatamente como nele em seus últimos anos de vida. Você foi ele em todas as fases da sua vida e, contudo...

Embora procurasse não se envolver, Bernardo comprimiu os olhos, como se com isso erguesse uma barreira que lhe impediria de envolver-se em tudo mais. Era só Júlia que importava nesse momento. E Olímpio demorava tanto! E ele não precisava ficar ali, sabendo de coisas que jamais duvidara. Aproximou-se mais e tocou-lhe no ombro com a mão inexpressiva, porque nenhuma emoção aquelas palavras lhe transmitiam. Letra morta que já não fazia diferença. Agora, justamente agora que ela lhe abria a porta, o livro dos segredos, a caixa dos mistérios. “...venha agora me fazer companhia”. “Justamente agora!”. E sacudiu-o uma revolta.

– Não se atormente com assuntos que já não têm significado agora – e ainda com a mão no ombro dela, ele estremeceu tamanha a imparcialidade que a mão dela pousada na sua, lhe causava. – Não pense em dar explicações, porque tudo já foi tão compreendido, faz tanto tempo.

– Mas eu queria que você soubesse... – murmurou ela. Como se em sua consciência, pesada e sufocada, ainda houvesse espaço e tempo para reagir. Confessar. – Eu queria...

– Não pense mais nisso, porque também eu não penso mais – foi abrindo as mãos. Enfurnou-as nos bolsos. – A senho-

ra só fez o que achou que devia ser feito e eu só reagi do modo que achei que devia reagir... Eu era apenas um menino tolo.

– Mesmo assim – ela começou e parou confusa. – Será que ainda existe em mim um coração? Ou será que em meu peito, depois de tantos anos, ficou qualquer coisa, menos um coração?

Ela delirava, e Bernardo não lhe podia escutar o rosto, pois Dulce permanecia de costas, como se procurasse algo lá fora. Como se a resposta viesse de lá. Foi preciso que Cesário, sufocado, lhe virasse as costas para que ela visse um despertar de consciência.

– Nós erramos. Ambos nós erramos desde o princípio – ele insistia. – Mas eis um livro que não deve mais ser aberto, porque se trata de uma história antiga e conhecida. Esborroou. Nunca mais tocará neste assunto – ele sentenciou e era como se lhe estendesse a mão e dissesse: “Vamos ser amigos, pelo menos. Apenas bons amigo em vez disso”.

Dulce estremeceu, como se tocada pelos dedos da morte e encolheu os ombros, porque aquele era um arrepio inconvenientíssimo.

– Eu sei, eu sei – assentiu ainda sem poder encará-lo. E ouvindo os passos dele em retirada, ainda voltada para a janela, perguntou: – Você está pensando em voltar a morar aqui? Ouvi falar.

– Não sei ainda! Tudo está dependendo de algo, que deve ser esclarecido.

– Sei – ela concordou. – E quando isso for esclarecido, você terá minha inteira aprovação no que decidir – e era como se pedisse: “Perdoe-me pelo suposto mal que lhe causei”.

Ele sentiu uma estranha ponta de satisfação.

– Eu sei. Sei disso agora – e emocionou-se. Teve um suspiro. – Você acha que eu serei uma presença agradável, como sempre desejei? Você acha?

Antes de responder, Dulce deslizou os dedos novamente pelas cortinas.

– Nós só saberemos se experimentarmos...

E mesmo sem poder escutar-lhe o rosto, Bernardo adivinhou-lhe sorrindo.

– Eu queria que esta conversa tivesse sido há muitos e muitos anos.

– Eu também, mas...

Ele fechou os olhos. Lembrou-se do pai. Era como se pela primeira vez, em anos, o estivesse vendo de fato. Pensou em Dulce, e no quanto seu gesto de continuar amando César mesmo depois de tudo o que houve tornava aquela mulher tão nobre, independente de tudo o que houve.

– Como você é forte e boa. Eu devia tê-la admirado mais. Tê-la compreendido mais.

– Esta conversa está fazendo você sofrer. É melhor que seja encerrada agora.

Bernardo, então, resistiu ao impulso de correr e abraçá-la. Houve uma pausa tão demorada e profunda. O relógio soou nove horas. E com as badaladas do pêndulo foi como se a consulta com o analista tivesse que ser encerrada. Mas não haveria outras. Ela apenas pediu antes que ele saísse: – Feche a porta, quando sair.

No vestíbulo, Bernardo encontrou Edgard que vinha chegando. Seu jeito jovial, num misto de distração pueril e interesse de velho. O suéter amarrado no pescoço. Os cabelos besuntados de gomalina. E uma satisfação tão absurda vasando-lhe os olhos, que Bernardo sentiu-se ofuscado, mas também iluminado por dentro.

– Bernardo! Eu estive procurando você pela cidade inteira. Só depois de andar meio mundo, atinei que devia estar aqui.

Bernardo forçou um sorriso. Estranhou. Edgard estava embriagado.

– Eu também preciso muito falar com você. Bem, você conhece os limites do meu território.

Edgard empolgou-se mais. Passou-lhe ao longo do ombro o braço amistoso. A voz pegajosa. Arrastada.

– Seu território. Meu território. Mas isso há de mudar. Você já não é mais aquele garotinho acabrunhado de antes. É um escritor. Um grande escritor. Parece que vivemos em mundos diferentes...

– E não vivemos? – atirou-lhe Bernardo.

Edgard apertou-o um pouco mais.

– Claro que não! Você é tão dado para a literatura quanto eu para a representação – e mudando de tom: – Mas, afinal, por que é que você está fugindo de mim?

Bernardo estranhou, franzindo a testa. E quando voltou a fitá-lo, descobriu: era dessa forma incandescente que Edgard usava ao olhar para Olímpio, essa forma de fazer com que o outro enxergasse em seus olhos a própria beleza.

– E quanto a Olímpio? – ele fugiu.

– Olímpio é um poema. Um poema hermético. O mais lindo dos poemas herméticos. Mas hermético, ainda assim – desfez-se do abraço, bateu palmas. – E era disso que eu queria lhe falar. Mas o que é que você queria comigo?

Estonteado com a enxurrada de informações, Bernardo escancarou a porta da sala de jantar. O hálito de álcool de Edgard entorpecia-o também. Empurrou-lhe uma cadeira vendo-o cambalear sobre as pernas. E, amparando-se sobre a borda do aparador, os braços enlaçados, ficou a observá-lo e ao seu olhar pesado que ele tentava visualizá-lo como se fosse uma miragem.

– O que eu queria com você?! – repetiu-lhe Bernardo. – Se não era você que estava feito um louco à minha procura! – fitou-o com o olhar desafiante. – Então? O que você tem em mente?

Edgard vergou para o lado a cabeça. Pareceu lúcido.

– Isabel me contou certa vez que você fugia dela o tempo todo. Eu pensei que você tinha resolvido fazer o mesmo comigo, agora.

Bernardo negou acenando com a cabeça.

– E por que eu fugiria de você? Aliás, foi-se o tempo em que eu fugia – disse pensando mesmo em Júlia. E num tom ausente: – Agora eu corro atrás.

Inclinando-se sobre a mesa, Edgard estendeu o braço por sobre o móvel e foi abrindo a mão como uma estrela, num cansaço.

– E em que consiste a sua busca? Encontrou o que queria?

– Não, não! – apressou-se Bernardo. E com um brilho malicioso no olhar: – Mas você bem que podia me ajudar.

– No quê? Na sua busca? – quis saber Edgard. – Eu ajudaria, sim. Mas no momento, quem precisa de ajuda sou eu.

– Mas você não quer antes me ajudar a encontrar a Júlia? Eu tenho procurado por ela há vários dias. Você me ajudaria? Mesmo?

Edgard recolheu o braço, desapontado. E Bernardo não sabia se fora apenas por não ter-lhe apertado a mão que ele oferecia, ou se principalmente por ter mencionado Júlia.

Ele levantou-se num cansaço. Ficou andando embaraçado. E enfurnou as mãos nos bolsos. Tão absorto. Então ergueu novamente a cabeça para Bernardo e em seu tom, uma censura:

– Essa sua obsessão ainda permanece? E eu acho que você está confundindo as coisas, não precisa mencionar Júlia agora, como se... – e num tom evidente: – Eu amo Olímpio, mas estou vendo que parece que ele não me ama mais, ou pelo menos está me torturando. E era essa ajuda que eu queria de você, que você falasse com ele... Quando há de acabar essa sua mania com a Júlia?

Bernardo puxou uma cadeira, mas ficou com o móvel parado diante de si. Também hesitou antes de falar.

– Mas quem disse que o amor se acaba? – as palavras já não se lhe travavam. Tão simples. Aquela mesma ansiedade retornou como um milagre que se põe diante de um descrente para lhe provar: “Ei, eu existo. Sim!”. Empurrou de volta a cadeira

ao lugar. Tinha que tratar Edgard de igual para igual. Nada de defensiva. – Eu tenho amado a Júlia há tanto tempo.

Edgard deu com os ombros. Sacudiu no ar a mão em atitude de protesto.

– Todo mundo sempre soube disso sem você precisar contar – fitou-o em meio a uma censura e revolta: – Mas é a mim que você vem afirmar com esse falso orgulho de quem tem em seu poder uma grande fortuna!

Bernardo aproximou-se. Tocou-lhe no ombro.

– Não, não é a você que estou afirmando qualquer coisa. É a mim, a quem a comunicação honesta sempre assustou. Sim, eu sempre tive medo da verdade!

– Pois deixe sua honestidade de lado, porque hoje não é o seu dia de fazer pregações – procurou nos bolsos alguma coisa, mas como não encontrasse ficou pensativo. – Eu conheço você tão bem, Bernardo. Passei a minha vida me perguntando qual era a sua, e reconheço que embora julgasse fácil, me foi impossível desvendá-lo – teve uma pausa. – A sua vida pode ser resolvida com uma simplicidade, Bernardo.

Bernardo aproximou-se mais. – Você não me compreenderia.

Edgard socou o ar numa revolta.

– Compreenderia, sim. Seu mal é imaginar sempre o errado, o negativo, o pior... Já não está tão claro que sua vida seria simples, caso você desejasse?

Bernardo reteve-se. Tão insidiosa quanto surpreendente era aquela afirmativa. Tão certa também. Pois em meio aos seus beijos, Bárbara deixava-lhe ciente de quanto era boa a companhia dele; Isabel também, em outros tempos insinuava-se a ele, mas nunca com aquela certeza, com esse fervor que Edgard afirmava que Júlia o amava.

A sua vida inteira Bernardo notara Edgard observando-o como um menino que, na noite de natal, rodeia a árvore sem conter-se à espera do momento certo de abrir os presentes. Às

vezes acontecia de ele vir chegando de mansinho. Tão sorrateiro sem querer despertar-lhe a atenção e ficar ali perto, quieto sem dizer palavra enquanto que ele, Bernardo, prosseguia sua leitura, ou ali mesmo naquela mesa, debruçava-se sobre alguma de suas tarefas. E escrutava o olhar atento, fingindo desatenção, para ver se conseguia fisgar alguma frase, alguma expressão das composições de Bernardo. E Bernardo pensava consigo mesmo: "Ele deve achar que eu sou louco", enquanto que distraidamente ia pausando a caneta, a leitura e fechava o livro displicentemente. "Você está aí?!", surpreendia-o então. Voltou-lhe à cabeça aquela mesma antiga vontade de surpreendê-lo. Mas baseado em que ele faria isso agora?

– Você deve achar que eu sou louco – disse, por fim. E repetiu: – Eu sempre achei que você devia achar que eu sou louco.

Edgard apalpou as calças novamente recomeçando aquela busca. Encontrou no bolso das calças e retirou das profundezas um maço de cigarro. Esqueceu um na boca e antes de acendê-lo foi falando:

– Bernardo e seu mundinho particular. Seu mundo peculiar. Esse mundo onde ninguém entra – tentou por fim acender o cigarro que brincava-lhe nos lábios.

Ele apertou-lhe a mão trêmula. Tomou-lhe o fogo e acendeu-lhe o cigarro.

– Edgard, é engraçado que agora estejamos tendo essa conversa, nós que sempre nos falávamos por testemunhas, com formalidade – soprou o fósforo que insistia em permanecer aceso com aquela chama bruxuleante. Teve um ar pensativo:

– Meu Deus, como a vida é simples. E foi dessa simplicidade que eu sempre tive medo? – e sacudindo a cabeça divertido: – E eu quase colocava tudo a perder de novo, fazendo confusão em minha cabeça... Você acredita que eu.. bem... imaginei outra coisa a seu respeito.

Ele afastou-se distraidamente à espera do protesto do companheiro, mas em vez disso, Edgard apenas soprou a fumaça molemente e disse:

– Então você vai me ajudar? Digo, vai falar com Olímpio?  
– teve uma pausa, pensativo: – Sim, será um golpe forte para mim, mas eu receberei com candura, sem queixas, essa verdade.

Bernardo fez um muxoxo, meio desconsertado, porque embora Edgard convidasse-lhe a participar, era essa uma forma que o perturbava para começar.

– Esta conversa já durou demais. Mais do que se podia durar – e voltando ao ponto de importância, disse: – Eu procurei você para pedir ajuda, mas vi que você está mais precisado dela no momento. Vou adiar o meu caso um pouco mais e ver o que posso fazer por você – tocou-lhe no ombro à maneira de despedida e, já quase no limiar da porta, voltou-se e avisou: – Pode ficar despreocupado, eu falarei com Olímpio.

Edgard teve um riso para Bernardo que fê-lo reter-se onde estava, observando o companheiro, confuso. Admirado. Houve também uma ponta de compaixão ao notar que se tratava de um homem tão acessível aquele Edgard que, em sua infância, assombrava-o. Ele também não era um semideus.

– Bernardo – ele chamou. – Não aja como se fosse hoje a última hora, o único momento e oportunidade para dizer a ela o que ela já sabe – sentou-se na poltrona que puxou, meio derreado, as pernas esticadas. – Ela foi despedir-se da fazenda. Uns amigos que fez por lá, e aproveitar para ordenar os pensamentos. Está fazendo um retiro espiritual, mas estará de volta na sexta-feira... Não espere mais nem um ou dois dias?!... Boa sorte!

Bernardo escorou-se no umbral, esboçou um sorriso. Sentiu-se contagiado com aquele ânimo que Edgard comunicava-lhe. Mas de onde vinha? Se nem ele mesmo, Edgard, conseguia reagir? Sentiu-se solidário com o companheiro porque ambos sofriam agora do mesmo mal. E à sua ma-

neira, ambos procuravam comunicar ao outro serenidade e fé. Que nem tudo estava perdido. E ainda havia vida! E enquanto há vida, há esperança! Ouvia-se então, como que contribuindo a uma convalescença, o grito histérico de “Hurra!” de Olímpio, despedaçando-se ao longo do casarão. Despertando tudo. Ambos entreolharam-se, a princípio assustados, depois contagiados por um tipo velado de empolgação, e Bernardo concluiu: – Parece que Olímpio finalmente conseguiu concluir seu noturno...

## VII

E agora? O que ele ia fazer? Agora ele devia estourar champanhe. Ora! Tinha o amor de Júlia. “Todos sempre souberam disso!”. Tinha um livro a ser publicado. “Quando mesmo?”. Tinha certeza, também, de que Dulce fizera o possível para amá-lo, embora não tenha conseguido. “Eu via seu pai em você e via você nele...porém...”. E via abrir-se diante dele uma porta de oportunidade. Devia atender aos pedidos secretos dos outros e mostrar ao mundo que podia estar feliz. Pleno em sua consolidação. E ser assim como Cesário que, exaltado como era, sabia como ninguém dizer ao mundo sobre suas vitórias, suas metas alcançadas. E ainda registrava os momentos de emoção maior. Assim como fazia com ele, Bernardo, impelindo-o para a mira da sua câmera. Bernardo deixou-se levar, imaginando então se não havia exagerado a humildade expressando o desejo de que se usasse um festim mais frugal. Nada muito ostensivo. Festim? Sim, de certa forma, principalmente para ele que jamais fora dado a esse tipo de evento. Afinal, ele não havia conseguido?

Só agora via que todo esse tempo estivera concentrado em sua obra. Nela e em Júlia. Suas duas paixões. Tudo mais não passava, então, de acontecimentos corriqueiros, vultos da história que era sua, perdidos e transcendidos por algo maior: “suas

duas paixões”, pensou ainda uma vez, estendendo e brandindo no ar o volume azul-marinho, em cuja capa intitulava-se em letras garrafais o nome. “O Círculo Dourado” releu novamente o título. “Minha obra”, sussurrou para si mesmo, sem, contudo, sentir-se absolutamente satisfeito. Na verdade devia estar orgulhoso, e estranhava curioso, mas consciente, que não tamanha emoção isso lhe passava. Lançou um olhar ao círculo bem próximo dele. Pensou em puxar alguém junto de si, reteve-se. Não era esse um momento que devia ser exclusivamente seu? Exibiu o livro e contraiu os músculos da face no que deveria ser um sorriso de empolgação. Só que o máximo que conseguiu com sua atitude foi reunir uma dignidade sem orgulho por algo que lhe era especial. Na fotografia tirada, bem que se podia captar em seu redor uma aura nebulosa, enredada por um labirinto obscuro. Mas o máximo que se pôde estampar no instantâneo foi a figura feliz, mas perturbada de um jovem escritor, de suéter e gravata, assombrado sob as luzes.

Faça-se a luz!, ele pensou descansando as vistas do atri- to com o clarão, mas lembrando mesmo da manhã da véspera quando acordara sob uma claridade quase idêntica à da foto- grafia de Cesário e, ainda no limiar do sonho e da realidade, sua mente foi invadida pela impressão remota e ao mesmo tempo tão nítida de que tudo o que lhe ocorria não passava de algo irreal. Utópico. Ele sentara-se na cama, assim tranquilamente e ainda sonolento pôs-se a analisar aquela possibilidade. Po- dia ter sido mesmo tudo irreal. Tudo! Desde que se evaporasse aquele caso inconsequente com Bárbara e as outras adversida- des para reviver somente as ideias válidas, os entendimentos da vida e o plano arquitetado daquela história que lhe rende- ra um livro. Um bom livro? Baixando o olhar para o livro sus- penso pelas mãos, evasivamente contornou com a ponta dos dedos o dourado do título. Parecia tudo tão simples depois de concluído o livro. Ou se tratava de uma decepção a sua? Desde que outrora imaginasse esse momento minuciosamente di-

ferente ou ainda que o sabor da vitória era superado pela dor da solidão, do abandono e do desapontamento pela certeza de que tudo que podia sentir era só isso... Tão pouco. Apenas isso. Devia haver algo de errado mesmo. Mas o quê? Algo imediatamente superior ao seu entendimento. E ao entendimento de qualquer um outro. Ah, se ele fosse como os outros que tinham uma inteligência abstrata que lhes permitia o interesse apenas pelo que fosse considerado importante.

– Pronto! O momento já foi registrado! – assumiu, descansando o livro no cavalete antes ocupado pela Bíblia Sagrada. Esqueceu-a sobre a mesinha à entrada. Os risos de Olímpio, Eloíse sentados no vão da janela chamavam-lhe a atenção. Ambos embriagados? E se riam de quê? E estavam mesmo embriagados? Abarcou novamente o grupo com certo desfastio. Deu-se conta de que não era pelos outros que tinha compaixão. Também não era por si que se compadecia. Por quem então: por Bárbara? A amante querida, mas traída em sua vaidade, embora não se pudesse negar a si mesmo o desdém pela certeza de estar na solidão. Não! Ele não estava contente. Nunca se vira tão realizado. Ele devia estar feliz. E nunca em sua vida se sentira tão miserável. De toda a roda, em meio a toda aquela tagarelice e risos, faltava a única pessoa que lhe interessava de verdade. E voltava o olhar para a porta na esperança de vê-la chegando. A sua Júlia. Não, ele não estava contente.

Lembrou-se então da historinha contida no livrinho de histórias bíblicas que ganhara em infância. De quem?... Como no princípio... no princípio da vida. No princípio de tudo. Uma historinha boba: a arca: todos os animais tinham seu par. Pousou em Cesário a olhar vazio onde se escondia uma ponta daquele antigo ciúme. O animal egoísta com sua Jezebel ao seu lado. Mas não era mais ciúmes que ele tinha do irmão. O que então? E Eloíse, o animal inseguro de modo fraco e obscuro, não tinha a Saulo? Isabel casou-se com a Igreja, com Cristo, poderia dizer e eis então um noivo poderoso que jamais a iria

trair. Faltava Olímpio, mas desde a infância até então aquela afinidade de meninice não se havia tornado um caso de adultos? Talvez, instável e tênue como uma sombra, mas que se aviva a cada vez que se aproxima da luz. Não importava, ambos podiam ser dispersivos, mas amparavam um ao outro. No fundo, bem no fundo, entre giros e rodopios ambos se amparavam quando chegava a solidão. “...Um voto de fidelização”, pensou num desconsolo. Tentou sorrir como dizendo a si mesmo que se animasse, nem tudo estava perdido, mas era um bolo de angústia que se formava em sua garganta. Mas antes que chegasse a ser engolido por uma nova crise, diria simplesmente como Jonas: “Lancem-me ao mar e o mar se acalmará de novo”. “E tudo se acalmaria”, consertou servindo-se de um cálice de ponche. Refestelou-se à beira do sofá demonstrando, timidamente, o interesse pela conversa em comum no círculo.

– Pois eu nunca faço planos – explicou Olímpio, cigarro e um cálice de vinho nas mãos. – Prefiro deixar que as coisas aconteçam naturalmente, sem forçar a barra. Andar sem ansiedade nem apreensão. Fica monótono pensar a todo tempo no fracasso ou no sucesso de uma determinada expectativa. Porque nem sempre o que planejamos é o que de fato se concretiza. E eu detesto decepções, qualquer tipo de decepção, e a minha sorte é que eu sempre fui feliz, sempre obtive de Deus, ou da vida, o que cativei. Talvez por eu achar melhor caminhar assim: hoje aqui, amanhã acolá... Eu sou inimigo da rotina... contudo, acho que não estou feliz hoje! – soprou a fumaça para o teto. Pareceu eufórico ao desviar-se para a meia dúzia de garrafas de bebidas esvaziadas ao lado da poltrona. Contentou-se com o resquício de vinho que ainda havia em seu cálice, esperando que um outro se habilitasse em apanhar uma outra garrafa no carrinho.

– Você não nega os laços de família, Olímpio – observou Saulo, tocando-lhe de leve no joelho, esboçando um meio sorriso. – Então está no sangue essa inclinação para a filosofia,

pois Bernardo é um filósofo tal você é. Mas com um pouco menos de convicção. Seu irmão me dá tal impressão de desolação.

Laura inclinou-se em direção a Saulo, meneou a cabeça num gesto lânguido e no meio de um olhar sedutor, foi dizendo:

– Mas Bernardo sempre foi mesmo desolado – ajeitou a alça do vestido de gaze azul-celeste. Levou as mãos ao colo mal encoberto. – Eu fui a luz que faltava a essa família, mas eles tentam ofuscar meu brilho a toda hora. Inclusive aquele a quem eu devo chamar de esposo – lançou a Cesário um olhar. – Qual era mesmo o nome daquela família romana tão turbulenta e famosa por seus crimes, que inspirou Stendhal?

– Eu esperava mais, cunhadinha, da sua intelectualidade a essa altura da vida – murmurou Olímpio provando dos morangos que Saulo serviu-lhe. – Mas não foi Mary Shelley que falou dessa tal “Família Cenci” em uma de suas peças? Não é mesmo, Bernardo? A tal história da moça que foi violentada pelo próprio pai.

– Ora, ora! Por favor! Não comecemos agora a falar das coisas enfadonhas que são a arte, essa literatura – atalhou Cesário fazendo um esgar com a boca em direção a Olímpio. – Que mau gosto e que literatura mais... insidiosa. Ou seria indecorosa.

– Indecente, mesmo – redarguiu Olímpio triturando entre os dentes as sementes do fruto – e elevando o tom como a querer revelar um segredo aos que se achavam mais próximos. – Nosso irmãozinho sempre considerou torturante a ideia de classificar as coisas. E vive enfeitando tudo com palavras bonitas – e como Eloíse e Laura não lhe prestassem atenção: – Mas do que é que vocês duas estão falando. Pode-se saber afinal?

– Sabe aquele santo! – respondeu Eloíse. – Que santo mesmo, Olímpio? O que morreu com flechadas?!

Olímpio teve um sorriso transparente. Emborcou o cálice.

– São Sebastião, você quer dizer – consertou polindo as mãos. Alisou os cabelos gomalinados. Arregaçou as mangas do pulôver preto sobre a camisa também negra, que acentuavam-

-lhe a aridez do rosto inocente. – Não é de hoje que a pederastia é condenada. Mas ser punido com flechadas no peito por causa disso é um pouco demais para mim...

– Ora, que blasfêmia! – replicou Cesário sacudindo a cabeça. Aproximou-se de Laura tentando abraçá-la, mas ela foi-se furtando. Teve um gesto resignado. – Tanta coisa interessante para se falar e vocês ficam aí... É demais para mim!...

– O que, por exemplo? – indagou Laura. Pousava agora a mão no regaço de Cesário olhando-o meio de soslaio. – Política não, pelo amor de Deus – e num tom tão ambíguo quanto malicioso, olhando ora para Cesário, ora para Saulo: – Depois que você resolveu fazer o político essa ideia se tornou uma obsessão... não sobra mais tempo para mim.

Bernardo baixou os olhos. Quis rir, mas sentia-se tão cansado. “Imagine, eu, leviana?!”. Não era assim que falava Laura? Leviana, sim. E bem diante de todos. Quis também ser solidário com o irmão, mas e com ele? Quem compadecia-se dele?

Mas reviu-se um laivo de dignidade e do antigo orgulho estampar-se na expressão de Cesário ao afastar-se em direção ao carrinho e repreendê-la enfasiado numa ironia já gasta.

– Não reclame, minha querida! Afinal, você casou-se comigo sabendo onde estava indo e com quem! – abriu a garrafa e apanhou o balde de gelo. Serviu-se e descansou os serviços na mesinha, à disposição dos demais. Encarou Laura.

– Mas por que essa conversa agora? – reprimiu Lúvia com desgosto. – Se não era para ser esta uma comemoração feliz? Vejam como vocês estão deixando Bernardo... – teve um sorriso distraído. Fechou o livro de Bernardo cuja biografia autografada vinha lendo. Deixou-o sobre a almofada. Estendeu as mãos a Bernardo e foi-se aproximando meio acanhada. Enlaçou-o, oferecendo-lhe o cálice de vinho. – Meu caro amigo, eu estou preocupada com você. Você me parece tão aterrado. Teve algum desgosto justamente quando era para estar bem?!

Ele apanhou o cálice e esvaziou-o de um só gole. Estirou-se até a mesinha onde abandonou-o. Formulou um sorriso, que, obviamente, não saiu. Queria estar embriagado, mas sentiu-se de repente um tanto sufocado com o rastejar da voz de Lúvia. Teve uma certa repugnância, mas não sabia se era pela embriaguez alheia ou se por causa da bebida que descia-lhe pela garganta intragavelmente.

– Ah, Bernardo, meu amigo, começou Eloíse deixando de lado o copo que Olímpio servira-lhe. Pousou no ombro de Bernardo a mão trêmula. – É que nós estamos tendo um momento de transparência. Nossos medos, frustrações, desejos. Tentando definirmos a nós mesmos, você deve saber melhor do que ninguém a esse respeito.

Lúvia serviu novamente o cálice de vinho. Insistiu que ele tornasse a beber, envolvendo-o num abraço excessivamente caloroso:

– Uma coisa que eu queria que você soubesse, Bernardo – prosseguiu ela, baixinho: – Seu irmão casado quer dormir comigo. Mas agora que você tirou da cabeça aquela cretina casada, não irei até você como simples amiga.

Bernardo riu complacente. Surpreso. Eram essas as palavras que Júlia devia lhe falar. Mas como ela própria, essas palavras passaram a fazer parte de uma alucinação. Existiria mesmo a Júlia? A sua Júlia?

– Eu não posso retribuir-lhe esse amor, mas vou pensar no que perdi. acredite – respondeu ele docemente evitando encará-la, pois Lúvia descobriria sobre Júlia e ele não queria que ninguém mais, além dos que já sabiam, ficasse a par dos seus desafetos. Era dolorido demais.

– E quem foi que falou de amor?...

– Eu estou falando! – atalhou Cesário abraçando Bernardo como pretexto para tocar Lúvia. – As pessoas dizem que eu sou um arrogante, mas não é verdade. Eu tenho tanto amor a dar.

E Eloíse se aproximou ainda mais. Tocou de leve no braço de Cesário como se lhe fosse oferecer alguma coisa.

– Ofereça-o à sua esposa então – sugeriu indicando com a cabeça em direção a Laura que estava prestes a saltar nos braços de Saulo, a sussurrar-lhe aos ouvidos. Mas ele nem parecia dar-se conta, entretido que estava a observar Olímpio, que por sua vez distraía-se nos teclados do piano, abstrato e ausente.

Bernardo teve então a certeza: Olímpio estava triste. Que tipo de tristeza era aquela? Quem diria, o hedonista triste? E onde estaria Edgard? Era uma roda de desamor. Uma roda de rejeição. Compassiva, com sequência de cenas doloridas. Um ciclo: ama-se um e esse um ama um outro, que por sua vez ama outro. E outro... Ele foi-se furtando, fugindo da pirâmide que se formava em seu redor.

Mas Saulo aproximou-se também e segurou-o pelo braço. Ofereceu-lhe mais bebida. Ele aceitou.

– Mas você ainda não deu seu depoimento, Bernardo. O que pretende fazer a partir de agora?

“Hum?”. A pergunta fê-lo vacilar surpreendido. Ele ainda não havia pensado nisso. Boa lembrança a de Saulo. Mas era como se tivesse planejado viver somente até então. Não importava o depois. Nem importava o antes. O desejo de alcançar aquela meta e ter algo só seu e que o orgulhasse fora tão atroz. E ele jamais parara para pensar no depois. Chegara então a hora. Não era esse o ápice? E agora estava tão a esmo. Não, ele não estava orgulhoso. Nem feliz. Lembrou-se do pai. E de Júlia. “Se eu tivesse ainda meu pai, a Júlia e isto”, pensou num desolamento. “Estaria me sentido feliz agora”.

– Eu não, feliz! E nem vou mais fazer plano algum. Nem arquitetar nada – lembrou-se de admitir brandamente, embora sem nenhuma convicção. – Fica mesmo complicado nutrir esperanças para depois a dor da derrota superar o prazer do otimismo – parou confuso, prosseguiu tentando firmar a voz. – Se algo der certo, fabuloso. Se não, paciência – olhou para

Eloíse. – Não foi você que disse que não era necessário correr atrás de algo que já era tão meu?

Olímpio interrompeu o ensaio ao piano. Voltou-se interessado para a conversa. Apanhou o cálice e acendeu um cigarro. Mas era como se ele não estivesse presente. Tão inerte.

– Mas não fica meio monótono viver assim tão sem sentido, sem almejar nada dos outros nem de si mesmo? – empolgou-se Saulo.

– Eis a voz da experiência – segredou Eloíse aos ouvidos de Cesário, mas não houve na sala quem não a tivesse ouvido. Ela então prosseguiu meio irônica: – Mas como você mente mal, Bernardo. Ou esse depoimento significa que você realmente mudou? E se mudou, me conte no que mudou, porque eu, particularmente, não consigo reconhecer essa mudança.

Bernardo parou confuso. Bebeu aos borbotões. Esperta a Eloíse, porque no fundo, bem no fundo, não somente ela como todos sabiam que ele, Bernardo, não havia se desfeito das suas antigas faces. Seus medos. Suas esperanças. E principalmente do seu amor por Júlia e da saudade do pai.

– Mas já dizia o velho Rilke: “Se estou mudado, já não sou mais aquele que fui e se sou diferente... o que mais mesmo?” – atalhou Olímpio, mas confuso, voltou à sua solidão. Junto do piano.

– Mas afinal, vocês acham que ele mudou ou não mudou?  
– Laura lançou no ar a pergunta. Ficou olhando em volta, decepcionada por perceber que seus planos de sedução falhavam. E agora, o marido rejeitado já não queria mais saber dela, procurava conforto em outros braços, que por sua vez o repeliam.  
– Toda essa conversa está me deixando tonta... – e levou a mão à cabeça.

– A conversa, ou a bebida? – arriscou Lúvia, como se lhe dissesse mesmo que desse um jeito em seu marido.

Laura fez um muxoxo e inclinou-se para o prato de azeitonas. Pôs-se a roer uma.

– Mas o que é que está acontecendo afinal? – comentou Eloíse. Que atmosfera mais... desanimada. Seria bom agirmos como se a noite estivesse começando. Que marasmo...

– Pela primeira vez você está certa, Lola – concordou Laura. – Da minha parte a noite vai sem agradabilíssima.

– Deve haver então música para o festim ser completo – arrebatou Lúvia indo até a vitrola. Chegou a apanhar um disco para colocar para tocar, mas Eloíse foi mais além ao sugerir o violão, indo em direção ao instrumento esquecido no canto.

– Nesse caso, seria melhor que Saulo tocasse algo para nós. Ele é muito engenhoso. E tem tanto talento para música! – entregou-lhe o instrumento, meio irônica.

Saulo relutou por um instante. Depois aderiu, obedecendo à pressão que todos exerciam sobre si.

– Está bem, está bem. Vou tocar alguma coisa em homenagem ao nosso anfitrião. Uma balada que fala de amor e rejeição. Mas também de esperança e felicidade – olhou brevemente para Olímpio, empertigado junto ao piano. – Qual é mesmo o nome da pequena por quem seu irmão suspira, Olímpio? – e sem esperar resposta: – Ah, lembrei, lembrei! Sua musa inspiradora: Júlia! Será que ela existe mesmo? Ou seria uma alucinação?! Pois eu nunca vi essa pequena!

Bernardo furtou o olhar ligeiramente e olhou para Lúvia que perguntava intrigada: “Mas quem é Júlia?”, quando voltou a observar Saulo, ele já começava a exercitar no violão, e pedia que Olímpio o acompanhasse ao piano.

Como se obedecessem a um mesmo sinal, todos se puseram a acompanhar com palmas ainda na introdução da canção enquanto Saulo ensaiava os primeiros acordes. Havia uma sombra encobrindo os rostos que tentavam sorrir. Bernardo escorou-se encolhido à beira da estante de livros. Num quase desfalecimento, sentiu esvaír-se de si a vontade de lançar-se ao pescoço de Saulo, pela lembrança do seu maior desafeto. Mas lembrou então que aquela canção era seu pedido de desculpas.

“Existiria mesmo a sua Júlia? Ou seria uma alucinação”. Quem saberia? Sentiu entre suas pestanas uma lágrima viscosa. O olhar estúpido, vazio, vasculhando os rostos de cada um. “Amor e rejeição”. Pois sim. “Mas também esperança e felicidade”. Onde? Onde ele buscaria essa felicidade? E a esperança? Se a palavra fosse “vontade”, sim, ainda existia tanta vontade, mas a esperança em seu sentido real. Porque no fundo, esperança não era uma extensão da fé, da certeza de que algo vai ser alcançado. Solidificado!?

Bernardo deslizou até o chão onde se encolheu mais. Um bicho que nasce e é criado para ser abatido. Bem que a canção podia ser outra, contar aquela antiga história irônica: se ele chega num lugar “a Júlia acabou de sair”. Ou se ele partia: “A Júlia já chega”. Sim, Olímpio estava certo quando falava de esperança e frustração. Mas talvez não soubesse de fato o significado de ambas tal como Bernardo. Sua superficialidade impedia-o evidentemente de ser profundo. Quanto a Bernardo, ele, sim, sabia essa cartilha de cor. Pois havia tantas vezes lido e relido esse mesmo trecho. E mesmo a contragosto, talvez embalado pela emoção, se viu desejando reabrir as portas que supunha estar apto a trancar talvez para sempre. E como um misterioso sortilégio, embora a razão o avisasse do perigo que era, tentar voltar ao mesmo ponto, ele foi-se deixando levar e lembrar, ignorando a carga de sofrimento que viria depois. E tudo foi passando para um outro plano. Vozes e rostos, palmas e gestos. Tão vertiginosos. Que canção era essa que fazia lembrar com tamanha violência? E em seus pensamentos voltavam as perguntas que ele julgara já haver esquecido por falta de respostas. Quantas. Quantas vezes mesmo? Quantas, meu Deus? Quantas vezes ele chegou à casa de Bárbara numa ansiedade velada, latente. E fantasiou: “Agora eu vou passar esta porta e a Júlia vai estar lá dentro à minha espera”, e como não a encontrasse, ficava a imaginá-la observando de longe, ou lá do topo da escada por entre os balaústres. E com estudada

negligência ensaiava gestos, e olhava circunspeto esperando o momento que ela chegaria e o abraçaria. Ou então acontecia de, ali mesmo, naquele apartamento noites a fio enquanto debruçado sobre as páginas em branco do seu livro a serem preenchidas, aguçar os ouvidos para os passos que subiam os degraus e como eles seguissem ao longo do corredor, adiante da sua porta, suspirava num cansaço, decepcionado e desesperançoso. Mas era por alguns poucos instantes porque de repente, como para compensar a decepção, fixava o olhar no aparelho telefônico à espera de que tocasse e do outro lado estivesse Júlia. E assim passava os dias à espera de algo que jamais chegaria. Mas ele era generoso consigo. Tanta obsessão. Tanta. E tanta esperança. E também tanta frustração derivada dessa mesma esperança. Ah. Que ironia. E insistia: “Agora tem que ser ela”. E ria consigo mesmo um riso desesperado, alarmado com tanta loucura. Tanta febre com uma ponta daquele desejo adormecido que se esgueirava por entre as frinchas do imaginário, resistente, fixo: “Ora, a gente acaba se encontrando uma hora dessas”. Deus, quanta loucura. Uma vontade tão grande de que Júlia fizesse parte do seu mundo, que ele passou a viver no limiar da fantasia e da realidade. “Faz de conta que a Júlia está me esperando em casa. Nós vamos ter uma conversa”. Como se o espírito dela realmente estivesse presente. Ou se ainda, ela houvesse desdobrado-se em duas para que uma das partes coubesse a ele. Tanta expectativa. Mas também tanto desespero porque da esperança fecundava essa queda na mais profunda desolação. Não, não, ele não tinha esperanças mais. E não estava feliz também. Então, o que restava a ele?

“Passou! Ainda bem que passou!”. Ele devia dizer. Talvez a frase mais correta que se podia dizer com relação àquele amor por Júlia. Mas nem isso. Nem isso ele podia dizer, desde que reconhecia que continuava tal como no princípio. Um amor intacto. Sem arranhões. Frustrado, mas reto, inflexível. Não

importava que ele se debatesse nesse amor. Ele a amava desesperançoso e não havia remédio.

“Bernardo, você já pensou em viver? Viver a vida como ela deve ser vivida!”, ele disse para si mesmo. Admirado de quanto suportara. Não, na verdade não era ele que nesse momento sugeria para si, viver. Era uma voz estranhamente conhecida. A voz que durante anos açulara-o a seguir. Para onde? Onde é que essa voz masculina tão familiar quanto remota queria que ele fosse? E a que passo? E com quem? Como? Tombou para trás a cabeça desvairada. Nem ele mais sabia o que queria e por que queria, se queria. Inútil pensar nisso agora, como sempre foi inútil.

Bernardo apoiou os cotovelos nos joelhos. Riu estranhamente. Queria tanto estar embriagado. E desfrutar da mesma alucinação que via nos rostos dos outros. E quando a música chegou ao fim, Eloíse foi a primeira a empolgar-se dando palmas num exagerado desespero. Agressiva.

– Mas não pare agora. Prossiga. Toque outra, por favor! Estava indo tão bem.

– Ela está prestes a avançar sobre mim. Ou sobre você – sentenciou Laura erguendo o cálice em direção a Saulo, que ensaiava a introdução de uma nova canção. Lançou um olhar desafiante ao redor. Havia um raio de trovão em seu olhar quando o parou sobre Cesário que tentava envolver Lúvia em suas blandícias. E esta, por sua vez, escorava-se à janela, ora repelindo Cesário, ora resignando-se. O olhar estupidamente fixo no livro de Bernardo, repousado em suas mãos. Apertava-o contra o peito. No canto de sua boca um esgar desdenhoso. De repente empurrou-o abrindo caminho e foi saindo em direção à porta.

– Mas, Lúvia, você já está partindo, querida? – perguntou Laura. Mas a moça sequer deu ouvidos. Bateu a porta atrás de si.

Bernardo teve ímpetos de segui-la, que o desculpasse. Queria ser solidário. Mas era como se seus pés estivessem enfiados em sapatos de chumbo.

Cesário foi andando cabisbaixo em direção a Laura, que, tombada na poltrona, provava desgostosa em pequenos goles da bebida que ainda restava em seu cálice. Ela ficou indiferente. Mas na verdade ambos teriam que ser solidários reciprocamente. E como a mulher resistisse, ele desistiu também. Apanhou a almofada e, sentado ao lado de Laura no braço da poltrona, pôs-se a apertá-la, envolvida em seus braços num total abandono.

– Mas Bernardo, você aí tão quietinho! – murmurou Eloíse, já contagiada pela mesma nebulosa que envolvia a todos.

Saulo interrompeu o ensaio, mas permaneceu com o violão no regaço. Olímpio também resolveu pôr um dique à onda de monotonia em meio a dois acordes violentos, mas depois o silêncio foi mais aterrador.

– Eu acho que minha música não foi bem aceita por todos – arriscou Saulo.

Laura lançou-lhe um olhar de desprezo. Fez um muxoxo. E voltou ao seu silêncio. Súbita, soltou no chão o cálice que saiu rolando. E era assustadora aquela risada criada com o atrito do vidro no assoalho, até que calou-se quando o cálice parou no pé da mesinha.

– Todo mundo murchou, mesmo – concordou Laura cedendo.

Bernardo suspirou. Pôs-se de pé. Afastou-se em direção à janela. “Nenhuma notícia da Júlia”, pensou, e subiu os olhos para o céu roxo que se estendia. Até onde? E o lampejar daquelas luzes tão distantes quanto remotas naquele manto escuro. “Ela devia estar em algum lugar. Mas onde?”, pensou vendo as luzes da cidade que se deixavam ver. E sentiu de repente um grande vazio. Nada tinha sentido. Nada mais. Nada mesmo: aquele céu nebuloso, mas bonito, aquele rumor de uma conversa desconexa no centro da sala, aquela gente toda. Mesmo a vida, que apesar de cheia de vislumbres, bonita, não possuía um sentido real, uniforme. E, contudo, seria mesmo bom vi-

ver? Pertencer àquela roda. Ouvir-lhe as queixas. Queixar-se também. Para que, se depois viriam mais queixas. Tão pouca veemência a dele e nenhuma convicção.

– Pano, por favor! O espetáculo foi esplêndido, mas é hora de dizer “Bonsoir!” – ironizou Eloíse.

Só então Bernardo percebeu algo dourado escondido sob os galhos no pote de banzai. Era o isqueiro perdido e reclamando por Bárbara. Apanhou-o e o deteve na palma da mão enquanto limpava-o com o lenço.

Nesse mesmo instante a porta abriu-se de improviso e como os demais, Bernardo viu Bárbara entrando, implacável e circunspeta. Assim, parada à entrada, sondando o rosto de Bernardo, havia algo de esquisito e misterioso em sua expressão: amargurada, cruel.

Todos ficaram de queixos caídos, pois ninguém ignorava a tal história dos amantes, e como a pedir explicações, voltaram-se para Bernardo.

– Boa noite, meus caros! Mas já tão cedo a festa acabou? – era uma voz pegajosa que ela usava. Embriagada? – Eu estava lá fora imaginando se entrava ou não. Me resolvi.

Ainda perplexo, Bernardo deu alguns passos em seu sentido, balbuciando alguns sons desconexos enquanto que Bárbara retirava as luvas e o casaco. Deixou-os ao lado da bolsa no armário da entrada.

– Então não vai me oferecer uma bebida? – ela pediu. E desatou a falar da noite, que esfriara. E depois do vestido muito decotado que escolhera erradamente para usar. Prosseguiu: – Ora, por favor, não tome um ar assim tão pasmado. Vim para lhe dar os parabéns. Uma conversa de velhos amigos!

Bernardo entregou-lhe o cálice servido. Ela foi abrindo espaço como um barro enfunado. Meio circunspeta, com ares de quem se considerasse bem-vinda, dona da casa e de tudo. De todos. Tão natural. Uma naturalidade incomodante.

– Edgard não está aqui? – perguntou voltando-se para todos. – Não está e nem virá! Eu quis saber o que está havendo, mas ele sempre tão reservado. Quem sabe? Ele e seu mundo particular. Aliás, quem é que não tem seu mundo particular? – acariciou o rosto de Laura, cumprimentando a filha.

Todos concordaram evasivamente só para tomar algum partido. Foram-se esvaindo. Medo?

– Ele me enviou um bilhete – respondeu Bernardo furtivamente. E calou-se.

O que Bárbara queria agora? Que conversa ainda caberia entre ambos? E ele, não teria sido eloquente o suficiente? Embora temesse o tipo de conversa, sentiu de repente uma certa curiosidade. Sim, ele lhe falara no quanto fora inconsequente o que aconteceu entre ambos e lhe pedira que não o procurasse mais, e, contudo, se a mulher o convidasse para um recomeço, não seria capaz de atendê-la? Antes, isso seria insensatez, mas agora... Sentiu-se absurdamente entusiasmado.

– A propósito, a Júlia também lhe mandou um abraço – recomeçou Bárbara. Acendeu um cigarro. – Não pôde vir porque chegou esta noite, estava cansada. E com esses preparativos da tal viagem, enfim...

Bernardo apertava dentro da mão fechada o isqueiro de Bárbara, receoso de que ela o reconhecesse. De tudo quanto ela dizia apenas o nome de Júlia despertou-lhe o interesse. De que importava agora o abraço de Júlia? Sua louca, não vê que eu estou à sua espera? “Por que que ela não veio junto?”. E do que adiantaria alguma coisa, se ela iria partir? E por que Bárbara rodeava tanto? Por que não lhe pedia logo que reatassem? E por que todos os outros não lhes voltavam as costas e iam saindo um a um. E deixavam-nos a sós?

– Há alguma coisa pendente, ainda? – disse Bernardo dissimulando a vontade de ver chegar o momento em que ela o pediria de volta. Ficaram à parte. – Escuta, Bárbara...

– Ah, não, por favor – ela atalhou-o. – Não vá agora falar em perdão, arrependimentos, desculpas. Isso tudo faz parte do passado. Hoje só devia ter alegria. Não pensemos em voltar atrás do que já passou – então envolveu o cálice com ambas as mãos, como se colhesse entre elas um ovo tão frágil quanto valioso. Provou de pequenos goles. Fumou. – Vim também para me certificar de que fiz um bom trabalho!

Ele ficou confuso. O que queria ela afinal? Desviou dela o olhar perturbado. Apoiou-se no espaldar da cadeira. Olhou de esguelha para os demais. Tranquilizou-se. Olímpio acendera um cigarro e entretia-se agora em formar bolinha de fumaça no ar, que Saulo, numa alegria pueril, ia desmanchando com as mãos em abano. Eloíse recostada à parede, o olhar desarvorado. Devia estar imaginando o método que usaria para se livrar da nova decepção. Quanto a Laura e Cesário, estes procuravam reunir os pedaços do casamento numa conversa silenciosa, glacial. Telepática. Às vezes seus olhares se cruzavam, mas neles estampada tamanha vergonha, aquela vergonha que fez Adão e Eva correrem para se cobrir com as folhas da figueira porque a nudez descoberta era o próprio pecado. E desviavam-se-lhe um do outro em seguida. E esperavam por uma absolvição mútua. E suspiravam, ora inquietos, ora numa calma sob a qual adivinhava-se a sensação de culpa pululando no bater acelerado do coração.

– Ah, Bárbara – avisou Bernardo. – Será que já não ficou tudo tão claro? Eu presumia que...

– Mas escute, meu caro – atalhou-o ela. E mesmo que não houvesse tido a interrupção ele teria se calado confuso. – Eu não vim aqui... Bem, já não importa mais nada. Nem eu mesmo sei o que faço aqui – ela puxou uma cadeira, onde se sentou meio derreada. Apoiou o cotovelo na mesa e susteve a cabeça na palma da mão. Pô-se a observá-lo. Um olhar que perturbou ainda mais Bernardo. – Eu não queria que você ficasse cismado. Nem precisava ter vindo, mas me dá certa aflição pensar

que... Bem, me aflige essa sensação de que ficou algo pendente – e antes de puxar novo trago do cigarro: – E eu precisava ver, ainda uma vez, para que pudesse ter certeza – foi abrandando mais o tom: – Eu tinha que ver – e em seguida levantou-se da cadeira numa inquietação. – A verdade é que andei pensando no que você falou e acredite, estou feliz. Feliz também porque você me desperta apenas um dolorido sentimento de ternura... Calou-se.

Bernardo então se decepcionou em sua ingênua dedução. E triste, agora lamentava a sua estupidez.

– Eu também queria que você soubesse que eu já não penso no que houve – atirou-lhe ele. – Mas nós podemos ser amigos...

Ao contrário do que ele esperava, Bárbara não deu risada alguma. Também não avançou sobre ele como uma leoa. Apenas fitou-o e desceu as pálpebras. Quando as abriu, eles estavam inflamados.

– Não, meu caro. Eu não posso. E nem se quisesse, poderia – impressionava, agora, não somente sua placidez, mas aquela voz mansa que ia e vinha numa cadência morosa. – E você sabe o porquê. A verdade é que você vai me dizer que ainda ama a Júlia. Você nunca me escondeu. Ou pelo menos finge que ama, porque, no fundo, você não amou, nunca a ela, nem a ninguém, nem a você mesmo.

– Por favor, Bárbara, seja razoável...

– Sim, estou sendo mais que razoável – ela concordou. – Fui sempre muito razoável. Tanto, que tentei ignorar toda essa sua mania de viver do passado. Eu jamais ignorei a história da Júlia. E tentei contornar a situação de todas as maneiras. Foi admirável. Mas era insensatez – ela agora fixava um ponto na parede. – Insensatez porque eis então uma doença da qual o doente não quer curar-se nem fazer nada, mas acho que já lhe disse isso.

Bernardo desviou o olhar. Pensava agora se todos não estariam com a razão. E refletia chocado se algum dia compreen-

dera alguém. Se compreendia Bárbara, ou se compreendia a si mesmo. E se aquilo era mania, qual a cura? Contraiu os maxilares. Era aquele mesmo antigo cansaço que se apoderava dele. Um cansaço que porventura iria impedi-lo de tentar lutar.

– Escute, Bárbara, você está cansada. Não está acostumada a esse tipo de situação – calou-se e num ímpeto de coragem, prosseguiu meio receoso: – Uma outra hora a gente volta a ter esta conversa.

– Não, não, meu caro. Tudo o que tinha a ser dito já foi dito – recusou-se ela como se se negasse a tentar novamente a sorte numa rodada de jogo de azar. – Mas queria saber se fiz um bom trabalho, digo: se contribuí de alguma forma para seu crescimento, porque me aflige a ideia de ter passado por alguém e não ter-lhe acrescentado nada. De não ter contribuído em alguma coisa, por mais inútil que seja – disse como se desprendendo de uma culpa. – Mas não fui eu que criei essa situação.

Bernardo pôs-se a observá-la. Mas já não se dava com a presença de Bárbara, nem com o que prosseguia falando, aterrado que estava em acompanhar em pensamento os versos daquela canção que Olímpio se punha a tocar. E apenas tocar. Era a história de uma jovem alegre e esperançosa que não se cansava de esperar a quem amava. E esperava tanto com tamanha fé, embora a experiência alertasse que ele não voltaria. Era um enredo parecido com a canção tocada por Saulo, só que tão mais triste e sem esperança, embora a própria esperança tentasse perder. De toda aquela história cantada Bernardo concentrava-se apenas na própria jovem que não se cansava de esperar, e que seu coração punha a cantar. E o curioso é que essa era uma música que o levava de volta à infância. Alguém cantava-lhe essa mesma música em pequenino, esperando que caísse no sono. Mas quem? E por que logo essa canção?

Seria então essa a sua história: o da esperança desesperançosa? Sentiu então a boca salgada de lágrima. E também tão

penalizado por Bárbara. Franziu a testa como se a estivesse vendo pela primeira vez aquela noite.

– E o que é isso, agora? – perguntou Bárbara esmagando o toco do cigarro no cinzeiro em forma de um elefante. Espalmou as mãos numa resignação. – A Júlia não deve perceber que você andou tendo desgostos. Ela me pediu também para lhe dizer que tem pensado em você e que lhe fará uma visita – teve um gesto vago: – Quanto a mim, quero ver se ainda há graça na vida, em meu casamento... vamos partir em uma nova viagem de núpcias, eu e Hortêncio, resolvemos nos dar uma nova chance. Certamente ele também tem seus pecados a confessar... Não há momento mais propício...

Ela desviou-se, abarcando-lhe uma última vez a figura como quisesse guardá-la em memória. E apanhou as luvas, que foi calçando.

Bernardo agarrou-se-lhe ao braço com uma veemência, que fê-la voltar-se.

– Sinto muito, por tudo, Bárbara. Sinto tanto por tudo – foi afrouxando a mão. – Não era minha intenção magoar você. Nunca foi minha intenção.

Bárbara apanhou o casaco e a bolsa. Bernardo não podia ver-lhe o rosto.

– Deixe de lado essas mazelas – foi ficando de perfil sem querer encará-lo. – Eu já lhe disse uma vez que isso não combina com você... aliás, isso não combina com ninguém, mas a maioria das pessoas tende a esse “cafard”, sem querer acaba complicando tudo; exagerando o sofrimento... Feche essa porta, Bernardo, porque, no final, você vai se arrepender de ter perdido tanto tempo olhando para a porta que se fechou lá atrás e fez você esquecer que bem à frente já havia uma nova janela semicerrada, à espera de que você a empurrasse.

– Eu sei, eu sei... – ele concordou sem ao certo saber ao que ela se referia. Ou fingindo não saber, desde que em toda sua vida houvesse as pessoas lhe repetindo a mesma coisa.

– Espero que as impressões que eu tenha deixado em você sejam as melhores possíveis. Não quero ser lembrada como a megera – jogou os cabelos para trás. – Quero ser lembrada como uma ponte, uma plataforma da qual você pulou para dentro de si mesmo. E exijo que você seja feliz, pois seria intolerável a ideia de que, depois de mim, você tenha piorado. Recomece a partir de agora! – e foi avisando enquanto calçava as luvas. – Devo ir embora agora.

Bernardo ainda pensou em dizer mais alguma coisa. Desistiu. O melhor mesmo era deixá-la partir. E sem pronunciar palavra alguma, deixou-a partir. Havia ainda no ar o cheiro do seu perfume. O perfume de Bárbara.

Então ele lentamente arrastou-se até a janela. Lançou um olhar para fora. Queria vê-la, ainda uma vez, mas demorou um pouco até que no silêncio da noite surgiu primeiro o toc-toc dos sapatos de Bárbara no asfalto úmido. Ela então atravessou lenta, mas delicadamente, a rua, com o balanceio da sua saia a compasso. Talvez estivesse chorando. Talvez não. Pois com tremenda naturalidade, certamente se desprenderia dessa frustração, até que surgisse um outro jovem rapaz. E ela se apossaria da sua vida e lhe tentaria sondar a alma. E então se frustraria de novo porque a ninguém cabe o poder de desvendar os segredos da alma alheia.

Bernardo viu-a ainda entrar num táxi. Depois não viu mais nada quando o automóvel sumiu ao longo da curva da esquina.

A mão pesada de Cesário tocou-lhe no ombro. E sua voz, agora menos rastejante, soou naquele tom meio complacente, meio irônico: – Ora, ora, maninho, nós não sabíamos desse seu lado arrasador de corações. Mas acabou tudo mesmo?

Ele apertou na mão o isqueiro. Olhou levemente o irmão e voltou a contemplar o firmamento. Soprou com o pouco de convicção que lhe restava: – Há tanta coisa mais que vocês não sabem a respeito de mim.

O casarão estava nessa tarde tão quieto que apavorava, imerso num profundo silêncio, uma falsa calma. Bernardo subiu as escadas precipitadamente, batido por um certo pavor, porque era como se os degraus atrás de si fossem sendo engolidos por um abismo à medida que os transpunha. Distinguiu vozes que sussurravam do lado de dentro da saleta do piano.

No seu antigo quarto encontrou Olímpio a estudar atitudes ao espelho; inerte, derreado no divã estava Cesário reclamando uma terrível enxaqueca, bolsa de gelo repousada na testa. E, adiante, Eloíse olhando através da janela. Pousava sobre todos uma falsa agradável modorra, dessas dos dias seguintes a festas. Bernardo não fez moça. Parecia que era essa a única oportunidade, a única tarde em que poderia dizimar as últimas dúvidas que passavam em seu espírito. E como os encontrara ali reunidos, sua tarefa se tornaria menos dificultosa. Olímpio foi o primeiro a notá-lo:

– Vamos, maninho, entre na cova dos leões!

Ele ignorou o comentário, foi atravessando o cômodo. A meio caminho esbarrou numa caixa de sapatos atulhada de livros, ainda por ser lacrada. Apanhou um ao acaso. Pôs-se a folheá-lo. E era esquisito que daquelas páginas evolasse o cheiro de lírio-do-vale. Onde sentira antes esse mesmo perfume? Um perfume e um vulto. Não era o perfume de Olímpio. O perfume de rosas era o de Laura, mas também podia ser o de Dulce, ou ainda o de Lola. Cesário gostava das fragrâncias mais fortes. Marcantes. E aquele era um perfume suave. Um perfume e um vulto.

– Estou tentando engajar num outro projeto, mas ainda tenho uma semana para me resolver – ele foi falando deixando de lado o livro. Disse olá a Cesário, trocou cumprimentos com Eloíse, mas era a Olímpio que ele procurava sondar. Olímpio, que usava agora aquela jaqueta de couro parecendo aquele astro

da tal fita. E seu ar despojado, esportivo, parecia que a qualquer instante ia apanhar a sua lambreta e sair serpenteando pela cidade. – Tenho uma semana para resolver toda a minha vida.

Olímpio teve um ligeiro movimento de ombros. Apanhou do chão uma das caixas e passou-lhe em volta uma fita, que amarrou. Simultaneamente Eloíse se pôs a empilhar as outras caixas sobre a mesinha. Apanhou outros livros espalhados pelo chão e esqueceu um no regaço. Num esforço doloroso, Césário se pôs sentado. Os gestos medidos. Lentos.

– Eu queria mesmo era falar com você. Uma coisa que eu queria tanto saber, que eu me arrependo de não ter desejado antes. Ou se desejei, foi um desejo tão superficial – anunciou Bernardo ainda meio vacilante. Pousou a mão no espaldar do sofá. – Será que você vai me responder?

– Será que faz diferença se eu disser que não? – rebateu Olímpio contorcendo o pescoço e fazendo-lhe uma massagem com as pontas dos dedos. – Eu pensei que a Lola fosse seu anjo anunciador. Resolveu me atazanar agora também? Não é sempre que estou disposto ao jogo da transparência – contraiu os lábios num sorriso que mal apareceu. Encolheu os ombros de novo. – Por que você não tentou ontem à noite? Estávamos todos vulneráveis.

Eloíse levantou as pálpebras. Não queria envolver-se, escudada que estava por detrás do livro. Pelo menos, dessa vez, não teria nada a ver com as descobertas. Mas a curiosidade permitia-lhe ficar à espreita.

– Se você brincar agora, Olímpio, eu mato você! – ameaçou Bernardo com convicção de quem afirma que um e um são dois e dois e dois são quatro. Recuou envergonhado. Enfurnou as mãos nos bolsos porque elas não paravam de tremer.

– Que resolução a sua...

– E ela veio tarde! Mas antes tarde do que nunca! Não é este o ditado? – sentenciou Bernardo, retirou as mãos nervosas dos bolsos e deixou-se cair na cadeira mais próxima. – Esta é a

última vez que eu toco nesse assunto... Ontem vocês estavam bêbados demais.

– Vamos lá, Bernardo, então, o que é que você quer saber? – e Olímpio recostou-se na banquetta do piano. Levou as mãos aos próprios cabelos, amarfanhando-os. Empurrou-os para trás. Sua expressão passou da irônica para a grave. – Mas veja bem, pois agora nós temos testemunhas. Pense bem antes de querer saber. Dependendo do que possa ser, a descoberta pode ser fatal. E pela cara que você tem... – fez uma pausa. Lançou um olhar para os dois espectadores. Eloíse refestelou-se no espaldar da poltrona afetando um ar ocupado em recuperar a capa do livro. Cesário segurou entre as mãos a cabeça cambaleante. Naquela atitude, pediam que não fossem envolvidos, “por favor”. – Mas espere, deixa ver se eu adivinho: é a Júlia, não é verdade?! Júlia, Júlia, Júlia, sempre a Júlia! Ah, Bernardo, você não se cansa de ser inconveniente? Como você é chato! Levando a inquietação aonde chega. Atormentando a ela e a todos nós com essa mania. Perseguindo, investigando. A todo tempo você está atrás dela sem dar trégua... insistindo sempre em algo que não te faria bem...

– Olímpio, você já pensou em ter um filho? – atalhou Bernardo assim que teve a oportunidade. Não fora essa a forma que pensara em indagar, mas se Olímpio não lhe dera alternativa.

– Que espécie de pergunta é essa? – e a voz de Olímpio ressoou como uma chicotada, num suspiro zombeteiro, escarnecedor. Apanhou a cigarreira esquecida no tapete em meio a alguns livros e, como não encontrasse cigarros, devolveu-a ao chão. Procurou na gaveta da mesa de canto e retirou uma carteira de cigarros lacrada. Num gesto exasperado, abriu-a e retirou um cigarro. Agora, em meio à desordem dos livros e caixas, recomeçava uma nova caçada à procura do isqueiro.

– O filho que a Júlia abortou naquela ocasião, era seu, não é verdade? – Bernardo foi falando aos borbotões, antes que Olímpio recomeçasse a falar e sua coragem evanescesse. Estendeu-

-lhe o isqueiro que encontrou debaixo de um dos almofadões, como se fosse amenizar a acusação.

No rosto moreno de Eloíse projetou-se uma máscara de espanto. Ela ficou com o livro suspenso no ar. Cesário rastejou até a janela onde abriu as cortinas e ficou olhando através da vidraça. O que procurava? Assim como Eloíse, que parecia esperar um momento certo para fugir, não querendo testemunhar no que ia resultar aquela história. Cesário pareceu apreensivo. Mas enquanto a moça queria apenas não se envolver, talvez por imaginar o resultado, Cesário adotava certo nervosismo. E Bernardo julgou que a sua reação se dava pela sua impaciência... “Tanto assunto para se falar e vocês vêm falar nisso?!...”, não era assim que ele falava?

– Filho?! Realmente, eu e a Júlia sempre fomos tão cúmplices. Tão próximos – ele soprou a fumaça, descalçou o sapato e esfregou as pernas. Teve um olhar inquiridor a Bernardo como se somente então houvesse dado acordo da conversa. – Qual a sua idade, mesmo, Bernardo?

– Vinte e um – estranhou Bernardo franzindo a testa. – por quê?

Olímpio teve novamente aquele gesto resignado como se dissesse: “esquece!”, mas ao voltar-lhe o rosto, prosseguiu, liberando lentamente a fumaça por entre as palavras:

– Vinte e um anos! E você demorou quanto tempo para sentir-se apto a saber o resto da história? O que você tem feito durante esse período? O dolorido Bernardo. O tão sofrido pensador – e seu tom agora era desafiador. Agudo. – Sabe, eu estou com vinte e três anos, mas às vezes me considero uma criança. Tão criança para certas coisas, que chego a me assustar. Tenho visto cada coisa. E tenho medo das incertezas, das coisas que meu futuro tem-me reservado e de tudo que ainda hei de cometer ou receber. Bom mesmo seria não haver crescido, amadureci cedo demais... É meio paradoxo, mas foi melhor assim,

pois eu aprendi cedo a conhecer a vida, que, por sinal, não tem nenhum mistério... é simples, simples!

Eloíse abandonou os livros e seguiu até o carrinho de bebidas. Ofereceu uma a todos, Cesário foi o único que recusou.

– Tomem isso, vocês estão muito inspirados hoje – disse entregando-lhes os cálices. Saiu logo em seguida. “Dessa vez eu não tenho culpa!”. Cesário quis acompanhá-la, mas algo o reteve diante de ambos. Em seu rosto uma expressão de pesar, que Bernardo não conhecia.

– Você é tão jovem, Bernardo! – prosseguiu Olímpio apontando-lhe o dedo. – O mais novo de nós. E, no entanto, parece um velho, eu já não lhe disse isso? Conflituoso, cheio de crises internas e externas, e vive incomodando a todos à sua volta com mil e uma dúvidas. Admoestações. Conceitos. Antes você andava com uma Bíblia debaixo dos braços, lendo às escondidas, porque era pecado ler a Bíblia... Mas se era pecado para você, por que você prosseguia a leitura? O que você aprendeu com essa leitura proibida? Eu digo o que você aprendeu: nada! Ou melhor, ficou mais complexo, angustiante, enfadonho! Você não se sente envergonhado de perturbar os outros com a sua impertinência? – lançou um olhar para Cesário. Ele rastejou até o carrinho de bebidas. Procurou entre as garrafas. Apanhou uma soda e serviu-se.

Bernardo procurou consertar a posição tensa ao erguer-se. Sentiu certa opressão que fê-lo imaginar que ia começar uma Via-crúcis sem-fim. Por que Olímpio não ia logo ao ponto? Mas, ao mesmo tempo, havia tanto de verdade no que o irmão lhe dizia.

– Por que você não diz logo o que tem a dizer? – disse em voz alta. E arrependeu-se do desafio.

Olímpio fitou-o com um olhar sombrio. Sentou-se novamente e calçou os sapatos. Antes de calçá-los novamente foi fazendo uma massagem na sola dos pés. Que Bernardo não tentasse desvendar nada antes da hora.

– Antes de tudo, você devia perguntar à própria Júlia. É a ela que você devia perguntar e é a ela que você deve explicações! Que mania essa de viver perguntando as coisas às pessoas erradas! Você devia perguntar a ela – apanhou o cigarro que esquecera no cinzeiro sobre o piano. Soprou a fumaça em direção ao vaso de orquídeas sobre o móvel. Teve um ar lerdo. – Só que essa coragem jamais vai chegar... e antes que eu prossiga, há como você pensar que seria feliz ao lado da Júlia? Depois de todos esses anos.

– Seria, sim! Seria, sim! – retorquiu Bernardo com indignação infantil. Só que, de repente, um vago receio passou por sua cabeça porque realmente essa incerteza era um fantasma a rondar-lhe o espírito. Olímpio poderia estar certo. Afastou para as profundezas esse pensamento. E como insistisse em golpear-lhe a mesma dúvida girando sobre si mesma, ele procurou desviar a atenção para o assunto em questão: – Mas o que eu quero saber é se...

– Do que importa qual foi o santo se o milagre já foi operado? – e Olímpio deu uma risadinha. Desdenhosa. Parou diante do espelho. Ficou observando a própria imagem. Soprou a fumaça em direção ao reflexo, como se cuspiasse no próprio rosto. – Eu queria. Queria muito. Nós éramos tão afins. Ela era uma extensão... bem, o que ela era, não importa. Você então desconfia que eu e a Júlia... Bem... É bom saber da sua desconfiança; saber que você me dá algum crédito, embora voltemos ao mesmo ponto, porque novamente deparamos com o Bernardo vacilão, que prefere mil vezes se contorcer em dúvidas e auto-compadecimento.

– Mas afinal de contas, que jogo de enigmas é esse? – sussurrou Bernardo sentindo um laivo de impaciência infantil. Um ricto na sua boca. E no seu olhar, além do pesar, uma súplica. E o pior é que não conseguia mais raciocinar, ler nas entrelinhas. A esfinge o devoraria? – Por que você está fazendo isso comigo? Você não está no palco!

Olímpio sacudiu a cabeça em sua direção, tão desdenhoso. Os cantos dos lábios afundaram-se num sulco.

– De que importa com quem a Júlia teria se deitado antes ou agora se ela jamais deveu a você qualquer explicação? E demais, com que direito você sai investigando a vida alheia assim sem pedir permissão? Isso é tão feio, Bernardo. Feio e sujo! Imagine se de repente alguém resolve investigar a sua vida, ou pior. Suas atitudes mesquinhas. É exatamente isso que você está fazendo: revolvendo uma história que não lhe traria benefício algum, querido. E a Júlia não merece ter sua vida devastada assim. O que foi que ela fez a você para que você a persiga tanto e de tal forma?... Sabe, eu passei grande parte da vida querendo ser amado, mas confesso que teria enlouquecido se houvesse alguém que me amasse dessa forma! E sabe que forma é essa? Uma forma tão esquisita de amar. Igual ao papai! Tão sem fibra exatamente como você é: sem fibra, tão pobre de espírito, tentando blasonar sempre um Bernardo confiante, vocativo, em busca de honra e verdade, quando a verdade sempre foi o que mais o assombrou!... Você já parou pra pensar que no amor não existem sacrifícios nem abnegações? – e ergueu a mão indicando o céu através do teto: – Por isso Ele já se entregou na cruz. Já houve um grande sacrifício e o preço já foi pago, Bernardo. A nós resta apenas sermos felizes com essa oportunidade que nos foi dada. E dessa felicidade vai derivar o caminho da verdade. Mas como não vai servir eu estar falando isso para você, pelo menos deixa a Júlia em paz, ela já teve muitos revezes. Ou decida-se de uma vez por todas. Mas seja incisivo e corajoso, pelo menos uma vez na vida! E pare com toda essa parlapatice de indecisão, dor e vocação a perda!

Olímpio fez uma pausa. Estendeu a mão para que Bernardo esperasse enquanto fumava. Eriçou novamente os cabelos.

– Certa vez a Júlia me disse que queria saber o que passava na sua mente, Bernardo. E eu lembro que foi nessa época que eu percebi que tinha ciúmes de você, e também precisava

experimentar outros voos. Voos audaciosos. Numa certa tarde, então, nós quase fizemos amor. Quase! Mas na hora... Ela ficou desapontada. Queria um filho que se parecesse comigo... ou com você? Eu também me desapontei: uma filha como a Júlia valeria ouro, entendeu? Ouro! E depois de lá a gente não tentou mais. Acabou por desistir – ficou pensativo. E como se falasse para si mesmo: – Sou eu que não posso ser pai. “Ele disse: a árvore que não der frutos será arrancada e atirada na fogueira”. Mas eu vou vivendo, um dia após o outro, como caminhar, exatamente como caminhar. E apesar de tudo, tenho sido feliz, porque desde cedo me resolvi que eu seria diferente: amaria e seria amado e jamais me espelharia nos erros dos outros, como nos erros de papai.

Pelo tom compenetrado de Olímpio, Cesário ergueu a cabeça para ver o que tinha acontecido. Parecia tão abstrato, sentado na beira da banquetta do piano. Cabisbaixo com o olhar fixo no copo de soda, que ia bebendo aos poucos.

– Não, Bernardo, não era eu o pai daquela criança, embora isso me daria a maior satisfação – e Olímpio usava de um tom velado, mas evidente. Enfurnou a mão no bolso da jaqueta. – Eu sei porque. Todos sabem porque. Você também deve saber. Castigo? Não me importa, Bernardo. Mas é castigo, porque faz algum tempo, longo tempo, que eu gosto de um homem, você deve saber. Assim como Júlia gosta de você e a Eloíse gosta de Cesário; e Cesário gosta de dinheiro e de outras coisas mais, não é, Cesário, de um moralismo, um falso moralismo? – teve ainda uma pausa. – E de tentar aliciar as moças enquanto elas dormem, não é mesmo, Cesário? Assim como se deu com a pobre Júlia. Não é mesmo, Cesário!?

– Espera, Olímpio, o que Bernardo não vai achar de mim em ouvir você falar essas coisas? – atalhou-o Cesário, por fim. – Você bem sabe que não aconteceu nada aquela vez lá na fazenda. Eu apenas me excedi na bebida e estava com raiva da Laurinha... Você se lembra que ela passou o tempo todo se in-

sinuando para um dos criados da fazenda? – levou ambas as mãos ao peito como se defendendo de uma acusação: – Sei que isso não justifica minha conduta...

Bernardo não disse palavra. Não que não houvesse entendido o sentido das últimas palavras de Olímpio. Voltou para Cesário o olhar sombrio. Assustado. Aturdido. Não podia ser verdade! Não podia ser verdade! Um espanto. Uma indignação, que aos poucos foi-se afrouxando e dando lugar... a quê? Náusea. Repugnância. E Cesário falava tudo com tamanha naturalidade. E receberam todos, também, com uma naturalidade naquele silêncio de cova. O mesmo silêncio que ora perdurava. Ouviu-se então o tic-tac do pêndulo do relógio. Um som abafado que se confundia com o pulsar do sangue bombeando-lhe o coração. E também, em algum lugar, o som de uma campainha de um telefone tocando insistentemente. Depois parou. Tudo.

– Bernardo – observou Olímpio, – você compreende agora o que estamos tentando lhe dizer?... Não houve aborto nenhum naquela ocasião porque não havia criança alguma. Foi tudo um teatro que nós armamos, para ver se você se decidia a estender as mãos para a Júlia. Ela sempre foi tão preciosa para todos nós, e de todos que a rodeavam na esperança de suprir a tal carência, a única pessoa que sempre importou para ela foi exatamente a única que sempre se manteve distante dela: você. Você e sua filosofia de autoflagelação, autocompadecimento.

O rosto de Bernardo se confrangeu. E se pôs a balbuciar. E entornou o cálice de uísque, que lhe travou ainda mais a língua. E Cesário ainda permanecia com a cabeça tombada para o peito, o olhar fixo no chão. Envergonhado? Amedrontado? O certo é que não conseguiam mais se encarar nenhum dos três.

Bernardo quis então lhe avançar no pescoço, ou gritar como um animal sendo estraçalhado, mas pela primeira vez na vida odiou sua parcialidade, aquele autocontrole que permitia apenas debater-se em suas angústias consigo mesmo numa falsa tranquilidade. Uma tranquilidade aparente ape-

nas. Tão sem fibra, mesmo. Largou o copo na mesinha e, com o olhar lerdo, fixou a capa de um dos livros esquecidos no chão: na ilustração, havia uma mulher envolvida num xale, sentada numa escada de madeira arruinada sob uns arbustos; em volta só desolação e à espreita, aquela certeza de que esperava em vão. Uma espera sem esperança. E esse pensamento fê-lo, de repente, lembrar-se da canção de Olímpio. E fê-lo sentir-se envergonhado também, porque havia um minuto ele pensara em exacerbar-se e dar continuidade a toda tortura pela qual acabava de passar. Mas agora ele julgava saber de tudo; ou quase tudo: a história da tal pequena por quem Cesário seria capaz de deixar tudo: “Sou eu quem deve ser mais amado”. A admiração exaltada de Olímpio por ela. “Uma versão feminina de mim teria que ser tal ela é!”. Compreendia agora, que os três, ao seu modo, amaram a mesma mulher, a mesma menina, a mesma Júlia. E talvez, sabendo desse amor, ela jamais se decidira, embora amasse a ele, Bernardo. Desapontado, via agora que a sua tristeza fora abolida. Nem tristeza nem rancor. Apenas uma rendição desalentada. Uma resignação movida por uma leve constatação de sua insensatez. Ora, uma mão que ele estendesse em direção a Júlia a faria decidir-se. Reagir. Tão simples o gesto e contudo... ele se negara. Movido por um ciúme. Uma vergonha. Uma repreensão. Uma repulsa. Que sentimento podia ter passado pelo espírito de Júlia durante esse tempo? E quão envergonhada ela também não devia ter se sentido? E desolada. E humilhada. Num impulso Bernardo quis ir atrás dela. Contudo, que direito ele tinha agora?...

O silêncio permaneceu por mais alguns instantes. Mas já não era um silêncio aterrador de expectativa. Era uma calma-ria. Um marasmo. Bernardo volveu o olhar para o fundo da saleta onde estava aquele imenso sofá de encosto alto que dominava toda a parede. Um convite. Sim, eram os braços de quem, a convidá-lo? Aquela canção de ninar a querer embalá-lo. Ele atravessou a saleta, apanhou aquele livro e desabou no sofá.

Abriu-o ao acaso, e o mesmo perfume de lírios evolou daquelas páginas.

Cesário também se ergueu. E esqueceu o cálice:

– Bernardo, diga alguma coisa – pediu. E enquanto esperava, ficou a contorcer os dedos nervosamente. Estalou-os e entrelaçou-os como se fossem galhos secos. E como a resposta demorasse, foi mais generoso: – Diga alguma coisa, por favor! Faça alguma coisa, mas não fique aí parado, como um dois de paus!

– A Júlia permanece pura, virgem, Bernardo – prosseguiu Olímpio. – Sempre estive à sua espera. Mas você estive sempre mais preocupado em juntar do chão a cruz que foi imposta e vencida por Ele... – Olímpio teve um suspiro: – Despregue-se dessa cruz agora e não pense em se pregar noutra. O mundo já tem Atlas para segurá-lo nas costas...

Ele volveu para o irmão o olhar anuviado:

– Quer dizer que durante toda minha vida eu poderia ter sido feliz? A Dulce tentou me amar e como não conseguiu, eu tinha ao menos o amor da Júlia. Mas eu estive sempre disposto a julgar, confabular, desconfiar. Atormentado com ideias absurdas de sacrifícios, medo, estupidez, quando a vida é tão simples – encarou a ambos, dessa vez sem medo. – Essa peça que vocês pregaram em mim, diga-se de passagem, de péssimo gosto, podia me deixar zangado com todos vocês, mas só serviu pra ver quão eu fui frio e crítico.

– E se for ajudar, não sei se você teria sido feliz ou não, mas apenas o fato de você ter tentado... – prosseguiu ainda Olímpio –, pois não é na tristeza que aprendemos a dar valor às coisas, é na alegria. E eu acredito que ninguém aprende com a dor a ser alguém melhor.

Bernardo respirou de boca aberta. Os olhos fixos no teto. E ficou a ouvir a entrada e saída do ar, garganta abaixo. Aquele estalido batendo nas cordas vocais. Assim, ele podia sentir o sangue a percorre-lhe as veias, indo e vindo de uma ponta à ou-

tra. Viu o teto ir-se afastando; as paredes também. E se agarrou ao livro, esquecido no regaço. Vertigem?

– São livros da Júlia, que ela me pediu que separasse – avisou Olímpio. – Você quer este ou algum outro? – o cigarro já havia se apagado entre seus dedos. Deixou-o cair no cinzeiro. Teve de repente um ar lerdo de compromisso, como da vez em que fora salvar as plantas da estufa. – Vou ver se vejo a Lola. Você viu como ela está? Saulo esteve aqui essa manhã e ela toda empolgada, claro... Eu não tenho culpa alguma! Não tenho! Não tenho culpa se aquele cidadão agora resolveu tomar-se de amores por mim... Mas devo avisar a Lola que não há com o que se preocupar.

Nesse ponto, Cesário ergueu a cabeça e desviou o olhar para Olímpio. Um breve olhar. E depois olhou para Bernardo. Em sua expressão, nenhuma emoção. Ou então, apenas uma ansiedade em voltar. Para onde? Onde pudesse se refestelar e ficar em paz com sua consciência, acima do bem e do mal... Antes de sair ainda teve um último olhar para Olímpio e sacudiu a cabeça com uma ponta de desdém e desgosto. Por quem?

Olímpio teve um risinho. Imitou-lhe o gesto. Teve ainda um olhar para Bernardo. Um olhar inexpressivo, mas olhar. Foi fechando as cortinas e saiu em seguida fechando a porta atrás de si.

Bernardo permaneceu mais alguns instantes imóvel. Olhou curioso aquelas paredes escurecidas, antes tão familiares. Deprimiam-no um pouco agora. É que a noite estava por chegar. Pensou, e foi deslizando até tombar nas almofadas. E apertou contra o peito o livro. Aquele perfume? Avivou-se mais o cheiro e ele lembrou-se: o perfume de Júlia. Era o perfume dela. “Sempre em fuga”. Disse para si e despertou-se com uma súbita satisfação, como se a própria Júlia estivesse enroscada em seus braços. “O perfume dela”, ficou repetindo até que desmaiou. Ou adormeceu.

Bernardo acordou com as pancadas secas do relógio. Que horas mesmo? Oito! E aquele raio de sol que vasava as cortinas. A primeiro instante, dolorido pela posição desconfortável que adormecera, não tinha noção de onde estava. Mas aos poucos foi lembrando. E o antigo quarto foi ficando nítido. E era inacreditável que ele houvesse se permitido dormir ali. Estranhou surpreso.

Sentou-se lentamente. E a primeira imagem que teve foi a do porta-retrato de família sobre a estante. Teria estado sempre ali?, perguntou-se volvendo um rápido olhar ao livro caído ao pé do sofá. Juntou-o e depositou-o na mesinha mais próxima. Levantou e ficou ainda vagando pelo cômodo, receoso. Ele dormira na casa de Dulce. Vacilante, foi até a janela e abriu-a porque sentia que devia renovar o ar. Precisava de ar puro. Aquele tempo prometia chuva, embora o céu não estivesse completamente cinzento. Teve um gesto vago e passou a mão sofregamente pelos cabelos. Só então notou que estava desalinhado, naturalmente. Chegou-se até o espelho passando as mãos no rosto. A barba por fazer. Apanhou no carrinho de bebidas a garrafa com o restante de soda deixado por Cesário. Gargarejou. Cuspiu pela janela. Voltou ao espelho, onde bocejou. Alisou os cabelos com os dedos, arrepanhou as roupas e saiu.

Na saleta de almoço, encontrou todos, com exceção de Olímpio, fazendo o desjejum matinal.

– Bom dia! – cumprimentou entre surpreendido e intimidado com sua naturalidade.

Também não foi preciso que o convidassem a sentar-se. Puxou uma cadeira e sentou-se. Teve então a suspeita que ocupara o lugar de Olímpio, pois a louça estava posta. Se houvesse sido sempre assim! Essa naturalidade. Tantas dores teriam sido poupadas. Tantas chagas não abertas, enfim. Mas ao mesmo tempo pensava que se não houvesse sido exatamente como foi, ele te-

ria sabido? Como teria aprendido? Sim, fora necessário tudo de bom e de ruim para perceber quem tinha razão, no final.

E desemborcou a xícara. Serviu-se de café. Leite. Via agora admirado que longo caminho percorrera para executar um gesto tão simples assim, sem aquela apreensão, sem olhar antes para os outros como se pedindo permissão. E via ainda, surpreso, que não se tratava do Monte Olimpo aquela casa e que não se tratava de deuses ou semideuses aquela gente. Era tudo mortal, acessível. Estupidamente falha, humana. Cheia de defeitos, medos, frustrações. Mas se era assim, por que então ele teve sempre tanto medo? Tomou um gole que lhe ressecou a boca.

– Eu não sabia que você tinha dormido aqui, Bernardo! – exclamou Laura, enquanto derramava calda sobre seus wafers.

– Nem eu! – ele rebateu meio irônico. Um ironismo sutil. E arregaçou os lábios num sorriso franco.

– Parece que todos procuram o seio familiar quando a coisa aperta – observou Lola provando do seu chá. Parecia mesmo mais magra e mais profundos os seus olhos. Mas no fundo, lá no fundo, não era um fulgor que se podia enxergar?

Cesário tomava do seu suco. Ele não costumava palestrar durante as refeições. "Hora sagrada!", devia dizer. Mas e nas horas que não eram sagradas, o que ele costumava fazer?

– Eu soube do seu livro, Bernardo. Parabéns!

Aquela voz ainda aterrava-o e deixava-o sem saber o que fazer, o que falar. Bobagem, Dulce já não era mais a de antes. E mesmo sendo mera formalidade, ela não acabara de dizer o que jamais pensou em ouvir dela? "Parabéns!". Para ela, sim, teve um sorriso franco. Parecia simples. Tão simples quanto a notificação que lhe passou pela cabeça e ele quis participar-lhe:

– Decidi que vou voltar para cá. Tenho saudades dessa casa!

Fez-se um silêncio. Todos ficaram petrificados: Cesário ficou com seu copo de laranjada suspenso no ar; Laura parou de

mexer seus waffers; Lola deixou de lado a torrada sobre a qual vinha passando sua geleia. Apenas Dulce permaneceu natural, limpando o canto dos lábios com o guardanapo. Fitava-o. Dulce, a única cuja aprovação ou negação ele não sabia o porquê, interessava-o. Dulce, cuja reação resignada que usara sempre, como estava usando agora, revelou-lhe algo: ela sempre se resignara demonstrando assim, que essa era a decisão correta a ser tomada. Como quando decidira não voltar para casa depois que saíra do internato. E seu tremor aquietou-se porque agora era tão simples. E orgulhava-o o participar aos outros sua decisão.

– Voltar para casa? – quis saber Cesário. – Mas por quê? Há algum problema com o seu apartamento?

Bernardo descansou a xícara sobre o pires.

– Não. Não há problema algum. Mas já faz algum tempo que tenho pensado em voltar... É minha casa também – esfregou as palmas das mão como o mágico que no circo vai fazendo brotar de dentro de suas mãos um ramo de rosas, que entrega à sua mais bela assistente. – É que aconteceram tantas coisas. Uma enxurrada de acontecimentos. E essa ideia ia sendo adiada, adiada... – e olhando significativamente para Dulce: – Não há inconveniente, presumo...

– Absolutamente, Bernardo. A casa também é sua.

A casa também é sua. Não fora sempre essa a condição que o mantivera vivendo ali? E se era para voltar e voltar a viver exatamente como antes, que graça teria essa volta?

– Disso eu sei: a casa é minha também. Mas não é disso que eu estou falando. É de um lar!... – parou confuso. Chegou a apoiar os cotovelos sobre a mesa, mas descobriu que era essa a forma de se escudar por detrás de qualquer coisa para que Dulce não o sondasse. Voltou à antiga posição.

– Bernardo, o que eu posso oferecer ainda é isso. Apenas isso – agora Dulce se escudava por detrás das mãos unidas em atitude de prece. – Não é indiferença, pouco caso. É que eu estou desligada de tudo. Cheguei já ao ponto em que a mulher

começa a dar valor a coisas maiores – apanhou delicadamente a xícara. Sorveu do café com leite. – Que coisas são essas? Eu também ainda não sei, mas tenho buscado, embora acredite piamente que elas não são as coisas que eu busquei parte da minha vida.

Laura teve um ar meio zombeteiro, meio pensativo. Foi se levantando e desculpando-se. Saiu despreocupada.

– E o que você vai fazer do seu apartamento, Bernardo?  
– inquiriu Cesário, dada por terminada a refeição. – Pretende desfazer-se dele? Vender? – e como não esperasse resposta, abriu o jornal.

– Não. Não. Vou mantê-lo se caso vier a precisar. A gente nunca sabe.

– Boa ideia, Bernardo. A gente nunca sabe mesmo – concordou Eloíse, mas em sua voz uma ponta de ironia.

– Que espécie de insinuação é essa, Lola? – atalhou-a Dulce sutilmente. – Se Bernardo decidiu está decidido. A casa vai estar sempre à disposição dele como à disposição de qualquer outro. Não há nenhum empecilho.

Realmente, ela estava apenas resignada. Sua atitude seria sempre a mesma. E se se dispunha a contestar a ironia de Lola, era apenas porque não queria mais atrito. Dulce estivera sempre a par de tudo: as conversas sigilosas; as discussões; os desentendimentos. “Eu soube do seu livro”. Ela dissera. E era como lhe dissesse: “Não tente fazer nada pelas minhas costas, eu acabo sabendo”. E a repugnância que vinha depois. Fora por isso que jamais conseguira perdoar César, embora o amasse tanto. Que estranho amor, esse.

Voltou-se novamente para Bernardo:

– Bernardo, as portas desta casa estão abertas para você. Se é da minha aprovação que você precisa... – teve um gesto vago, protocolar. – Venha quando achar conveniente.

Ele assentiu. E ficou imóvel porque de chofre invadira-lhe a sensação de que nada daquilo era real. Aquela conversa ab-

surda. Aquela manhã absurda. Aquela calma aparente do jejum. Tudo aquilo que lhe era tão inédito e desejado. Desejado? Sim. Por que não? Só que havia tantos anos que quisera ter essa conversa transparente. E agora que tudo acontecia, parecia tão inepta a mesma conversa. É que o desejo fora tão atroz. Por mil vezes imaginado, planejado. “Faz de conta que a mãe me adora”. E lembrou-se da frase: “Todos podiam ir desde que Cesário ficasse...”. Tanta vontade de ser querido, que a própria vontade passou a ser mais importante do que a realização da vontade. E agora que Dulce entreabria-lhe a porta aos poucos, não tinha mais interesse em saber o que havia por detrás dela. Contudo, não era a opinião dela que contava? Ficou confuso. Riu de si mesmo. E quando deu por si, Dulce já se levantava e pedia licença.

Pensou em falar mais alguma coisa. Desistiu pensando no risco que seria sua decisão. Risco? Pois sim! Que tipo de convivência o aguardava? E o depois? Ergueu a mão num gesto de desespero súbito.

– Espera um pouco, você acha que?...

Ela voltou para ele o rosto embaçado. “Não me toques”, não era essa a frase que se lia em seus olhos? Não, não. Era só a mesma imagem daquele quadro. Em seus olhos havia apenas uma admoestação: “Agora não! Ainda é cedo!”, e ele entendendo o significado, retrocedeu pensando que mais importante que as palavras são os gestos.

– Não é nada, Dulce. Não é nada – repetiu em meio a um sorriso manso. – Ia perguntar sobre minha presença aqui, só para que não restassem dúvidas, mas você já me respondeu antes, lembra-se?

Ela assentiu. Teve um sorriso e então saiu.

Bernardo mergulhou o olhar na xícara. Pôs-se a beber em pequenos goles. E sentiu o peso do olhar de Lola sobre si. Os olhos vigilantes do anjo anunciador. Não dormiam jamais. “Já vi tanta coisa”, dissera Olímpio que nem era perspicaz, imagi-

na Eloíse, sempre vigilante. E usava agora aquele corte de cabelos em camadas. Para onde fora aquela franja que suavizava o rosto agressivo, duro? Mas as vestes ainda eram os conjuntinhos meio infantis para que a deixasse mais suave. A mente, certamente, devia estar mais apurada. Astuta. Só não lhe combinava mesmo aquele semblante tão irônico, que tentava ir sobrevivendo, agarrando-se. A quê? Fitou-a então impedindo que ela tentasse intimidá-lo. E já ia falar, quando Eloíse descansou o guardanapo ao lado do pires e antecipou-se:

– Foi uma decisão corajosa a sua. Eu sempre soube que aí dentro havia um menino nobre.

Ele encolheu os ombros.

– Eu já me decidi – disse simplesmente.

– Decidiu, não é? – repetiu Lola. Teve um riso e um suspiro. – Mas, afinal, só mesmo a minha vida que não se arranja.

– É que você tem sempre buscado também no lugar errado – disse Bernardo com o antigo desejo de sacudi-la e fazê-la parar de ter pena de si mesma.

– Estou tentando achar o lugar certo dessa vez. Mas você sabe, para mim, quanto pior, melhor.

– Ainda essa doutrina?

– É que eu ainda não cheguei a tal idade que Dulce acabou de mencionar. Eu ainda não busco nada.

Aquela expressão que ela tivera de quem perdeu toda a esperança e resignava-se apenas, era-lhe tão peculiar. Bernardo teve então certeza: era um desespero que movia a moça.

– Você fica tão cruel quando está aborrecida, Lola. Mas quando foi que isso funcionou?

Eloíse ficou pensativa. “É verdade!”, parecia concordar consigo mesma. Essa era ainda sua autodefesa. Mas por quê? De quem ela vivia defendendo-se? De si mesma? Certamente. E como se soubesse exatamente o que se passava pela cabeça de Bernardo e isso a envergonhasse, foi levantando em silêncio.

Antes de sair teve ainda um olhar para Bernardo cujo sentido ele não pôde captar.

Nesse momento, Cesário fechou o jornal e depositou-o sobre a mesa. E era como dissesse: “agora é minha vez”. Levantou-se e pousou no ombro de Bernardo a mão leve:

– Olha, Bernardo, já que você está voltando para cá e frequentemente iremos nos esbarrar, é preciso que haja entre nós cordialidade, entendeu? – pediu-lhe calmamente. – Outra coisa, eu queria que você soubesse que nada que eu fiz foi para feri-lo... Até hoje me pergunto por que tentei fazer aquilo, mas sempre chego a nenhuma conclusão. E o que é pior, não tem absolvição.

– E é a mim que você vem falar de absolvição? – pensou em tomar um pouco mais de café, mas ele já esfriara. – Peça perdão à sua consciência. E à Júlia também... Em seguida preste atenção em seu casamento. Em sua mulher... – lembrou-se dos dois adolescentes fumando dos cigarros e bebendo do uísque, ambos roubados. – Vocês não são mais aqueles adolescentes que queriam apenas fumar e beber às escondidas – e insistiu: – Peça perdão a Laura e a si mesmo por vocês dois estarem tão empenhados em afundar uma relação que desde a infância podia ser bonita – parou. E depois de certo vacilo, prosseguiu: – Apenas uma curiosidade mais: A Laura soube? – e sem esperar resposta porque já desconfiava qual seria: – Ah, não. Não precisa responder; depois do que eu pude ver há dois dias, nada que vier de vocês dois me surpreende mais. Mas pense no que eu disse.

– Civilizados os dois! Formidável! – sussurrou Olímpio acabando de entrar em casa. Bernardo quis rir então, porque mesmo que o teto estivesse por ruir sobre suas cabeças, Olímpio estaria sempre assim, de passagem. Alienado. – Quero dormir uma semana! E quanto a você, o que faz por aqui a essa hora, Bernardo?

– Estou voltando para casa, Olímpio. Estou de volta!

Sem o menor sinal de espanto ou surpresa, Olímpio parou no primeiro degrau da escada e descansou a mão no balaústre de caracol. Bocejou: – Ótimo! Talvez com você de volta esta casa volte a ter um pouco de poesia e me inspire na criação dos meus noturnos.

“Igual à mamãe! Igual à Dulce!” – estranhou Bernardo, franzindo as sobrancelhas. E em voz alta: – Sabe, Olímpio, você está cada vez mais parecido com a mamãe.

– E você com o papai. É impressionante! Mas livre-se desse estigma, querido! Aprenda das pessoas apenas o melhor delas – e antes que a conversa criasse raízes, foi subindo em direção ao seu quarto.

Bernardo quis esboçar um sorriso. E lembrou-se dos anos ausentes. Anos que não existiram. Só podia agora ouvir a voz de Olímpio. A voz melodiosa e plácida. Que parábola ele falava agora? E para quem?... e como num encantamento, o tempo retrocedera. E ouvia a risada alegre de Olímpio enquanto fazia tramoia no jogo de xadrez e tirava justamente a torre que defendia a rainha de Bernardo. E Bernardo aceitava complacente a derrota, sabendo que essa era uma atitude do próprio Olímpio. Olímpio que sempre aceitara com candura tudo que a vida lhe propunha. Sem queixas nem euforias e assim se dizia feliz. Mas, por dentro, como ele seria? Os conflitos. As carências. A certeza que se estendera desde a infância amarga, de que era diferente. Aceitara então ser diferente porque com essa diferença veio a realização de um amor. Lembrou-se de Laura: “uma fidelização desde a infância”, e corrigiu: “um amor desde a infância”. E haveria de lembrá-lo sempre assim: arrebatador e furtivo. Uma expressão e um sorriso. Uma frase e um gesto. E seu rosto inocente, indecifrável. Um poema hermético, como definira Edgard. Um poema hermético.

Bernardo foi saindo, deixando Cesário para trás. Retirou o relógio do bolso e olhou as horas. Escorou-se no umbral. Revia agora um festim do qual não participara. Como pode en-

tão? Um festim transformado numa inocente comemoração infantil. E Eloíse puxava Dulce para o centro: "Vamos, dona Dulce!". E Dulce cedia após certa resistência. "Está bem, mas só um pouco, menina! Imagine eu girando no meio de um bando de crianças!". Ambas inocentes. E egoístas. Parecidas, não? Eloíse queria tanto fazer parte da família que acabou herdando de Dulce o amor e servidão por Cesário; e quis imitar-lhe também o modo hostil de tratar Bernardo. Parecidas mesmo. Era mais simples para a primeira assumir sua raiva do que sua tristeza, como para a segunda a ironia fazer parte de sua autodefesa. Autodefesa? Pois sim! Autodefesa, mas autodefesa de si mesma, pois a ninguém ela feriu e maltratou tanto quanto a si mesma.

Cesário também fora inocente a vida toda, jurando a si mesmo que os outros não o alcançavam. E sob a ilusão de ter sido bem-nascido, selecionava os amigos, os convidados, as namoradas, o irmão predileto. E errara em tudo. Não por ter-lhes escolhido, mas por ter esperado que como ele, em sua ilusão, seus eleitos não fossem falhos; nunca os iriam decepcionar. Acreditando sempre ter o sangue azul, "Sou o imperador Cesário!", aprendera a não conhecer limites. E saía fazendo tudo que lhe dava ganas, pois não havia erros em suas ações, prosseguindo assim com a ideia de ser soberano de um reino decadente, mas era um reino.

Distinguiu então um homem de suéter, deitando sobre todos um olhar de amor. "Eu mesmo?". Não, era César. César que durante toda sua existência quisera ser como Falo ou Quirião, afável, bom e sábio e desejara passar aos seus esses ensinamentos, vendo-se frustrado. Então, contaminado por esse amargor, foi aceitando a ideia de que não importava o caminho que quisesse traçar para os filhos, nem quão os tentasse desviar, os caminhos enredados sempre os levaria àquela estrada como um magneto.

Mas e se houvesse sido diferente? Se sua linha da vida não tivesse sido decepada e, com ela, todas as intenções de uma vida que poderia ser melhor, seria mesmo melhor? Teria ele tido o poder de desviar cada caminho e reduzido a carência que sua ausência causara? Teria mesmo César, forças? Afinal, para Olímpio, desde a infância aquela linha já não havia sido traçada? E mesmo recorrendo a doutrinas, questionando, não tivera todavia prova suficiente de que se enganara. E desde então já devia haver uma busca conflituosa, dividida e inútil.

Mas e se houvesse sido diferente consigo? Pensou na mãe. Era mesmo como se ela não houvesse existido. Sem nome. Sem rosto. Que cara ela teria? Não sabia porque, mas era insidioso que ele tentasse desvendar esse mistério somente agora. Melhor mesmo que ela permanecesse esquecida, existente mesmo apenas no seu imaginário. E ele continuasse fantasiando uma santa. “Uma santa que morreu de parto”. “É isso!”. Sem nome e sem rosto. Teve um desfastio. “Minha mãe mesmo é a Dulce!”, admitiu”. Pois mais importante que dar à luz é criar”. E pensou nas providências que deveriam ser tomadas para a mudança. “Mudança, não! Recomeço!”, consertou. E voltou, curioso, o olhar para a porta, porque do lado de fora ouvia-se o tilintar do sino de vento como se alguém o embalançasse. Abriu-a e saiu impressionado porque não havia brisa alguma. Ninguém também. Era mesmo como se o tempo houvesse sido petrificado. Como pode então? Riu-se. Ah, sim! Eram os deuses que lhe davam as boas-vindas. Pensou ainda uma vez, abarcando toda a peça com um olhar fascinado.

X

Chovia quando Bernardo chegou ao cais do porto. Uma chuva tímida, quase garoa. No atracadouro, um vapor tão grande em cuja estibordo abria-se o nome “LIBERTAD”. É esse

o navio! Concluiu Bernardo sorrindo consigo mesmo. Inteligente a Júlia. Até na escolha daquela embarcação adivinhava-se o seu desejo: “liberdade”.

Ele inclinou-se por sobre o gradil e viu lá embaixo, trêmula e inconstante, a própria imagem refletida no espelho das águas. E revia a si mesmo e todas as suas caras ondulando naquela dança meticulosa. Revia o rosto plácido ir-se tornando uma máscara de desdém; revia o menino assustado; o garoto apaixonado e tímido, reprimido; o jovem aflito, nervoso, receoso, à espera de quê? E também havia o Bernardo egoísta. “Agora não, mais tarde!”, e ia adiando as chances de um maior entendimento. Ah, depois vinham tantas reclamações. Tantas queixas, mas nenhuma confiança exatamente a quem devia pedir. Sem dúvida, fora ingenuidade sua imaginar que aquela voz masculina que o açulava a seguir pertencesse a seu pai. Custara descobrir que se tratava dele mesmo, afundando dentro de si. “Bernardo, você está nos matando!”, e havia também o Bernardo malicioso, assistindo com um obscuro deleite o mais fraco deles ir-se contorcendo, em que mesmo? Em perguntas. E quase sempre perguntas sem respostas. E também semnexo. Por quê? Por quê? Uma inclinação para conflitos existentes apenas em sua cabeça. Mas é que era realmente mais fácil viver naquele mundo do faz de conta. Para que perder a beleza daquele mundo que era infinitamente mais bonito? Sim, de certo ele perdera muito em ficar apenas observando, imaginando que de onde os outros estavam, iriam ler-lhe os pensamentos ou impor: “Mas o Bernardo também quer participar. Vamos voltar para apanhá-lo!”. Como? E quando? Se ele, em vez de demonstrar o interesse e o prazer que lhe daria o “participar”, trancava-se como numa concha, orgulhoso e distante. Tanta casmurrice, que uma hora seria mesmo natural que todos o abandonassem. Principalmente Júlia, que, sem a certeza de que era amada, não ousava romper aquele invólucro

que encontrava toda vez em que tentava aproximar-se, receando não ser bem aceita.

Bernardo colheu na mão uma gota de chuva. Mas foi nos vincos de sua palma que seus olhos se fixaram. Havia uma cigana, do antigo circo, do antigo mágico que fazia brotar flores de sua mão. Ela se oferecera uma vez a ler-lhe o destino, ele por medo se negou. Que segredos haveria nessas linhas agora? Não. Ele não teria acreditado, se lhe tivesse permitido a leitura e ela lhe houvesse falado que sua vida seria tal qual fora até esse momento. E se a encontrasse agora lhe diria que ela mentira. Que havia sido feliz durante todo esse tempo. Sim, era uma desbragada mentira, mas não era o que seu espírito de contradição o açulara a fazer desde sempre? Sentiu os olhos úmidos. Mas não era tristeza o que ele sentia. Era uma satisfação porque finalmente ele encontrara a face que desejara encontrar ardentemente, e por medo não a enxergara antes. Ora, era nele que estava o erro e agora ele se via agindo como Maomé: "...se a Júlia não veio até mim...", e surpreendia-se curioso porque a espera já não o afligia. Não lhe punha asas aos pés como se fosse essa a última chance, o último instante que teria. Chega de ironias, afinal!

Mas era inevitável não ir passando a cada etapa. Insensatez tentar pular por cima de tudo e chegar nas conclusões. Ele ainda não sabia fazer isso. Sabia ainda, sim, ponderar para entender; e entender para aceitar. É que enquanto Júlia era uma alucinação e fazia parte de um livro de recordações cujas imagens são nítidas, mas seus significados inexistentes, era fácil ir desdobrando a mente naquele vertiginoso jogo de adivinhações.

Lembrou-se então daquela frase: "A vida inteira eu quis ser observado, apreciado por alguém, que prestassem atenção em mim, exatamente como fiz. Mas o máximo que as pessoas sempre me ofereceram foi uma olhada rápida". Ele passou então para o papel, incluiu nas falas de seus personagens... "É que me ocorreu fazer isso, ora!". Seria então esse o sentido da sua vida? Aquela frase? Tratava-se realmente de uma exten-

são dele. Entre ele e Júlia. E como ambos não se decidissem, a frase foi tomando cada vez mais sentido. Contudo, ele não estava certo de que sentia algum arrependimento. Havia sim uma certa curiosidade em saber como teriam sido as aulas de francês com ela. O decifrar de cada palavra de um idioma que não era o seu; os estudos à tarde, no final de semana. E Olímpio pondo um ponto final em tudo: “Chega de estudar! Esta aula me deixou faminto!”. E Eloíse entrando na varanda com o carrinho de lanche. “Podem se servir. Júlia, tem daquela broinha que você gosta”. E as brincadeiras e zombarias enquanto pairava sobre todos uma segurança e harmonia inefável... Ele sorriu sacudindo a cabeça saudosista, como se tudo tivesse acontecido tal qual.

Batida pela correnteza, vinha uma garrafa que num movimento de rede tombava junto aos degraus de pedra limosa. Bernardo foi então invadido por uma curiosidade infantil. Desceu os degraus e esgueirou-se por entre o gradil, colhendo-a. Tinha o louco pensamento de que podia haver ali dentro uma mensagem. Abriu-a então, mas seu interior estava vazio. Trancou-a de novo sem desapontamento e lançou-a longe, já arrependido de não ter posto dentro qualquer mensagem.

“Alguém há de se ocupar disso”. E num galope, passou Júlia caracterizada de Julieta. A cena do balcão. As falas, os gestos. E também a expressão que Olímpio mencionava. Centenas de vezes ele decepou a cabeça de Olímpio e pôs a sua própria no lugar e se viu dizendo as falas como se fosse possível decorá-las sem jamais ter tido em mãos os diálogos.

Não. Ele não tinha arrependimentos, apesar de tudo; nem por nunca ter visto nem por nunca se ter sentido apto a tentar, embora reconhecesse que, muitas vezes, doía-lhe ver-se rodeando a tumba do pai e agindo como se também estivesse enterado. Não, ele não se arrependia das muitas vezes que montara em sua mente a cena em que sentado em meio aos seus livros e cadernos ouvia baterem-lhe à porta. E alguém abria e dizia: “É

a Júlia, Bernardo, veio ver você. E apesar da frustração, ele se enchia de fé, porque da próxima vez...”.

Ficou por um momento observando a garrafa que, batida pela correnteza, voltava para a margem. Era a mensagem de que havia ainda muita esperança. Não a esperança de se recuperar o tempo perdido; as noites não dormidas, as frases já quase esquecidas. Mas fazer tudo diferente a partir de então, pois o tempo ido não voltava mais. Então, como que para compensar, ele ficava a imaginar se as coisas tivessem ocorrido tais seus desejos, o que restaria agora? E o que o iria alimentar daí para frente? E concluía satisfeito que, enquanto ele pôde, esses pensamentos o alimentaram, foram suficientes para sua sobrevivência. E se não tivesse vindo aquela mão como a que chegou em Lázaro e empurrou-o por detrás: “Deixa disso. Levanta-te!”. Ele tinha certeza que viveria para sempre na ociosidade. Refestelado no canto que lhe cabia dentro daquela casa.

A garrafa batia agora, com mais veemência, naquele batedor. Ou era a correnteza que ficava mais atroz? “Está bem, está bem. Já entendi!”. Apanhou-a de novo. E como não houvesse no momento nem lápis nem papel, foi soprando gargalo adentro: “Seja um anjo e vá até Júlia e diga a ela que não se vá”. Trancou-a, achando aquela uma atitude meio boba e se riu consigo mesmo. Atirou-a nas águas. Não era bem essa frase. A frase era outra: “Vá e diga que ressuscitei”.

Pensou, tentando decifrar em verdade o significado de ressurreição, e concluiu: Seria mesmo verdade que o preço já fora pago e o que importava era ser feliz apenas. “E esse sacrifício também foi feito por mim”, e ficou satisfeito. Quando encontrá-Lo um dia, hei de agradecer.

Sentiu primeiro um perfume. Tão familiar. E antes que atinasse qualquer coisa, uma mão feminina vinda por detrás lhe tapou a visão. Mesmo que ela nada dissesse, saberia de quem se tratava. Não apenas pelo toque suave das mãos. Não

pelo perfume que a identificava. Mas porque ele sabia. Acreditava.

– Júlia... – sussurrou e parou, meio confuso.

No entanto, ele já não esperava que isso se desse. Inconscientemente não contava que cedo ou tarde eles se encontrariam? Voltou-se. E tomando-lhe ambas as mãos, estendeu os braços dela para vê-la melhor. Era aquela mesma a sua feição? Ali estava ela. Amor de menino. Permaneciam os mesmos olhos azuis. Numa mistura de melancolia e juízo. E os cabelos negros de azeviche. E o mais fascinante: permanecia o sorriso de Gioconda. Como pode? E repetiu a si mesmo: – É você!?

– Sim, sou eu mesma, Bernardo! – e beijou-lhe o rosto. – Eu já sabia que você viria. Eu já sabia – ficou meio ausente. – Parecia que eu tinha tanto a falar, mas agora me sumiu tudo da cabeça. Tudo que planejei por anos. Tanta coisa inexprimida.

Ele ficou surpreso. Não pela coincidência de pensamento entre eles, mas por descobrir há pouco algo que podia ter sido esclarecido há muito tempo. Contudo, não houve atordoamento. Nem a antiga revolta. Apenas um pesar por ter sido tudo com tamanho atraso.

– É natural que isso ocorra. É a mesma experiência pela qual eu passei – ele concordou. E seu tom era natural, maduro, independente. – Eu também planejei falar tanta coisa. Fantasia de menino, compreende? E como nunca chegasse o momento, ficou tudo fazendo parte de um delírio – parou interdito. Mas não era um desalento que o tocava, estava certo. – Júlia, é natural que isso aconteça pois esta a primeira vez que nos falamos e nos vemos sem testemunhas, sem correrias. A primeira vez que nos comunicamos com honestidade, sem o intermédio de terceiros.

Ela empurrou para trás das orelhas um chumaço de cabelos. Olhava o firmamento. Um sorriso infantil, largo. Uma Gioconda infinitamente mais jovem, bonita e resplandecente. Diferente do sorriso de Isabel, que ele nunca conseguiu decifrar.

– Agora consegui decifrar seu sorriso – disse com satisfação evidente. – Agora sei seu significado, o sorriso de Gioconda.

Ela voltou para ele o olhar emocionado. E seus olhos sorriam. Foi falando calmamente, emprestando dele o tom brando e evidente.

– Bernardo, o que aconteceu a nós?

A pergunta fê-lo vacilar. Depois ficou firme. Convicto:

– É que tivemos ambos, experiências assustadoras. – sustentou como se tivesse sido contestado. – Eu, por exemplo, fui enganado, não pelos outros, mas por mim mesmo. Caminhei por caminhos tão diversos sem saber o que procurava e por quê. Eu era um menino chato, bobo, cheio de caraminholas na minha cabeça. E vivia inventando e inventando... e até hoje não sei o que queria, afinal. – ele vinha falando num tom compenetrado mas determinado. Parou de repente e fitou-a. – Quero que me perdoe, Júlia, que me perdoe por ter tentado apagar você da minha mente. E que me diga que não se sente ofendida pelo que eu fiz. Eu quis ir ver você muitas vezes, mas, enfim...

Ela tocou-lhe nos lábios com a ponta dos dedos.

– Esqueça tudo isso, pois já é tudo passado. Não olhe para trás... Eu e você reagimos conforme nossa consciência e isso basta. A consciência que nos cabia em dada circunstância, mas esse um assunto que deve permanecer no esquecimento. – desviou o olhar, desarvorada... – Sabe, Bernardo, eu estou indo agora nessa viagem que devia ter sido feita há muito tempo. Só que o momento é esse.

Ele fez uma careta de resignação.

– E eu estou voltando para casa. A casa de Dulce.

– Dulce? – estranhou ela.

Ele assentiu com a cabeça.

– As coisas estão entrando nos eixos agora, entre mim e ela – admitiu. – Ainda vai demorar um pouco, mas tudo está se resolvendo. Você já deve saber.

– Sim, eu sei – respondeu. E sacudiu lentamente a cabeça. “Logo agora?”, parecia lamentar. “Logo agora que tudo está esclarecido e ele está de volta!”.

– Você acha que as coisas vão mudar a partir de agora? – ele perguntou. – Quero dizer, depois de tudo o que houve?

– É engraçado – ela admitiu –, antes eu achava que a gente nunca teria esse momento. Estávamos sempre nos desencontrando, mas agora compreendo tudo. Tudo é tão simples agora.

– O que é simples?

– É que não precisamos estar juntos para estarmos bem – fez uma pausa. – Você não sente o mesmo?

– Às vezes sim. Às vezes eu supunha que não existiria um dia igual a esse. Exatamente assim. Agora sei que estava enganado. E queria que você compreendesse – atraiu-a para si e recostou no peito a cabeça dela. O olhar fixo na água. – A minha longa demora... minha ausência... os anos de recusa – e repetiu-lhe a frase: – Tudo é tão simples mesmo, agora.

– E parece que foi uma história bonita – ela admitiu. – Uma linda busca. E agora sou eu – sorriu. – Essa é uma viagem em busca de mim mesma, Bernardo. Vou ver se ainda encontro alguma convicção com relação às minhas vocações, com relação a mim mesma. Você compreende, sim?

– Já foi tudo compreendido, Júlia! – ele concordou usando da mesma tranquilidade do início. – Vou começar um outro livro. Trabalhar de verdade agora, sem amuletas... E você deve fazer o mesmo.

Ela assentiu com a cabeça.

– E o romance? – quis saber. – Ainda não tive tempo de começar a leitura... Eis aí a minha oportunidade. Vou começar a leitura assim que embarcar...

– Faça isso – ele aconselhou num tom que não admitia réplica. E era como se dissesse: “Leia o livro e me conhecerá e me compreenderá melhor” .

Ela envolveu-o num olhar.

– Você acha que eu conseguirei, Bernardo? Alcançar esse estado de tranquilidade que vejo em você?

Ele envolveu-a também num olhar terno.

– Se eu consegui... pelo menos é o que passo agora – concluiu num tom seguro. – Tem alguma dúvida quanto a você?

– Essa resposta vai ficar para quando eu voltar.

– E eu vou aguardar embora já saiba qual será essa resposta.

Ela sorriu novamente.

– Sério?

– Sério – respondeu. E noutro tom: – Você sempre me deu a impressão de segurança. Amparo. Não creio que com você haja tanta demora, tanto atraso.

Ela meneou a cabeça. Teve um sorriso misterioso.

– Eu queria que esta nossa conversa durasse o resto da vida.

Ele passou-lhe a mão na cabeça.

– Tanto tempo.

– Muito tempo mesmo. E nós não precisamos tanto!

– É que a época das decepções já passou. Todas as decepções: decepção com o mundo, com as pessoas, comigo; principalmente comigo mesmo – fez uma pausa, reticente, cristalina. – A ninguém eu decepcionei tanto quanto a mim mesmo. Mas o que vejo agora? Um outro Bernardo, com as experiências antigas marcadas em mim, mas sem nenhuma revolta. Nenhuma mágoa. Eu agora estou em paz e quero viver a minha época sem pular fases. Olímpio disse certa vez que eu era um velho e ele tinha razão até onde podia ter. Eu agora sou um outro, mas continuo sendo o mesmo. Você compreende?

– Mais ou menos – ela disse divertida. – Ou melhor, sei exatamente o que você quer dizer. Compreendo perfeitamente – e num tom compenetrado, firme: – A vida agora está mais clara para você como vai estar para mim daqui a pouco.

– Viu só como você já consegue me sondar?! – ele conclui satisfeito. Desprendeu-se dela e sorriu. Um sorriso espontâneo. Jovial. – Esse é um bom sinal. Talvez nem seja mais necessária essa viagem.

Ela contraiu os maxilares.

– Você sabe que é, sim, necessária.

Ele assentiu com a cabeça.

– Então... até a volta.

A sineta da embarcação ressoou, anunciando a partida. Houve uma correria dos que se achavam atrasados. Um tumulto de passos e vozes, que iam do atracadouro para o navio. E os dois plácidos. Tranquilos. Trocaram um leve abraço. Um abraço amistoso. A garoa cessara havia algum tempo e eis que havia um clarão no céu, criando um efeito de esplendor. O sol? E mais uma vez a sineta da embarcação apitou, avisando a última chamada.

Trocaram um leve beijo. Despediram-se. E sorrindo, ela foi desatando lentamente das mãos dele. Bernardo deu ainda alguns passos como se fosse segui-la, e depois foi interceptado pelo gradil que separava a área dos passageiros. Parou diante de um banco e apoiou uma das mãos no seu espaldar, observando-a ir-se afastando. Trocaram ainda um último aceno e ele estendeu a mão como colhesse alguma coisa no ar. – Júlia... Júlia...repetia, e somente os lábios se moviam. Então uma cigarra entoou seu canto anunciando o crepúsculo e a certeza de que no dia seguinte podia haver sol. E Bernardo, imóvel e ainda de pé junto ao banco, observando o navio que começava a se afastar nas águas. Ainda sorria. Olhou a própria mão e apertou-a contra o peito.

FIM

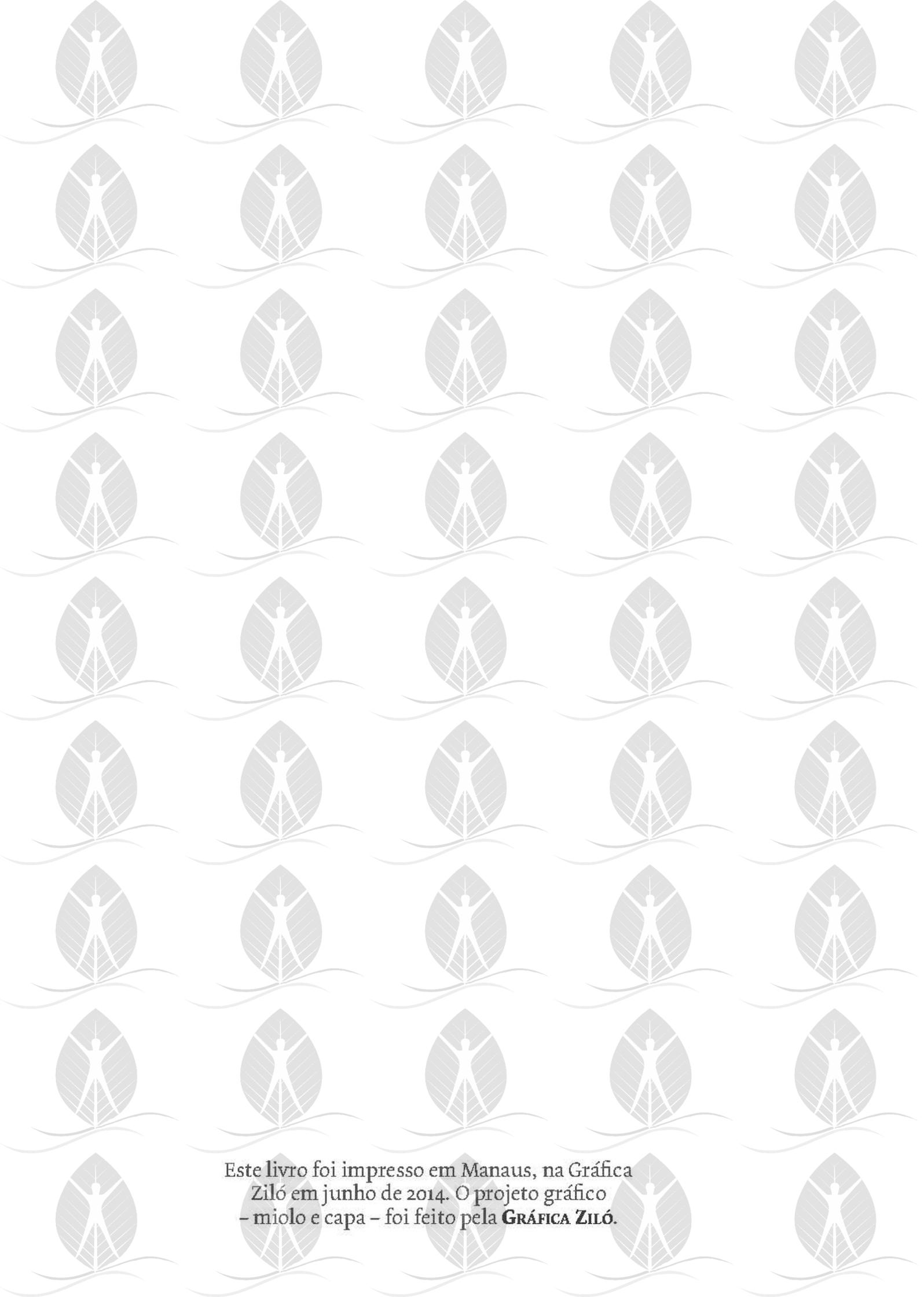


## BIOGRAFIA

Wagner Bentes, nasceu Wagner N. Brito Junior ( o Bentes é da mãe de origem Judaica), em Porto Velho- Rondônia em 04 de Julho de 1977, passou a infância morando em algumas capitais da Região Norte, estabelecendo-se em Manaus em sua maioridade, onde reside e trabalha com Agenciamento de Viagens e Turismo.

Começou a Faculdade de Turismo, Administração mas não concluiu nenhuma, sabendo qual era seu verdadeiro ofício, afirmando que não seria necessária uma formação superior para exercê-lo, pois já se vira inclinado para tal vocação.

Olimpo de Vento é seu livro de estréia, um dos contemplados no Concurso ProArte 2011.



Este livro foi impresso em Manaus, na Gráfica  
Ziló em junho de 2014. O projeto gráfico  
- miolo e capa - foi feito pela **GRÁFICA ZILÓ**.

**OLIMPO DE VENTO** apresenta a experiência dolorosa de Bernardo, menino sensível, rebelde e frustrado pela incompreensão da família e do mundo à sua volta.

A história se passa em um espaço indeterminado, num período que vai da adolescência de Bernardo até sua maturidade vivencial, que ocorre precisamente no ano de suicídio do então presidente Getúlio Vargas, como é evocado.

ISBN 856540942-2



9 788565 409423

Secretaria de  
Estado de Cultura





## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA